



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



OBRAS COMPLETAS

DE

CASTRO ALVES

SEGUNDO VOLUME

OS ESCRAVOS

Texto integral, parte inédita

COM

A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

GONZAGA

OU A REVOLUÇÃO DE MINAS

Drama em 4 actos, segundo a edição original

VARIOS INÉDITOS — CORRESPONDENCIA

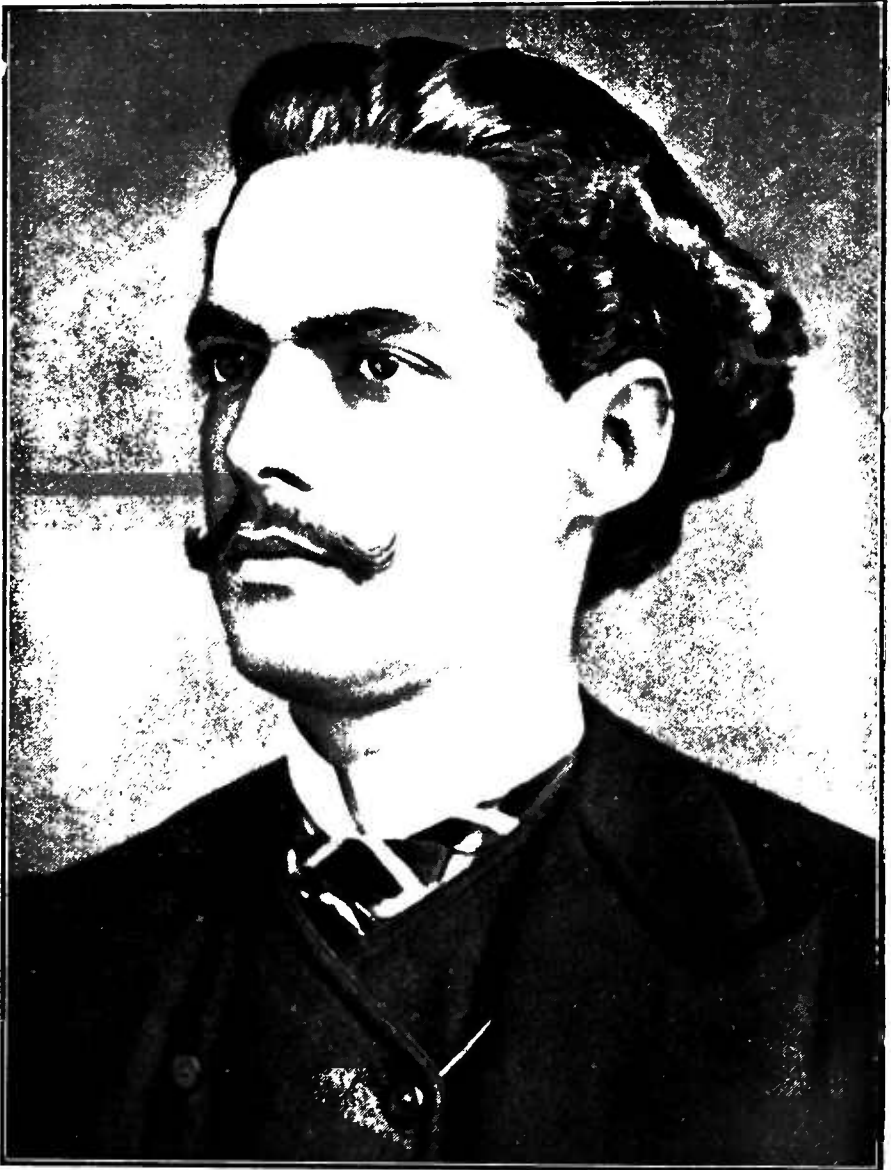
conforme autographos e
manuscriptos authenticos

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO — BELLO HORIZONTE

— 1921 —



Castro Celvey

OBRAS COMPLETAS

DE

CASTRO ALVES

ESPUMAS FLUCTUANTES

reprodução fiel da edição original de 1870

HYMNOS DO EQUADOR

publicações posthumas e poesias inéditas

OS ESCRAVOS

texto integral, parte inédita, com
A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

GONZAGA, OU A REVOLUÇÃO DE MINAS

drama em 4 actos, segundo a edição original

VARIOS INEDITOS — CORRESPONDENCIA

conforme autographos e manuscriptos authenticos

EDIÇÃO CRITICA

COMMEMORATIVA DO CINCOENTENARIO DO POETA

de todas as suas produções publicadas; de todos os seus inéditos;

na forma definitiva, restituídos á versão authentica;

de accordo com as edições originaes, os seus autographos
e os manuscriptos de sua familia;

com um retrato, introdução bibliographica e annotações de

AFRANIO PEIXOTO

2.º VOLUME

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO — BELLO HORIZONTE

— 1921 —



OS ESCRAVOS

Des fleurs, des fleurs! je veux en couronner ma tête pour le combat. La lyre aussi, donnez-moi la lyre, pour que j'entonne un chant de guerre... Des paroles comme des étoiles flamboyantes, qui en tombant incendient les palais et éclairent les cabanes... Des paroles comme des dards brillants qui pénètrent jusqu'au septième ciel, et frappent l'imposture qui s'est glissée dans le sanctuaire des sanctuaires... Je suis tout joie, tout enthousiasme, je suis l'épée, je suis la flamme!...

HENRI HEINE.

O SEculo

Soldados, do alto daquellas pyramides quaranta seculos vos contemplam!

NAPOLEÃO.

O seculo é grande e forte.

V. HUGO.

Da mortalha de seus bravos
Fez bandeira a tyrannia
Oh! armas talvez o povo
De seus ossos faça um dia.

J. BONIFACIO.

O seculo é grande... No espaço
Ha um drama de tréva e luz.
Como Christo a liberdade
Sangra no poste da cruz.
Um corvo escuro, anegrado
Obumbra o manto azulado,

Das asas d'aguia dos céus...
Arquejam peitos e fronte...
Nos labios dos horizontes
Ha um riso de luz... E' Deus.

A's vezes quebra o silencio
Ronco estridulo feroz.
Será o rugir das mattas,
Ou da plebe a immensa voz?...
Treme a terra hirta e sombria...
São as vascas da agonia
Da liberdade no chão?...
Ou do povo o braço ousado
Que, sob montes calcado
Abala-os como um Titão?!...

Ante esse escuro problema
Ha muito ironico rir.
P'ra nós o vento da esp'rança
Traz o polen do porvir.
E enquanto o scepticismo
Mergulha os olhos do abyssmo,
Que a seus pés raivando tem,
Rasga o moço os nevoeiros,
P'ra dos morros altaneiros
Ver o sol que irrompe além.

Toda noite — tem auroras,
Raios — toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redempção.
Gemer — é esperar um canto...
Chorar — aguardar que o pranto

Faça-se estrella nos céus.
O mundo é o nauta nas vagas..
Terá do oceano as plagas
Se existem justiça e Deus.

Emtanto inda ha muita noite
No mappa da criação.
Sangra o abutre dos tyranos
Muito cadaver — nação.
Desce a Polonia esvaída,
Captaletica, adormida,
A' tumba do Sobieski;
Inda em sonhos busca a espada..
Os reis passam sem ver nada..
E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sobre o peito
O pesadelo dos reis;
A Grecia espera chorando
Canaris, Byron talvez!
Napoleão amordaça
A boca da populaça
E olha Jersey com terror,
Como o filho de Sorrento,
Treme ao fitar um momento
O Vesuvio aterrador.

A Hungria é como um cadaver
Ao relento exposto nu;
Nem sequer a abriga a sombra
Do foragido Kossúth.
Aqui — o Mexico ardente,
— Vasto filho independente

Da liberdade e do sol —
Jaz por terra... e lá soluça
Juarez, que se debruça
E diz-lhe: “Espera o arrebol!”

O quadro é negro. Que os fracos
Recuem cheios de horror.
A nós, herdeiros dos Gracchos,
Traz a desgraça valor!
Lutai... Ha uma lei sublime
Que diz: “á sombra do crime
Ha de a vingança marchar”
Não ouvis do Norte um grito,
Que bate aos pés do infinito,
Que vai Franklin despertar?

E' o grito dos Cruzados
Que brada aos moços “de pé!”
E' o sol das liberdades
Que espera por Josué.
São bocas de mil escravos
Que transformaram-se em bravos
Ao cinzel da *abolição*.
E' — á voz dos libertadores
Reptis, que saltam condores,
A topetar n'amplidão!...

E vós, arcas do futuro,
Crysalidas do porvir,
Quando vosso braço ousado
Legislações construir,
Levantai um templo novo,
Porém não que esmague o povo,

Mas lhe seja o pedestal.
Que ao menino dê-se a escola,
Ao veterano — uma esmola...
A todos — luz e fanal.

Luz!... sim; que a criança é uma ave,
Cujo porvir tendes vós;
No sol é uma aguia arrojada,
Na sombra — um mocho feroz.
Libertai tribunas, prélos...
São fracos, mesquinhos élos..
Não calqueis o povo-rei!
Que este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o sceptro do Papa,
Faça-se delle uma cruz,
A purpura sirva ao povo
P'ra cobrir os hombros nús.
Ao grito do Niagara
Sem escravos, Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóes.
Banhem-se em luz os prostibulos,
E das lascas dos patibulos
Erga-se estatua aos heróes!

Basta!... Eu sei que a mocidade
E' o Moysés no Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As taboas da lei! marchai!
Quem cahe na luta com gloria,
Tomba nos braços da historia,

No coração do Brasil!
 Moços, do topo dos Andes,
 Pyramides vastas, grandes,
 Vos contemplam seculos mil!

Pernambuco, Agosto de 1865.

Cf. com um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães em livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, e outro, de Antonio Alves Carvalhal, tambem em livro de versos de Castro Alves, cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães.

E' á I Poesia dos "Manuscriptos de Stenio", da Edição *Os Escravos* "A Cachoeira de Paulo Affonso", "Manuscriptos de Stenio" de Serafim José Alves, Rio, 1883.

1) Parece que esteve esta poesia para ser publicada nas *Espumas Fluctuantes*, edição original, porque, entre os autographos do Poeta que me foram cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, estão as laudas das notas que pôs no seu livro e lá, a ultima, a 9.ª, diz:

"O SECULO

"O Mexico ardente

Jaz por terra e lá soluça

Juarez que se debruça

E diz-lhe: "Espera o arrebol".

Conservei a estrophe tal, como a escrevi quando Juarez era o altivo guerrilheiro das selvas, e a patria de Montezuma arcava sob a tyrania de um governo... europêo... A espada de Deus cortando o fio á vida de um Rei, cortou a corda que garroteava um povo".

2) *Sobieski*... (estancia 5.ª, v. 7), João III, rei da Polonia (1629-1696) heroe polaco que repelliu Tar-

taros e Turcos e deteve, ás portas de Vienna, a invasão musulmana pelo Oriente (1683).

Canaris... (estancia 8.^a, v. 4), Constantino Kanaris (1790-1877), marinheiro grego que se distinguiu na guerra da independencia helenica, incendiando varios navios turcos; deputado, ministro da marinha, presidente do conselho, triunviro na vacancia do throno... foi considerado um heroe da liberdade. Hugo lhe consagra varias poesias.

Jersey... (estancia 8.^a, v. 7), uma das "Duas Ilhas", já cantadas por Castro Alves e que elle oppõe a Santa Helena, o desterro de Napoleão: Jersey serviu ao desterro voluntario de Hugo.

Kossuth... (estancia 9.^a, v. 4), Luiz Kossuth (1802-1894), estadista hungaro que pugnou pelas idéas liberaes, democraticas e constitucionaes em seu paiz e pelas quaes teve de viver e morrer no exilio, foragido.

Juarez... (estancia 9.^a, v. 9), Benito Juarez (1806-1872), patriota e estadista mexicano que venceu dissensões civis e a invasão imperialista européa, a qual puzera o archiduque Maximiliano no throno, castigando-a em Quaretaró, com o supplicio do intruso.

Franklin... (estancia 10.^a, v. 10), Benjamim Franklin (1706-1790), physico, philosopho e estadista americano, um dos patriarchas da Independencia dos Estados Unidos.

AO ROMPER D'ALVA

Página feia, que ao futuro narra
Dos homens de hoje a lassidão, a historia
Com pranto escripta, com suor sellada
Dos parís miserrimos do mundo!...
Página feia, que eu não posso altivo
Romper, pisar-te, recalcar, punir-te!...

CALASANS

Sigo só caminhando serra acima,
E meu cavallo a galopar se anima
Aos bafos da manhã.
A alvorada se eleva do levante,
E, ao mirar na lagôa seu semblante,
Julga ver sua irmã.

As estrellas fugindo — aos nenuphares
Mandam rutilas perolas dos ares
De um desfeito collar.
No horizonte desvendam-se as collinas,
Sacode o veu de sonhos de neblinas
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmurio,
A barba branca da cascata o rio

Faz orando tremer.
No descampado o cedro curva a frente,
Folhas e prece aos pés do Omnipotente
Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso
Da epopéa gigante do universo,
Da immensa criação,
Com tuas mattas, cyclópes de verdura,
Onde o jaguar, que passa na espessura,
Roja as folhas no chão,

Como és bella, soberba, livre, ousada!
Em tuas cordilheiras assentada
A liberdade está.
A purpura da bruma a ventania
Rasga, espedaça o sceptro que s'erguia
Do rijo piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta
A languida cantiga com que espanta
A saudade, a afflicção.
Solto o ponche, o cigarro fumegando
Lembra a serrana bella, que chorando
Deixou lá no sertão.

Livre como o tufão corre o vaqueiro
Pelos morros e vargea e tableiro

Do intrincado sipó.
Que importa'os dedos da jurema aduncos?
A anta, ao vel-os, occulta-se nos juncos,
Voa a nuvem de pó.

Dentre a flor amarella das encostas
Mostra a testa luzida, as largas costas
No rio o jacaré.
Catadupas sem freios, vastas, grandes,
Sois a palavra livre d'esses Andes
Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? E' um sonho!... A barbaria
Erguer-se n'este seculo, á luz do dia,
Sem pejo se ostentar.
E a escravidão — nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo —
Vir aqui se abrigar!.

Oh! Deus! não ouves d'entre a immensa orchestra
Que a natureza virgem manda em festa
Soberba, senhoril,
Um grito que soluça afflicto, vivo,
O retinir dos ferros do captivo,
Um sòm discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela
Onde traçaste a criação mais bella

De tua inspiração.
O sol de tua gloria foi toldado...
Teu poema da America manchado,
Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue — vagas escarlates —
Toldam teus rios — lubricos Euphrates —
Dos servos de São.
E as palmeiras se torcem torturadas,
Quando escutam dos morros nas quebradas
O grito de afflicção.

Oh! ver não posso este labéo maldito!
Quando dos livres ouvirei o grito?
Sim.. talvez amanhã.
Galopa, meu cavallo, serra acima,
Arranca-me a este sólo. Eia! te anima
Aos bafos da manhã.

Recife, 18 de Julho de 1865.

Cf. com dois manuscriptos, um do Dr. Augusto Alvares Guimarães, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): V, e outro de Antonio Alves Carvalhal cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, em livro de versos do Poeta.

A VISÃO DOS MORTOS

On rapporte encore qu'un berger ayant été introduit une fois par un nain dans le Hyffhouse, l'empereur (Barberousse) se leva et lui demanda si les corbeaux volaient encore autour de la montagne. Et, sur la réponse affirmative du berger, il s'écria: "Il faut donc que je dors encore pendant cent ans!"

H. HEINE (Allemagne).

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envolta n'um sudario dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cupola immensa d'um sepulcro enorme, —
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisível mão.
Os mortos saltam, poeirentos, lívidos,
Da lua pallida ao fatal clarão.

Do sólo adusto do africano Sáhara
Surge um fantasma com soberbo passo,
Presos os braços, laureada a fronte,
Louco poeta, como fôra o Tasso.

Do Sul, do Norte . . . do Oriente irrompem
Dorias, Siqueiras e Machado então.
Vem Pedro Ivo no cavallo negro
Da lua pallida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o poste erguido
Lá se destaca das ceruleas télas,
Pelos cabellos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrellas.
E o grande Andrada, esse architecto ousado.
Que amassa um povo na robusta mão.
O vento agita do tribuno a toga
Da lua pallida ao fatal clarão.

A estatua range. estremecendo move-se
O rei de bronze na deserta praça.
O povo grita: Independencia ou morte!
Vendo soberbo o Imperador, que passa.
Duas corôas seu cavallo pisa,
Mas duas cartas elle traz na mão.
Por guarda de honra tem dous povos livres.
Da lua pallida ao fatal clarão.

Então, no meio de um silencio lugubre,
Solta este grito a legião da morte:
"Aonde a terra que talhámos livre,
Aonde o povo que fizemos forte?
Nossas mortalhas o presente immunda
No sangue escravo, que nodôa o chão.
Anchietas, Gracchos, vós dormis na orgia,
Da lua pallida ao fatal clarão.

“Brutus renega a tribunicia toga,
O apost’lo cospe no Evangelho Santo,
E o Christo-Povo, no Calvario erguido,
Fita o futuro com sombrio espanto.
Nos ninhos d’aguias que nos restam? — Corvos.
Que vendo a patria se estorcer no chão,
Passam, repassam, como alados crimes,
Da lua pallida ao fatal clarão.

“Oh! é preciso inda esperar cem annos...
Cem annos!...” brada a legião da morte.
E longe, aos echos nas quebradas tremulos,
Sacode o grito soluçando, — o norte.
Sobre os corseis dos nevoeiros brancos
Pelo infinito a galopar lá vão.
Erguem-se as nevoas como pó do espaço
Da lua pallida ao fatal clarão.

Recife, 8 de Dezembro de 1865.

Cf. com dois manuscriptos, um de Augusto Alves Guimarães, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães e outro de Antonio Alves Carvalhal, cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, em livros de versos do Poeta; no 1.º vem datada de 8 de Dezembro de 1865, no 2.º de Outubro, do mesmo anno. Foi a primeira poesia recitada por Castro Alves em S. Paulo: pbl. pelo “Correio Paulistano”, de 3 de Abril de 1863. E’ a II dos “Manuscriptos de Stenio” dos *Os Escravos* (I A Cachoeira de Paulo Affonso, II Manuscriptos de Stenio), de Serafim José Alves, Rio, 1883.

1) *Dorias, Siqueiras, Machado...* (estancia 2.ª, v. 6), Machado deve ser Joaquim Nunes Machado, um dos chefes liberaes da Revolução Praieira de 1848, se não fôr Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Macha-

do e Silva, da Revolução Pernambucana de 1817; Doria e Siqueira, seriam, segundo Constancio Alves, heroes da Independencia na Bahia. Com effeito, Escragnolle Doria lembra-me os versos de Laurindo Rabello (*Poesias*, Rio, 1877: IX), no tumulo de Labatut:

Eis aqui Labatut, Aguiar, Siqueira,
Jácome, abraçai vossos irmãos d'armas!

O outro, cuja sciencia não falha, cita-me o Barão do Loreto (*A guerra da Independencia na Bahia*, "Album Imperial", 5, 2, S. Paulo 1907) que se refere ao capitão João Francisco de Menezes Doria, defensor da Ilha dos Frades e convisinhas, na Bahia de Todos os Santos, e ao capitão Cypriano Justino de Siqueira e alferes Pedro Jacome Doria, mortos na batalha de Cabrito, a pouca distancia de Pirajá, em 8 de Novembro de 1822, entre os heroes da libertação da Bahia.

Xavier Marques, que tem estudos sobre este periodo historico, conhece tambem e recorda-se de dois Siqueiras famosos na Independencia da Bahia: Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, capitão mór da villa de S. Francisco, que serviu á reacção nacionalista e, mais ainda esse Cypriano de Siqueira, que morreu gloriosamente em Pirajá, como seu irmão d'armas, Pedro Jácome Ferreira, ou Pedro Jácome de Menezes Doria, como é mais vezes chamado. Será o mesmo "Jácome", de Laurindo, o "Doria", de Castro Alves?

2) *Pedro Ivo* (estancia 2.^a, v. 7), Vd. a nota da poesia deste titulo.

3) *Andrada* (estancia 3.^a, v. 5), José Bonifacio de Andrada e Silva (1763-1838), sabio, patriota, estadista, patriarca da Independencia do Brasil.

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na humida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao brazeiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão..

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no collo a embalar.
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez p'ra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em braza toda a areia;
Ninguem sabe como é bello
Ver de tarde a *papa-ceia!*”

“Aquellas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar.

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro.”

O escravo calou a fala,
Porque na humida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
P’ra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

..... ..

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a captiva desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijal-o,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do somno,
De seus braços arrancar-o!

Recife, 1863.

Pbl. no periodico academico *A Primavera*, n. 1, de 17 de Maio de 1863, Recife (Alfredo de Carvalho — *Castro Alves em Pernambuco*, Recife, 1905, pag. 25).

Cf. com a publicação feita no “Correio da Manhã”, do Rio, de 22 de Fev. 1908, por O. Duque Estrada, copiado de um autographo do Poeta, pertencente a seu amigo Regueira Costa, de Pernambuco.

Esta poesia, não figura no plano do poema d’*Os Escravos*, como o delineou Castro Alves, num autographo que me cm. D. Adelaide de Castro Alves Guimarães: talvez a tivesse perdido das suas collecções, onde não a encontramos, nem nos autographos, nem nos manuscritos da familia e de amigos. Deviamos omitti-la, quando não depara entre outros versos, e é dos seus primeiros cantos abolicionistas? Tambem, egual criterio foi seguido adiante com o “Voluntario do Sertão” e a “Bainha do Punhal”, fragmentos que são reliquias.

MATER DOLOROSA

Deixa-me murmurar á tua alma um adeus eterno, em vez de lagrimas chorar sangue, chorar o sangue de meu coração sobre meu filho; porque tú deves morrer, meu filho, tú deves morrer.

NATHANIEL LEE.

Meu filho, dorme, dorme o somno eterno
No berço immenso, que se chama — o céu.
Pede ás estrellas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

Ai! borboleta, na gentil crysalida,
As asas de ouro vás além abrir.
Ai! rosa branca no matiz tão pallida,
Longe, tão longe vás de mim florir.

Meu filho, dorme... Como ruge o norte
Nas folhas seccas do sombrio chão!...
Folha d'est'alma como dar-te á sorte?...
E' tredo, horrivel o feral tufão!

Não me maldigas... Num amor sem termo
Bebi a força de matar-te... a mim...
Viva eu captiva a soluçar num ermo...
Filho, sê livre.. Sou feliz assim...

— Ave — te espera da lufada o açoite,
— Estrella — guia-te uma luz fallaz.
— Aurora minha — só te aguarda a noite,
— Pobre innocente — já maldito estás.

Perdão, meu filho... se matar-te é crime...
Deus me perdôa... me perdôa já.
A fera enchente quebraria o vime...
Velem-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o somno eterno
No berço immenso, que se chama o céu.
Pede as estrellas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

Recife, 7 de Junho de 1865.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, em um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, e por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, noutro manuscrito, de Antonio Alves Carvalhal, em livros de versos do Poeta.

CONFIDENCIA

Maldição sobre vós, doutores da lei! Maldição sobre vós, hypocritas! Assemelhai-vos aos sepulcros brancos por fóra; o exterior parece formoso, mas o interior está cheio de ossos e podridão.

Evangelho II, S. MATHEUS, cap XXII.

Quando, Maria, vês de minha fronte
Negra idéa voando no horizonte,
As asas desdobrar,
Triste segues então meu pensamento,
Como fita o barqueiro de Sorrento
As nuvens ao luar.

E tu me dizes, pallida innocente,
Derramando uma lagrima tremente,
Como orvalho de dor:
“Porque soffres? a selva tem odores,
“O céu tem astros, os vergeis teem flores.
“Nossas almas o amor”

Ai! tu vês nos teus sonhos de creança
A ave de amor que o ramo da esperança

Traz no bico a voar ;
E eu vejo um negro abutre que esvoaça,
Que co'as garras a purpura espedaça
Do manto popular.

Tu vês na onda a flôr azul dos campos,
Donde os astros — errantes pyrilampos,
Se elevam para os céus ;
Eu vejo a noite borbulhar das vagas
E a consciencia é quem me aponta as plagas
Voltada para Deus.

Tua alma é como as veigas sorrentinas,
Onde passam gemendo as cavatinas
Cantadas ao luar.
A minha — echo do grito, que soluça,
Grito de toda a dor, que se debruça
Do labio a soluçar.

E' que eu escuto o sussurrar de ideias,
O marulho talvez das epopeias,
Em torno aos mausoleus,
E me curvo no tumulo das edades
— Craneos de pedra, cheios de verdades
E da sombra de Deus.

E nessas horas julgo que o passado
Dos tumulos a meio levantado
Me diz na solidão :
“Que és tu, poeta? a lampada da orgia
“Ou a estrella de luz, que os povos guia
“A' nova redempção?”

O' Maria, mal sabes o fadario
Que o moço bardo arrasta solitario
 Na impotencia da dor,
Quando vê que debalde á liberdade
Abriu sua alma — urna da verdade
 Da esperança e do amor!...

Quando vê que uma lugubre cohorte
Contra a estatua (sagrada pela morte)
 Do grande imperador,
Hypocrita amotina a populaça,
Que morde o bronze, como um cão de caça
 No seu louco furor!...

Sem poder esmagar a iniquidade,
Que tem na bocca sempre a liberdade,
 Nada no coração;
Que ri da dor cruel de mil escravos,
— Hyena, que do tumulto dos bravos,
 Morde a reputação!...

Sim.. quando vejo, ó Deus, que o sacerdote
As espadoas fustiga com o chicote
 Ao captivo infeliz;
Que o *pescador das almas* já se esquece
Das santas pescarias e adormece
 Junto da mēretriz...

Que o apostolo, o simplice romeiro,
Sem bolsa, sem sandalias, nem dinheiro,

Pobre, como Jesus
 Que mendigava outr'ora á caridade,
 Pagando o pão com o pão da eternidade,
 Pagando o amor com a luz,

Agora adopta a escravidão por filha,
 Amolando nas paginas da Biblia
 O cutello do algoz..
 Sinto não ter um raio em cada verso
 Para escrever na frente do perverso:
 “Maldição sobre vós!”

Maldição sobre vós, tribuno falso!
 Rei, que julgaes que o negro cada falso
 E' dos thronos irmão!
 Bardo que a lyra prostitues na orgia
 — Eunucho incensador da tyrannia —
 Sobre ti maldição!

Maldição sobre ti, rico devasso,
 Que da musica ao languido compasso
 Embriagado não vês
 A creança faminta, que na rua
 Abraça u'a mulher pallida e nua,
 Tua amante talvez!...

Maldição?!... Mas que importa?!... Ella espedaça
 Acaso a flôr olente que se enlaça
 Nas c'roas festivaes?
 Nodôa a veste rica ao sybarita?
 Que importam cantos, se é mais alta a grita
 Das ricas bacchanaes?

Oh! por isso, Maria, vês, me curvo
Na face do presente escuro e turvo
E interrogo o porvir ;
Ou levantando a voz por sobre os montes,
“Liberdade”, pergunto aos horizontes,
“Quanto enfim has de vir?”

Por isso, quando vês as noites bellas,
Onde vôa a poeira das estrellas
E das constellações,
Eu fito o abysmo que a meus pés fermenta,
E onde, como santelmios da tormenta,
Fulgem revoluções!.

Recife, Outubro de 1865.

Cf. com dois manuscriptos, um de Augusto Alvares Guimarães, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, e outro de Antonio Alves Carvalho, cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, em livros de versos do Poeta. Pbl. nas *Poesias*, Bahia (1913): LIV.

1) *Pescador de almas*, Vd. *Os Jesuitas*.

O SOL E O POVO

Le peuple a sa colère et le volcan sa lave.

V. HUGO.

Ya desatado
El horrendo huracan silba contigo
¿Que muralla, que abrigo
Bastaran contra ti?

QUINTANA.

O sol, do espaço Briareu gigante,
P'ra escalar a montanha do infinito,
Banha em sangue as campinas do levante.

Então em meio dos Sâhrás — o Egypto
Humilde curva a fronte e um grito errante,
Vae despertar a Sphinge de granito.

O povo é como o sol! Da treva escura
Rompe um dia co'a dextra illuminada,
Como o Lazaro, estala a sepultura!...

Oh! temei-vos da turba esfarrapada,
Que salva o berço á geração futura,
Que vinga a campa á geração passada.

Recife, 23 de Junho de 1865.

Inedito, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães num manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, e por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, n'outro, de Antonio Alves Carvalho, em livros de versos do Poeta.

1) *Sâhrás* ou *Sarás*, contracção de Sahara ou Saharas.

2) *Estancia* 3.^a. No manuscripto de Antonio Alves Carvalho esta estrophe, numa emenda autographa de Castro Alves, substituiu a primitiva, riscada:

O povo é como o sol: entre a espessura
A liberdade espera essa alvorada
Do meteoro audaz na sombra escura.

TRAGEDIA NO LAR

Na senzala, humida, estreita,
Brilha a chamma da candêa,
No sapé se esgueira o vento
E a luz da fogueira atêa.

Junto ao fogo, uma Africana,
Sentada, o filho embalando,
Vae lentamente cantando
Uma tyrana indolente,
Repasada de afflicção.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,
Se nas palhas do *telhado*
Ruge o vento do sertão.

Se o canto pára um momento,
Chora a criança imprudente...
Mas continúa a cantiga...
E ri sem ver o tormento
Daquelle amargo cantar.

Ai! triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão cahindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãosinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu penar.

E a voz como um soluço lacerante
Continúa a cantar :

“Eu sou como a garça triste
“Que mora á beira do rio,
“As orvalhadas da noite
“Me fazem tremer de frio.

“Me fazem tremer de frio
“Como os juncos da lagôa;
“Feliz da araponga errante
“Que é livre, que livre vóa.

“Que é livre, que livre vóa
“Para as bandas do seu ninho,
“E nas braúnas á tarde
“Canta longe do caminho.

“Canta longe do caminho
“Por onde o vaqueiro trilha,
“Se quer descansar as asas,
“Tem a palmeira, a baunilha.

“Tem a palmeira, a baunilha,
“Tem o brejo, a lavadeira,
“Tem as campinas, as flores,
“Tem a relva, a trepadeira.

“Tem a relva, a trepadeira,
 “Todas têm os seus amores,
 “Eu não tenho mãe nem filhos,
 “Nem irmão, nem lar, nem flores.”

A cantiga cessou. . Vinha da estrada
 A trote largo linda cavallhada
 De estranho viajor.
 Na porta da *fazenda* elles paravam,
 Das mulas boleadas apeavam
 E batiam na porta do *senhor*.

Figuras pelo sol tismadas, lubricas,
 Sorrisos sensuaes, sinistro olhar,
 Os bigodes retorcidos,
 O cigarro a fumegar,
 O *rebenque* prateado
 Do pulso dependurado,
 Largas chilenas luzidas,
 Que vão tinindo no chão,
 E as garruchas embebidas
 No bordado cinturão.

A porta da *fazenda* foi aberta;
 Entraram no salão.

Porque tremes, mulher? A noite é calma,
 Um bulício remoto agita a palma
 Do vasto coqueiral.
 Tem perolas o rio, a noite lumes,
 A matta sombras, o sertão perfumes,
 Murmurio o bananal.

Porque tremes mulher? Que estranho crime,
 Que remorso cruel assim te opprime
 E te curva a cerviz?
 O que nas dobras do vestido occultas?
 E' um roubo talvez que ahi sepultas?
 E' seu filho. Infeliz!.

Ser mãe é um crime, ter um filho — roubo!
 Amal-o uma loucura! Alma, de lodo
 Para ti — não ha luz.
 Tens a noite no corpo, a noite na alma,
 Pedra que a humanidade pisa calma,
 — Christo que verga á cruz!

Na hyperbole do ousado cataclysmo
 Um dia Deus morreu. fuzila um prisma
 Do Calvario ao Thabor!
 Viu-se então de Palmyra os petreos ossos,
 De Babel o cadaver de destroços
 Mais lividos de horror.

Era o relampejar da liberdade
 Nas nuvens do chorar da humanidade,
 Ou sarça do Sinai,
 — Relampagos que ferem de desmaios..
 Revoluções, vós delles sois os raios,
 Escravos, esperai!...

.....

Leitor, se não tens desprezo
 De vir descer ás senzalas,
 Trocar tapetes e salas

Por um alcouce cruel,
 Vem commigo, mas.. cuidado...
 Que o teu vestido bordado
 Não fique no chão manchado,
 No chão do immundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
 A's vezes a propria festa.
 Tu, grande, que nunca ouviste
 Senão gemidos da orchestra.
 Porque despertar tu'alma,
 Em sedas adormecida,
 Esta excrescencia da vida
 Que occultas com tanto esmero?
 E o coração — tredo lodo,
 Fezes d'amphora doirada
 Negra serpe, que enraivada,
 Morde a cauda, morde o dorso,
 E sangra as vezes piedade,
 E sangra as vezes remorso?...

Não venham esses que negam
 A esmola ao leproso, ao pobre.
 A luva branca do nobre
 Oh! senhores, não mancheis.
 Os pés lá pisam em lama,
 Porém as fronteas são puras
 Mas vós nas faces impuras
 Tendes lodo, e luz nos pés.

Porém vós, que no lixo do oceano
 A perola de luz ides buscar,
 Mergulhadores deste pego insano
 Da sociedade, deste tredo mar,

Por piedade, matai-me! E' impossivel
Que me roubem da vida o unico bem!
Apenas sabe rir... é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar?... Tambem
Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?
Se alguém quizesse os vender
Havieis muito chorar,
Havieis muito gemer,
Dirieis a rir — Perdão?!
Deixai meu filho. arrancai-me
Antes a alma e o coração!

—Cala-te, miseravel! Meus senhores,
O escravo podeis ver...

E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.

— Senhores! basta a desgraça
De não ter patria nem lar,
De ter honra e ser vendida,
De ter alma e nunca amar!

Deixai á noite que chora
Que espere ao menos a aurora,
Ao ramo secco uma flor,
Deixai o passaro ao ninho,
Deixai á mãe o filhinho,
Deixai á desgraça o amor.

Meu filho é-me a sombra amiga
Neste deserto cruel...
Flor de innocencia e candura,
Favo de amor e de mel!

Seu riso é minha alvorada,
Sua lagrima doirada
Minha estrella, minha luz!
E' da vida o unico brilho...
Meu filho! é mais... é meu filho...
Deixai-m'ó em nome da Cruz!...

Porém nada commove homens de pedra,
Sepulcros onde é morto o coração.
A criança do berço eil-os arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a scena. Já vistes
Bramir na matta o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido,
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam...
De victima feita algoz,
Em sangue e horror envolvido
Terrivel, bravo, feroz?

Assim a escrava da criança ao grito
Destemida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ella recuou.

Nem mais um passo, cobardes!
Nem mais um passo! ladrões!
Se os outros roubam as bolsas,
Vós roubais os corações!..

Entram tres negros possantes,
Brilham punhaes traiçoeiros..
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorsões.

Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A criança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes — uma doida respondia
Com frio gargalhar!.

Recife, Julho de 1865.

Cf. com um manuscrito de Antonio Alves Carvalho em livro de versos do Poeta, cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães. E' a IV Poesia dos "Manuscriptos de Stenio" da edição d'*Os Escravos* (I A Cachoeira de Paulo Affonso, II Manuscrito de Stenio), de Serafim José Alves, Rio, 1883.

1) Estancia 21: *Porém vós*, etc. Consta apenas do manuscrito de Antonio Alves Carvalho, que foi revisto e emendado pelo Poeta, e de nenhuma publicação até agora.

2) Estancia 36: *Nem mais um passo.. cobardes!* etc. Lembra esta invectiva aquella do *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro (1831-1901), semelhante no tom:

Em nome de El-rei mentis
Senhor alcaide vilão...

O SIBARITA ROMANO

Este olhar, estes labios, estas rugas exprimem uma sêde impaciente e impossivel de saciar. Quer e não pôde. Sente o desejo impaciencia.

LAVATER.

Escravo, dá-me a c'roa de amarantho
Que mandou-me inda ha pouco Afrá impudente.
Orna-me a fronte.. Ençola-me os cabellos,
Quero o molle perfume do Oriente.

Lança nas chammas dessa etrusca pyra
O nardo trescalante de Medina.
Vem. deşenrola aos pés do meu triclinio
As felpas de uma colcha bysantina.

Oh! tenho tedio... Embalde, ao pôr da tarde,
Pelas nereidas louras embalado,
Vogo em minha galera ao som das harpas,
Da cortezã nos seios recostado..

Debalde, em meu palacio altivo, immenso,
De mosaicos brilhantes embutido.
Nuas, volvem as filhas do Oriente
No morno banho em thermas de porphydo.

Só amo o circo.. a dôr, gritos e flores,
A panthera, o leão de hirsuta coma ;
Onde o banho de sangue do universo
Rejuvenesce a purpura de Roma.

E o povo rei — na victima do mundo
Palpa as entranhas que inda sangue escorrem,
E ergue-se o grito extremo dos captivos :
— Ave, Cesar! saudam-te os que morrem!

Escravo, quero um canto... Vibra a lyra,
De Orpheu desperta a fibra dolorida,
Canta a volupia das bacchantes nûdas,
Fere o hymno de amor que inflamma a vida.

Doce, como do Hymetto o mel dourado,
Puro como o perfume. Escravo insano!
Teu canto é o grito rouco das Eumenides,
Sombrio como um verso de Lucano.

Quero a ode de amor que o vento canta
Do Palatino aos floreatos arvoredos.
Quero os cantos de Nero... Escravo infame,
Quebra as cordas nos convulsos dedos!

Deixa esta lyra! como o tempo é longo!
Insano! insano! que tormento sinto!
Traze o louro phalerno transparente
Na mais custosa taça de Coryntho.

Pesa-me a vida!... está deserto o Forum!
E o tédio!... o tédio!... que infernal idéa!
Dá-me a taça, e do ergastulo das servas
Tua irmã trar-me-has, — a grega Haydéa!

Quero em seu seio... Escravo desgraçado,
A este nome tremeu-te o braço exangue?
Vê... Manchaste-me a toga com o phalerno,
Irás manchar o Colyseu com o sangue!

Recife, 7 de Setembro de 1865.

Cf. com um manuscrito de Antonio Alves Carvalhal, cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães. Pbl. no "Almanak Popular Brasileiro", de Pelotas, para 1900, na "Revista do Gremio Literario da Bahia", n. 9, de Julho de 1903, e, depois, nas *Poesias*, Bahia, (1903): IX.

A CRENÇA

— Que veux tu, fleur, beau fruit ou l'oiseau merveilleux?
— Ami, dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus
Je veux de la poudre et des balles.

VICTOR HUGO, *Les Orientales*.

Que tens creança? O areial da estrada
Luzente a scintillar
Parece a folha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
A' sombra do palmar
O lavrador se inclina somnolento.

E' triste ver uma alvorada em sombra
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existencia,
Quero ver-te brilhar.
Canta, creança, és a ave da innocencia.

Tu choras porque um ramo de baunilha
Não podeste colher,
Ou pela flor gentil da granadilha?

Dou-te, um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus labios ver.
O riso — a estrella no horizonte da alma.

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
Dos seus algozes vis,
E vagas tonto a tactear à noite.
Choras antes de rir... pobre creança!...
Que queres, infeliz?...
— Amigo, eu quero o ferro da vingança.

Recife, 30 de Junho de 1865.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, e por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, de outro, de Antonio Alves Carvalho, em livros de versos do Poeta.

A CRUZ DA ESTRADA

Invideo quia quiescunt.

LUTHERO em Worms.

Tú que passas, descobre-te. Ali dorme
O forte que morreu.

A. HERCULANO (Trad.)

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vaes espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

E' de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insomnia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compoz.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme por elle, á tarde, no sertão.
E a jurity, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe accende o vagalume o facho seu.

Quando, á noite, o silencio habita as mattas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na bocca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O somno agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Ha pouco a liberdade o desposou.

Recife, 22 de Junho de 1865.

Cf. com um manuscripto de Antonio Alves Carvalhal, cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, em livro de versos do Poeta. Pbl. na *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, n. 48, de 2 de Março de 1875, e na 9.^a edição das *Espumas Fluctuantes*, de Carlos Pinto & Comp., Pelotas, Rio Grande, 1888: LXXVI.

BANDIDO NEGRO

Corre, corre, sangue do captivo
Cahe, cahe, orvalho de sangue
Germina, cresce, colheita vingadora
A ti, segador ti. Está' madura.
Aguça tua fouce, aguça, aguça tua fouce.

E. SUE, *Canto dos filhos de Agas*

Trema a terra de susto aterrada...
Minha egoa veloz, desgrenhada,
Negra, escura nas lapas vôou.
Trema o céu... ó ruina! ó desgraça!
Porque o negro bandido é quem passa,
Porque o negro bandido bradou:

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Dorme o raio na negra tormenta...
Somos negros. o raio fermenta

Nesses peitos cobertos de horror.
Lança o grito da livre cohorte,
Lança, ó vento, pampeiro de morte,
Este guante de ferro ao senhor.

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Eia! ó raça que nunca te assombra!
P'ra o guerreiro uma tenda de sombras
Arma a noite na vasta amplidão.
Sus! pullula dos quatro horizontes,
Sae da vasta cratera dos montes,
Donde salta o condor, o vulcão.

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

E o senhor que na festa descanta
Pare o braço que a taça alevanta,
Coroadada de flores azues.
E murmure, julgando-se em sonhos:
“Que demonios são esses medonhos,
Que lá passam famintos e nós?”

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Somos nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
P'ra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este — irmão da mulher que manchaste...
Oh! não tremas, senhor, são teus cães.

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

São teus cães, que têm frio e têm fome,
Que ha dez sec'los a sede consome.
Quero um vasto banquete feroz...
Venha o manto que os hombros nos cubra.
Para vós fez-se a purpura rubra,
Fez-se o manto de sangue p'ra nós.

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Meus leões africanos, alerta!
Vela a noite... a campina é deserta.
Quando a lua esconder seu clarão
Seja o *bramo* da vida arrancado
No banquete da morte lançado
Junto ao corvo, seu lugubre irmão.

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Trema o valle, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heroes,
Que nas egoas fataes desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Cahe, orvalho de sangue do escravo,
Cahe, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Inedita. Cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimaraes, de um manuscripto de Antonio Alves Carvalhal, em livro de versos do Poeta.

AMERICA

Acorda a patria vê que é pesadelo
O sonho de ignominia que ella sonha!

THOMAZ RIBEIRO.

A' tepida sombra das mattas gigantes,
Da America ardente nos pampas do Sul,
Ao canto dos ventos nas palmas brilhantes,
A' luz transparente de um céu todo azul,

A filha das mattas — cabôcla morena —
Se inclina indolente sonhando talvez!
A fronte nos Andes reclinada serena,
E o Atlantico humilde se estende a seus pés.

As brisas dos serros ainda lhe ondulam
Nas plumas vermelhas do arco de avós,
Lembrando o passado seus seios pullulam,
Se a onça ligeira bolou nos sipós.

São vagas lembranças de um tempo que teve!...
Palpita-lhe o seio por sob uma cruz.
E em scisma doirada — qual garça de neve —
Sua alma revolve-se em ondas de luz.

Embalam-lhe os sonhos, na tarde saudosa,
Os cheiros agrestes do vasto sertão,
E a triste araponga que geme chorosa
E a voz dos tropeiros em terna canção.

Se o genio da noite no espaço fluctua
Que negros mysterios a selva contém!
Se a ilha de prata, se a pallida lua
Clarea o levante, que amores não tem!

Parece que os astros são anjos pendidos
Das frouxas neblinas da abobada azul,
Que miram, que adoram ardentes, perdidos,
A filha morena dos pampas do Sul.

Se aponta a alvorada por entre as cascatas,
Que estrellas no orvalho que a noite verteu!
As flores são aves que pousam nas mattas,
As aves são flores que voam no céu!

... ..

O' patria, desperta... Não curves a fronte
Que enxuga-te os prantos o Sol do Equador.
Não miras na fimbria do vasto horizonte
A luz da alvorada de um dia melhor?

Já falta bem pouco. Sacode a cadêa
Que chamam riquezas... que nodoas te são!
Não manches a folha de tua epopéa
No sangue do escravo, no immundo balcão.

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
Bem como os condores dos pincaros teus!
Arranca este peso das costas do Atlante,
Levanta o madeiro dos hombros de Deus.

Recife, Junho de 1865.

Inedita. Cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães,
de um manuscrito de Antonio Alves Carvalhal, em li-
vro de versos do Poeta.

REMORSO

(AO ASSASSINO DE LINCOLN)

Cain! Cain!

BYRON.

Neque fama deum, nec fulmina, nec mini tanti
Murmure, compressit coelum...

LUCRECIO.

Cavalleiro sinistro, embuçado,
Neste negro cavallo montado,
Onde vaes galopando veloz?
Tu não vês como o vento farfalha,
E das nuvens sacode a mortalha
Ululando com lugubre voz?

Cavalleiro, onde vaes? tu não sentes
Teu capote seguro nos dentes
E nas garras do negro tufão,
Nestas horas de horror e segredo
Quando os mangues s'escondem com medo
Tiritando do mar n'amplidão?

Quando a serra se embuça em neblinas
E as lufadas sacodem as crinas

Do pinheiro que geme no val,
E no espaço se apagam as lampas,
E uma chamma azulada nas campas
Lambe as pedras por noite hibernal,

Onde vaes? onde vaes temerario
A correr.. a voar?.. Que fadario
Aos ouvidos te grita — fugi?
Porque fitas o olhar desvairado
No horizonte que foge espantado
Em tuas costas com medo de ti?

Ai! de balde galopas a est'hora!
E' de balde que sangra na espora
Negro flanco do negro corcel.
E no celere rabido passo
Devorando com as patas o espaço
Saltas montes e vales revel.

Não apagas da frente o ferrete
Onde o crime com frio estilete
Nome extranho bem fundo gravou.
O que buscas? — a noite sem lumes?
P'ra aclarar-te fataes vagalumes
Teu cavallo do chão despertou.

De bem longe o arvoredado trevoso,
Estirando o pescoço nodoso,
Vem — correndo — na estrada te olhar.
Mas tua frente maldita encarando,
Foge. foge veloz recuando,
Vae nas brumas a frente velar.

Tu não vês? Qual matilha esfaimada,
Lá dos morros por sobre a quebrada,
Ladra o echo gritando: quem és.
Onde vaes, cavalleiro maldito?
Mesmo occulto nos veus do infinito
Tua sombra te morde nos pés.

Inedito. Cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimaraes, de um manuscrito de Antonio Alves Carvalho, em livro de versos do Poeta.

1) *Ao assassino de Lincoln*. J. W. Booth foi o sectario fanatico que, em 1865, assassinou, com um tiro de pistola, a Abraham Lincoln, o Presidente Libertador, exclamando: "O Sul está vingado!" Na guerra civil, pela abolição dos escravos, o Sul, escravagista, fôra vencido.

2) *Estancia 7.^a*. A proposito desta formosissima imagem — as arvores que se approximam, como para espiar o cavalleiro maldito que foge do seu remorso, e ao alcançar, deixadas atraz, como que fogem delle, — Constancio Alves suggere, como fonte, um texto de Alexandre Dumas: "As cidades passavam como sombras; as arvores, sacudidas pelas primeiras lufadas do outomnio, pareciam apparecer-lhes na frente como gigantes desgrehados, e fugiam rapidamente logo que se lhes approximavam" Cap. 53, "A Partida", do *Conde de Monte Christo* (1841-45).

CANTO DO BUG-JARGAL

(TRADUZIDO DE V HUGO)

Porque foges de mim? porque, Maria?
E gelas-te de medo, se me escutas?
Ah! sou bem formidavel na verdade,
Sei ter amor, ter dores e ter cantos!
Quando, através das palmas dos coqueiros
Tua forma deslisa aerea e pura,
O' Maria, meus olhos se deslumbram,
Julgo ver um espirito que passa.
E se escuto os accentos encantados,
Que em melodia escapam de teus labios,
Meu coração palpita em meu ouvido
Misturando um queixoso murmurio
De tua voz á languida harmonia.
Aí! tua voz é mais doce do que o canto
Das aves que no céu vibram as asas,
E que vem no horizonte lá da patria.
Da patria onde era rei, onde era livre!
Rei e livre, Maria! e esqueceria,
Tudo por ti... esqueceria tudo
— A familia, o dever, reino e vingança.

Sim, até a vingança!.. ainda que cedo
 Tenha enfim de colher este acre fruto,
 Acre e doce que tarde amadurece.

... ..

O' Maria, pareces a palmeira
 Bella, esvelta, embalada pelas auras.
 E te miras no olhar de teu amante
 Como a palmeira nagua transparente.
 Porém... sabes? ás vezes ha no fundo
 Do deserto o uragan que tem ciumes
 Da fonte amada... e arroja-se e galopa.
 O ar e a arêa misturando turvos
 Sob o vôo pesado de suas asas.
 Num turbilhão de fogo arvore e fonte
 Envolve... e secca a limpida vertente,
 Sente a palmeira a um halito de morte
 Crespar-se o verde circ'lo da folhagem,
 Que tinha a magestade de uma c'roa
 E a graça de uma solta cabelleira.

... ..

Oh! treme, branca filha de Hespanhola
 Treme, breve talvez tenhas em torno
 O uragan e o deserto. Então, Maria,
 Lamentarás o amor que hoje pudera
 Te conduzir a mim, bem como o kata
 — Da salvação o passaro ditoso —
 Através das arêas africanas
 Guia o viajante languido á cisterna.
 E porque engeitas meu amor? Escuta:
 Eu sou rei, minha fronte se levanta
 Sobre as fronte de todos.. O' Maria,

Eu sei que és branca e eu negro, mas precisa
O dia unir-se á noite feia, escura,
Para crear as tardes e as auroras,
Mais bellas do que a luz, mais do que as trevas!

Recife, 10 de Setembro de 1865.

Inedito. Cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimaraes, de um manuscripto de Antonio Alves Carvalhal, em livros de versos do Poeta.

A ORPHÃ NA SEPULTURA

Minha mãe, a noite é fria,
Desce a neblina sombria,
Geme o riacho no val,
E a bananeira farfalha,
Como o som de uma mortalha
Que rasga o genio do mal.

Não vês que noite cerrada?
Ouviste essa gargalhada
Na mata escura? ai de mim!
Mãe, ó mãe, tremo de medo.
Oh! quando enfim teu segredo,
Teu segredo terá fim?

Foi hontem que á Ave-Maria
O sino da freguezia.
Me fez tanto soluçar.
Foi hontem que te calaste.
Dormiste... os olhos fechaste..
Nem me fizeste rezar!...

Sentei-me junto ao teu leito,
Stava tão frio o teu peito,
Que eu fui o fogo atizar.
Parece que então me viste
Porque dormindo sorriste
Como uma santa no altar.

Depois o fogo apagou-se,
Tudo no quarto calou-se,
E eu também calei-me então.
Sómente accesa uma véla
Triste, de cêra amarella,
Tremia na escuridão.

Apenas nascêra o dia,
A' voz do *maridédia*
Saltei contente de pé.
Cantavam os passarinhos
Que fabricavam seus ninhos
No telhado de sapé.

Porém tu, porque dormias,
Porque já não me dizias
“Filha do meu coração”?
Stavas afflicta commigo?
Mãe, abracei-me contigo,
Pedi-te embalde perdão...

Chorei muito! ai! triste vida!
Chorei muito, arrependida

Do que talvez fiz a ti.
Depois rezei ajoelhada
A reza da madrugada
Que tantas vezes te ouvi:

“Senhor Deus, que após a noite
“Mandas a luz do arrebol,
“Que vestes a esfarrapada
“Com o manto rico do sol,

“Tu que dás á flor o orvalho,
“A’s aves o céu e o ar,
“Que dás as frutas ao galho,
“Ao desgraçado o chorar;

“Que desfias diamantes
“Em cada raio de luz,
“Que espalhas flores de estrellas
“Do céu nos campos azues;

“Senhor Deus, tu que perdoas
“A toda alma que chorou,
“Como a clicia das lagôas
“Que a agoa da chuva lavou;

“Faze da alma da innocente
“O ninho do teu amor,
“Vérte o orvalho da virtude
“Na minha pequena flor.

“Que minha filha algum dia
“Eu veja livre e feliz!..
“O’ Santa Virgem Maria,
“Sê mãe da pobre infeliz.”

Inda lembras-te! dizias,
Sempre que a reza me ouvias
Em prantos de a suffocar:
“Ai! tem orvalhos as flores,
“Tu, filha dos meus amores,
“Tens o orvalho do chorar.”

Mas hoje sempre sisuda
Me ouviste... ficaste muda,
Sorrindo não sei p’ra quem.
Quasi então que eu tive medo..
Parecia que um segredo
Dizias baixinho a alguém.

Depois... depois. me arrastaram.
Depois... sim... te carregaram
P’ra vir te esconder aqui.
Eu sósinha lá na sala.
Stava tão triste a senzala...
Mãe, para ver-te eu fugi..

E agora, ó Deus!... se te chamo
Não me respondes!... se clamo,
Respondem-me os ventos sués..
No leito onde a rosa medra
Tu tens por lençol a pedra,
Por travesseiro uma cruz.

E' muito estreito esse leito?
Que importa? abre-me teu peito
— Ninho infinito de amor.
— Palmeira — quero-te a sombra.
— Terra — dá-me a tua alfombra.
— Santo fogo — o teu calor.

Mãe, minha voz já me assusta..
Alguem na floresta adusta
Repete os soluços meus.
Sacode a terra... desperta!...
Ou dá-me a mesma coberta,
Minha mãe... meu céu... meu Deus...

Inedito, (em livro), cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito de Antonio Alves Carvalhal, num livro de versos do Poeta. Pbl. no "Almanak do *Diario de Noticias*, da Bahia", 1882, pagina 137-8.

ANTITHESE

O seu premio? — O desprezo e uma carta
de alforria quando tem gastas as forças e não
póde mais ganhar a subsistencia.

MACIEL PINHEIRO

Scintilla a festa nas salas!
Das serpentinas de prata
Jorram luzes em cascata
Sobre sêdas e rubins.
Sôa a orchestra... Como sylphos
Na valsa os pares perpassam,
Sobre as flores, que se enlaçam
Dos tapetes nos cochins.

Entanto a nevoa da noite
No atrio, na vasta rua,
Como um sudario fluctua
Nos hombros da solidão.
E as ventanias errantes,
Pelos ermos perpassando,
Vão se occultar soluçando
Nos antros da escuridão.

Tudo é deserto... sómente
A' praça em meio se agita
Dubia fórma que palpita,
Se estorce em rouco estertor.
— Especie de cão sem dono
Desprezado na agonia,
Larva da noite sombria,
Mescla de trevas e horror.

E' elle o escravo maldito,
O velho desamparado,
Bem como o cedro lascado,
Bem como o cedro no chão.¹
Tem por leito de agonias
As lageas do pavimento,
E como unico lamento
Passa rugindo o tufão.

Chorae, orvalhos da noite,
Soluçae, ventos errantes.
Astros da noite brilhantes
Sêde os cirios do infeliz!..
Que o cadaver insepulto,
Nas praças abandonado,
E' um verbo de luz, um brado
Que a liberdade prediz.

Recife, 10 de Julho de 1865.

Inedito (em livro), cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito de Antonio Alves Carvalho, num livro de versos do Poeta. Pbl. no "Almanak do *Diario de Noticias*, da Bahia", 1882, pagina 9.

CANÇÃO DO VIOLEIRO

Passa, ó vento das campinas,
Leva a canção do tropeiro.
Meu coração está deserto,
Stá deserto o mundo inteiro.
Quem viu a minha senhora
Dona do meu coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Ella foi-se ao pôr da tarde
Como as gaivotas do rio.
Como os orvalhos que sobem
Da noite num beijo frio,
O cauan canta bem triste,
Mais triste é meu coração.

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

E eu disse: a Senhora volta
Com as flores da sapucaia.
Veiu o tempo, trouxe as flores,
Foi o tempo, a flor desmaia.
Colhereira, que além vôas,
Onde está meu coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Não quero mais esta vida,
Não quero mais esta terra.
Vou procural-a bem longe,
Lá para as bandas da serra.
Ai! triste que eu sou escravo!
Que vale ter coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Recife, Setembro de 1865.

Cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães, de um manuscrito de Antonio Alves Carvalhal, em livro de versos do Poeta. Pbl. no jornal "A Republica", do Rio, n. 148, de 8 de Outubro de 1871, e nas *Poesias*, Bahia (1913): VII.

SÚPLICA

Le nègre marqué au signe de Dieu comme
vous passera désormais du berceau à la fosse.
la nuit sur son âme, la nuit sur la figure.

PELLETAN.

Senhor Deus, dá que a bocca da innocencia
Possa ao menos sorrir,
Como a flor da granada abrindo as pet'las
Da alvorada ao surgir.

Dá que um dedo de mãe aponte ao filho
O caminho dos céus,
E seus labios derramem como perolas
Dois nomes — filho e Deus.

Que a donzella não manche em leito impuro
A grinalda do amor.
Que a honra não se compre ao carnicheiro
Que se chama senhor.

Dá que o brio não cortem como o cardo
Filho do coração.
Nem o chicote acorde o pobre escravo
A cada aspiração.

Insultam e desprezam da velhice
A corôa de cans.
Ante os olhos do irmão em prostitutas
Transformam-se as irmans.

A esposa é bella... Um dia o pobre escravo
Solitario acordou;
E o vicio quebra e ri do nó perpetuo
Que a mão de Deus atou.

Do abysmo em pego, de deshonra em crime
Rola o misero a sós.
Da lei sangrento o braço rasga as visceras
Como o *abutre feroz*.

Vê!. A innocencia, o amor, o brio, a honra,
E o velho no balcão.
Do berço á sepultura a infamia escripta..
Senhor Deus! compaixão!...

Recife, 10 de Setembro de 1865.

Inedita. Cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimaraes, de um manuscrito de Antonio Alves Carvalhal, em livro de versos do Poeta.

O VIDENTE

Virá o dia da felicidade e justiça para todos.

ISAÍAS.

A's vezes quando, á tarde, nas tardes brasileiras,
A scisma e a sombra descem das altas cordilheiras;
Quando a viola acorda na choça o sertanejo
E a linda lavadeira cantando deixa o brejo,
E a noite — a freira santa — no orgão das florestas
Um psalmo preludia nos troncos, nas giestas;
Se acaso solitario passo pelas *picadas*,
Que torcem-se escamosas nas lapas escarpadas,
Encosto sobre as pedras a minha carabina,
Junto a meu cão, que dorme nas sarças da collina,
E, como uma harpa eolea entregue ao tom dos ventos,
— Extranhas melodias, extranhos pensamentos,
Vibram-me as cordas d'alma, emquanto absorto⁴ scismo,
Senhor! vendo tua sombra curvada sobre o abysmo,
Colher a prece alada, o canto que esvoaça
E a lagrima que orvalha o lirio da desgraça,
Então, no extase santo, escuto a terra e os céus,
E o vacuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

Ouçõ o cantar dos astros no mar do firmamento;
No mar das mattas virgens ouçõ o cantar do vento,

Aromas que s'elevam, raios de luz que descem,
Estrellas que despontam, gritos que se esvaeem,
Tudo me traz um canto de immensa poesia,
Como a primicia santa da *grande prophacia*;
Tudo me diz que o Eterno, na idade promettida,
Ha de beijar na face a terra arrependida.
E, desse beijo santo, desse osculo sublime
Que lava a iniquidade, a escravidão e o crime,
Hão de nascer virentes nos campos das idades,
Amores, esperanças, glorias e liberdades!
Então, num extase santo, escuto a terra e os céus,
O vacuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

E, ouvindo nos espaços as loiras utopias
Do futuro cantarem as doces melodias,
Dos povos, das idades, a nova promessa...
Me arrasta ao infinito a aguia da inspiração...
Então me arrojô ousado das eras através,
Deixando estrellas, seculos, volverem-se a meus pés...
Porque em minh'alma sinto ferver enorme grito,
Ante o estupendo quadro das telas do infinito..
Que faz que, em santo extase, eu veja a terra e os céus,
E o vacuo povoado de tua sombra, ó Deus!

Eu vejo a terra livre... como outra Magdalena,
Banhando a fronte pura na viração serena,
Da urna do crepusculo, verter nos céus azues
Perfumes, luzes, preces, curvada aos pés da cruz...
No mundo — tenda immensa da humanidade inteira —
Que o espaço tem por tecto, o sol tem por lareira,
Feliz se aquece unida a universal familia.
Oh! dia sacrosanto em que a justiça brilha,
Eu vejo em ti das ruinas vetustas do passado,
O velho sacerdote augusto e venerado

Colher a parasita — a santa flor — o culto,
 Como o coral brilhante do mar na vaza occulto.
 Não mais inunda o templo a vil superstição;
 A fé — a pomba mystica — e a aguia da razão,
 Unidas se levantam do valle escuro d'alma,
 Ao ninho do infinito voando em noite calma.
 Mudou-se o ferreo sceptro, esse aguilhão dos povos,
 Na virga do propheta coberta de renovos.

E o velho cadafalso horrendo e corcovado,
 Ao poste das idades por irrisão ligado,
 Parece em balde tenta cobrir com as mãos a fronte,
 — Abutre que esqueceu que o sol vem no horizonte.
 Vêde: as creanças louras aprendem no Evangelho
 A lettra que commenta algum sublime velho,
 Em toda a fronte ha luz, em todo o peito amores,
 Em todo o céu estrellas, em todo o campo flores...
 E, enquanto, sob as vinhas, a ingenua camponeza
 Enlaça ás negras tranças a rosa da deveza;
 Dos saháras africanos, dos gelos da Siberia,
 Do Caucaso, dos campos dessa infeliz Iberia,
 Dos marmores lascados da terra santa homerica,
 Dos pampas, das savanas desta soberba America
 Prorompe o hymno livre, o hymno do trabalho!
 E, ao canto dos obreiros, na orchestra audaz do malho,
 O ruido se mistura da imprensa, das idéas,
 Todos da liberdade forjando as epopéas,
 Todos co'as mãos callosas, todos banhando a fronte
 Ao sol da independencia que irrompe no horizonte.

Oh! escutae! ao longe vago rumor se eleva
 Como o trovão que ouviu-se quando na escura treva,
 O braço omnipotente rolou Satan maldito.
 E' outro condemnado ao raio do infinito,

E' o retumbar por terra desses impuros paços,
 Desses serralhos negros, desses Egeus devassos,
 Saturnos de granito, feitos de sangue e ossos
 Que bebem a existencia do povo nos destroços.

... ..

Emfim a terra é livre! Emfim lá do Calvario
 A aguia da liberdade, no immenso itinerario,
 Voa do Calpe brusco ás cordilheiras grandes,
 Das cristas do Hymalaia aos pincaros dos Andes!
 Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
 A humanidade marcha com a Biblia por bandeira;
 São livres os escravos... quero empunhar a lyra,
 Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira,
 Quero enlaçar meu hymno aos murmurios dos ventos,
 A's harpas das estrellas, ao mar, aos elementos!

... ..

Mas, ai! longos gemidões de miseros captivos,
 Tinidões de mil ferros, soluços convulsivos,
 Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
 "Que pensas, moço triste? que sonhas tu, poeta?"
 Então curvo a cabeça de raios carregada,
 E, atando bronzea corda á lyra amargurada,
 O canto de agonia arrojo á terra, aos céus,
 E ao vacuo povoado de tua sombra, ó Deus!

Cf. com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, copiado do *Diario da Bahia*, de 19 de Julho de 1896; cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. com profundas alterações na 5.^a (VI) edição das *Espumas Fluctuantes*, de Serafim Alves, Rio, (1881), "Appendice": VIII.

A MÃE DO CAPTIVO

Le Christ à Nazareth, aux jours de son enfance
Jouait avec la croix, symbole de sa mort;
Mère du Polonais! qu'il apprenne d'avance
A combattre et braver les outrages du Sort.

Qu'il couve dans son sein sa colère et sa joie;
Que ses discours prudents distillent le venin,
Comme un abime obscur que son cœur se reploie:
A terre, à deux genoux, qu'il rampe comme un nain.

MICHIEWICZ (*A Mãe Polaca*).

I

O' Mãe do captivo! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhøs da selva!
Melhor tu farias se á pobre creança
Cavasses a cova por baixo da relva.

O' mãe do captivo! que fias á noite
As roupas do filho na choça de palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o panno da branca mortalha.

Mizerrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abysmo profundo...

E' louca, sacodes n'esta alma, inda em trevas,
O raio da espr'ança... Cruel ironia!
E ao passaro mandas voar no infinito,
Emquanto que o prende cadeia sombria!

II

O' Mãe! não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Martyr da Cruz!
O pobre que rola no abysmo sem termo
P'ra qu'ha de sondal-o.. Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadario,
O' cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho — deshonna, miserias,
A vida nos crimes — a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...
Que de homem se torne sombrio reptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o latego vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida — só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte — só cabe-lhe o roto lençol.

Ensina-o que morda... mas perfido occulte-se
 Bem como a serpente por baixo da chan
 Que impavido veja seus paes deshonrados,
 Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
 Trabalho que pagam com putrido pão.
 Depois que os amigos açoite no *tronco*...
 Depois que adormeça co'o somno de um cão.

Creança — não trema dos transe de um martyr!
 Mancebo — não sonhe delirios de amor!
 Marido — que a esposa conduza sorrindo
 Ao leito devasso do proprio *senhor*!...

São estes os cantos que deves na terra
 Ao misero escravo sómente ensinar.
 O' Mãe que balanças a rede selvagem
 Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

O' Mãe do captivo, que fias á noite
 A' luz da candeia na choça de palha!
 Embala teu filho com essas cantigas...
 Ou tece-lhe o panno da branca mortalha.

S. Paulo, 24 de Junho de 1868.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, de um seu manuscrito.

MANUELA

(CANTIGA DO RANCHO)

Companheiros! já na serra
Erra.
A *tropa* inteira a pastar. .
Tropeiros!... junto á *candeia*
Eia!
Soltemos nosso trovar...

Té que as barras do Oriente
Rente
Saiam dos montes de lá. .
Cada qual sua cantiga
Diga
Aos echos do Sincorá.

No rancho as noites se escoam,
Voam,

Quando geme o trovador.
Ouvi, pois! que esta guitarra...
 Narra
O meu romance de amor.

Manuela era formosa
 Rosa,
Rosa aberta nõ sertão...
Com seu torço adamascado
 Dado
Ao sopro da viração.

Provocante, mas esquiva,
 Viva
Como um doudo beija-flor.
Manuela — a moreninha
 Tinha
Em cada peito um amor...

Inda agora.. quando o vento
 Lento
Traz-me saudades de então...
Parece que a vejo ainda
 Linda
Do fado no turbilhão.

Vejo-lhe o pé resvalando
 Brandõ

No fandango a delirar.
Inda ao som das castanholas
Rolas
Diante do meu olhar...

Manuela.. mesmo agora
Chora
Minh'alma pensando em ti...
E na viola relembro
Lembro
Tirannas que então gemi.

“Manuela, Manuela
Bella
Como tu ninguem luziu..
Minha travessa morena,
Pena
Pena tem de quem te viu!...

Manuela... Eu não perjuro!
Juro
Pela luz dos olhos teus.
Morrer por ti Manuela
Bella,
Se esqueces os sonhos meus.

Por teus sombrios olhares
— Mares
Onde eu me afogo de amor..
Pelas tranças que desatas
— Matas
Cheias de aroma e frescor...

Pelos peitos que entre rendas
Vendas
Com medo que os vão roubar.
Pela perna que no frio
Rio
Pude outro dia encher gar.

Por tudo que tem a terra,
Serra,
Mato, rio, campo e céu...
Eu te juro, Manuela,
Bella
Que serei captivo teu...

Tu bem sabes que Maria,
Fria
E' p'ra outros, não p'ra mim..
Que morrem Lucia, Joanna
E Anna
Aos sons do meu bandolim...

Mas tu és um passarinho
— Ninho
Fizeste no peito meu...
Eu sou a bocca — és o canto
Tanto
Que sem ti não canto eu.

Vamos pois. A noite cresce
Desce

A lua a beijar a flor...
A' sombra dos arvoredos
 Ledos
Os ventos choram de amor...

Vamos pois.. ó moreninha
 Minha..
Minha esposa ali serás...
Ao vale a relva tapisa
 Pisa...
Serão teus Paços-reaes!

Por padre uma arvore vasta
 Basta!
Por egreja — o azul do céu...
Serão as brancas estrellas
 — Vellas
Accesas p'ra o hymeneu"

Assim nos tempos perdidos
 Idos
Eu cantava.. mas em vão..
Manuela, que me ouvia,
 Ria,
Casta flor da solidão!...

Companheiros! se inda agora
 Chora

Minha viola a gemer,
E' porque um dia... Escutae-me
Dae-me
Sim! dae-me antes que beber!.

E' que um dia. mas bebamos
Vamos...
No copo afogue-se a dor!...
Manuela, Manuela,
Bella,
Fez-se amante do senhor!.

S. Paulo, 25 de Junho de 1868.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, num esboço autographo do Poeta e num manuscrito seu, já em fórma definitiva.

FABULA'

O PASSARO E A FLOR

Era num dia sombrio
Quando um passaro erradio
Veiu parar num jardim.
Ahi fitando uma rosa,
Sua voz triste e saudosa,
Poz-se a improvisar assim.

O' Rosa, ó Rosa bonita!
O' Sultana favorita
Deste serralho de azul:
Flor que vives num palacio,
Como as princezas de Lacio,
Como as filhas de Stambul.

Como és feliz! Quanto eu dera
Pela eterna primavera
Que o teu castello contém...
Sob o cristal abrigada,
Tu nem sentes a geada
Que passa raivosa além.

Junto ás estatuas de pedra
Tua vida cresce, medra,
Ao fumo dos *narguillés*,
No largo vaso da China
Da porcelana mais fina
Que vem do Imperio Chinez

O Inverno ladra na rua,
Emquanto adormeces nua
Na *estufa* até de manhã.
Por escrava — tens a aragem,
O sol — é teu louro pagem
Tu és delle — a castellan.

Emquanto que eu desgraçado,
Pelas chuvas ensopado,
Levo o tempo a viajar,
—Bohemio da média-idade,
Vou do castello á cidade,
Vou do mosteiro ao solar!

Meu *capote* roto e pobre
Mal os meus hombros encobre,
Quanto á *gôrra*... tu bem vê!...
Ai! meu Deus! se Rosa fôra
Como eu zombaria agora
Dos louros dos menestreis!..."

Então por entre a folhagem
Ao passarinho selvagem
A rosa assim respondeu:
"Cala-te, bardo dos bosques!
Ai! não troques os kiosques
Pela cupula do céu.

Tu não sabes que delirios
Soffrem as rosas e os lyrios
Nesta dourada prisão
Sem falar com as violetas,
Sem beijar as borboletas,
Sem as auras do sertão.

Molha-te a fria geada . .
Que importa? A loura alvorada
Virá beijar-te amanhã.
Poeta, romperás logo,
A cada beijo de fogo,
Na cantilena louça.

Mas eu?! . . . Nas salas brilhantes
Entre as tranças deslumbrantes
A virgem me enlaçará . . .
Depois . . . cadaver de rosa . .
A valsa vertiginosa
Por sobre mim rolará.

Vae, Poeta . . . Rompe os ares
Cruza a serra, o vale, os mares
Deus ao chão não te amarrou!
Eu calo-me — tu descantas,
Eu rojo — tu te levantas,
Tu és livre — escrava eu sou! . . .

S. Paulo, Junho de 1868.

Inedita. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimaraes, de um seu manuscrito.

ESTROPHES DO SOLITARIO

Basta de covardia! A hora soa...
Voz ignota e fatidica resôa,
 Que vem. D'onde? De Deus.
A nova geração rompe da terra,
E, qual Minerva armada para a guerra,
 Pega a espada. olha os céus.

Sim, de longe, das raias do futuro,
Parte um grito, p'ra os homens — surdo, obscuro,
 Mas para os moços, não!
E' que, em meio das luctas da cidade,
Não ouvem o clarim da Eternidade,
 Que troa n'amplidão!

Quando as praias se occultam na neblina,
E como a garça, abrindo a asa latina,
 Corre a barca no mar,
Se então sem freios se despenha o norte,
E' impossível — parar. volver — é morte...
 Só lhes resta marchar.

E o povo é como a barca em plenas vagas,
A tyrannia é o tremedal das plagas,
 O porvir — a amplidão.
Homens! Esta lufada que rebenta
E' o furor da mais lobrega tormenta.
 — Ruge a revolução.

E vós cruzais os braços. . . Covardia!
E murmurais com fera hypocrisia:
 — E' preciso esperar. . .
Esperar? Mas o que? Que a população,
Este vento que thronos despedaça,
 Venha abysmos cavar?

Ou quereis, como o satrapa arrogante,
Que o porvir, n'ante-sala, espere o instante
 Em que o deixeis subir?!
Oh! parai a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano, o cond'or, os elementos.
 Porém nunca o porvir!

Meu Deus! Da negra lenda que se escreve
Co'o sangue de um Luiz, no chão da Grève,
 Não resta mais um som! . .
Em vão nos deste, p'ra maior lembrança,
Do mundo — a Europa, mas da Europa — a França.
 Mas da França — um Bourbon!

Desvario das fronte coroadas!
Nas paginas das purpuras rasgadas

Ninguem mais estudou!
 E, no sulco do tempo, em balde dorme
 A cabeça dos reis — semente enorme
 Que a multidão plantou!..

No entanto fôra bello nesta idade
 Desfraldar o estandarte da igualdade,
 De Byron ser irmão..
 E prodigo — a esta Grecia brasileira,
 Legar no testamento — uma bandeira,
 E ao mundo — uma nação.

Soltar ao vento a inspiração do Graccho
 Envolver-se no manto de Spartaco,
 Dos servos entre a grei;
 Lincoln — o Lázaro accordar de novo,
 E da tumba da infamia erguer um povo,
 Fazer de um verme — um rei!

Depois morrer... que a vida está completa,
 — Rei ou tribuno, Cesar ou poeta,
 Que mais quereis depois?
 Basta escutar, do fundo lá da cova,
 Dansar em vossa lousa a raça nova
 Libertada por vós.

Cf. com a publicação feita por Brásilio Machado que a possuía, suppondo até então inedita, n' *O Americano*, jornal academico de Cyro de Avezedo e Sá Viana, de S. Paulo, em 6 de Julho de 1881, na commemora-

ção do decennario do Poeta. Em carta de Augusto Guimarães a Castro Alves, de 30 de Junho de 1870, lê-se: "As tuas "Estrophes do solitario" saem "amanhã" no *Diario* (da Bahia), (2 de Julho)... Pbl. na "5.ª" (VI) edição das *Espumas Fluctuantes*, de Serafim José Alves, Rio (1881), "Apendice": IX.

Confronte-se o titulo — "Estrophes do Solitario" com a epigrapha da primeira parte da *Lelia* de George Sand (1833), assignada — "Pensées inedites d'un solitaire" —. Castro Alves amava os livros da grande escriptora franceza, e se comparava a Stenio, e suas amadas a Consuelo, personagens dos romances della. Talvez esse solitario pessimista lhe desse a idéa de outro, que entoou este soberbo canto de protesto e de fé.

1) *Grève*... (estancia 7.ª, v. 2), Antigo nome da Praça do Hotel-de-Ville em Paris. A allusão á morte de Luiz XVI, ahi, não é exacta: foi elle guilhotinado na antiga Praça Luiz XV, então Praça da Revolução, hoje Praça da Concórdia.

2) *Lincoln*... (estancia 10ª, v. 4), Abrahão Lincoln (1809-1865), patriota e estadista americano, apostolo da Liberdade, e que por ella morreu, redimindo os Estados Unidos da escravidão negra.

O NAVIO NEGREIRO

TRAGEDIA NO MAR

I

'Stamos em pleno mar.. Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após elle correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro.
O mar em troca accende as ardentias,
— Contellações do liquido thesouro..

'Stamos em pleno mar.. Dous infinitos
Ali se estreitam n'um abraço insano
Azues, dourados, placidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?..

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre á flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas.

Donde vem? onde vae? Das náus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Sahara os corseis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali póde nest'hora
Sentir deste painel a magestade!...
Embaixo — o mar.. em cima — o firmamento..
E no mar e no céu — a immensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que musica suave ao longe sôa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando á tôa!

Homens do mar! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pelagos profundos!

Esperai!. esperai!... deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orchestra — é o mar, que rugue pela prôa,
E o vento, que nas cordas assobia..

Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges dô pavido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar a esteira
Que semelha no mar — douda cometa!

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue á bolina
Como golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
A's vagas que deixa após.

Do Hespanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto ás lavas do vulcão!

O Inglez — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),

Rijo entôa patrias glorias,
Lembrando, orgulhoso, historias
De Nelson e de Aboukir...
O Francez — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Hellenos,
Que a vaga ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar que Ulysses cortou,
Homens que Phydias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano!
Desce mais. inda mais... não pôde olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu ahí.. Que quadro d'amarguras!
E' canto funeral!.. Que tetricas figuras!...
Que scena infame e vil... Meu Deus! meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco.. o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,

Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo ás têtas
Magras creanças, cujas boccas pretas
 Rega o sangue das mães :
Outras, moças, mas núas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ansia e magoa vãs!

E ri-se a orchestra ironica, estridente...
E da ronda fantastica a serpente
 Faz doudas espiraes...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadêa,
A multidão faminta cambalêa,
 E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martyrios embrutece,
 Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra
 Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros :
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dansar!..."

E ri-se a orchestra ironica, estridente...
 E da roda fantastica a serpente
 Faz doudas espiraes...
 Qual n'um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces resoam!
 E ri-se Satanaz!..

V

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!
 O' mar, porque não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão?..
 Astros! noite! tempestades!
 Rolai das immensidades!
 Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
 Que não encontram em vós,
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a furia do algoz?
 Quem são? Se a estrella se cala,
 Se a vaga oppressa resvala
 Como um cumplice fugaz,
 Perante a noite confusa...
 Dize-o tu, severa Musa,
 Musa liberrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
 Onde a terra esposa a luz.

Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nós...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Hontem simples, fortes, bravos..
Hoje miseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe. bem longe vêm...
Trazendo com tibios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lagrimas e fél.
Como Agar soffrendo tanto,
Que nem o leito de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas arêas infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram — creanças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a *caravana*,
Quando a virgem na cabana
Scisma da noite nos véus...
.. Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!..
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.

Depois no horizonte immenso
Desertos... desertos só..
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cahe p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um logar na *cadeia*,
Mas o chacal sobre a arêa
Acha um corpo que roer.

Hontem a Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dormido á tóa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar..
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Hontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje.. cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
— Ferrea, lugubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoute. Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,

Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!..
O' mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!.

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infamia e cobardia!..
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacchante fria!
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silencio, Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!.

Auri-verde perdão de minha terra,
Que a briza do Brasil beija e balança,
Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança.
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!.

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue immundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um iris no pelago profundo!

Mas é infamia de mais! . . . Da etherea plaga
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

S Paulo, 18 de Abril de 1868.

Cf. com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, em livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, com a pbl. no *Jornal da Tarde*, do Rio de Janeiro, n. 200, de 23 de Junho de 1870. Pbl., depois, na edição original das *Vozes d'Africa — Navio Negro* (Tragedia no mar), de Serafim José Alves, Rio, 1880: ahi, como nas edições que se seguiram, o poema veio sendo reproduzido com absurdas e profundas alterações, na ordem das estrophes, a saber: 1 a 11; seguem-se 16 a 23; seguem-se 12 a 15; seguem-se 24 a 34. A divisão em partes, ou cantos, também foi modificada. Restitue-se tudo, agora, á versão authentica, manuscripta, confirmada pela primeira publicação, de 1870.

1) *Nelson... Aboukir...* (II, estancia 3.^a, v. 7), Horacio Nelson (1758-1805), almirante inglez, que venceu as frotas de Napoleão em Aboukir (1798), e depois em Trafalgar (1805), onde perdeu a vida.

2) Para rebater a insinuação que lêra algures, de ser o "Navio Negreiro" uma versão, ou transposição, ou reminiscencia d'*O Negreiro*, de Henri Heine, Mucio Teixeira (*Vida e obras de Castro Alves*, Bahia, 1896, pag. 205, etc), publica este, por confronto, traduzido em prosa.

Além de uma scena terrivel do trafico de escravos (que, nem Heine, nem Castro Alves, inventaram) a idéa que domina nos dois é o contraste tragico da dansa dos desgraçados, ainda a chicote, para distracção da nostalgia que os fazia morrer. Certamente realidade contada por algum negreiro, que inspirou a ironia de Heine, como a piedade de Castro Alves.

LUCIA

POEMA

Na formosa estação da primavera,
Quando o matto se arreia mais festivo,
E o vento campesino bebe ardente
O agreste' aroma da floresta virgem,
Eu e Lucia, corriamos — creanças —
Na veiga, no pomar, na cachoeira,
Como um casal de colibris travessos
Nas lorangeiras, que o Natal enflora.

Ella era a *cria* mais formosa e meiga
Que jámais, na *Fazenda*, vira o dia...
Morena... esveita... airoso, eu me lembrava
Sempre da corça arisca dos silvados
Quando lhe via os olhos negros, negros,
Como as plumas nocturnas da *grauna*;

Depois.. quem mais mimosa e mais alegre?...
Sua bocca era um passaro escarlata,
Onde cantava festival sorriso,
Os cabellos caíam-lhe annellados

Como doudos festões de parasitas...
É a graça... o modo... o coração tão meigo...
Ai! Pobre Lucia... como tu sabias,
Festiva, encher de afagos a família,
Que te queria tanto e que te amava
Como se fosses filha e não captiva!

Tu eras a alegria da *fazenda*;
Tua senhora ria-se, contente,
Quando enlaçavas seus cabellos brancos
Co'as roxas maravilhas da campina.
E quando á noite, todos se juntavam,
Aos reflexos dourados da candeia,
Na grande sala, em torno da fogueira,
Então, Lucia, sorrindo, murmurava:
“Meus Deus! um beija-flor fez-se creança,
Uma creança fez-se mariposa!”

Mas um dia a miseria, a fome, o frio,
Foram pedir um pouso nos teus lares...
A mesa era pequena. Pobre Lucia!
Foi preciso te ergueres do banquete
Deixares teu logar aos mais convivas...
Eu me lembro... eu me lembro... O sol raiava.
Tudo era festa em volta da pousada,
Cantava o gallo, alegre, no terreiro,
O mugido das vaccas misturava-se
Ao relincho das eguas, que corriam,
De crinas soltas pelo campo aberto,
Aspirando o frescor da madrugada.

Pela ultima vez ella, chorando,
 Veiu sentar-se ao banco do terreiro..
 Pobre creança! que conversas tristes
 Tu conversaste, então, co'a natureza?

“Adeus! p’ra sempre, adeus, ó meus amigos,
 Passarinhos do céu, brisas da matta,
 Patativas saudosas dos coqueiros,
 Ventos da varzea, fontes do deserto!.
 Nunca mais eu virei, risonha e louca,
 Vos arrancar das moitas perfumadas,
 Nunca mais eu virei, risonha e louca,
 Roubar o ninho ao sabiá choroso.
 Perdoai-me que eu parto para sempre
 Venderam, para longe, a pobre Lucia!”

Então, ella apanhou do matto as flores,
 Como outr’ora enlaçou-as nos cabellos,
 E, rindo de chorar, disse em soluços:
 “Não te esqueças de mim que te amo tanto...”

.....

Depois além, um grupo informe e vago,
 Que cavalgava o dorso da montanha,
 Ia esconder-se, transmuntando o topo...
 Neste momento eu vi, longe... bem longe,
 Ainda se agitar um lenço branco —
 Era o lencinho tremulo de Lucia!

EPILOGO

Muitos annos coreram depois disto..
 Um dia, nos sertões, eu caminhava

Por uma estrada agreste e solitaria;
Deante de mim um mulher seguia,
— Co'ô cantaro á cabeça, os pés descalços,
Co'os hombros nus, mas pallidos e magros...

Ella cantava, com uma voz extincta,
Uma cantiga triste e compassada...
E eu, que a escutava, procurava, embalde,
Uma lembrança juvenil e alegre,
Do tempo em que aprendera aquelles versos...
De repente, lembrei-me... "Lucia! Lucia!"
.. A mulher se voltou.. fitou-me pasma,
Soltou um grito... e, rindo e soluçando,
Quiz para mim lançar-se, abrindo os braços.
.. Mas, subito, estacou.. nuvem de sangue
Corou-lhe o rosto pallido, sombrio...
Cobriu co'a mão crispada a face rubra,
Como escondendo uma vergonha eterna...

Depois, soltando um grito, ella sumiu-se
Entre as sombras da matta... a pobre Lucia!

S. Paulo, 30 de Abril de 1868.

Cf. com um manuscripto de Augusto Alvares Guimarães, num livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. no *Bosquejo litterario a proposito do Decennario de Castro Alves*, por Antonio da Cruz Cordeiro Junior, 1 op., de 95 pags., Bahia, 1881, pag. 90-94, e, em livro, na 9.ª edição das *Espumas Fluctuantes* de Carlos Pinto & Comp., Pelotas, Rio Grande, 1888: LXXV.

PROMETHEU

“O’ mon auguste mère, et vous enveloppe
de la commune lumière, divin éther, voyez
quels injustes tourments on me fait souffrir.”

Qui compatit à cette grande souffrance,
qui s’approche du rocher désert où se tord
Prométhée? Quelques pauvres filles, pieds nus,

ESCHVLO.

Inda arrogante e forte, o olhar no sol cravado,
Sublime no soffrer, vencido, — não domado,
Na ultima agonia arqueja Prometheu.
O Caucaso é seu cepo; é seu sudario — o céu,
Como um braço de algoz, que em sangueira se rutre,
Revolve-lhe as entranhas o pescoço do abutre.
P’ra as iras lhe sustar, corta o raio a amplidão,
E em correntes de luz prende, amarra o Titão.

Agonia sublime!... E ninguem nesta hora
Consola aquella dôr, naquella angustia chora.
Ai! por cumulo de horror!... O Oriente golpha a luz,
No Olympto brinca o amor por entre os seios nús.
De tyrso em punho o bando das lubricas bacchantes,
Correm montanha e val em dansas delirantes;

E ao gigante cahido.. a terra e o céu (rivaes!...)
Prantos lascivos dão, suor de bacchanaes.

... ..
... ..

Mas não! Quando arquejante no poste de granito
Se extorce Promotheu, gigantesco precito,
Vós, Nereidas gentis, meigas filhas do mar!
O oceano lhe trazeis, p'ra em prantos derramar...

Povo! povo infeliz! Povo, martyr eterno,
Tu és do captiveiro o Prometheu moderno...
Enlaça-te no poste a cadeia *das Leis*,
O pescoço do abutre é o sceptro dos maus réis.
Para taes dimensões, p'ra musculos tão grandes,
Era pequeno o Caucaso... amarram-te nos Andes.

E emquanto, tu, Titan, sangrento arcas ahi,
O seculo da luz olha.. caminha.. ri...
Mas não! martyr divino, Encélado tombado!
Junto ao Calvario teu, por todos desprezado,
A musa do poeta irá — filha do mar —
O oceano de sua alma... em cantos derramar..

Santos, 16 de Maio de 1868.

Cf. com manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, num livro de versos do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. nas *Poesias*, Bahia, (1913): XIV

VOZES D'AFRICA

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito.
 Onde estás, Senhor Deus?..

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
 Infinito galé!..
Por abutre — me deste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
 Que me ligaste ao pé!..

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
 E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
 O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
 Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes,
 Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Hymalaia..
O Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de coraes.
A brisa de Mysora o céu inflamma;
E ella dorme nos templos do deus Brahma,
 Pagodes colossaes..

A Europa — é sempre Europa, a gloriosa!.
A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortezã.
Artista — corta o marmor de Carrara;
Poetisa — tange os hymnos de Ferrara,
 No glorioso afan!.

Sempre a laurea lhe cabe no litigio...
Ora uma *c'rôa*, ora o *barrete-phrygio*
 Enflora-lhe a cerviz,
O Universo após ella — doudo amante
Segue captivo o passo delirante
 Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos desgarrada,

Perdida marchou em vão!
Se choro.. bebe o pranto a arêa ardente!
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!...

E nem tenho uma sombra na floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo ás pyramides do Egypto,
Embalde aos quatro céus chorando grito:
“Abriga-me, Senhor!...”

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal, que volve
O siroco feroz.
Quando eu passo no Sáhara amortalhada...
Ai! dizem: “Lá vai Africa embuçada
No seu branco albornoz...”

Nem veem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campêa solitario
Por sobre o peito meu.
Lá no solo, onde o cardo apenas medra,
Boceja a Sphynges colossal de pedra,
Fitando o morno céu.

De Thebas nas 'columns derrocadas'
As cegonhas espiam debruçadas

O horizonte sem fim...
 Onde branqueja a caravana errante
 E o camelo monotono, arquejante,
 Que desce de Ephraim..

... ..

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
 E' pois teu peito eterno, inexaurível
 De vingança e rancor?
 E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
 Eu commetti jámais, que assim me opprime
 Teu gladio vingador?!

.... ..

Foi depois do *diluvio*... Um viandante,
 Negro, sombrio, palido, arquejante,
 Descia do Ararat...
 E eu disse ao peregrino fulminado:
 "Cham!. serás meu esposo bem amado...
 Serei tua Eloá. "

Desde este dia o vento da desgraça
 Por meus cabellos, ululando, passa
 O anathema cruel.
 As tribus erram do areal nas vagas,
 E o *Nómada* faminto corta as plagas
 No rapido corsel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
 Vi meu povo seguir — Judeu maldito —

Filho da perdição.
 Depois vi minha prole desgraçada,
 Pelas garras d'Europa arrebatada,
 — Amestrado falcão.

Christo! embalde morreste sobre um monte..
 Teu sangue não lavou da minha fronte
 A mancha original.
 Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos — alimaria do universo,
 Eu — pasto universal.

Hoje em meu sangue a America se nutre:
 — Condor, que transformara-se em abutre,
 Ave da escravidão.
 Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!
 Qual de José os vis irmãos, outr'ora,
 Venderam seu irmão!

... ..

Basta, Senhor! De teu potente braço
 Role atravez dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus!
 Ha dous mil annos eu soluço um grito.
 Escuta o brado meu lá no infinito,
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

S. Paulo, 11 de Junho de 1868

Cf. com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. n' *O Academico*, de S. Paulo, n. 15, de

19 de Novembro de 1868. Em livro, na edição original das *Vozes d'Africa — Navio Negreiro* (Tragedia no mar), de Serafim José Alves, Rio 1880: I. Depois da 6.^a estrophe, nas publicações pósthumas, vem uma linha de pontos, indicando a supressão de uma estancia, sem justificativa apparente. Parece até, que ella é indispensavel, para indicar a preponderancia da Europa nos juizos do mundo. Por isso, é ahi reposta, segundo a publicação primitiva.

Deste sublime poema escreveu recentemente Amadeu Amaral (*Letras Floridas*, Rio, 1920, p. 145): “Nas *Vozes de Africa* elevou-se (Castro Alves) até o sonho da redempção do continente negro e da entrada da Africa no concerto da civilização universal.” Fôra um dos conceitos de José Verissimo (“Jornal do Commercio”, Rio, 14 de agosto de 1899): ha ahi “eloquencia da melhor especie, sentimento, emoção e sobretudo uma elevada idealização artistica da situação do continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe attribue. E, com todas essas qualidades, uma perfeição rara de forma” Este louvor virá a ser o de Luiz Murat (“Jornal do Commercio”, Rio, 3 de outubro de 1920): *Vozes d'Africa* são um primor de forma; não se pode exigir mais, do gosto e da mestria de um artista”. Na desordem romantica do seu tempo, não faltou nem esse primor a Castro Alves.

1) *Cham, serás meu esposo bem amado... Serei tua Eloá* (e. 13.^a, vs. 5-6).

Eloá, a mulher anjo, da imaginação de Alfred Vigny (*Eloa*, 1824), tenta, pelo amor, a redempção de Santan. Tambem maldito, teria Cham achado na Africa a sua Eloá...

SAUDAÇÃO A PALMARES

Nos altos cerros erguido
Ninho de aguias atrevido,
Salve! — paiz do bandido!
Salve! — patria do jaguar!
Verde serra, onde os Palmares
— Como indianos cocares —
No azul dos Columbios ares,
Desfraldam-se em molle arfar!

Salve! Região dos valentes
Onde os echos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam,
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!.

Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no sossobro infinito

Abriste a vela ao trovão,
E provocaste a rajada,
Solta a flammula agitada,
Aos urrahs da marujada,
Nas ondas da escravidão!

De bravos soberbo estadio!
Das liberdades palladio,
Tomaste o punho do gladio,
E olhaste rindo p'ra o val.
"Surgi de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de frente!"
E riste... O riso de um monte!
E a ironia de um chacal!

Cantem eunuchos devassos
Dos reis os marmoros paços,
E beijem os ferreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a belleza tua,
Caçadora seminúa,
Em cuja perna fluctua
Ruiva a pelle de um tapir!

Creoula! o teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Fugidio, firme, duro,
Guardaste-o p'ra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas, sob a ramagem,
As vozes, que traz a aragem,
Do teu rijo caçador!

Salve! — Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
— Aos urros da cachoeira —
Sabes bater e lutar.
Salve! — nos cerros erguido —
Ninho, onde em sonho atrevido,
Dorme o condor... e o bandido,
A liberdade. e o jaguar!

Fazenda de Santa Isabel, Agosto de 1870.

Pbl. na 3.^a edição das *Espumas Fluctuantes*, Bahia, 1878: XX.

Cf. com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

O VOLUNTARIO DO SERTÃO

(FRAGMENTO)

Era ao cahir do sol no viso das montanhas!
Era ao chegar da noite as legiões extranhas...

Ao farfalhar das sombras — a tribu sussurrante —
Aves de escuridão que descem do levante.

Do vale no thuribulo embala-se a neblina...
Soam no bosque as harpas em tremula surdina.

Como nas mãos do padre, o monte que transluz
No braço ergue o sol — ostia immensa de luz.

Ouve-se um desdobrar de telas e de véus...
No espaço arma-se a noite — a tenda azul de Deus.

Era ao cahir do sol! Por ingreme caminho
Em fundo reflectir, a galopar sosinho,

Eu subia de um cerro o cimo alcantilado
Donde melhor se avista a aldeia... o campo... o prado.

Alli a *Ponta Aguda* o espaço invade franca!
Ergue-se calcinada ao longe a *Pedra Branca*.

Lá vae monte após monte... o olhar vaga perdido
Nessas ondas titâes de um mar arrefecido...

Que outr'ora as sacodiu como hordas macedonicas
Ao estridor das forças *ignivomas, plutonicas*

Quando ainda a luctar rebelde alçava um combro
De um cyclone tombado a mão... o braço... o hombro!..

.....

Inedito. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Gui-
marães, de um seu manuscrito.

A BAINHA DO PUNHAL

(FRAGMENTO)

Salve, noites do Oriente,
Noites de beijos e amor!
Onde os astros são abelhas
Do ether na larga flor...
Onde pende a meiga lua,
Como cimitarra núa
Por sobre um dólman azul:
E a vaga dos Dardanellos
Beija, em lascivos anhelos
As saudades de Stambul.

Salve, serralhos severos
Como a barba dum Pachá!
Zimborios, que fingem craneos
Dos crentes fieis de Allah!...
Cyprestes que o vento agita,
Como flexas de Mesquita
Esguios, longos tambem;
Minaretes, entre bosques!
Palmeiras, entre os kiosques!
Mulheres núas do Harém!

Mas embalde a lua inclina
As loiras tranças p'ra o chão...
Desprezada concubina,
Já não te adora o sultão!
Debalde, aos vidros pintados,
Aos balcões arabescados,
Vaes bater em doudo afan...
Soam timbalos na sala...
E a dansa ardente resvala
Sobre os tapetes do Iran!

.....

Inedito (em livro). Fragmento, pois as tres decimas não justificam o titulo..., publicado na *Revista dos Estados*, do Rio de Janeiro, n. 18, de 9 de Fevereiro de 1907, dirigida por Mucio Teixeira.

O DERRADEIRO AMOR DE BYRON

Et, puisque tôt ou tard l'amour humain s'oublie,
Il est d'une grand âme et d'un heureux destin
D'aspirer comme toi pour un amour divin!

ALF. DE MUSSET.

I

N'um desses dias em que o Lord errante,
Resvalando em cochins de seda molle...
A laureada e pallida cabeça
Sentia-lhe embalar essa condessa,
Essa languida e bella Guiccioli.. ;

II

Nesse tempo feliz... em que Ravenna
Via cruzar o Chíld peregrino,
Dos templos ermos pelo claustro frio...
Ou longas horas meditar sombrio
No tumulto de Dante — o Ghibelino...

III

Quando aquella mão regia de Madona
 Tomava aos hombros essa cruz insana... ,
 E do Giaour o lugubre segredo,
 E esse crime indizivel do Manfredo
 Madornavam aos pés da Italiana.. ;

IV

Numa dessas manhãs... Emquanto a moça,
 Sorrindo-lhe dos beijos ao ressabio,
 Cantava como uma ave ou uma creança..
 Ella sentio que um sorriso de esperança
 Abria-lhe do amante labio a labio.

V

A esperança! A esperança no precito!
 A esperança nesta alma agonizante!
 E, mais livida e branca do que a cera,
 Ella disse a tremer: — “George, eu quizera
 Saber qual seja. a vossa nova amante”.

VI

—“Como o sabes?...”—“Confessas?”—“Sim! confesso...”
 —“E o seu nome...”—“Qu’importa?”—“Falla alteza!...”
 —“Que chamma douda teu olhar espalha,
 És ciumenta?...” — *Mylord*, eu sou da Italia!
 —“Vingativa?...” — *Mylord*, eu sou Princeza!...”

VII

— “Queres saber então qual seja o archanjo
Que inda vem m'enlevar o ser corrupto?
O sonho que os cadaveres renova,
O amor que o Lazaro arrancou da cova,
O ideal de Satan?...” — “Eu vos escuto!”

VIII

— “Olhai, Signora... além dessas cortinas,
O que vedes?...” — “Eu vejo a immensidade!.. ”
— “E eu vejo a Grecia... e sobre a plaga errante,
Uma virgem chorando...” — “E' vossa amante?...”
— “Tu disseste-o, Condessa !... E' a Liberdade!!!...”

Santa Isabel, 21 de Agosto de 1870.

Cf. com um autographo do Poeta, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. na “5.ª”, (VI) edição das *Espumas Fluctuantes*, de Serafim José Alves, Rio (1881), “Apendice”: II

1) *Estancia* 2.ª, num autographo de Castro Alves está riscada, com uma cruz, esta variante:

Numa dessas manhãs em que Ravena
Vaidosa de seu Child peregrino;
Sacudindo a poeira dos palacios,
Ao morno vento que lhe vem dos Latios
Aquentava-se ao sopro byzantino.

2) *Guiccioli*... (estancia 1.ª, v. 5), Teresa Gamba, condessa Guiccioli, joven e formosa italiana, a ultima paixão de Lord George Byron, de cujos braços elle saiu

para a morte, em Missolonghi, pela liberdade da Grecia (1824).

3) *Child*... (estancia 2.^a, v. 2), Lord Byron que representou no seu poema predilecto *Childe Harold's Pilgrimage* a ansia de viagens e aventuras, que foi a sua vida e o seu genio romantico.

4) *Giaour*... (estancia 3.^a, v. 3)... o *Infiel*, porque christão (para o muçulmano), é o heroe do poema de Byron, desse nome (1813); narra uma aventura que o Oriente lhe inspirara.

5) *Manfredo*... (estancia 3.^a, v. 4). Poema dramatico e philosophico (1817) de Byron, em que as aventuras de amor se permeiam com incantações, sortilegios, evocações, demonios; situado literariamente entre o mytho de Orpheu e Euridice e os "Faustos" de Marlowe e de Goethe.

ADEUS, MEU CANTO

I

Adeus, meu canto! E' a hora da partida . . .
O oceano do povo se encapella,
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procella.

O inverno envolto em mantos de geada
Cresta a rosa de amor, que além se erguera . . .
Ave de arribação, vôa, annuncia
Da liberdade a santa primavera.

E' preciso partir, aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, oh luz! — Estrella para o povo,
—Para os tyrannos lugubre cometa.

Adeus, meu canto! Na revolta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Aguia — talvez as asas te espedacem
Bandeira — talvez rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sibarita não trajaste ;
Que, se louros não tens na altiva fronte,
Tambem da orgia a c'roa renegaste.

A ti que herdeiro duma raça livre
Tomaste o velho arnez e a cota d'armas,
E, no ginete que escarvava os valles,
A corneta esperaste dos alarmas.

E' tempo agora p'ra quem sonha a gloria
E a lucta... e a lucta, essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estatuas,
Que a mão dos sec'los no futuro talha...

Parte, pois ; solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta !.
Ergue-te, ó luz ! — Estrella para o povo,
— Para os tyrannos lugubre cometa.

Ha muita virgem que ao prostibulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança ;
Muita cabeça de ancião curvada,
Muito riso afogado de creança.

Dirás á virgem : — Minhã irmã, espera,
Eu vejo ao longe a pomba do futuro.
— Meu pae, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropella-te o passo mal seguro...

A cada berço levarás a crença.
A cada campa levarás o pranto.
Nos berços nós, nas sepulturas rasas,
— Irmão do pobre — viverás, meu canto.

E, pendido através de dois abysmos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traz a bênção de Deus ao captiveiro,
Levanta a Deus do captiveiro o grito!

II

Eu sei que, ao longe, na praça,
Ferve a onda popular,
Que ás vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes altar.
Que zombam do bardo attento,
Curvo ao murmúrio do vento
Nas florestas do existir,
Que babam fél e ironia
Sobre o ovo da utopia
Que guarda a ave do porvir.

Eu sei que o odio, o egoismo,
A hypocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão,
Peitos surdos ás conquistas,
Olhos fechados ás vistas,
Vistas fechadas á luz,
Do poeta solitario
Lançam pedras ao calvario,
Lançam blasphemias á cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do escriba, do phariseu,
Que ao Christo eleva o patibulo,
A fogueira a Galileu,
E' o fumo da chamma vasta,
Sombra que o seculo arrasta,
Negra, torcida, a seus pés;
Tronco enraigado no inferno,
Que se arqueia, sempre, eterno,
Das idades através.

E elles dizem, reclinados
Nos festins de Balthazar:
“Que importuno é esse que canta
Lá no Euphrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro
A lyra do captiveiro,
Propheta da maldição,
Ou, cingindo a augusta fronte
Com as rosas d'Anacreonte
Canta o amor e a criação!.. ”

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz;
Soltar su'alma com o bando
Das borboletas azues;
Ouvir o vento que geme,
Sentir a folha que treme,
Como um seio que pulou,
Das mattas entre os desvios,
Passar nos antros bravios
Por onde o jaguar passou;

E' bello... E já quantas vezes
Não saudei a terra, o céu,
E o Universo — Biblia immensa
Que Deus no espaço escreveu?!
Que vezes nas cordilheiras,
Ao canto das cachoeiras,
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias
Vagas, tristes prophecias
Gemerem na escuridão?!...

Já também amei as flores,
As mulheres, e o arrebol,
E o sino que chora triste,
Ao morno calor do sol.
Ouvi saudoso a viola,
Que ao sertanejo consola,
Junto á fogueira do lar,
Amei a linda serrana,
Cantando a molle *tyranna*,
Pelas noites de luar.

Da infancia o tempo fugindo,
Tudo mudou-se em redor.
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor.
Sôa a idéa, sôa o malho,
O cyclope do trabalho
Prepara o raio do sol.
Tem o povo — mar violento —
Por armas — o pensamento,
A verdade por pharol.

E o homem, vaga que nasce
 No oceano popular,
 Tem que impellir os espiritos,
 Tem uma plaga a buscar.
 Oh! maldição ao poeta
 Que foge — falso propheta —
 Nos dias de provação!
 Que mistura o tosco iambo
 Com o thyrio dythirambo
 Nos poemas d'afflicção!...

“Trabalhar!” brada na sombra
 A voz immensa de Deus!
 “Braços! voltai-vos p’ra terra,
 Frontes voltai-vos pr’os céus!”
 Poeta, sabio, selvagem,
 Vós sois a santa equipagem
 Da náu da civilização!
 Marinheiro, — sobe aos mastros,
 Piloto, — estuda nos astros,
 Gageiro, — olha a çerração!”

Uivava a negra tormenta
 Na enxarcia, nos mastaréos.
 Uivavam nos tombadilhos,
 Gritos insontes dos réos.
 Vi a equipagem medrosa
 Da morte á vaga horrorosa
 Seu proprio irmão sacudir.
 E bradei: “Meu canto, vòa,
 Terra ao longe! terra á proa!...
 Vejo a terra do porvir!...”

III

Companheiro da noite mal dormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira folha d'arvore da vida,
Estrella que annuncia a luz da aurora,
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho que do seio se evapora,
E' tempo de partir. . . Voa, meu canto,
Que tantas vezes orvalhei de pranto.

Tu foste a estrella vesper que allumia
Aos pastores da Arcadia nos fragedos!
Ave que no meu peito se aquecia
Ao murmurio talvez dos meus segredos.
Mas, hoje, que sinistra ventania
Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
Deixo-te entregue ao vento da desgraça.

Quero-te assim. Na terra o teu fadario
E' ser o irmão do escravo que trabalha;
E' chorar junto á cruz do seu calvario,
E' bramir do senhor na bacchanalia. . .
Se vivo, seguirás o itinerario,
Mas, se — morto — rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da floresta,
Nos raios e trovões hymnos de festa.

Quando a piedosa, errante caravana,
Se perde nos desertos, peregrina,
Buscando na cidade mussulmana,
Do supulcro de Deus a vasta ruina,

Olha o sol que se esconde na savana,
 Pensa em Jerusalém, sempre divina,
 Morre feliz, deixando sobre a estrada
 O marco milliaro duma ossada.

Assim, quando essa turba horripilante,
 Hypocrita sem fé, bacchante impura,
 Possa curvar-te a fronte de gigante,
 Possa quebrar-te as malhas da armadura,
 Tu deixarás na liça o ferreo guante
 Que ha de colher a geração futura...
 Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
 Sol brilhante do céu da liberdade.

Canta, filho da luz da zona ardente
 Destes serros soberbos, altanados!
 Emboca a tuba lugubre, estridente,
 Em que aprendeste a rebramir teus brados.
 Levanta das orgias — o presente,
 Levanta dos sepulcros — o passado,
 Voz de ferro! desperta as almas grandes
 Do Sul ao Norte... do Oceano aos Andes!!...

Recife, 1865.

Cf. com um manuscrito de Antonio Alves Carvalho, em livro de versos do Poeta, cm. por D. Elisa de Castro Alves Guimarães. Pbl. no *Bosquejo Literario a proposito do Decennario de Castro Alves*, por Antonio da Cruz Cordeiro Junior, Bahia, 1881, paginas 80-89; e na "5.ª", (VI) edição das *Espumas Fluctuantes*, de Serafim José Alves, Rio, 1881. "Appendice": VII.

Constancio Alves opina que esta poesia devera abrir o poema d'*Os Escravos*, impetuosa partida do Poeta para a lucta; poder-se-ia dizer que sobreviveriam a Castro Alves, na campanha abolicionista, e por isso delles se despedia o inspirado cantor: a ordem foi indicada pelo autor, num plano autographo do poema, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

Nenhum dos cantos épicos de Castro Alves tem a grandiosa emoção deste: é que elle retrata com accentos intimos e sinceros sua alma esplendida, dada um dia ao lyrismo do amor e da natureza, mas nos outros, de sua generosa e nobre juventude, a uma grande causa de redempção e de liberdade. Nestes versos passa por vezes um sopro biblico de inspiração, de fé, de entusiasmo, que nos commove e arrebatá. E este vate, este apostolo, este propheta, tinha apenas dezoito annos, quando os escreveu, os mais vibrantes versos épicos que uma sublime causa social já ditou em linguagem portugûesa...

CASTRO ALVES,

A CACHOEIRA

DE

PAULO-AFFONSO

POEMA

ORIGINAL. BRAZILEIRO

Fragmento dos — ESCRAVOS —, sob o título de

MANUSCRIPTOS DE STENIO



BAHIA

IMPRESA ECONOMICA

22 — Rua dos Algibebes — 22

1876

Reprodução do frontespício da edição original da *Cachoeira de Paulo Affonso*.

A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

Je ne sais vraiment si j'aurai mérité qu'on dépose un jour un laurier sur mon cercueil. La poésie, quelque soit mon amour pour elle, n'a toujours été pour moi qu'un moyen consacré pour un but saint.

Je n'ai jamais attaché un trop grand prix à la gloire de mes poèmes, et peu m'importe qu'on les loue, ou qu'on les blâme. Mais ce sera un glaive, que vous devez placer sur ma tombe, car j'ai été un brave soldat dans la guerre de délivrance de l'humanité.

H. HEINE (*Reisebilder*).

A TARDE

Era a hora em que a tarde se debruça
Lá da crista das serras mais remotas...
E d'araponga o canto, que soluça,
Acorda os ecos nas sombrias grotas;
Quando sobre a lagoa, que s'embuça,
Passa o bando selvagem das gaivotas...
E a onça sobre as lapas salta urrando
Da cordilheira os visos abalando.

Era a hora em que os cardos rumorejam,
 Como um abrir de boccas inspiradas,
 E os angicos as comas espanejam
 Pelos dedos das auras perfumadas...
 A hora em que as gardenias, que se beijam,
 São timidas, medrosas desposadas;
 E a pedra... a flor... as selvas... os condores
 Gaguejam... fallam... cantam seus amores!

Hora meiga da tarde! Como és bella
 Quando surges do azul da zona ardente!
 — Tu és do céu a pallida donzella,
 Que se banha nas thermas do oriente...
 Quando é gotta do banho cada estrella,
 Que te rola da espadua refulgente...
 E — prendendo-te a trança a meia lua —
 Te enrolas em neblinas semi-núa!...

Eu amo-te, ó mimosa do infinito!
 Tu me lembras o tempo em que era infante.
 Inda adora-te o peito do precito
 No meio do martyrio excruciante;
 E se não te dá mais da infancia o grito
 Que menino elevava-te arrogante,
 E' que agora os martyrios foram tantos,
 Que mesmo para o riso só tem prantos!.

Mas não me esqueço nunca dos fragedos
 Onde infante selvagem me guiavas,
 E os ninhos do *soffrer* que entre os sylvedos
 Da embaiba nos ramos me apontavas;
 Nem mais tarde, dos languidos segredos
 De amor do nenuphar que enamoravas...
 E as tranças mulheris da granadilha!...
 E os abraços fogosos da baunilha!..

E te amei tanto — cheia de harmonias,
A murmurar os cantos da serrana,
A lustrar o broquel das serranias, —
A dourar dos rendeiros a cabana...
E te amei tanto — á flor das agoas frias —
Da lagôa agitando a verde canna,
Que sonhava morrer entre os palmares,
Fitando o céu ao tom dos teus cantares!...

Mas hoje, da procella aos estridores,
Sublime, desgrenhada sobre o monte,
Eu quizera fitar-te entre os condores
Das nuvens arruivadas do horizonte...
— Para então —, do relampago aos livores,
Que descubrem do espaço a larga fronte,
Contemplando o infinito... na floresta,
Rolar ao som da funeral orchestra!!

MARIA

Onde vaes á tardesinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A grama um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas!
O bando das rôlas bravas

Voou com medo de ti!...
 Levas hoje algum segredo...
 Pois te voltaste com medo
 Ao grito do *bem-te-vi*.

Serão amores devéras?
 Ah! Quem dessas primaveras
 Podesse a flor apanhar!
 E contigo, ao tom d'aragem,
 Sonhar na rêde selvagem...
 A' sombra do azul palmar!

Bem feliz quem na viola
 Te ouvisse a moda hespanhola
 Da lua ao frouxo clarão...
 Com a luz dos astros — por cirios,
 Por leito — um leito de lyrios...
 E por tenda a solidão!

.....

O BAILE NA FLOR

Que bellas as margens do rio possante,
 Que ao largo espumante campêa sem par!...
 Ali das bromelias nas flores douradas
 Ha sylphos e fadas, que fazem seu lar..

E em lindos cardumes
 Subtis vagalumes
 Accendem os lumes
 P'ra o baile na flor.

E então, nas arcadas
Das pet'las douraças,
Os grillos em festa
Começam na orchestra
Febris á tocar..

E as breves
Phalenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando
Girando,
Walsando,
Voando
No ar!...

NA MARGEM

Vamos! vamos! Aqui por entre os juncos
Eil-a a canôa, em que eu pequena outr'ora
Voava nas marêtas.. Quando o vento,
Abrindo o peito á camisinha humida,
Pela testa enrolava-me os cabellos,
Ella voava qual marêta brava
No dorso crespo da feral enchente!

Voga, minha canôa! Voga ao largo!
Deixa a praia, onde a vaga morde os juncos,
Como na matta os caititús bravios...

Filha das ondas! andorinha arisca!
 Tu, que outr'ora levavas minha infancia
 — Pulando alegre no espumante dorso
 Dos cães marinhos a morder-te a prôa —,
 Leva-me agora a mocidade triste
 Pelos ermos do rio ao longe.. ao longe.. ”

Assim dizia a Escrava.

Iam cahindo
 Dos dedos do crepusc'lo os véus de sombra,
 Com que a terra se vela, como noiva,
 Para o doce hymeneu das noites limpidas.

Lá no meio do rio, que scintilla,
 Como o dorso de enorme crocodillo,
 Já manso e manso escôa-se a canôa.

Parecia, assim vista ao sol poente,
 Desses ninhos, que tombam sobre o rio,
 E onde em meio das flores vão chilrando
 — Alegres sobre o abysmo — os passarinhos!...

.... ..

Tu guardas algum segredo?
 Maria, estás á chorar!
 Onde vaes? Porque assim foges
 Rio a baixo a deslisar?

Pedra, não tens o teu musgo?
 Não tens um favonio — flor?
 Estrella — não tens um lago?
 Mulher — não tens um amor?

A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro! vem comigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar!
Vamos lá dos geraes, que o vento açoita,
Dos verdes capinzaes n'agreste moita
A perdiz levantar!..

Mas não!.. Pousa a cabeça em meus joelhos..
Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos
O céu se illuminou.
Eis subito, da barra do occidente,
Doudo, rubro, veloz, incandescente,
O incendio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...
As asas foscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimaças
Se enrola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,
Que, no espaço vibrando a cauda enorme,
Ferra os dentes no chão...
Nas rubras roscas estortega as mattas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do roto coração!...

O incendio — leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado

Aos pampeiros dos céus!..
 Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
 Queimado. retorcendo na hecatomba
 Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!
 A hirãra pula; o cascavel chocalha...
 Raiva, espuma o tapir!
 E às vezes sobre o cume de um rochedo
 A corça e o tigre — naufragos do medo —
 Vão tremulos se unir!

Então passa-se ali um drama augusto...
 N'último ramo do páu d'arco adusto
 O jaguar se abrigou..
 Mais rubro é o céu... Recresce o fogo em mares,
 E após tombam as selvas seculares...
 E tudo se acabou!...

LUCAS

Quem fosse n'aquella hora,
 Sobre algum tronco lascado,
 Sentar-se no descampado
 Da solitaria ladeira,
 Veria descer da serra,
 Onde o incendio vae sangrento,
 A passo tardio e lento,

Um bello escravo da terra
Cheio de viço e valor...
Era o filho das florestas!
Era o escravo lenhador!

Que bella testa espaçosa,
E sob o chapéu de couro
Que cabelleira abundante!
De marchetada giboia
Pende-lhe a rasto o facão...
E assim... erguendo o machado
Na larga e robusta mão...
Aquelle vulto soberbo,
— Vivamente alumiado,
Atravessa o descampado,
Como uma estatua de bronze,
Do incendio ao fulvo clarão.

Desceu a encosta do monte,
Tomou do rio o caminho...
E foi cantando baixinho,
Como quem canta p'ra si.

Era uma dessas cantigas
Que elle um dia improvisara,
Quando junto da coivára
Faz-se o escravo — trovador;
Era um canto languoroso,
Selvagem, bello, vivace,
Como o caniço que nasce
Sob os raios do Equador.

Eu gosto dessas cantigas,
Que me vem lembrar a infancia;
São minhas velhas amigas,

Por ellas morro de amor.
Deixae ouvir a toada
Do captivo lenhador.

E o sertanejo assim solta a tyrana
Descendo lento p'ra a servil cabana:

TYRANA

“Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não ha;
O beija-flor quando passa
Julga ver o manacá.

“Minha Maria é morena
Como as tardes de verão;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

“Companheiros! o meu peito
Era um ninho sem senhor;
Hoje tem um passarinho
P'ra cantar o seu amor.

“Trovadores da floresta!
Não digam a ninguem, não,
Que Maria é a baunilha
Que me prende o coração.

“Quando eu morrer só me enterrem
Junto ás palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral...”

A SENZALA

Qual o veado, que buscou o aprisco,
Balindo arisco, para a serra corre...
Ou como pombo, que os arrulhos solta,
Se ao ninho volta quando a tarde morre...

Assim, cantando a pastoril ballada,
Já na explanada o lenhador chegou.
Para a cabana da gentil Maria
Com que alegria a suspirar marchou!

Eil-a a casinha. tão pequena e bella!
Como é singela com seus brancos muros!
Que liso tecto de sapé dourado!
Que ar engraçado! que perfumes puros!

Abre a janella para o campo verde,
Que além se perde pelos serros nós...
A testa enfeitada da infantil choupana
Verde liana de festões azues.

E' este o galho da rolinha brava,
Aonde a escrava seu viver abriga...
Canta a jandaia sobre a curva rama
E alegre chama sua dona amiga.

Aqui n'aurora, abandonando os ninhos,
 Os passarinhos vem pedir-lhe pão;
 Pousam-lhe alegres nos cabellos bastos,
 Nos seios castos, na pequena mão:

Eis o painel encantado,
 Que eu quiz pintar, mas não pude..
 Lucas melhor o traçara
 Na canção suave e rude.
 Vêde que olhar, que sorriso
 Se expande no bronzeo rosto,
 Vendo o lar do seu amor.
 Ai! Da luz do Paraíso
 Bate-lhe em cheio o fulgor.

DIALOGO DOS ECHOS

E chegou-sê p'ra a vivenda
 Risonho, calmo, feliz...
 Escutou.. mas só ao longe
 Cantavam as juritis...
 Murmurou: "Vou surp'rendel-a!"
 E a porta ao toque cedeu...
 "Talvez agora sonhando
 Diz meu nome o labio seu,
 Que a dormir nada prevê.. "

E o echo responde: — Vê!..

“Como a casa está tão triste!
Que aperto no coração!...
Maria!... Ninguém responde!
Maria, não ouves, não?...
Aqui vejo uma saudade
Nos braços de sua cruz..
Que querem dizer taes prantos,
Que rolaram tantos, tantos,
Sobre as faces da saudade
Sobre os braços de Jesus?...
Oh! quem me empresta uma luz?...
Quem me arranca a ansiedade,
Que no meu peito nasceu?
Quem d’este negro mysterio
Me rasga o sombrio veu?...”

E o echo responde: — Eu!...

E chegou-se para o leito
Da casta flor do sertão...
Apertou co’ a mão convulsa
O punhal e o coração!...
Stava inda tepido o ninho
Cheio de aromas suaves...
E — como a penna, que as aves
Deixam no musgo ao voar —
Um anel de seus cabellos
Jazia cortado á esmo
Como reliquia no altar!
Talvez prendendo nos élos
Mil suspiros, mil anhelos,
Mil soluços, mil desvelos,
Que ella deu-lhes p’ra guardar!.

E o pranto em baga a rolar..

“Onde a pomba foi perder-se?
Que céu minha estrella encerra?
Maria, pobre creança,
Que fazes tu sobre a terra?”

E o echo responde — Erra!

“Partiste! Nem te lembraste
D’este martyrio sem fim!...
Não! perdôa... tu choraste
E os prantos, que derramaste,
Foram vertidos por mim...
Houve pois um braço extranho,
Robusto, feroz, tamanho,
Que pode esmagar-te assim?...”

E o echo responde — Sim!

E rugiu: “Vingança! guerra!
Pela flor, que me deixaste,
Pela cruz, em que resaste,
E que teus prantos encerra!
Eu juro guerra de morte
A quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra...
Vê como este braço é forte!
Vê como é rijo este ferro!
Meu golpe é certo... não erro.

Onde ha sangue, sangue escorre!..
Villão! Deste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te soccorre!!...”

E o echo responde — Corre!

Como o cão elle em torno o ar aspira,
 Depois se orientou;
 Fareja as hervas... descobriu a pista
 E rapido marchou.

.....
 No entanto sobre as aguas, que scintillam,
 Como o dorso de enorme crocodillo,
 Já manso e manso escôa-se a canôa;
 Parecia assim vista — ao sol poente —
 Esses ninhos, que o vento lança ás aguas,
 E que na enchente vão boiando á tôa!

O NADADOR

Eil-o que ao rio arroja-se;
 As vagas bipartiram-se;
 Mas rijas contrahiram-se
 Por sobre o nadador...
 Depois s'entreabre lugubre
 Um circulo symbolico.
 E' o riso diabolico
 Do pego zombador!

Mas não! Do abysmo indomito
 Surge-me um rosto pallido,
 Como o Neptuno esqualido
 Que amaina a crina ao mar;
 Fita o batel longinquo
 Na sombra do crepusculo,
 Rasga com ferreo musculo
 O rio par a par

Vagas! Dalilas perfidas!
Moças, que abris um tumulo,
Quando do amor no cumulo
Fingis nos abraçar!
O nadador intrepido
Vos toca as têtas cerulas...
E após — zombando — as perolas
Vos quebra do collar.

Vagas, curvae-vos timidas!
Abri fileiras pavidas
A's mãos possantes, avidas
Do nadador audaz,
Bello de força olympica
— Soltos cabellos humidos —
Braços herculeos, tunidos...
E' o rei dos vendavaes!

Mas ai! Lá ruge proxima
A correnteza horrida,
Como da zona torrida
A boicinga a urrar...
E' lá que o rio indomito,
Como o corcel da Ukrania,
Rincha a saltar de insania,
Freme e se atira ao mar.

Tremeste? Não, qu'importa-te
Da correnteza o estridulo?
Se ao longe vês teu idolo,
Ao longe irás tambem...
Salta á garupa humida
Deste corcel titanico..
— Novo Mazzeppa oceanico —
Além! além! além!...

NO BARCO

— Lucas! — Maria! murmuraram juntos...
E a moça em pranto lhe cahiu nos braços.
Jámais a parasita em floreatos laços
Assim ligou-se ao piquiá robusto.

Eram-lhe as tranças a cair no busto
Os esparsos festões da granadilha...
Tepido aljofar o seu pranto brilha,
Depois resvala no moreno seio...

Oh! doces horas de suave enleio!
Quando o peito da virgem mais arqueja,
Como o casal da rola sertaneja,
Se a ventania lhe sacode o ninho.

Cantae, ó brisas, mas cantae baixinho!
Passae, ó vagas..., mas passae de manso!
Não perturbeis-lhe o placido remanso,
Vozes do ar! emanações do rio!

“Maria, falla!” — “Que acordar sombrio”
Murmura a triste com um sorriso louco,
“No Paraiso eu descansava um pouco.
Tu me fizeste despertar na vida..

“Porque não me deixaste assim pendida
Morrer co’a fronte occulta no teu peito?
Lembrei-me os sonhos do materno leito
Nesse momento divinal.. Qu’importa?...

“Toda esperança para mim ’stá morta.
Sou flor manchada por cruel serpente.
Só de encontro nas rochas póde a enchente
Lavar-me as nodoas, m’esfolhando a vida.

“Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida.
Tu! — parte! volve para os lares teus.
Nada perguntes.. é um segredo horrivel...
Eu te amo ainda.. mas agora — adeus!”

ADEUS

— Adeus — Ai! creança ingrata!
Pois tu me disseste — adeus —?
Loucura! melhor seria
Separar a terra e os céus.

“ — Adeus! — palavra sombria!
De uma alma gelada e fria
E’s a derradeira flor.

— Adeus! — miseria! mentira
De um seio que não suspira,
De um coração sem amor.

“Ai, Senhor! A rola agreste
Morre se o par lhe faltou.
O raio que abraza o cedro
A parasita abrazou.

“O astro namora o orvalho :
— Um é a estrella do galho,
— Outro o orvalho da amplidão.

Mas, á luz do sol nascente,
Morre a estrella — no poente !
O orvalho — morre no chão !

“Nunca as neblinas do valle
Souberam dizer-se — adeus —
Se unidas partem da terra,
Perdem-se unidas nos céus.

“A onda expira na plaga,
Porém vem logo outra vaga
P’ra morrer da mesma dor.

— Adeus — palavra sombria !
Não digas — adeus —, Maria !
Ou não me falles de amor !”

MUDO E QUEDO

E calado ficou... Do pranto as bagas
Pelo moreno rosto deslisaram,
Qual da b’raúna, que o machado fere,
Lagrimas saltam de um sabor amargo.

Mudos, quedos os dous neste momento
Mergulhavam no dedalo da angustia,
No labyrintho escuro da desgraça...
Labyrintho sem luz, sem ar, sem fio..

Que dor, que drama torvo de agonias
 Não vae n'aquellas almas!... Dor sombria
 De ver quebrado aquelle amor tão santo,
 De lembrar que o passado está passado...
 Que a esperança morreu, que surge a morte!...
 Tanta illusão!... tanta caricia meiga!
 Tanto castello de ventura feito
 A' beira do riacho, ou na campanha!...
 Tanto extase innocente de amorosos!..
 Tanto beijo na porta da choupana,
 Quando a lua invejosa no infinito
 Com uma benção de luz sagrava os noivos!...

Não mais! não mais! O raio, quando esgalha
 O ipé secular, atira ao longe
 Flores, que ha pouco se beijavam n'hastea,
 Que unidas nascem, juntas viver pensam,
 E que jámais na terra hão de encontrar-se.

Passou-se muito tempo... Rio abaixo
 A canôa corria ao tom das vagas.
 De repente elle ergueu-se hirto, severo,
 — O olhar em fogo, o riso convulsivo —
 Em golfadas lançando a voz do peito!..

“Maria! — diz'-me tudo... Falla! falla
 Em quanto eu posso ouvir... Creança, escuta!
 Não vês o rio?... é negro!... é um leito fundo..
 A correnteza estrepitando arrasta
 Uma palmeira, quanto mais um homem!...
 Pois bem! Do seio turgido do abysmo
 Ha de romper a maldição do morto;
 Depois o meu cadaver negro, livido,
 Irá seguindo a esteira da canôa
 Pedir-te inda que falles, desgraçada,
 Que ao morto digas o que ao vivo occultas!.. ”

Era tremenda aquella dôr selvagem,
Que rebentava emfim, partindo os diques
Na furia desmedida!...

Em meio ás ondas

Ia Lucas rolar...

Um grito fraco,
Uma tremula mão susteve o escravo...
E a pallida, creança, desvairada,
Aos pés caiu-lhe a desfazer-se em pranto.

Ella encostou-se ao peito do selvagem
— Como a violeta, as faces escondendo
Sob a chuva nocturna dos cabellos —!
Lenta e sombria após contou d'est'arte
A treda historia desse tredo crime!...

NA FONTE

I

“Era hoje ao meio dia.
Nem uma brisa macia
Pela savana bravia
Arrufava os hervaçaes...
Um sol de fogo abrazava;
Tudo a sombra procurava;
Só a cigarra cantava
No tronco dos coqueiræes.

II

“Eu cobri-me da mantilha,
Na cabeça puz a bilha,
Tomei do deserto a trilha,
Que lá na fonte vae dar.
Cançada cheguei na matta:
Alli, na sombra, a cascata
As alvas tranças desata
Como uma moça a brincar.

III

“Era tão densa a espessura!
Corria a brisa tão pura!
Reinava tanta frescura,
Que eu quiz me banhar alli.
Olhei em roda... Era quedo
O matto, o campo, o rochedo..
Só nas galhas do arvoredado
Saltava alegre o sagui.

IV

“Junto ás aguas crystalinas
Despi-me louca, traquinas,
E as roupas alvas e finas
Atirei sobre os cipós.
Depois mirei-me innocente,
E ri vaidosa... e contente...
Mas voltei-me de repente.
Como que ouvira uma voz!

V

“Quem foi que passou ligeiro,
Mexendo ali no engazeiro,
E se embrenhou no balseiro,
Rachando as folhas do chão?..
Quem foi? — Da matta sombria
Uma vermelha cotia
Saltou tímida e bravia,
Em procura do sertão.

VI

“Chamei-me então de creança;
A meus pés a onda mansa
Por entre os juncos s’entraça
Como uma cobra a fugir!
Mergulho o pé docemente;
Com o frio fujo á corrente.
De um salto após de repente
Fui dentro d’agua cair.

VII

“Quando o sol queima as estradas,
E nas varzeas abrasadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem novellos de pó,
Como é doce em meio as cannas,
Sob um tecto de lianas,
Das ondas nas espadanas
Banhar-se despida e só!.

VIII

“Rugitavam os palmares..
Em torno dos nenuphares
Zumbiam pejando os ares
Mil insectos de rubim..
Eu n'aquelle leito brando
Rolava alegre cantando...
Subito.. um ramo estalando
Salta um homem junto a mim!”

NOS CAMPOS

“Fugi desvairada!
Na moita intrincada,
Rasgando uma estrada,
Fugaz me embrenhei.
Apenas vestindo
Meus negros cabellos,
E os seios cobrindo
Com os tremulos dedos,
Ligeira voei!

“Saltei as torrentes.
Trepei dos rochedos
Aos cimos ardentes,
Nos invios caminhos,
Cobertos de espinhos,
Meus passos mesquinhos
Com sangue marquei!

“Avante! corramos!
Corramos ainda!...
Da selva nos ramos
A sombra é infinda.
A matta possante
Ao filho arquejante
Não nega um abrigo.
Corramos ainda!
Corramos! avante!

“Debalde! a floresta
— Madrasta impiedosa
A pobre chorosa
Não quiz abrigar!

“Pois bem! Ao deserto!
“De novo, é loucura!
Seguindo meus traços
Escuto seus passos
Mais perto! mais perto!
Já queima-me os hombros
Seu halito ardente.
Já vejo-lhe a sombra
Na humida alfombra...
Qual negra serpente,
Que vae de repente
Na presa saltar!.

Na douda
Corrida,
Vencida,
Perdida,
Quem me ha de salvar?”

NO MONTE

“Parei... Volvi em torno os olhos assombrados...
Ninguém! A solidão pejava os descampados!.
Restava inda um segundo... um só p’ra me salvar;
Então reuni as forças, ao céu ergui o olhar...
E do peito arranquei um pavoroso grito,
Que foi bater em cheio ás portas do infinito!
Ninguém! Ninguém me acode... Ai! só de monte em monte
Meu grito ouvi morrer na extrema do horizonte!.
Depois a solidão ainda mais calada
Na mortalha envolveu a serra descampada!

“Ai! que póde fazer a rola triste
Se o gavião nas garras a espedaça?
Ai! que faz o cabrito no deserto,
Quando a giboia no potente aperto
Em roscas ferreas o seu corpo enlaça?

“Fazem, como eu... Resistem, batem, luctam,
E finalmente expiram de tortura...
Ou, se escapam trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gottejantes,
Morrer á sombra da floresta escura!...

“E agora está concluída
Minha historia desgraçada.
Quando caí — era virgem,
Quando ergui-me — deshonrada!”

SANGUE DE AFRICANO

Aqui sombrio, fero, delirante
Lucas ergueu-se como o tigre bravo..
Era a estatua terrivel da vingança...
O selvagem surgiu.. sumiu-se o escravo.

Crispado o braço, no punhal segura!
Do olhar sangrentos raios lhe resaltam,
Qual das janellas de um palacio em chammas
As labaredas, irrompendo, saltam.

Com o gesto bravo, sacudido, fero,
A dextra ameaçando a immensidade..
Era um bronze de Achilles furioso
No punho concentrando a tempestade!

No peito arfando o coração sacode
O sangue que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da Lybia,
Que ora referve no Equador ardente.

AMANTE

“Basta, creança! Não soluces tanto...
Enchuga os olhos, meu amor, enchuga!
Que culpa tem a clicia descahida
Se abelha envenenada o mel lhe suga?”

“Basta! Esta faca já contou mil gottas
De lagrimas de dor nos teus olhares.
Sorri, Maria! Ella jurou pagar-t’as
No sangue d’elle em gottas aos milhares.

“Porque volves os olhos desvairados?
Porque tremes assim, fragil creança?
Est’alma é como o braço, o braço é ferro,
E o ferro sabe o trilho da vingança.

“Se a justiça da terra te abandona,
Se a justiça do céu de ti se esquece,
A justiça do escravo está na força...
E quem tem um punhal nada carece!”

“Vamos! Acaba a historia... Lança a presa...
Não vês meu coração, que sente fome?
Amanhã chorarás; mas de alegria!
Hoje é preciso me dizer — seu nome!”

ANJO

“Ai! que vale a vingança, pobre amigo,
Se na vingança a honra não se lava? ..
O sangue é rubro, a virgindade é branca —
O sangue augmenta da vergonha a bava.

“Se nós fomos sómente desgraçados,
Para que miseraveis nos fazemos?
Deportados da terra assim perdemos
De além da campa as regiões sem termos.

“Ai! não manches no crime a tua vida,
Meu irmão, meu amigo, meu esposo!..
Seria negro o amor de uma perdida
Nos braços a sorrir de um criminoso!.. ”

DESESPERO

“Crime! Pois será crime se a giboia
Morde silvando a planta, que a esmagara?
Pois será crime se o jaguar nos dentes
Quebra do indio a perfida taquara?

“E nós que somos, pois? Homens? Loucura!
Familia, leis e Deus lhes coube em sorte.
A familia no lar, a lei no mundo...
E os anjos do Senhor depois da morte.

“Tres leitos, que succedem-se macios,
Onde rolam na santa ociosidade..
O pae o embala. a lei o acaricia..
O padre lhe abre a porta á eternidade.

“Sim! Nós somos reptis.. Qu'importa a especie?
— A lesma é vil, — o cascavel é bravo.
E vens fallar de crimes ao captivo?
Então não sabes o que é ser escravo!.. .

“Ser escravo — é nascer no alcouce escuro
Dos seios infamados da vendida.
Filho da perdição no berço impuro
Sem leite para a bocca resequida... ”

E' mais tarde, nas sombras do futuro,
Não descobrir estrella foragida.
E' ver — viajante morto de cansaço —
A terra — sem amôr!... sem Deus — o espaço!

“Ser escravo — é, dos homens repellido,
Ser tambem repellido pela féra;
Sendo dos dous irmãos pasto querido,
Que o tigre come e o homem dilacera.
— E' do lodo no lodo sacudido
Ver que aqui ou além nada o espera,
Que em cada leito novo ha mancha nova...
No berço.. após no tóro... após na cova!..

“Crime! Quem te fallou, pobre Maria,
Desta palavra estúpida?... Descansa!
Foram elles talvez?!... E' zombaria...
Escarnecem de ti, pobre creança!
Pois não vês que morremos todo dia
Debaixo do chicote, que não cansa?
Emquanto do assassino a frente calma
Não revela um remorso de sua alma?

“Não! Tudo isto é mentira! O que é verdade
E' que os infames tudo me roubaram...
Esperança, trabalho, liberdade
Entreguei-lhes em vão. não se fartaram.
Quizeram mais... Fatal voracidade!
Nos dentes meu amor espedaçaram...
Maria! Ultima estrella de minh'alma!
O que é feito de ti, virgem sem palma?

“Pomba — em teu ninho as serpes te morderam.
Folha — rolaste no paul sombrio.
Palmeira — as ventanias te romperam.
Corça — afogaram-te as caudaes do rio.
Pobre flor — no teu calice beberam,
Deixando-o depois triste e vazio...
— E tu, irmã! e mãe! e amante minha!
Queres que eu guarde a faca na bainha!

“O’ minha mãe! ó martyr africana,
Que morreste de dor no captiveiro!
Ai! sem quebrar aquella jura insana,
Que jurei no teu leito derradeiro,
No sangue desta raça impia, tyranna
Teu filho vae vingar um povo inteiro!...
Vamos, Maria! Cumpra-se o destino..
Dize! dize-me o nome do assassino!...”

“Virgem das Dores
Vem dar-me alento,
Neste momento
De agro soffrer!
Para occultar-lhe
Busquei a morte...
Mas vence a sorte,
Deve assim ser.

“Pois que seja! Debalde pedi-te,
Ai! debalde a teus pés me rojei..
Porém antes escuta esta historia...
Depois della... o *seu* nome direi!”

HISTORIA DE UM CRIME

“Fazem hoje muitos annos
Que de uma escura senzala
Na estreita e lodosa sala
Arquejava ua mulher.
Lá fóra por entre as urzes
O vendaval s’extorcia.
E aquella triste agonia
Vinha mais triste fazer.

“A pobre soffria muito.
Do peito cançado, exangue,
A’s vezes rompia o sangue
E lhe inundava os lençóes.
Então, como quem se agarra
A’s ultimas esperanças,
Duas pavidas creanças
Ella olhava. e ria após.

“Que olhar! que olhar tão extenso!
Que olhar tão triste e profundo!
Vinha já de um outro mundo,
Vinha talvez lá do céu.
Era o raio derradeiro,
Que a lua, quando se apaga,
Manda por cima da vaga
Da espuma por entre o véu.

“Ainda me lembro agora
Daquella noite sombria,
Em que ua mulher morria
Sem rezas, sem oração!...
Por padre — duas creanças..

E apenas por sentinella
Do Christo a face amarella
No meio da escuridão.

“A’s vezes n’aquella fronte
Como que a morte pousava
E da agonia aljofrava
O derradeiro suor...
Depois acordava a martyr,
Como quem tem um segredo..
Ouvia em torno com medo,
Com susto olhava em redor.

“Emfim, quando noite velha
Pesava sobre a mansarda,
E sómente o cão de guarda
Ladrava aos ermos sem fim,
Ella, nos braços sangrentos
As creanças apertando,
N’um tom meigo, triste e brando
Poz-se a fallar-lhes assim:

ULTIMO ABRAÇO

Filho, adeus! Já sinto a morte,
Que me esfria o coração.
Vem cá... Dá-me a tua mão..
Bem vês que nem mesmo tu
Podes dar-lhe novo alento!...
Filho, é o ultimo momento...
A morte — a separação!

Ao desamparo, sem ninho,
Ficas, pobre passarinho,
Neste deserto profundo,
Pequeno, captivo e nú!...

“Que sina, meu Deus! que sina
Foi a minha neste mundo!
Presa ao céu — pelo desejo,
Presa á terra — pelo amor!..
Que importa! é tua vontade?
Pois seja feita, Senhor!

“Pequei!... foi grande o meu crime,
Mas é maior o castigo...
Ai! não bastava a amargura
Das noites ao desabrigo;
De espedaçarem-me as carnes
O tronco, o açoite, a tortura,
De tudo quanto soffri.
Era preciso mais dores,
Inda maior sacrificio...
Filho! bem vês meu supplicio...
Vão separar-me de ti!

“Chega-te perto... mais perto;
Nas trevas procura ver-te
Meu olhar, que treme incerto,
Perturbado, vacillante...
Deixa em meus braços prender-te
P’ra não morrer neste instante;
Inda tenho que fazer-te
Uma triste confissão...
Vou revelar-te um segredo
Tão negro, que tenho medo
De não ter o teu perdão!...

Mas não!
Quando um padre nos perdôa,
Quando Deus tem piedade,
De um filho no coração
Uma mãe não bate á tôa.

MÃE PENITENTE

“Ouve-me, pois!... Eu fui uma perdida;
Foi este o meu destino, a minha sorte..
Por esse crime é que hoje perco a vida,
Mas d'elle em breve ha de salvar-me a morte!

“E minh'alma, bem vês, que não se irrita,
Antes bemdiz estes mandões ferozes.
Eu seria talvez por ti maldita,
Filho! sem o baptismo dos algozes!

“Porque eu pequei.. e do peccado escuro
Tu foste o fructo candido, innocente,
— Borboleta, que sae do lodo impuro..
— Rosa, que sae de — putrida semente!

“Filho! Bem vês... fiz o maior dos crimes:
— Criei um ente para a dor e a fome!
Do teu berço escrevi nos brancos vimes
O nome de bastardo — impuro nome.

“Por isso agora tua mãe te implora
E a teus pés de joelhos se debruça.
Perdôa á triste — que de angustia chora,
Perdôa á martyr — que de dor soluça!

“Mas um gemido a meus ouvidos sôa.
Que pranto é este que em meu seio rola?
Meu Deus, é o pranto seu que me perdôa.
Filho, obrigada pela tua esmola!”

O SEGREDO

“Agora vou dizer-te porque morro;
Mas has de jurar primeiro,
Que jámais tuas mãos innocentes
Ferirão meu algoz derradeiro.
Meu filho, eu fui a victima
Da raiva e do ciume.
Matou-me como um tigre carniceiro,
Bem vês,
Uma branca mulher, que em si resume
Do tigre — a malvadez,
Do cascavel — o rancor!...
Deixo-te pois...
— Um grito de vingança?
— Não, pobre creança!..
Um crime a perdoar. o que é melhor!...

“Depois, teve razão... Esta mulher
E’ tua e minha *senhora!*..

“Lucas, silencio! que por ella implora
Teu pae... e teu irmão!..

“Teu irmão, que é seu filho... (ó magua e dor)
Teu pae — que é seu marido... e teu senhor!...

“Juras não me vingar? — O’ mãe, eu juro
Por ti, pelos beijos teus!

“ — Obrigada! agora... agora
Já nada mais me demora...
Deus! — recebe a peccadora!
Filho! — recebe este adeus!” —

Quando, rompendo as barras do oriente,
A estrella da manhã mais desmaiava,
E o vento da floresta ao céu levava
O canto jovial do *bem-te-vi*,
Na casinha de palha uma creança,
Da defunta abraçando o corpo frio,
Murmurava chorando em desvario:
— Eu não me vingo, ó mãe... juro por ti!... —

Maria calou-se. Na frente do escravo
Suor de agonia gelado passou;
Com riso convulso murmura: “Que importa
Se o filho da escrava na campá jurou?!”

“Que tem o passado com o crime de agora?
Que tem a vingança, que tem com o perdão?”
E como arrancando do craneo uma idéa
Na frente corria-lhe a gelida mão..

“Esquece o passado!... Que morra no olvido...
 Ou antes relembra-o cruento, feroz!
 Legenda de lodo, de horror e de crimes
 E gritos de victima e risos de algoz!

“No frio da cova que jaz na esplanada,
 — Vingança — murmuram os ossos dos meus!”

— “Não ouves um canto, que passa nos ares?
 — Perdôa! — respondem as almas nos céus!”

— “São longos gemidos do seio materno
 Lembrando essa noite de horror e traição!”

— “E’ o flebil suspiro do vento, que outr’ora
 Bebera nos labios da morta o perdão!.. ”

E descaiu profundo
 Em longo meditar...
 Após sombrio e fero
 Viram-n’o murmurar:

“Mãe! na região longinqua
 Onde tua alma vive,
 Sabes que eu nunca tive
 Um pensamento vil.
 Sabes que esta alma livre
 Por ti curvou-se escrava;
 E devorou a bava...
 E tigre — foi reptil!

“Nem um tremor correra-me
 A face fustigada!
 Beije a mão armada

Com o ferro que a feriu...
 Filho, de um pae miserrimo
 Fui o fiel rafeiro.
 * Caim, irmão traiçoeiro!
 Feriste. e Abel sorriu,

“De tanto horror o cumulo,
 O’ mãe, alma celeste,
 Se perdoar quizeste,
 Eu perdoei tambem.
 Santificaste os miseros;
 Curvei-me reverente
 A *elles* tão sómente,
 Sómente. a mais ninguem!

“Ninguem! que a nada humilho-me
 Na terra, nem no espaço!..
 Póde ferir meu braço.
 — “Lucas! não póde, não!
 Misero! a mão que abra
 De tua mãe a cova...
 O golpe hoje renova!...
 Mata-me!... E’ teu irmão!.

CREPUSCULO SERTANEJO

A tarde morria! Nas aguas barrentas
 As sombras das margens deitavam-se longas;
 Na esguia atalaia das arvores seccas
 Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria! Dos ramos, das lascas,
 Das pedras, do lichen, das heras, dos cardos,
 As trevas rasteiras com o ventre por terra
 Sahiam, quaes negros, crueis leopardos. ●

A tarde morria! Mais funda nas aguas
 Lavava-se a galha do escuro engazeiro...
 Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
 Em musico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo! Marulho gigante!
 Talvez um silencio!.. Talvez uma orchestra...
 Da folha, do calix, das asas, do insecto..
 Do atomo á estrella... do verme — á floresta!...

As garças mettiam o bico vermelho
 Por baixo das asas — da brisa ao açoite;
 E a terra na vaga de azul do infinito
 Cobria a cabeça co'as pennas da noite!

Sómente por vezes, dos jungles das bordas
 Dos golfos enormes d'aquella paragem,
 Erguia a cabeça surpreso, inquieto,
 Coberto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em torno boiando,
 O vôo encurvavam medrosas, á tôa...
 E o timido bando pedindo outras praias
 Passava gritando por sobre a canôa!

... ..

O BANDOLIM DA DESGRAÇA

Quando de amor a Americana douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febrênta sobre a corda fina
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A gusla geme, s'estorcendo em ansias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto..
Chôro indizível... comprimir de peitos..
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja!
E mais nervosa corre a mão nas cordas!
Ai! tem piedade das creanças louras
Que soluçando no instrumento acordas!...

"Ai! tem piedade dos meus seios tremulos..."
Diz estalando o bandolim queixoso.
...E a mão palpita lhe apertando as fibras..
E fere, e fere em dedilhar nervoso!...

Sobre o regaço da mulher trigueira,
Douda, cruel, a execução delira!..
Então — co'as unhas cor de rosa, a moça,
Quebrando as cordas, o instrumento atira!..

..

Assim, desgraça, quando tu, maldita!
As cordas d'alma delirante vibras...
Como os teus dedos espedaçam rijos
Uma por uma do infeliz as fibras!

— Basta —, murmura esse instrumento vivo.
 — Basta —, murmura o coração rangendo.
 E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,
 Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,
 Aos teus harpejos, — gemebundas morrem!..
 Resta uma corda... — a dos amores puròs...
 E mais ardentes os teus dedos correm!...

E quando farta a cortezã cançada
 A pobre gusla no tapete atira,
 Que resta?... — ua alma, que não tem mais vida!
 Olhos sem pranto! desmontada lyra!..

A CANÔA PHANTASTICA

Pelas sombras temerosas
 Onde vae esta canôa?
 Vae tripolada ou perdida?
 Vae ao certo ou vae á tôa?

Semelha um tronco gigante
 De palmeira, que s'escôa...
 No dorso da correnteza,
 Como boia esta canôa!..

Mas não a branqueja a vela!
 N'agua o remo não resôa!
 Serão phantasmas, que descem
 Na solitaria canôa?

Que vulto é este, sombrio,
Gelado, immovel, na prôa?
Dir-se-hia o genio das sombras
Do inferno sobre a canôa!..

Foi visão? Pobre creança!
A' luz, que dos astros cõa,
E' teu, Maria, o cadaver,
Que desce nesta canôa?

Cahida, pallida, branca!.
Não ha quem d'ella se dôa?!.
Vão-lhe os cabellos á rastos
Pela esteira da canôa!...

E as flores roseas dos golfos,
— Pobres flores da lagôa,
Enrolam-se em seus cabellos
E vão seguindo a canôa!.

O SÃO FRANCISCO

Longe, bem longe dos cantões bravios,
Abrindo em alás os barrancos fundos;
Dourando o collo aos perennaes estios,
Que o sol atira nos modernos mundos;
Por entre a grita dos feraes gentios,
Que acampam sob os palmeirae profundos;
Do São Francisco a soberana vaga
Leguas e leguas triumphante alága!

Ante-manhã, sob o sendal da bruma,
 Elle vagia na vertente ainda,
 — Lympha amorosa — co'a nitente espuma
 Orlava o seio da Mineira linda;
 Ao meio dia, quando o solo fuma
 Ao bafo morto de ua calma infinda,
 Viram-no aos beijos, delamber demente
 As rijas fórmãs da cabocla ardente.

Insano amante! Não lhe mata o fogo
 O deleite da indigena lasciva...
 Vem — á busca talvez de desafogo
 Bater á porta da Bahiana altiva.
 Nas verdes cannas o gemente rogo
 Ouve-lhe á tarde a tabarôa esquiva...
 E talvez por magia... á luz da lua
 Molle a creança na caudal fluctua.

Rio soberbo! tuas aguas turvas
 Por isso descem lentas, peregrinas...
 Adormeces ao pé das palmas curvas
 Ao musico chorar das casuarinas!
 Os poldros soltos — retezando as curvas,
 Ao galope agitando as longas crinas,
 Rasgam alegres — relinchando aos ventos
 De tua vaga os turbilhões barrentos.

E tu desces, ó Nilo brasileiro,
 As largas *ypoeiras* alagando,
 E das aves o côro alviçareiro
 Vae nas balsas teu hymno modilhando!
 Como pontes aerias — do coqueiro
 Os cipós escarlates se atirando,
 De grinaldas em flor tecendo a arcada
 São arcos triumphaes de tua estrada!.

A CACHOEIRA

Mas subito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubeantes — no alvéo do rio —
Tremem as lapas dos titães coevas!..
Que grito é este sepulchral, bravio,
Que espanta as sombras ululantes, sevas?..
E' o brado atroador da catadupa
Do penhasco batendo na garupa!...

Quando no lodo fertil das paragens
Onde o Paraguassú rola profundo,
O vermelho novilho nas pastagens
Come os caniços do torrão fecundo;
Inquieto elle aspira nas bafagens
Da negra suc'ruiuba o cheiro immundo...
Mas já tarde... silvando o monstro vòa...
E o novilho preado os ares trôa!

Então doudo de dor, sanie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os valles vão clamando,
Fogem as aves em sentido choro..
Mas subito ella ás aguas o arrastando
Contrae-se para o negro sorvedouro.
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-hia que a caudal gigante
— Larga sucuruiuba do infinito —
Co'as escamas das ondas coruscante
Ferrara o negro touro de granito!..

Horrido, insano, triste, lacerante
Sobe do abysmo um pavoroso grito...
E medonha a suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava!..

Dilacerado o rio espadanando
Chama as aguas da extrema do deserto...
Atropella-se, empina, espuma o bando..
E em massa rúe no precipicio aberto.
Das grutas nas cavernas estourando
O coro dos trovões travam concerto.
E ao vel-o as aguias tontas, eriçadas
Caém de horror no abysmo estateladas.

A cachoeira! Paulo Affonso! O abysmo!
A briga collossal dos elementos!
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parceiros sangrentos.
Relutantes na dor do cataclysmo
Os braços do gigante suarentos
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)
O rio inteiro, que lhe cáe no hombro!

Grupo enorme do fero Laocoonte
Vira a Grecia acolá e a luta estranha!...
Do sacerdote o punho e a roxa fronte..
E as serpentes de Ténedos em sanha!...
Por hydra — um rio! Por augure — um monte!
Por aras de Minerva — uma montanha!
E em torno ao pedestal laçados, tredos,
Como filhos chorando-lhe — os penedos

UM RAIOS DE LUAR

Alta noite elle ergueu-se hirto, solemne.
Pegou na mão da moça. Olhou-a fito...

Que fundo olhar!

Ella estava gelada, como a garça
Que a tormenta ensopou longe do ninho,
No longo mar.

Tomou-a no regaço... assim no manto
Apanha a mãe a creancinha loura,

Tenra a dormir.

Apartou-lhe os cabellos sobre a testa
Pallida e fria... Era talvez a morte...

Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sobre os labios. Como treme
No somno asa de pombo, assim tremia-lhe

O resomnar.

E como o beija-flor dentro do ovo,
Ia-lhe o coração no niveo seio

A titilar.

Morta não era! Emtanto um rir convulso
Contrahira as feições do homem silente

— Riso fatal.

Dir-se-hia que antes a quizera rija,
Inteiriçada pela mão da noite,

Hirta, glacial!

Um momento de bruços sobre o abysmo
Elle, embalando-a, sobre o rio negro

Mais s'inclinou.
 N'esse instante o luar bateu-lhe em cheio,
 E um riso á flor dos labios da creança
 A' flux boiou!

Qual o murzelo do peihasco á borda
 Empina-se e cravando as ferraduras
 Morde o escarceo;
 Um calafrio percorreu-lhe os musculos..
 O vulto recuou!. A noite em meio
 Ia no céo!

DESPERTAR PARA MORRER

— “Acorda!”
 — “Quem me chama?”
 — “Escuta!”
 — “Escuto. ”

— “Nada ouviste?”
 — “Inda não. ”
 — “E' porque o vento
 Escaceou.”

— “Ouço agora... da noite na calada
 Uma voz que resomna cava e funda
 E após cançou!”

— “Sabes que voz é esta?”
 — “Não! semelha
 Do agonisante o derradeiro engasgo,
 Rouco estertor. ”

E calados ficaram, mudos, quedos,
 Mãos contrahidas, boccas sem alento.
 Hora de horror!.

LOUCURA DIVINA

- “Sabes que voz é esta?”
Ella scismava!...
- “Sabes, Maria?”
— “E’ uma canção de amores,
Que além gemeu!”
- “E’ o abysmo, creança!...”
A moça rindo
Enlaçou-lhe o pescoço:
— “Oh! não! não mintas
Bem sei que é o céu!”
- “Doida! doida! é a voragem que nos chama!..”
— “Eu ouço a Liberdade!”
— “E’ a morte, infante!
— “Erraste. E’ a salvação!”
- “Negro phantasma é quem me embala o esquife!”
— “Loucura! E’ tua Mãe... O esquife é um berço,
Que boia n’ampidão!...”
- “Não vês os pannos d’agua como alvejam
Nos penedos?... Que gelido sudario
O rio nos talhou!”
- “Veste-me o setim branco do noivado...
Roupas alvas de prata... alventes dobras.
Veste-me!... Eu aqui estou!”
- “Já na proa espadana, salta a espuma.. ”
— “São as flores gentis da lorangeira
Que o pego vem nos dar..
Oh! nevoa! Eu amo teu sendal de gaze!..
Abram-se as ondas como virgens louras,
Para a esposa passar!.

“As estrellas palpitam! — São as tochas!
 Os rochedos murmuram!... — São os monges!
 Reza um orgão nos céos!
 Que incenso! — Os rolos que do abysmo voam!
 Que thuribulo enorme — Paulo Affonso!
 Que sacerdote! — Deus. ”

.....

A' BEIRA DO ABYSMO

E DO INFINITO

A celeste Africana, a virgem — Noite
 Cobria as faces... Gotta a gotta os astros
 Cahiam-lhe das mãos no peito seu...
 Um beijo infindo suspirou nos ares...

A canôa rolava!. Abriu-se a um tempo
 O precipicio!. e o céu!...

Cf. a edição original, de 1876, com um manuscrito de Augusto Alvares Guimarães, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Neste vem datado: — “Fazenda Santa Isabel, 12 de Julho de 1870.”

Nota da edição original, de 1876:

“Lê-se no *Dezeseis de Julho*:

“Depois de quatorze legoas de viagem, desde a foz do Rio de S. Francisco, chega-se a esta cachoeira, de que se contam tantas grandezas fabulosas.

“Para bem descrevel-a, imaginae uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio de S. Francisco cahindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nivel ou á cavalleiro sobre a cabeça.

“Parece arrebentar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto á Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento á musica estrondosa de variados e diversos sons, produzidos pelos choques das aguas. Quer ellas venham correndo velocissimas ou saltando por cima das cristas de montanhas; quer indo em grandes massas de encontro a ellas, e dellas retrocedendo: cahindo em borbotão nos abysmos e delles se erguendo em humida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcóos; quer estourando como uma bomba; quer chegando-se aos vae-vens, e brandamente e com espadanhas ou em flocos de escuma alvissima como arminhos, — é um espectaculo assombroso e admiravel.

“A altura da grande queda foi calculada em 362 palmos. Ha 17 cachoeiras, que são verdadeiros degráus do alto throno, onde assentou-se o gigante de nome Paulo Affonso.

“Muitas grutas apresentam os rochedos deste logar, sombrias, arejadas, arruadas de crystalinas areias, banhadas de frigidias lymphas.

“S. M. o Imperador visitou esta cachoeira na manhã de 20 de Outubro de 1859. O Presidente das Alagoas, Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas, teve a idéa de erigir um monumento á visual imperial.”

(*Transcripta do Diario da Bahia.*)

1) *Manuscriptos de Stenio...* Na pagina de rosto da edição original da “A Cachoeira de Paulo Affonso” lê-se, em seguida a este titulo: “Poema original brasileiro. Fragmento dos — Escravos —. sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio. Bahia, etc., 1876*” A edição foi preparada por Augusto Alvares Guimarães, amigo, e já ligado a familia de Castro Alves, seu confidente e portanto autorizado interprete de seu pensamento.

Publicou Mucio Teixeira, em 1883, na livraria de Serafim José Alves, uma edição d'*Os Escravos*, "Poema brasileiro dividido em duas partes: I *A Cachoeira de Paulo Affonso*, II *Manuscriptos de Stenio*" Chamam-se ahí "manuscriptos de Stenio" ás poesias "O Seculo", "Visão dos mortos", "Vozes d'Africa", "Tragedia no lar", "O Navio Negroiro", "Adeus, meu canto", "Notas" (sobre a "Cachoeira" — ! —), "Carta ás Senhoras Bahianas"

Portanto, para Augusto Guimarães a "Cachoeira de Paulo Affonso" era os "manuscriptos de Stenio", fragmento do poema *Os Escravos*; para Mucio Teixeira são 6 das poesias deste poema os taes manuscriptos, e a "Cachoeira" já a estes não pertence...

Que criterio adoptar? Não vacillei: o de Castro Alves. Com effeito, entre os ineditos do Poeta, que me communicou D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, encontrei uma folha, do punho de Castro Alves, com o projecto ou o indice d'*Os Escravos*: começa com "O Seculo", seguem-se mais 29 poesias (publicadas algumas, muitas ineditas) e acaba com "A Cachoeira de Paulo Affonso": não allude a "Manuscriptos de Stenio"; assim fiz tambem.

"Stenio" é personagem do famoso romance de George Sand, *Lelia* (1833): era um joven poeta, apaixonado por um amor inaccessible, que resvala na orgia, e della morre... Acharia Castro Alves uma representação symbolica da propria vida? A emphase romantica de *Lelia* teria uma correspondencia no exagero poetico dessa interpretação, mais intellectual, que sentida ou vivida?

2) Nota da *Cachoeira de Paulo Affonso*. Esta nota, appensa á edição original do poema de Castro Alves, do *Dezeseis de Julho*, o jornal que de 1869 a 1870 dirigiu José de Alencar, no Rio de Janeiro, transcripta no *Diario da Bahia*, talvez dêsse ao Poeta a impressão da Cachoeira de Paulo Affonso, que elle não logrou pela visão directa, como pretendeu fazer. (Vide na "Correspondencia" a carta de 30 de Junho em que Augusto Guimarães se refere ao assumpto).

A' excepção do primeiro e do ultimo periodo, accrescentados pelo noticiario, o resto é, textualmente, co-

piado da *Viagem ás Cachoeiras de Paulo Affonso*, carta do Dr. José Vieira de Carvalho e Silva, escripta de Penedo, em 1854, ao Dr. Schuh de Capanema e publicada por Araujo Porto Alegre, na *Revista Tri-mensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, t. XXII, Rio de Janeiro, 1859, paginas 201-301. Algumas destas trazem a descripção da cachoeira (pag. 269-275), de onde, sem citar o autor, colheu o noticiarista da folha carioca os trechos de sua nota. Merece confronto a phrase de Carvalho e Silva que imagina “uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio de S. Francisco cahindo com toda sua força sobre as costas” e a sua transmutação epica nos versos do Poeta:

Reluctantes na dor do cataclysmo
Os braços do gigante suarentos
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)
O rio inteiro, que lhe cae no hombro!

A Cachoeira de Paulo Affonso — A Cachoeira, est. 6.^a, v. 6-8.

3) *Os Escravos*. Entre os papeis de Castro Alves foi encontrada esta pagina, talvez esboço ou transumpto de algum poema d'*Os Escravos*:

OS ESCRAVOS

“E’ noite! No alto de uma montanha Stenio e o bardo escutam as vozes ignotas da natureza. O espirito profundo de Stenio serve de interprete ás lamentações de terra (Africa-vozes).

Uma tristeza profunda lhe tem eivado a ancia de viver.

Ema — o espirito que Deus havia creado noiva do seu — acaba de morrer — isto é — attingir a perfeição.

Theoria do Spiritismo.

Differentes vidas, destas duas almas, atravez dos seculos.

Agar! O Ilota! O Gualez, etc., são as diversas encarnações.

A noite transmonta o meio. A chamma da fogueira chama ao valle os dois amigos.

A casa do caçador.

Stenio dorme.

Manuscriptos de um sonhador.

Quando a manhã desponta, o precito toma o caminho do tumulo de Ema.

Como suas almas vão viver juntas no outro mundo, suas cinzas repousarão á sombra da mesma grama.

Inda um momento o seu vulto se destaca na montanha...

Rompe o sol.

(Cf. com um manuscrito de D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, copiada de autographo do Poeta.

Pbl. in Mucio Teixeira — “Vida e obras de Castro Alves”. Bahia, 1896, pag. 275-6.)

A Alfredo de Carvalho contou Regueira Costa, condiscipulo de Castro Alves no Recife, como conhecera o poeta, entusiasmado pela recitação da poesia “O Seculo”, no salão de honra da Faculdade de Direito, na noite de 10 de Agosto de 1865. “Dahi dataram as nossas relações” e adiante accrescenta: “Residia então Castro Alves na rua de Lima, em Santo Amaro, e ahí o fui encontrar, no doce convivio de sua encantadora Idalina, a preparar, o poema d’*Os Escravos*. (Alfredo de Carvalho — *Castro Alves em Pernambuco* — Recife, 1905, pag. 10).

Da Bahia, em 13 de Setembro de 1867, escreve a Augusto Guimarães o Poeta:

“Vou hoje para a Bôa Vista terminar o prologo dos *Escravos*, aos quaes só falta a descripção da Cachoeira de Paulo Affonso.

E’ verdade, dou-te parte que vou nestes 8 dias para ver de perto a quêda gigantesca do S. Francisco. Fazer-me do Chateaubriand nest’outro Niagara...”

De S. Paulo, em 8 de Abril de 68, escreve ainda a Augusto Guimarães:

“Devo dizer-te que os meus *Escravos* estão quasi prompts. Sabes como acaba o poema? (Devo a São

Paulo esta inspiração). Acaba no alto da Serra do Cubatão, ao romper da alvorada sobre a America em quanto a estrella da manhã (lagrima do Christo pelos captivos) se apaga pouco a pouco no Occidente. E' um canto do futuro. O canto da esperança. E nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre... Mais tarde dar-te-hei a explicação deste enigma de minhas crenças..."

Estes planos ficaram sem realização. Numa pagina autographa, que tenho sob os olhos, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, o Poeta traçou o plano do seu poema:

OS ESCRAVOS

O Seculo
Ao romper d'alva
Visão dos mortos
Mater dolorosa
Confidencia
O Sol e o Povo
Tragedia no lar
O Sybarita romano
A creança
A cruz da estrada
Bandido negro
A America
O remorso
Canto de Bugjargal
A orphã na sepultura
Antithese
Canção do violeiro
Supplica
O vidente
A mãe do captivo
Manuela
Fabula
Estrophes do solitario
Tragedia no mar
Lucia
Prometheu
Vozes d'Africa

Palmares (1)
 O derradeiro amor de Byron
 Adeus meu canto
 Cachoeira de Paulo Affonso

1) Palmares não seria talvez sómente a poesia "Saudação a Palmares" mas um poema, como a "Cachoeira de Paulo Affonso", pois um outro autographo do Poeta, uma pagina solta, revela o plano:

A REPUBLICA DE PALMARES

Poema

Historico-Dramatico

por

CASTRO ALVES

1870

e noutra pagina :

A REPUBLICA DE PALMARES

Personagens

Ismael
 Branca
 Jubala
 Obi
 O ultimo Zumbi
 A virgem
 A Africana
 Feiticeiro etiope

Caçadores, Guerreiros negros, Mulheres, Colonos,
 etc., etc.

GONZAGA

OU,

A REVOLUÇÃO DE MINAS

Drama histórico brasileiro

POR

A. DE CASTRO ALVES

Precedido de uma carta do Exm. Sr. Conselheiro José de Alencar e de outra do Illm. Sr. Machado de Assis



RIO DE JANEIRO

NA LIVRARIA DO EDITOR

A. A. DA CRUZ COUTINHO

75 Rua de S. José 75

1875

Reprodução do frontespício da edição original do *Gonzaga*.

PERSONAGENS

O Dr. Thomaz Antonio Gonzaga.
D. Maria Dorothea de Seixas Brandão.
O Governador Visconde de Barbacena.
O Coronel Joaquim Silverio dos Reis.
O Tenente Joaquim José da Silva Xavier.
(Tiradentes.)
O Dr. Claudio Manoel da Costa.
Ignacio José Alvarenga.
O Vigario Carlos Correia de Toledo.
O Tenente-coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão.
Luiz.
Carlota.
Paulo.
Um carcereiro.
Um criado.

Damas, cavalheiros, conspiradores
e soldados.

Do drama passam-se em Minas os tres primeiros
actos, no Rio de Janeiro o ultimo.

EPOCA — 1789 a 1792.

GONZAGA

OU A REVOLUÇÃO DE MINAS

ACTO I

Os escravos

(A scena representa um bosque brasileiro, dependente da chacara do tenente coronel João Carlos. A' direita e á esquerda grandes massigos de arvores. No fundo, a planicie que se perde, n'um horizonte de montanhas. No primeiro plano, á esquerda, um tronco partido. — E' ao romper do dia).

SCENA I

GONZAGA e LUIZ

GONZAGA (*entra vestido de caçador*). — Luiz, amarra ahi as redeas deste cavallo e vem ouvir-me.

LUIZ. — Ora, emfim, meu senhor moço me dá uma palavra. Ha duas horas que o sigo a trote largo, como a sombra de um mudo, ou antes, ha longos dias que o vejo assim.

GONZAGA. — Vem cá, Luiz, que tenho muito a fallar-te: deixa os teus ciumes, meu velho.

LUIZ. — Ciumes não, yoyô, mas vendo Vm. afflicto, preocupado como agora, sempre a escrever, sempre a trabalhar, sempre a angustiar-se e sem dizer uma palavra, o pobre escravo diz consigo: Luiz, velho Luiz, foi de balde que o pai desta criança te estimou, foi de balde que o carregaste nos

hombros, que lhe ensinaste *as tyrannas* na viola e lhe contaste tuas historias na senzala.

GONZAGA. — Não tens razão, meu amigo.

LUIZ. — Não a tenho, sim; eu não a tenho, meu senhor, não posso pedir confiança; mas é que dóe muito dever tudo e não poder pagar-lhe nada, nem uma consolação. Vm. me deu a liberdade e eu sou inutil.

GONZAGA. — Cala-te, tu não me deves nada. Não achas que um amigo vale mais que alguns cruzados?

LUIZ. — Eu não sei o que custei; sinto o bem que Vm. me deu; quem é branco, quem é feliz, não pôde comprehender esta palavra — liberdade. Não passa de uma bonita cousa, mas para nós, não. Sabeis o que ella é para o pobre captivo? — E' ouvir pela madrugada o canto dos passarinhos de Deus sem o canto do chicote do feitor — é, quando o sol tine no pino do meio-dia, não sentir o fogo lavar a pelle nos cannaviaes, e á noite, em vez da embriaguez da aguardente, que mata a vergonha, beber o ar puro da familia, que mata o vicio.

GONZAGA. — E entretanto, meu amigo, a escravidão é uma parasita tão horripelmente robusta, que, deslocada do tronco, vai fanar os ramos da vida. Tu és livre, mas eu ainda não pude restituir-te a tua familia.

LUIZ. — Ah! sucruyuba do inferno, engole-nos pela sombra, devora-nos os filhos, porque sabe que morreremos.

GONZAGA. — Acalma-te, ou antes, preciso é mesmo que nos lembremos do passado. Falemos de tua mulher que tanto bem me queria, de Córa, que me enfeitava de flores os cabellos, que tinha sempre ninhos de passaros a dar-me. Lembro-me muito da tua infeliz mulher.

LUIZ. — Minha mulher, oh! sim, ella era minha mulher... e tão minha que um dia levaram-n'a.

GONZAGA. — Pobre homem!

LUIZ. — Ah! é que foi loucura do triste escravo querer ter um leito abençoado por Deus, querer que a mulher que amou, no momento de receber o primeiro beijo, fosse bemdita pelos anjos e chamada pelo santo nome de esposa!.. mas ah! que quereis? Aos desgraçados só resta o amor e eu dizia então commigo: amemo-nos infelizes, amemo-nos captivos. Ainda nos resta uma ventura. Soffremos, lutamos, temos o chicote nos hombros, a ignominia na alma, mas ainda ha na terra um balsamo para o corpo, um balsamo para o coração — o amor de uma mulher — o amor de uma esposa.

GONZAGA. — Não te recordes agora da pobre Córa. Embalde minha mãe quiz compral-a ao seu barbaro senhor. Falemos de tua filha.

LUIZ. — Minha filha, que talvez se afogasse na deshonra para fugir á morte, como sua mãe, que afogou-se na morte para fugir á deshonra. Oh! santo Deus! Ter uma criancinha pequena, risonha, gordinha, que chora tanto, que faz a gente se zangar, que ri tanto, que faz a gente rir, que nos trepa nos joelhos, que nós puxa a barba, que corre nuasinha para nos tomar a enxada com que não póde, que nos conta mil tolices, que ri, que salta até fazer brotar a alegria na cara e a felicidade na alma... para um dia o senhor arrebatall-a, arrancall-a do meio das veias do coração.

GONZAGA. — Luiz, se houvesse um homem que te promettesse tua filha?

LUIZ. — Minha filha!... Eu cahiria de joelhos, com a minha cabeça branca varrendo o pó de seus pés, eu lhe diria: oh! dai-me a minha pequena, dai-

m'a por piedade, pela capella de vossa irmã, pelas lagrimas de vossa mãe.

GONZAGA. — E se este homem fosse bastante máo para esquecer o teu pedido e só lembrar-se dos seus interesses?

LUIZ. — Eu lhe pediria, como suprema ventura, que me deixasse ser seu escravo, ser a sombra do seu corpo, sempre humilde e rasteira, ser seu cão para lamber-lhe os dedos, mesmo quando me ferissem.

GONZAGA. — E se este homem quizesse ainda mais?

LUIZ. — Que me resta mais, meu Deus? Mas não, ainda posso dar alguma cousa, inda tenho uma faca na cinta, uma mão no pulso, um coração no peito, uma cabeça nos hombros. E se este homem existisse eu lhe diria: é vossa esta cabeça, é vossa, mas em troca do pouco que vos dou, dai-me minha filha.

GONZAGA. — Mas, se para obtel-a fôra mister mais do que morrer... sim, trabalhar nas sombras, affrontar a luz; de noite ser o reptil do charco, de dia ser o tigre das serras... mentir, lutar, ferir com a promptidão do raio, desaparecer com a promptidão do relampago. Se fôra mister lutar contra um homem, contra uma provincia, contra um paiz, contra dous mundos?

LUIZ. — Basta, senhor.. Por maior que fosse este inimigo não seria tão grande como o meu amor, Ver minha filha, ouvil-a chamar-me pelo nome de pai... depois seria nada arrancar a cabeça das espadas e atiral-a ensanguentada aos pés do meu salvador.

GONZAGA. — Pois bem, Luiz, em nome da revolução, tua cabeça é minha.

LUIZ. — Sua, senhor!.. Então vai já restituir-me a minha pequena? Oh! meu senhor, dê-m'a que já me tarda este momento.

GONZAGA. — E' cedo.

LUIZ. — Cedo!... cedo para vel-a! Não!.. é um engano, ha longos annos eu a procuro: estou velho de cabeça branca. moribundo e ainda é cedo para vel-a! Oh! senhor, nunca é cedo para ver minha filha.

GONZAGA. — Espera, Luiz.

LUIZ. — Espera... espera... mas não vê que estou cansado de esperar? Vinte annos... vinte annos cahindo minuto por minuto.. vinte annos... vinte, sem luz nos olhos, sem orvalho n'alma... vinte annos... e me diz que espere... A mim, cego moribundo, diz: espera a luz — a mim, afogado agonisante, diz: espera a salvação — a mim, pai solitario, diz: espera tua filha. (*De joelhos.*) Mas não, meu senhor, Vm. vai entregar-m'a, restituir-m'a pelo amor de Deus.

GONZAGA. — Luiz, eu não posso.

LUIZ. — (*levanta-se*). — Então, por ultimo, não m'a dá?... E' pois verdade que todos os brancos são tyranos? (*Arrependendo-se*). Perdôe-me, perdôe-me, meu senhor moço, mas é que eu não comprehendo que desgraças possam trazer as lagrimas de um velho e os risos de uma criança... o sol continuará a brilhar para todos, as arvores darão sempre sombra.. tudo será o mesmo. Pois é crime um pai e uma filha se abraçarem?

GONZAGA. — Luiz, só posso agora chorar contigo, mas ainda que não esteja nas minhas mãos, juro que terás a tua felicidade.

LUIZ. — Mas quando poderei vel-a?

GONZAGA. — Talvez breve.

LUIZ. — Então por que meios abraçal-a?

GONZAGA. — Pelo teu heroismo.

LUIZ. — E quem m'a restituirá?

GONZAGA. — A revolução.

SCENA II

GONZAGA, CLAUDIO, ALVARENGA e o PADRE
CARLOS

GONZAGA. — Ainda bem, meus amigos, chegais a tempo, falava de vós (*a Luiz*). Vai ver que ninguém nos interrompa. (*Luiz sahe.*)

CLAUDIO. — Emfim não é verdade, meu caro Gonzaga? Por Jupiter, já me faltava a paciencia. Ah! senhores da Metropole, ides emfim saber que este chão é nosso, que a America é dos americanos, como o céu é da ave, como a espingarda é da polvora. (*Voltando-se para os outros que conversam baixo.*) Ah! mas agora vejo que conversam em particular, e nem se quer dão-me attenção. Em summa é o mesmo, creio que nada perderão. Vejamos de que se trata.

ALVARENGA, (*a Gonzaga*). — Tens razão, o momento é excellente. Já dóe-me ver a raça dos tyrannos ferir com o chicote a face de um povo immenso. (*Ao Padre.*) Padre, realizaram-se as tuas prophcias.. Um dia diziás-nos em nossos pequenos serões litterarios que a liberdade dos povos seria uma verdade, porque o Christo não era uma mentira.

PADRE CARLOS. — Não era uma prophcia. era a letra da Biblia: foi o Mestre quem o disse: "*cu vim quebrar os ferros a todos os captivos e elles serão quebrados*"

CLAUDIO. — Padre, Christo era um bello revolucionario (*Interrompendo-se*). Enganei-me... sim... quero dizer, Padre, que se eu não fosse christão, bastariam para catechisar-me estas palavras sublimes.

PADRE CARLOS. — Palavras sublimes, disseste, e que em breve serão factos divinos.

GONZAGA. — E' o que importa, meus senhores, eu pedi-lhes que viessem para receber os seus conselhos. Sabem perfeitamente o estado geral das cousas. A impaciencia alcança todos os espiritos, a tyrania fere toda a colonia.

CLAUDIO. — Eu creio que só temos a atacar. Já basta de ver cortadas todas as aspirações dos Brasileiros. Cada um tem uma offensa a vingar. Onde vedes, meus senhores, eu tenho assistido a mil desgraças em minha familia. Quando o coração de um Brasileiro bate, ha uma mão de ferro que lhe estanca as pulsações — é a metropole.

ALVARENGA. — Quando um braço brasileiro vai pegar o fruto de seu trabalho, ha uma voz que lhe diz: — é meu. E' ainda a metropole.

PADRE CARLOS. — Quando a plebe brasileira quer empolgar um punhado de instrucção, ha um sopro máo que lhe apaga a luz. — E' a metropole.

GONZAGA. — Sim! Quando o escravo quer ser livre, quando o trabalhador quer ser proprietario, quando o colono quer ter direitos, quando a cabeça quer pensar, quando o coração quer sentir, quando o povo quer ter vontade, ha um fantasma que lhe diz: Loucura, mil vezes loucura! O escravo tem o azorrague, o trabalhador o imposto, o colono a lei, a intelligencia o silencio, o coração a morte e o povo trévas. E' a Metropole! é sempre a Metropole. E agora, senhores, é preciso que isto acabe. E' preciso, mas como?

CLAUDIO. — Meus amigos, á propaganda. Falemos ao povo! Digamos: — revolução! e os echos das nossas serranias repetirão tambem — revolução!

GONZAGA. — Não. O echo do governador nos repetirá — prisão.

ALVARENGA. — Façamos clubs occultos, espalhemos o descontentamento nos soldados, o desespero na população. Mostremos-lhes a fonte de todas as miserias, é talvez o unico meio. O imposto é uma calamidade.

GONZAGA. — O povo não se moverá. Dirá: tendes razão. Tirai-me deste poste, soccorrei-me, porque eu estou cobarde como o escravo grego. Oh! meus senhores, é horrivel o dominio de um povo sobre outro. Como a anca do cavallo, a face de uma nação tambem caleja. E demais, espera-se que o governo da Metropole perdôe os dizimos: quem o diz é o Governador. Já vêm que nada conseguirão por ahi.

PADRE CARLOS. — Meus senhores, nós chegámos á grande época da regeneração e da liberdade. Além do Atlantico ha um povo livre, grande pela força, sublime pelo pensamento, divino pela liberdade, que, através dos mares, nos estende a mão. E' a França. A Revolução Francêsa protege a revolução de Minas, esta é filha daquella, ou antes, ambas são filhas de Deus. Quando um povo levanta-se do captivo, Deus do topo dos Alpes ou do cimo dos Arídes empresta-lhe uma espada, como dava as leis no cimo de Sinai. Pois bem, peçamos a este povo irmão auxilio e caminhemos.

GONZAGA. — Ainda bem. No exterior temos a França e a União Americana, ellas nos protegerão, ou pelo menos esta idéa dará forças aos nossos companheiros, mas eu vou dizer-lhes os nossos verdadeiros recursos. E' preciso em primeiro logar que o governo conspire.

CLAUDIO. — Será difficil resolvel-o. Deve ser

uma bella extravagancia, um governo que conspire contra si.

GONZAGA. — E eu te digo que é sempre o governo quem conspira. Quem esporêa um cavallo á beira de um precipicio ha de rolar nelle. A Metropole sangra as ilhargas da colonia, pois bem, ella ha de cahir na revolta.

CLAUDIO. — Mas como decidirmos o diabo do Governador a conspirar...

GONZAGA. — Não é o Visconde Governador... é o Dr. intendente geral. Eu me incumbo disso. Porém, não basta.

ALVARENGA. — Que mais?

GONZAGA. — Eu vou dizer-lhes já. Luiz! oh Luiz!

SCENA III

OS MESMOS e LUIZ

LUIZ. — Senhor!

GONZAGA. — Vem cá. (*Aos companheiros*). Vêem este homem?

CLAUDIO. — Por Deus! é um negro.

GONZAGA. — Sabem a que classe pertence?

CLAUDIO. — Um escravo ou um liberto.

GONZAGA. — Que é ainda um escravo, se este homem tiver a desgraça de ter mãe, filho, irmã, amante, uma mulher, uma familia, enfim, algum desses fios que prendem o homem á vida como a estrella ao firmamento. E sabeis porque? E' que a mãe de cujo seio elle sahiu é escrava e o fruto murcha quando o tronco soffre, é que a mulher que elle tem no coração é escrava e o verme que morde o coração mata o corpo, é que o filho de seu amor é escravo, e o ninho desaba quando o passarinho

estrebucha na agonia. E sabem o que este homem quer? Qual é o unico sonho de sua noite, a unica idéa de seu cerebro? Perguntem-lhe.

CLAUDIO. — Talvez o amor, a ventura sob a fórma de um beijo.

LUIZ. — Perdôe, meu senhor. Engana-se. Não!

CLAUDIO. — Riqueza para realizar estes castellos doudos de uma imaginação da Africa?

LUIZ. — Ainda não.

CLAUDIO. — Mulheres como nos harens do Oriente, como os principes da Africa sabem ter?

LUIZ. — Não, mil vezes não.

CLAUDIO. — Posição, grandeza, talvez uma farda de Governador. Ainda não? com mil diabos, és difficil de contentar.

GONZAGA. — Enganas-te. Elle quer pouco, quer o que todos nós temos, quer sua familia, quer sua filha.

CLAUDIO. — Então não quer dizer nada. Comprehando: é preciso talvez libertal-a. Ahi tens minha bolsa e falemos do que mais importa.

GONZAGA. — Guarda a tua bolsa, ella não basta. Admiras-te? Eu vou contar-te esta pequena historia. Havia, quando eu era criança, meus amigos, em nossa fazenda, uma mulata. Chamava-se Córa. Era uma bonita e boa mulher que um dia appareceu-nos, dizendo ser livre, e que minha mãe acolheu. Pouco tempo depois.

LUIZ. — Eu lhes contarei esta historia, meus senhores. Eu a tenho aqui (*apontando o coração*) e é memoria que nunca falha. Foi muito simples. A mulher amou um homem, enganei-me, amou alguma cousa que está entre o cão e o cavallo, amou um homem de pelle preta. Para que falar destes amores? O pobre diabo adorava-a, e ella, ella queria-o muito. Oh! nunca comprehendereis o amor de dous

entes que não têm nada no mundo, nem mesmo o palmo de terra em que pisam, nem o céu que os cobre... Não tinham propriedade — um era a fazenda do outro. Não tinham família — um era a família do outro... Nem mesmo Deus elles tinham, sim! porque um resto de idolatria pelos fetiches do Congo, misturado com um bocado de historia de feiticeiros e um copo d'agua benta que um padre lhes atirou á cabeça não era religião... O Deus delles?! tinham-n'ó ainda um no outro... nestes longos suspiros em baixo das bananeiras da fonte, nestas conversações mudas nas horas do luar nas solidões, nas lagrimas que cahiam juntas para o chão, nos olhares que se levantavam juntos para o céu. (*Enxuga uma lagrima, com voz precipitada e ironica.*) Depois não quizeram ser prostituidos... Ah! ah! ah! que doudos! Casaram-se... Deus parecia tambem estar n'um dia de ironia... Deu-lhes uma filha... (*Cada vez mais sombrio.*) Um dia um homem chegou á fazenda. Era á tarde... ainda me lembro. Cahiam as sombras por detrás da serra — a sabiá cantava nos coqueiros da matta, e uma doce tristeza rodeava as senzalas. O negro e a mulher de volta do trabalho, sentados á porta da senzala, brincavam com uma criancinha que esperneava rindo no chão. Como era linda! Neste momento tocavam as ave-marias. A mulher levantou-se apanhando a criança e começou risonha e feliz a ensinar-lhe uma oração... O pai olhava este quadro, louco de felicidade... De repente uma chicotada interrompeu o nome de Deus na boca da pobre mãe e uma chuva de sangue inundou a criancinha que continuou a rir.

ALVARENGA, CLAUDIO e PADRE CARLOS. — Miseravel!...

LUIZ. — Era o que ia dizer-lhe a ponta de uma

faca, mas no ouvido das entranhas... quando muitos braços agarram o negro pelas costas. Amarram-n'ò ali mesmo e então, enquanto o sangue e a loucura subiam-lhe aos olhos, elle ouviu isto. O estrangeiro dizia: tu vais ser castigada com teu filho. A desgraçada ousou ajoelhar-se. creio que despiram-n'a e ali mesmo os açoutes estalaram... Sim... lembro-me que de vez em quando um borrifo de sangue acordava-me do meu delirio. E eu... só tinha ao alcance o meu braço, por isso estrefegava-o com os dentes...

ALVARENGA, CLAUDIO e PADRE CARLOS. — Eras tu, infeliz?

LUIZ. — Parece-me que sim.. (*mostrando-lhes uma grande cicatriz no braço*) parece-me que é isto..

ALVARENGA e CLAUDIO. — E tua mulher?

LUIZ. — Poucos dias depois, em quanto eu estava preso, soube que se havia afogado n'um rio.

CLAUDIO. — E tua filha, tua pobre filha?

LUIZ. — Seu senhor morrendo, venderam-n'a, não sei a quem; procuro-a desde então... procuro-a, meus senhores... eis tudo o que eu sei. Perdi-a, eis tudo quanto sinto...

CLAUDIO. — E nunca mais tiveste um só indício de tua filha?

GONZAGA. — Eu te digo. Ha dias falava eu com Joaquim Silverio, um dos nossos melhores companheiros...

LUIZ (*á parte*). — Um homem com cara de traidor.

GONZAGA. — E por acaso a conversação cahiu sobre Luiz. Dizia-lhe eu que este era um homem forte, intelligente e dedicado, e que já aqui, já em Coimbra, me havia acompanhado e talvez, para consolar-se de suas desgraças, tinha aprendido a

ler, fazendo-se muito instruído para sua triste condição... Continuei contando-lhe a sua pequena história e a perda de sua filha. Então disse-me Joaquim Silverio: eu poderia entregar-lhe esta rapariga. Luiz é teu amigo, mas é mister que o seja da revolução... eu guardo a pequena como penhor de sua fidelidade.

CLAUDIO. — E porque não o fizeste entregar ao pobre escravo sua filha? Isto é uma infamia. Aquelle homem, meus senhores, cuidado com aquelle homem. Olhar desconfiado, mão traiçoeira.

ALVARENGA. — Não é talvez um pensamento generoso, mas é um meio prudente, se é que Luiz tem de tomar parte nos nossos segredos e de ser um dos companheiros...

LUIZ. — Não! mil vezes não! Dê-m-me minha filha, porque eu serei calado como um tumulo, frio como o ferro de minha faca, terrível como a fatalidade. Mas se não m'a entregam, eu digo: este senhor Silverio é um mentiroso, um miserável que quer que o sirva em suas machinações; mas que eu não acompanharei, porque nesta tã horrível, nunca encontrarei minha filha... (*com desespero*). Digam-me, meus senhores, quem me dará minha filha?

GONZAGA. — Ainda a revolução.

TODOS. — Como?

GONZAGA. — Eu vol-o digo, meus senhores. Um dia (já lá vão seculos), era ao cahir da tarde. Nas ruas soberbas de Jerusalém a turba desenfreada ulula, tinem os arnezes dos soldados de Cesar, estridulam as gargalhadas da plebe louca: e uma voz dizia nas praças: "Passai, phariseus, envoltos em vossas ricas togas; passai, soldados escravos de Roma; passai, grandes da terra — tendes por toro o Calvario, por vinho o sangue de Deus" Mas uma

outra voz levantava-se do deserto e clamava: “Chorai, lyrios do valle de Cedron, chorai, pallidas filhas de Sião... chorai, desgraçados, chorai, captivos — o moço de Nazareth, o louro mancebo que nos enxugava os prantos da ignominia, que promettia quebrar os ferros de todos os escravos já não existe. O amigo da desgraça morreu...” Mas quando o ultimo halito do Deus vivo rasgou a cortina do templo, quando na luz de seus olhos eclipsou-se o sol do universo, então o anjo da igualdade, agitando as azas, ensopadas em sangue, sacudiu o verbo da liberdade aos quatro ventos do céu.

CLAUDIO. — Oh! mil bençãos a ti, mancebo de Nazareth!

LUIZ. — Maldição sobre vós, senhores, que esmagais vossos captivos.

(Ouve-se uma voz que canta ao longe)

Eu sou a pobre captiva,
A captiva d'além-mar.
Eu vago em terra estrangeira
Ninguem me quer escutar.

Tu que vais a longes terras,
O' viajeira andorinha,
Vai dizer a minha mãe
Que eu vivo triste e sósinha.

Mas diz' á pobre que espere,
Que o vento me ha de levar.
Quando eu morrer nesta terra,
Para as terras de além-mar.

GONZAGA. — Não, pobre captiva, tu não gemerás até á morte. Não, tu não irás como tuas companheiras atirar-te um dia nas lagôas, crendo que vais reviver em tua patria. Não, infeliz! Em breve, sob estas selvas gigantescas da America, a familia brasileira se assentará como nos dias primitivos... Não mais escravos! não mais senhores. Todas as frentes livres poderão mergulhar o pensamento nos infinitos

azulados, todos os braços livres hão de sulcar o seio da terra brasileira. (*A Luiz.*) Luiz, pobre desgraçado! deve ser um dia sublime aquelle em que as crianças souberem o nome de seus pais, porque suas mãis serão esposas e não meretrizes... em que as virgens murmurarem sem pejo o nome de seus amantes, porque não serão mais polluidas pelo beijo dos senhores devassos... em que os velhos sentados á beira dos tumulos abençoarem sua geração, porque a tunica da ignominia deixará de acompanhá-los através dos seculos como o ferrete do judeu maldito!...

LUIZ. — Oh! venha este santo dia.

GONZAGA. — E elle virá em breve, porque o sangue de Christo não cahiu embalde sobre a terra. Almas de moços, frontes cheias de fé, nós juramos pelo martyr do Golgotha a remissão de todos os captivos.

LUIZ (*a Gonzaga*). — Senhor, eu procurava uma filha, agora procuro duas: — Carlota e a Revolução.

GONZAGA. — Sim: liberdade a todos os braços! Liberdade a todas as cabeças.

SCENA IV

OS MESMOS, menos LUIZ

(*Ouve-se um rumor ás primeiras palavras de Gonzaga. Luiz sahe.*)

GONZAGA (*caminhando precipitadamente para o fundo*). — Um homem que se dirige para aqui... E' talvez alguma cousa extraordinaria... que carreira desabrida... não ha duvida (*vindo á boca da scena*). O que teremos de novo? Aquelle cavallo e aquelle

homem parecem-me conhecidos. Meus amigos, creio que temos uma cousa imprevista (*dirige-se ao fundo*), vai passar-se uma desgraça.

CLAUDIO. — Olá! que formidável salto!

GONZAGA. — Ah! mas o homem está salvo!

(*Todos estão por algum tempo olhando fixamente para a direita.*)

SCENA V

OS MESMOS, LUIZ e SILVERIO

TODOS. — Silverio!

SILVERIO. — Elle mesmo, meus amigos, quando me julgavam talvez muito longe. Ah! e por pouco que me não acho agora inda mais do que esperava, porque, a falar-lhes a verdade, chego em linha recta das plagas do outro mundo, da provincia de Satanaz, capital das mulheres bonitas e dos homens de bom gosto. (*A Gonzaga*), Ah! meu caro, sempre te direi que o teu cavallo é terrível e dá tão bellos pulos que bem póde atirar um homem atravez das estrellas, nem mais nem menos que nas barbas da Eternidade. Safa! Que a não ser o Luiz, a estas horas não poderia mais molhar minha espada no sangue de um tyrano, nem minha boca n'um beijo de mulher...

LUIZ. — Nada, Sr. Silverio, é que eu e o murzelo já somos conhecidos velhos... mas o bom do cavallo parece que foi ferido mais do que esperava no seu orgulho ou nos seus flancos... do que Vm. não tinha muita necessidade, honra lhe seja feita.

SILVERIO. — Não tinha necessidade!. Achas que só por prazer eu me arriscaria no lombo daquelle maldito animal? Imaginem, meus senhores, que eu

chegava a toda brida da Cachoeira do Campo. (*A Gonzaga.*) Ao bater em tua porta minha montada cahe estafada. Safo os pés dos estribos, procuro por ti, disseram-me que estavas em Villa Rica. Mando sellar outro animal e parto. O cavallo fofoso e esperto começa a caracolar e a escarvar o chão. Impaciente com a demora, cravo as esporas... o mais não sei.. tres galões terriveis... e os ventos me assobiavam nos ouvidos e as crinas açoutavam-me o rosto e a terra era engulida pelas patas de ferro que a devoravam. Arvores, nuvens, planicies e valles dançavam uma sarabanda vertiginosa, ou passavam galopando a assobiar-me pela cabeça. Ora, no topo de um monte, já no fundo de um valle rapido como o vento, nós rolavamos desvairados. De repente vejo um fosso. Upa! murzelo! Upa! o salto foi mortal, partiu-se a silha e eu iria rebentar a cabeça n'uma lapa, se um braço de Hercules não tivesse soffreado o cavallo e outro me amparado na quéda.

GONZAGA. — Mas felizmente estás salvo...

SILVERIO. — *Gratias tibi Domine.*

GONZAGA. — O que é uma grande felicidade; porque neste momento.

SILVERIO. — Maior mesmo do que podem suppor.

CLAUDIO (*com ironia*). — Que diz, Sr. Silverio! Parece que se lisongeia.

SILVERIO. — Nada, quasi nada. E' que afinal metteu-se-me na cabeça prestar para alguma cousa. E' uma extravagancia como qualquer outra. Imaginem, meus senhores, que sou homem que não merece muita confiança nem mesmo *sympathia*, porque emfim sou um pouco o favorito do Governador ha algum tempo... mas que tenho o capricho de fazer gratos mesmo os que me odeiam... (*olhando Claudio*) e de gozar do seu embaraço...

Ah! ah! ah! mas que diabo! deixemo-nos de palavras perdidas... O tempo urge... Dizia tu, Gonzaga, que este momento...

GONZAGA. — E' o que ha longo tempo esperamos. Os ricos que protegem suas propriedades como a onça os cachorrinhos, urram e amolam os dentes... Nós açularemos a onça!

ALVARENGA. — Os pobres que sentem o suor de todas as agonias pela testa, desesperam e preparam-se a morder. Nós animaremos o cão.

LUIZ. — Os escravos sonham com a liberdade e abalam com sinistro movimento suas cadêas. Nós levantaremos os escravos.

SILVERIO. — Mas eu lhes digo que para o tigre ha o raio. Para o cão a pedra. Para o escravo a força.

GONZAGA. — Mas quem vibrará o raio? quem lançará a pedra? quem erguerá a força?

SILVERIO. — O Governador.

GONZAGA e TODOS. — Maldição! O Governador!

GONZAGA. — E que fará o Governador?

SILVERIO. — Chegará em breve a Villa Rica.

GONZAGA. — Oh! desespero! (*Todos grupam-se ao fundo.*)

SILVERIO (*á parte, á boca da scena*). — Por Deus! Parece que joguei a maravilhas. O momento era desesperado. Era preciso intimidar-os, porque talvez estes endiabrados conseguissem o seu fim. E neste ponto, quanto mais cedo melhor. O Visconde estará aqui em breve, talvez hoje mesmo; entretanto, antes disto poderia romper a revolução, contando elles com a sua ausencia. Bravo! Dest'arte plantei a confiança nestes e a gratidão naquelle.

GONZAGA. — Quando chegará o Governador?

SILVERIO. — Breve. Talvez d'aqui a dous dias. (*A' parte.*) Talvez d'aqui a duas horas.

GONZAGA. — E sabe-se para onde vai?

SILVERIO. — Crê-se que para o Rio de Janeiro.

GONZAGA. — Bem. E' preciso partirmos, meus amigos. Até lá seremos os mineiros da revolução, os trabalhadores das trevas, e quando o Visconde desaparecer, desaparecerá o poder de Portugal.

CLAUDIO. — Vamos prevenir o Tiradentes.

GONZAGA. — Sim... (*Todos grupam-se em torno d'elle, na boca da scena, falando baixo. Gonzaga escreve por algum tempo.*)

SILVERIO. — Doudos que não sabem que cada passo que dão para a liberdade é um degráo que sobem do patíbulo.

SCENA VI

OS MESMOS e NO fundo CARLOTA

SILVERIO — (*dirigindo-se a ella rapidamente*). — D'aqui a instantes te espero.

CARLOTA. — Sim, meu senhor.

SCENA VII

OS MESMOS, MENOS CARLOTA

GONZAGA. — Partamos, meus amigos, cheios de confiança e de coragem. Nós temos a patria da liberdade sobre nossas cabeças e a patria escravizada sob nossos pés. Viva a America independente!

TODOS. — Viva a America independente! (*Vão sahindo pouco a pouco, em diferentes direcções.*)

GONZAGA. — Oh! Maria! amanhã serás minha e o teu amor far-me-á inviolavel como Achilles (*Sahe por ultimo.*)

SCENA VIII

SILVERIO e CARLOTA

SILVERIO. — Passa para aqui, vamos com isso. Depressa, depressa. O que ha de novo? Ah! (*gesto de Carlota*), parece-me que ainda estás com escrupulos! Pois tu queres ter virtudes?

CARLOTA. — Meu senhor!

SILVERIO. — Vamos! O que ha?

CARLOTA. — Basta, meu senhor, basta pelo amor de Deus. Não me obrigue a fazer tanta traição. Eu já não posso mais. Espiar, vender as pessoas que amo, que me abençoam, que me querem, que lavam todas as minhas humilhações com o seu amor! Ah! piedade!... Sim!. A's vezes, quando eu os escuto, descansados como se falassem junto a uma irmã, vou pouco a pouco esquecendo-me de mim naquellas boas confidencias, mas de repente parece que um braço de ferro me agarra o pulso e uma voz me grita aos ouvidos — “denunciante!” Oh! então estremeço. e olho em torno de mim para ver se ninguem ouviu este grito! mas elles continuam risonhos e felizes a falar... Sim... é assim; tenho impetos então de arrancar esta mascara negra e dizer-lhes: — Perdão!... mil vezes perdão.

SILVERIO. — Pois bem, arranca a mascara e me farás conhecer a minha escrava Carlota.

CARLOTA. — E' verdade. Eu sou sua escrava, meu senhor; mas, para que me faz passar por livre, gozar de todos os prazeres da independencia, ser a irmã quasi de D. Maria? Não! Eu não quero mais; neste instante irei dizer-lhe: Minha senhora, eu roubei a sua confiança, roubei o seu amor; pois bem, Carlota, a escrava, vem denunciar Carlota livre; amaldiçõe esta, mas lembre-se daquella.

SILVERIO. — Bem! Aposto que foi algum confessor que te prégou este lindo sermão... E' um bello pedaço. Em que livro furtaste isto, Carlota?

CARLOTA. — Aqui. (*Apontando o coração.*)

SILVERIO. — E' verdade! Tu tens coração? Não sei, mas o que é certo é que és bem linda... falavas com tanta animação que fizeste notar a belleza de teus olhos, e que lindas mãosinhas! (*pegando-lhe nas mãos*) parece que estás tremendo! que pelle sedosa! és bonita, Carlota. Ora, seria tyrania fazer com que estes dedinhos de rosa empunhassem uma enxada e esta formosa odalisca fosse para a senzala.

CARLOTA. — Oh! Empregue-me em outro trabalho; mas, pelo amor de Deus, arranque-me de tanta maldade.

SILVERIO. — De facto, agora penso... nisto. Tu tens um amante, não é assim? Um namorado? Creio que um dia me falaste nisto... Querias casar... ou cousa que o valha!...

CARLOTA. — Sim, meu senhor, com um pobre escravo como eu!

SILVERIO. — Ah! o tratante tem gosto de senhor. Creio tambem que tens um pai, que procuras ha muito tempo. Como será lindo!... Casada, feliz.. com seu velho pai para amparar e uma porção de filhinhos nos joelhos, e teu marido...

CARLOTA (*de joelhos*). — Oh! obrigada! obrigada, meu senhor, Deus o abençõe.

SILVERIO. — E o diabo te leve, estúpida creatura! Basta de comedia!

CARLOTA. — Ah!

SILVERIO. — Sim, vai ser honrada, arranca a mascara e tu serás a mais desgraçada de minhas escravas. Terás em recompensa o chicote do feitor.

CARLOTA. — Piedade!..

SILVERIO. — Creio que voltas á razão.

CARLOTA (*com voz forte*). — Pois bem, meu senhor, o chicote não me deshonrará! Inda ha um Deus do céu...

SILVERIO (*ameaçando*). — Mas sabes o que ha na terra? Creio que falaste agora na tua honra. Pois bem, o teu noivo saberá que tu és minha amante... porque amanhã o serás, e depois te entregarei aos mais repugnantes negros de minhas senzalas.

CARLOTA. — Oh! meu Deus, meu Deus! dá-me força. Pois bem, Sr. Silverio, ouço uma voz que me diz que a minha desgraça será contada como uma virtude no céu e me dará a vida eterna.

SILVERIO. — E a morte a teu pai.

CARLOTA. — Que diz? O que é que diz? Mas elle nunca o saberá.

SILVERIO. — Não? Pois então sabe que eu o conheço e que, quando estiveres mais negra de deshonra do que a lama de minhas botas, eu farei com que o pobre velho venha morrer de vergonha ao ver sua filha. Ah! agora me ouves? Tu matarás teu pai, desgraçada!

CARLOTA. — Meu pai! meu pai!..

SILVERIO. — Escolhe... ou denunciante.. ou parricida!.

CARLOTA. — Ah! Quebrou-me emfim! (*Enxuga os olhos.*) Bem, estou prompta.

SILVERIO. — Diabo! fizeste perder tempo. Fala.

CARLOTA. — Um dia destes será a revolução.

SILVERIO. — Não será.. já sei. Adiante.

CARLOTA. — Esperam-se as tropas de Tiradentes.

SILVERIO. — Adiante. Adiante.

CARLOTA. — Nada mais sei.

SILVERIO. — Fazes-te estúpida. E Maria e Gonzaga?.

CARLOTA. — Casam-se.

SILVERIO. — Quando?

CARLOTA. — D'aqui a tres dias, pelo menos o esperam.

SILVERIO. — Que estás dizendo? Vê bem o que estás dizendo. não mintas. Não vês que isto é impossivel? Ha dous annos que elles pedem o consentimento da côrte de Portugal e ainda não receberam resposta alguma, graças á influencia do Governador. Agora é impossivel que elles o obtenham... e vens tu dizer-me que este casamento se fará d'aqui a tres dias. Por Deus! parece que nada sabes. Pois então aprende que as pessôas importantes do Brasil não se podem casar sem prévio consentimento do Governo Português.

CARLOTA. — Sim! isto é a lei de Portugal, mas que se esquece de uma lei não menos poderosa — a do desespero.

SILVERIO. — Oh! (*passa agitado*). E o Governador! Estou perdido!... Esta revolução... (*Rapido a Carlota.*) Carlota, é preciso que me sorprendas qualquer papel compromettedor. Lembra-te de teu amante e de teu pai.. estes papeis! e elles serão teus. Vamos prevenir o Visconde. Agora guarda bem estas palavras: No dia em que eu cahir da graça do Governador, esta cabeça cahirá de teus hombros.

SCENA IX

CARLOTA, depois MARIA

CARLOTA (*cahindo sobre o tronco*). — Oh! minha mãe, por que não me afogaste ao nascer?

MARIA (*falando dentro*). — Carlota! como te fizeste esperar! Vem cá! vou descançar um instante nesta sombra. (*Senta-se sobre o tronco.*) Meu Deus!

como estou triste... Oh! ha muito tempo que o não vejo, não é verdade, Carlota?

CARLOTA. — Não minha senhora, ha apenas tres dias.

MARIA. — Mas que dias longos, dize antes tres seculos. Vem tocar-me aquella melodia... vai buscar a guitarra na mão das escravas que esperam acolá... (*Aponta a direita alta — Carlota vai á esquerda alta e volta com uma guitarra. Senta-se aos pés de Maria e começa um prelude*). Oh! como estes versos são lindos, meu Deus! Haverá maior felicidade do que ser amada por elle.. ha uma apenas — é amal-o... A minha unica consolação é lembrar-me destes cantos, que elle me murmurou a medo, de joelhos, humilde e orgulhoso, tremulo como uma criança; elle, o poeta, soldado; elle, o grande homem; elle, o heróe. Vamos, Carlota, acompanha-me a canção da fonte. (*Carlota acompanha, Maria canta a seguinte lyra:*)

Junto a uma clara fonte
A mãe de Amor se sentou:
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a viu de longe,
Alegre ao logar correu;
Cuidando que era Marilla
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede perdão:

"Foi facil, ó Mãe formosa,
Foi facil o engano meu;
Que o semblante de Marilla
E' todo o semblante teu."

(*Nas ultimas coplas Gonzaga tem entrado e se aproxima silenciosamente de Maria.*)

SCENA X

AS MESMAS e GONZAGA

MARIA. — Gonzaga!

GONZAGA (*que tem entrado ás ultimas notas do canto*). — Maria!

MARIA. — Oh! és tu?

GONZAGA. — Eu mesmo, Maria, eu que ouvi tudo. Ah! tua voz cantava-me no coração como um sussurro das aves no céu! Toda a minha alma tremia como a flor cheia de orvalhos. Mas tu me amas? Não? Sim, meu Deus! eu o sinto... Ai! se tu não me amasses, eu morreria.

MARIA. — Amar-te!.. Mas eu sou o peito, tu és o ar, eu sou o ninho, tu és o passaro, eu sou a lagôa, tu és o céu, eu sou a alma, tu és o amor... Amar-te! meu Deus! mas é tão máo perguntar-me estas loucuras! Ah! meu senhór, tu és um homem, pódés ser um heróe, tu és um homem, pódés ser um genio, tu és um homem, pódés ser um rei; eu sou uma mulher, meu heroismo é ver-te, meu genio é escutar-te, minha corôa é o teu amor. Mas eu estou te dizendo mil loucuras. Tudo isto não diz nada... Tu me perguntas se eu te amo. Ah! eu sou uma pobre orphã, mas quando á noite murmuro baixinho o nome de minha mãe, pergunto à minha Virgem que palavras é que eu suspiro como o halito de minha alma! E' teu nome... tu não sabes o que é um amor de americana? E' alguma cousa grande como estas florestas, sombrio como estas brenhas, ardente como as flores escaletes do sertão, luminoso como o sol dos tropicos. E' alguma cousa que entumece o coração, alguma cousa que illumina a cabeça. Não o

sentes aqui? (*Leva a mão ao coração*). Não sentes aqui? (*Leva a mão á cabeça*).

GONZAGA. — Oh! Maria, meu anjo, eu o sinto. . . mas precisava ouvir-te, agora. Tu não sabes quanta força ás vezes nos dá uma voz fraca de mulher. . . é alguma cousa flexivel como a canna dos brejos que ameiga a face do rio nas horas da enchente. . . Porque eu soffro. . . Vejo nossa patria escravizada, nossos irmãos captivos e tu, Maria, e tu, sempre arrancada de meus braços. . . por esse poder estúpido da Metropole. . . Vês bem? tu não sabes que horas de desalento passam-se então no espirito. . . Corre-me um suor de vergonha no rosto, um frio de morte no coração e minha espada de cavalleiro tressua sangue na bainha. . . e eu desmaio de abatimento. Oh! mas quando eu te escuto. . .

MARIA. — E eu não sou mais que uma pobre mulher. Dizem que as mulheres são a fraqueza. E' mentira. Não ha nada tão forte quanto uma mulher que ama. Eu tremo ao menor ruido; para que mentir? Sou timida e medrosa, mas ao pé de ti eu desafiaria o mundo.

GONZAGA. — Ainda bem. Eu preciso de toda a tua energia. Amanhã eu quero que sejas minha. . . O Governador deve chegar d'aqui a dous dias. E' preciso que elle nos encontre casados. Hoje escreverei a teu tio e amanhã, oh! amanhã, Maria, será o dia mais feliz de minha vida.

MARIA. — Sim! Amanhã. . . Não sabes, meu amigo, tenho pena de que minha mãi não me veja, porém ella neste momento de uma felicidade tão pura ha de levantar as cortinas do céu e lá de cima nos abençoar, não é assim? Meu Deus, como eu sou feliz! O Governador não virá. Oh! aquelle homem é o corvo negro da desgraça. Eu tenho medo

daquelle homem. Mas não. Teu amor é um escudo. Não te esqueças que é amanhã. Não sei o que me diz o coração, mas é preciso que corramos atrás da felicidade, porque tenho medo!

GONZAGA. — Oh! obrigado. Mas tens razão, Maria! Nestes dias tempestuosos eu receio a cada instante um compromettimento. Vês estes papeis? São todos os planos da revolução, tudo quanto eu possuo de mais perigoso. Só ha um homem que os possa guardar, é o tenente-coronel João Carlos, é teu tio. Eu sei que elle deixar-se-ia matar sobre o meu deposito. E' um typo severo e honrado — busto de Catão n'um coração de Sparta. (*Dá-lhe os papeis.*) Entrega-lh'os, e agora, Maria, agora, eu já te posso chamar minha noiva! Ouves bem? minha noiva.

MARIA. — Sim; chama-me assim... Parece que agora me vibrou na alma a asa de um cysne branco, fugitivo!... Fala! Fala! como o céu está puro! como os campos estão lindos. Maio enfeitou-se de flores para o nosso noivado. Deus nos olha na limpidez deste céu azul. Oh! como sou feliz! Fala, fala, Gonzaga!

GONZAGA. — Maria, tu és um anjo.

MARIA. — Oh! não, os anjos não sabem amar como eu te amo. Ouves bem, eu te amo! meu Deus! eu não sei dizer outra cousa. Olha, ha pouco eu tive medo; mas agora já estou forte. Que me importa o Visconde? o corvo tem medo da aguia e tu és a aguia, meu amor.

GONZAGA. — Porque tu és o sol! meu anjo. (*Cahe de joelhos e dá-lhe um beijo na mão. As ultimas palavras de Maria o Governador e Silverio têm entrado*).

SCENA XI

CARLOTA, MARIA, GONZAGA, O GOVERNADOR
e SILVERIO

O GOVERNADOR (*vestido de preto, ao fundo*): — Oh miseravel! (*Puxa de um punhal e dá dous passos.*)

SILVERIO. (*detendo-lhe o braço*). — Não dareis um passo.

O GOVERNADOR (*prevenção*). — Pois tu ousas? Canalha!

SILVERIO. — Salvar o Governador e sua vingança. (*Ouvem-se ao longe as trompas de caça e o motim de muitos cavalleiros.*)

GONZAGA e MARIA (*voltando-se*). — O Governador!

O GOVERNADOR (*comprimenta de leve a Gonzaga; faz um passo para Maria, beijando-lhe a mão*). — Senhora! o corvo é o passaro das trévas, mas quando a aguia dorme, vela o corvo! Ha instantes, houve uns labios que se molharam aqui n'um beijo, amanhã haverá uma corda que se molhe em sangue.

MARIA. — Ah! (*Desmaia sobre o tronco, ao cahir deixar rolar após si um maço de papeis; todos grupam-se em torno, enquanto que Carlota os apanha.*)

CARLOTA (*erguendo os papeis na mão*). — Estes papeis perderam minha alma; mas estes papeis salvarão meu pai!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Anjo e Demonio

(Sala ricamente mobiliada segundo a época. Ao fundo jardim illuminado a "giorno").

SCENA I

TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA, padre CARLOS

(Varios cavalheiros e senhoras passeando ao fundo)

CLAUDIO. — Ora havemos de concordar, meus senhores, que a isto chama-se atirar-se á boca do lobo. E' a historia do pagem que dançava á beira de um precipicio. Pois bem. Nós agora dançamos sobre a escada do pelourinho. Falseie o pé.. e ficaremos suspensos pelo pescoço.

TIRADENTES. — E' o mesmo. A's vezes um barão no colo de um homem é o tosão de ouro da sua realza de martyr.

CLAUDIO. — Ah! meus senhores, eu nunca o quereria. Deve machucar as rendas, estragar a elegancia dos nossos vestidos... e, demais, é um pouco ridiculo passear de "robe-de-chambre" pela rua com um *prégoeiro* que nos soletra horivelmente o nome... e o carrasco immundo como o carniceiro a falar com um certo ar de protecção... Nada! nada! abomino a forca... E se temos alguma dama que nos olha nessa tão irrisoria posição, ouvil-a-emos dizer talvez ao moço com quem conversa na varanda: — Sabe quem vai ali? Um condemnado.

Meu Deus... como é feio um condemnado!... —
Meus senhores... um condemnado é uma especie
de rez bipede... nada! fóra com a forca.

PADRE CARLOS. — Mas Christo morreu sobre a
forca.

CLAUDIO. — Mas Catão apunhalou-se. Viva o
punhal. A arma das sultanas e das hespanholas,
das mulheres mais lindas do mundo. Padre! bem
vês que eu tenho o direito de escolher o punhal. E'
galhardia de cavalheiro. Mas agora vejo que esta-
mos lugubres como a mascara do Governador quan-
do se ri, ou como uma velha que fala de amores; é
preciso que estejamos alegres, meus senhores, re-
parem que viemos aos lindos esponsaes. Ah! A
época é de esponsaes. Breve os convidarei aos
meus. *Glauceste* espera emfim vencer a tyrannia de
sua Eulina.

TIRADENTES. — Bem; mas a nossa verdadeira
noiva, Claudio, é esta pobre terra, que é nossa
patria.

CLAUDIO. — Não implica! O coração a uma, a
outra o braço. E' puro *Rouget de l'Isle*, meus se-
nhores, plena Marselheza. dá-me impetos de can-
tal-a nas barbas do Viso-rei. E a proposito do Viso-
rei, viste-o?

TIRADENTES. — Pudera não. Se eu volto agora
do Rio de Janeiro. Vi Luiz de Vasconcellos, meus
senhores. E bem lhes digo que não duvidei mais um
instante. Levantei as tropas que ergueram-se á
minha voz como um só homem e a não ser a von-
tade timida dos senhores, a estas horas.

ALVARENGA. — Diga antes, Sr. Tiradentes, que
a presença do Governador estragou tudo.

TIRADENTES. — O Governador? E que me im-
porta o Governador? Esta especie de homem cro-

codilo, este ridiculo Tito do estado, este devasso Visconde de Barbacena? Ah! eu não sou mais que um pobre tenente do exercito, mas affirmo-lhes que, a não ser a prudencia infantil, ou grande politica dos senhores, como lhe chamam, eu já ter-lhe-ia surrado as costas com o panno da minha espada.

CLAUDIO. — 'Olá! seria difficil... O Visconde é um homem terrivel, que traz sempre á sua frente a hypocrisia, ás suas costas o carrasco.

TIRADENTES. — E nós, senhores, nós (*dirige-se á esquerda baixa a uma janella, cujo reposteiro levanta*), temos á nossa frente o direito, sobre nossos passos o povo. Vejam, meus senhores, estas luzes brilhantes e multiplicadas.

CLAUDIO. — São os cem olhos de Argos.

TIRADENTES. — São os cem olhos do povo! Quando os homens dormem, fecham as palpebras; quando as cidades dormem, abrem os olhos; é Deus quem vela. Oh! parece-me que neste instante Villa-Rica, que nos espia das trévas, é a cabeça destes sertões immensos, que por ahi além se estendem como um corpo de Adamastor... e esta cabeça tem olhares que nos queimam o sangue nas veias, e o rugido do vento nas florestas seculares é a voz de uma nação immensa que dialoga connosco! E nós descancamos.. quando meus soldados pegam os copos da espada, quando os escravos empunham o cabo do machado, quando a capitania agarra o facho. Ah! senhores! fogo aos quatro cantos do continente, a fouce aos troncos do despotismo, a espada ao coração dos tyranos e deste incendio tremendo voará, como das hecatombes romanas, não a aguia que leve a alma do imperador, mas o condor que levante a liberdade do meu paiz.

CLAUDIO. — Inda bem! Inda bem! Eu estou prompto.

ALVARENGA. — Isto é uma imprudencia e uma falta de confiança. Gonzaga nos pediu dous dias de demora.

PADRE CARLOS. — Dous dias passam depressa.

TIRADENTES. — Dous dias! Emfim, seja! Pesa sobre vós a responsabilidade do acto! Eu lavo as mãos!

CLAUDIO. — Então! Amanhã á revolução, hoje ao baile! E emquanto não podemos dar o braço á patria, offereçamol-o ás damas. Copos por copos, meus senhores; amanhã os da espada, hoje os do Reino! Oh! eis que a proposito passa um pagem! Olá!

SCENA II

OS MESMOS e LUIZ

CLAUDIO. — E's tu, Luiz?

LUIZ (*vestido de pagem com uma salva de copos*): — Eu mesmo, meu senhor, que procurei um pretexto para vir dizer que Vms. falam muito alto e que ha muitos ouvidos que escutam.

CLAUDIO. — E' talvez verdade, mas pouco importa.

LUIZ. — Não queiram que a imprudencia iguale o animo. Ah! são palavras de um preto, mas são tambem palavras de um velho... E perdõem! mas a velhice tem o capricho de nos fazer um pouco brancos (*Apontando os cabellos.*)

CLAUDIO. — Olá, velho Luiz, pareces hoje um tanto alegre?... Heim?

LUIZ. — Hoje sim... mas amanhã. (*Olha em torno de si.*) Bebam, meus senhores! Gritem, porém não falem, cantem porém não gemam. Cada

janella espia... cada echo denuncia, cada cortina esconde um traidor, cada taboa um cadafalso.. E' a alma damnada do Governador que se multiplica. (*Tem enchido os copos.*)

CLAUDIO. — Pois bem, meus amigos, ergamos um brinde á liberdade! (*Todos chocam os copos e bebem*). E a morte do Governador! Ah! ah! ah!

SCENA III

OS MESMOS, O GOVERNADOR, O TENENTE-CORONEL SILVERIO e UM PAGEM

O PAGEM (*na porta central do fundo, annunciando*). — S. Ex. o Sr. Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, Visconde de Barbacena, do Conselho de Sua Magestade, Governador e Capitão-general da Capitania de Minas Geraes.. (*O tenente-coronel colloca-se na porta central.*)

O TENENTE-CORONEL. — Por aqui, Sr. Visconde.

O GOVERNADOR (*no fundo em frente da primeira porta á direita, a Silverio*). — Então, Sr. Silverio, ainda desta vez nada. (*Falam baixo.*)

TIRADENTES (*á boca da scena*). — Então, meus senhores. Os copos estão cheios... Os braços são firmes. Bebamos! seria vergonha dizer-se que cavalheiros não sabem beijar os labios de crystal de uma taça, os labios de rubim de uma dama! A' morte do Governador!

CLAUDIO. — Chegemos os copos! E se o Visconde nos ouviu, bebamos um punhal em cada gole!

TIRADENTES. — Tens medo!

CLAUDIO. — Por Baccho! Eu já lhes disse que tencionava suicidar-me. E' o mesmo. O phalerno

leva a morte ao peito, mas dá prazer aos lábios. A' morte do Governador... (*Bebem*).

O GOVERNADOR (*ao fundo, a Silverio*). — Parece que falam no meu nome.

SILVERIO. — Deixe estas bocas falarem; amanhã ellas estarão mudas! Vê estas bellas cabeças de cavalheiros? Vivos, ousados, moços, com estas duas bellezas: a da alma, que sahe do coração e brilha no rosto; a da mocidade, que scintila na face e enseiva o coração. Amanhã serão um pouco de lama repulsiva.

O GOVERNADOR. — Ah! fizeste-me vontade de rir!.. Silverio, o gato tem destas alegrias... o rato póde brincar .. elle dorme... Eu tambem vou dormir... brinquem, meus senhores, minha mão por ora está aberta.

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS OS PAGENS e SILVERIO

CLAUDIO. — Retiremo-nos.

TIRADENTES. — Isto teria ares de fuga. Eu fico.

O GOVERNADOR (*que se tem sentado ao pé do tenente-coronel*). — Temos um lindo baile, Sr. tenente-coronel. E' uma verdadeira illusão, faz-me crer que estou em Portugal; bem se vê que o senhor é um official do rei.

O TENENTE-CORONEL. — Muito me honra, Sr. Visconde, o elogio de V. Ex.

O GOVERNADOR. — O meu... Oh! Sr. coronel. Eu sou um rustico como Tito; amo o retiro e a solidão, para pensar nas cousas do estado, vivo lá na minha Cachoeira do Campo, e mal me recordo ainda do modo por que se pisam as tapeçarias de um

balle. Mas, se vale a memoria de cavalheiro, creio que temos hoje uma linda noite. Falta-lhe entretanto nas salas a mais linda filha de Ouro Preto. . . Ainda não vi a Sra. D. Maria. (*Olhando para o jardim.*) Oh! mas creio que a vejo chegar. . . ali vem pelo braço de um bello cavalheiro. . . Sim é o noivo. . . Que lindo par. . . Dir-se-ia que Daphnis e Cloè renasceram de um idylio virgiliano.

SCENA V

GONZAGA, MARIA, O GOVERNADOR, O TENENTE-CORONEL, TIRADENTES e CLAUDIO

O GOVERNADOR (*comprimentando, risonho*). — Minha senhora, Sr. Dr. Gonzaga!

MARIA (*á parte*). — Oh! Este homem ri-se: é porque os labios sabem-lhe a sangue! (*Aos outros cavalheiros comprimenta e senta-se.*)

O GOVERNADOR. — Dizia ha pouco, Sra. D. Maria, que faltava V Ex. ás salas; mas agora que a vejo digo-lhe que V. Ex. está fazendo falta, é de certo ao firmamento.

MARIA. — V. Ex. é sempre lisongeiro.

O GOVERNADOR. — Engano, senhora. O espirito é um jogo muito difficil. E' a esgrima, não dos braços mais fortes, porém dos mais ligeiros. A vélhice torna-nos pesados, o retirò torna-nos esqueludos. Mas a culpa é de V Ex., que deixa o velho rustico sorprendel-a, em todo o resplendor de sua belleza. Endymião desvaira na floresta ao fitar Diana, a caçadora. . . Ah! ah! ah! Não é assim que se diz, Sr. Gonzaga? Os senhores poetas são os que sabem dizer destes lindos nada. Mas é bonito! E' bonito! Gosto destes pastorinhos gravando suas loucuras no tronco de uma olaia.

GONZAGA. — Diga antes, Sr. Visconde, os seus amores.

O GOVERNADOR (*com fogo, olhando Maria*). — Gravar o seu amor. O amor... mas era preciso um buril de fogo para escrevel-o sobre uma lamina de bronze. (*Risonho.*) Gracejos de velho, meus senhores, eu morro pela poesia e pelos poetas. Sr. Gonzaga, quando irá ao nosso retiro? E' uma verdadeira ilha dos amores. As dryades cantam á sombra dos myrtos, saltam as nayades fugitivas na lympha clara do rio, emquanto a flauta de Pan sussurra nos cannaviaes queixosos e os pastores enfeitam as pastorinhas de virentes pampanos...

TIRADENTES (*com ironia*). — E os satyros? Sr. Visconde. V. Ex. esqueceu os satyros.

O GOVERNADOR. — Se fala destas divindades que participam um tanto da natureza caprina... Oh! nesta boa terra os ha de sobra.

TIRADENTES (*á parte*). — Este miseravel me insulta no meu paiz. (*Alto.*) Não; falo destas creações que o paganismo ideiou para symbolisar o ridiculo de outros typos.

O GOVERNADOR. — Acho que interpreta com muito fogo a fabula, Sr. Tiradentes. E estimaria assás encontral-o no retiro dos bosques, lá onde a mythologia póde ser melhor comprehendida para pedir a explicação de alguns pontos para mim obscuros. (*Claudio detem Tiradentes*) Oh! como eu dizia ha pouco, proporcionar-me-ia um grande prazer... Não quer ir tambem á nossa quinta? E' um logar ameno onde a natureza selvagem e estúpida destes climas amainou o bravio e insolente da vegetação.

CLAUDIO (*a Tiradentes*). — Tu não te pertences. Um momento de reflexão, meu amigo.

O GOVERNADOR. — Não responde? Oh! não receie encontrar por lá os botocudos repulsivos da sua terra.. nem esta população grosseira e alvar do seu Brasil, que de certo afugentariam os meus deuses lares. Os meus feitores têm bons pulsos, as minhas matilhas têm bons dentes... Aceite, Sr. Tiradentes, parece que está tremendo.. Será receio dos cães?..

TIRADENTES. — Eu não receio os cães... Sr. Visconde, mas quando tenho a infelicidade de encontral-os, mesmo ás vezes n'uma sala, assim como aqui estamos, costumo atirar-lhes á cara alguma cousa em que mordam. (*Vai atirar-lhe com a luva. O tenente-coronel segura-lhe o braço.*)

O GOVERNADOR. — Prendam este homem.

SCENA VI

OS MESMOS e SILVERIO

O TENENTE-CORONEL. — Um momento, Sr. Visconde. Eu tenho uma espada que foi sempre fiel e votada ao rei. Pois bem, esta espada que V. Ex. mesmo honrou, eu quebrarei no joelho no momento em que a pessoa do meu hospede não seja sagrada.

SILVERIO (*baixo ao Governador*). — Perdôe, senhor, este homem é nosso... o perdão é o degráo da vingança...

MARIA. — Sr. Visconde, permittir-me-á que aceite o braço deste cavalheiro. (*Dá o braço a Tiradentes.*)

O GOVERNADOR. — Mil perdões, minha senhora...

O TENENTE-CORONEL. — Obrigado, Sr. Visconde. V. Ex. acaba de salvar a minha honra.

O GOVERNADOR. — Desculpas peço eu, meus senhores, de me ter esquecido um momento de que

estava n'um baile de esponsaes... (*Vai sentar-se ao lado, sobre o sofá, entre Gonzaga e o tenente-coronel*).

CLAUDIO (*no fundo, a Maria*). — Ah! minha senhora, se o seu olhar é um raio, a sua bondade é um manto.

MARIA. — Ah! Sr. Claudio, parece que faz de galante. Pois volte-se; vê quem está ali?... é Eulina.. Se me disser mais uma palavra está perdido.

CLAUDIO. — Ah! minha senhora, eu me arrependo de não lhe ter dito que é um anjo.. pois bem vê que me aponta o céu. (*Vai sentar-se ao pé de Eulina*).

GONZAGA (*ao Governador*). — E' esta a minha opinião... O Sr. Dr. Intendente creio que pensa tambem assim. Se S. S. requerer a derrama de toda a divida á junta da fazenda, reconhecendo a impossibilidade do arrecadamento, representará á Rainha.

O GOVERNADOR. — Mas, Sr. Gonzaga, creio que este é um pessimo meio. O povo sujeitar-se-á facilmente a pagar as cem arrobas de um anno, ao passo que o requerimento da divida por inteiro levará os animos ao desespero. Toda a capitania não possui os nove milhões a que monta este debito.

GONZAGA. — Engano. Sr. Visconde!... Eu peço o requerimento de toda a derrama, para que ella não se faça de sorte alguma. Demais, para um motim, bastaria o lançamento de um unico armo, que é de perto de sessenta arrobas de ouro.

O GOVERNADOR. — Então, Sr. Gonzaga, o melhor é que o Sr. Intendente represente á soberana sobre a impossibilidade do pagamento, e não vejo a razão por que deva requerer a derrama. Basta que a Rainha conheça a divida e o estado da terra, para

que cesse a vexação, ao passo que este falso jogo póde comprometter a segurança publica.

GONZAGA. — Perdão, Sr. Visconde, o Sr. Dr. Intendente pediu-me um parecer. Ora, o Sr. Intendente, como procurador da corôa, já foi reprehendido pelo governo, por não ter cumprido com o seu dever; e, como é preciso, emfim, que elle faça o requerimento, creio que um requerimento impossivel é o melhor meio de salvar a sua responsabilidade e a felicidade do povo.

O GOVERNADOR. — Concordo emfim. Dou-me por vencido, Sr. Gonzaga, pelo seu grande talento politico e não dar-se-á que um tão bom subdito seja esquecido por Sua Magestade.

SILVERIO (*ao Governador*). — E' ainda um compromettimento. A mosca enrola-se na têia.

GONZAGA (*á parte*). — Ainda bem. Tudo está prompto.

O GOVERNADOR. — Agora, uma divida que eu tenho a pagar, meus senhores. Em toda a parte onde vejo o talento curvo-me. (*A Maria que se tem approximado*). Em toda a parte onde vejo a belleza, ajoelho-me. Não se dirá, minha senhora, que o velho imprudente que um momento perturbou a alegria destas salas deixasse de pagar a sua divida.

GONZAGA. — Como, Sr. Visconde, tanta bondade!

O GOVERNADOR (*a Maria*). — Não é verdade, minha senhora, que a côrte de Lisbôa tem bem fataes delongas? Oh! eu o leio nos olhos de V. Ex... (*Vivo*.) Quando dous corações contam as horas de espera... os ponteiros não gyram muito rapidos... e depois o oceano é muito largo, as velas muito preguiçosas, a côrte muito indolente. Cansa esperar, sim! esperar dous annos o momento da

felicidade... contal-os por suspiros de ansiedade, por gemidos de desalento... E' longo... é terrível! Não é verdade, minha senhora, que esta ampulheta vai muito precipitada e aquelles homens muito lentos?

MARIA. — E' verdade, Sr. Visconde.

O GOVERNADOR (*á parte*). — Maldição, como ella o ama! (*Alto*.) Pois bem minha senhora, o Governador paga a divida do cavalheiro. Póde V Ex. marcar o dia do seu noivado... eu me encarrego de pedir a acquiescencia de Sua Magestade a Rainha e entrego em suas mimosas mãos todo o meu credito.

GONZAGA. — Oh! obrigado, Sr. Governador. V. Ex. póde dispor de mim. (*Aperta-lhe a mão*.)

MARIA (*ao governador*). — Mil graças, senhor.

O GOVERNADOR. — Agora, minha senhora, aceitará, para recompensar-me, o meu braço.

MARIA. — Muita honra, Sr. Visconde.

SILVERIO (*baixo*). — Sr. Governador, uma palavra. (*Sahe*.)

GONZAGA (*baixo*). — Preciso de ti um momento, Maria.

SCENA VII

CLAUDIO e TIRADENTES

(*Durante a scena todos vão sahindo, uns após outros*).

CLAUDIO (*a Tiradentes*). — Ficas?

TIRADENTES. — Fico.

CLAUDIO. — E's um original. Quanto a mim, meu caro, assesto as ultimas baterias. Vou con-

vidal-a ao passeio no jardim. As flores da noite, as alamedas sombrias, as luzes por entre as arvores, uma musica ouvida ao longe... uma mão tremula que se aperta, uma confissão que sussurra pelos labios... não conheço coração que resista... Vesta, nestes casos, faz-se de Venus. O amor triumpho do gelo e o olhar mais severo termina no estalido de um beijo... Oh! tu que és um coração de bronze, fica.. e inveja-me que eu corro após a felicidade..

TIRADENTES. — Está bem, vai que te seguirei.

SCENA VIII

GONZAGA e MARIA

GONZAGA. — Emfim, Maria, a felicidade nos estende os braços.

MARIA. — Ou a desgraça.

GONZAGA. — Que dizes? A desgraça!...

MARIA (*á parte*). — Que loucura! meu Deus! Oh! e eu que não lhe posso dizer nada!

GONZAGA. — A desgraça! Mas tu não vês como tudo nos auxilia, o nosso casamento... a liberdade que breve se proclamará... O Governador que está cego...

MARIA (*á parte*). — De odio e de vingança!

GONZAGA. — Maria, como eu sou feliz! Queres saber? Já não tenho desconfianças nem receios... eu estou descançado sobre o nosso futuro... Ah! tenho de fazer-te uma surpresa. Breve te enfeitarei com o vestido que bordei a ouro para a minha noiva.

MARIA. — Sim, eu vestil-o-ei. Estás bem descansado, meu amigo, tens razão. Eu sou uma louca... Tanta felicidade me admira e, como n'um sonho, receio que me fuja. Oh! é que ella é uma borboleta muito caprichosa... amanhã é muitas vezes o reverso de hoje. (*Dá-lhe a mão.*) Mas foi uma loucura, passou... tu estás feliz... eu estou radiante.

GONZAGA. — E' que possuir-te, Maria, é sentir que a terra se azula, porque se transforma no céu; que as estrellas scintilam, porque tremem nas tuas palpebras, que Deus é melhor, porque se reflecte na limpidez da tua alma! (*Vai a beijar-lhe a mão. Silverio passa ao fundo.*)

MARIA (*com pudor*). — Oh! espera que eu seja tua.

GONZAGA. — Tens razão. Perdôa, Maria, mas é que eu me esqueço de mim junto de ti. E' verdade, fazes-me lembrar o que te queria dizer... Ouves? A musica sôa. (*Ouve-se ao longe a musica.*) Todos te esperam anciosos. Dá-me ainda um instante. Dize-me Maria, entregaste aquelles papeis a teu tio?

MARIA (*confusa*). — Aquelles papeis!... Não, eu não os entreguei.

GONZAGA. — Sim? Tanto melhor. Já não tenho receios... O Governador é meu amigo, elles estarão em segurança em minha casa, que de certo não será suspeita. Não os déste ainda a teu tio! Muito bem. Dar-m'os-ás logo que poderes. São-me precisos talvez muito breve.

MARIA (*á parte*). — Meu Deus! (*Alto*). Eu vou buscal-os.

SCENA IX

OS MESMOS e CARLOTA

MARIA. — Ah! ali passa Carlota... (*Chamando*)
Carlota!

CARLOTA. — Minha senhora?

MARIA. — Vai ao meu toucador e traze-me os papeis que lá estiverem na gaveta. Toma a chave. Corre! depressa, Carlota.

CARLOTA. — Sim, minha senhora. (*Sahe.*)

SCENA X

MARIA e GONZAGA

MARIA. — Creio que são uns papeis brancos lacrados em tres pontos; não, meu amigo? No meio da minha perturbação, eu os tinha mesmo esquecido, julguei que os havia apanhado. Mas agora lembro-me que vi alguma cousa semelhante no meu toucador. Sim! creio que Carlota, quando eu desfalleci, os tomou e depois escondeu no meu quarto... Deve ser isto!

GONZAGA. — Não te impacientes, minha amiga. Carlota ahi vem que os traz.

MARIA. — Ah! Tirou-me de um supplicio horrivel!

SCENA XI

OS MESMOS e CARLOTA

CARLOTA. — Aqui os tem, minha senhora.

MARIA. — Obrigada. Toma-os, meu amigo, guar-

da-os bem guardados! Vê! não são estes? Oh! não os vás perder...

GONZAGA (*tem quebrado o lacre dos papeis*). — Maria. O envolucro é quasi identico, mas contém apenas cartas minhas, tu as havias ajuntado talvez... não é assim? Toma, guarda-as que um dia havemos de lel-as juntos, bem juntos, diz-m'ó o coração...

MARIA (*á parte*). — Oh! meu Deus! que sentimento horrivel! (*Alto*.) São tuas cartas, são! eu as amo muito, hontem ellas estavam espalhadas na gaveta e eu disse a Carlota que as ajuntasse... ella lacrou-as assim. e eis ahi o engano... São tuas cartas... porque os papeis... oh! estão guardados... não receies nada, eu os guardei... é tua vida que eu tenho em minhas mãos... Demais, quem os quereria?... Mas aquelle maldito desmaio! Que culpa tive eu?... Foi tão subita a entrada do Governador!... (*como tomada de uma desconfiança*) o Governador! Ah! (*Atira os papeis sobre a mesa da direita e vem á boca da scena*). Meu Deus! Meu Deus! E' uma idéa horrivel! Teria eu comprehendido a alegria immensa daquelle homem! Oh! é que aquella boca só ri quando tem saibo de sangue!.. (*Vai a sahir precipitadamente. A Gonzaga*.) Espera, meu amigo, eu vou buscal-os... espera! (*Sahem Maria e Carlota*.)

SCENA XII

GONZAGA, TIRADENTES, CLAUDIO,
ALVARENGA, depois SILVERIO e CARLOTA
ao fundo

GONZAGA (*aos que entram*). — Entrem, meus senhores, precisava falar-lhes.

TIRADENTES. — E eu queria dizer-te que já não podemos esperar!

CLAUDIO. — Sim! Eu não espero mais que 24 horas. Devo morrer, meus amigos, sou o mais infeliz dos homens. Nem a brisa, nem a noite, nem a musica enterneceram o coração de minha Eulina. Ah! senhores, imaginem que em meio de uma declaração de amores, quando minha voz era mais terna... (e tão terna que eu mesmo quasi me apaixonava pela minha garganta), quando ensaiava um beijo... mas um beijo que infelizmente ficou só em hypothese, fuge ligeira a minha nymphá e deixa-me chamando embalde.

Nem ao menos o echo me responde
Ah! como é certa a minha desventura
Nize, Nize, onde estás, aonde, aonde?!...

E' de desesperar! meus senhores; eu, por consequencia, não espero!

GONZAGA. — Concedes-me um instante?

TIRADENTES. — Então?

GONZAGA. — O intendente acaba de dizer-me que vai requerer a derrama immediatamente. Este homem vai requerer a revolução. Em 24 horas tudo deve estar prompto.

SILVERIO (*ao fundo a Carlota*). — Fizeste como te disse?

CARLOTA. — Sim, meu senhor. Imitei o sobrescripto e colloquei-o no seu tocador, para, no caso della se recordar dos papeis, acreditar que eram aquelles

SILVERIO. — E ainda não sabe?

CARLOTA. — A estas horas deve saber-o,

SILVERIO. — Já era tempo. Olha, Carlota, desteme a cabeça daquelle lindo cavalheiro. Vai chamar o Governador.

CARLOTA. — Deus me perdôe... meu pai, Senhor?

GONZAGA (*aos conjurados á boca da scena*). — Amanhã em minha casa ao levantar da lua.

TODOS. — Ao levantar da lua.

SILVERIO (*a Carlota*). — Elles o disseram: terás teu pai, amanhã ao levantar da lua.

SCENA XIII

SILVERIO e o GOVERNADOR

O GOVERNADOR. — Então os papeis?

SILVERIO. — Aqui os tem.

O GOVERNADOR (*precipitando-se sobre elles*). — Oh! é isto, é isto... (*Abre.*) "*Lista dos conspiradores, cartas sobre a revolução, planos sobre as leis da nova republica.*" Tudo, tudo que bastaria para levar á força meio mundo. E' isto! Muito bem, meu Silverio, muito bem... Olha, vêes este papel? é fraco, muito fraco, um sopro de vento o levaria... Pois bem, estas folhas flexiveis encerram em si mais condemnados que todas as masmorras da Rainha... é um calabouço este papel. é um patibulo este papel... é um antro. Quando eu o aperto, parece que sinto o estertor de mil agonias... quando eu o aspiro, sinto o cheiro de sangue... Oh! deve ser bello, Sr. Silverio, entregar todas estas vidas á mão rosada de uma criança e dizer... "Faze o que bem te parecer... Queres um circo como os imperadores davam ás patriças de Roma?"

Abre-o.. Queres o espectáculo de mil escravos que te devam a vida? Queima-o.'

SILVERIO. — Como, Sr. Visconde? Nada comprehendi.

O GOVERNADOR. — Fizeste bem... Silverio, obrigado... Se minha mão tem o ferro para os inimigos, tem o ouro para os amigos. Vai, Silverio.

SILVERIO. — Eu voltarei em breve. (*Sahe.*)

O GOVERNADOR. — Oh! Ella será minha.. inda que Deus m'a queira roubar. É' um duello de morte. Vejamos quem vale mais, se o velho Governador, ou o moço poeta. Entretanto parece-me que tremo... E' a primeira vez! Não importa. Condé, dizem, que tambem tremia antes de entrar nas suas grandes batalhas e no entanto Condé sempre vencia.

SCENA XIV

O GOVERNADOR e MARIA

MARIA (*entra pallida e perturbada. Vem á boca da scena sem ver o Governador*). — Oh! meu Deus, revolvi tudo! nada! nada! meu quarto estava vazio como um tumulto... o coração salta-me como a cabeça ainda quente de um condemnado.. Meu cerebro ferve como uma fornalha... Oh! meu Deus, minha vida inteira por aquelles papeis...

O GOVERNADOR (*que se tem collocado atrás della*). — Eu contento-me que a reparta commigo, minha senhora.

MARIA. — Este homem! sempre este homem!.. Dir-se-ia que é a sombra da desgraça. Todas as

vezes que um vulto invisível me fere, eu vejo esta mão que se enxuga.

O GOVERNADOR. — Este coração que sangra...

MARIA. — E que me importa o seu coração, senhor, se é que o tem? Que me importa? Ah! é preciso que eu lhe faça lembrar que sou uma noiva. Ouviu bem, Sr. Visconde? uma noiva!.. Tenho atrás de mim o meu berço de virgem, á minha frente o meu leito de esposa... estas duas cousas santas, uma guardada por uma mãe, outra velada por Deus! Ah! é preciso que cessem estas temeridades... Fala-me de seu coração... da mesma sorte que me fala do seu odio, do seu ciúme, de sua vingança. Oh! ha de concordar, Sr. Visconde, que á primeira vista dir-se-ia que sua alma é um covil, é uma jaula onde todos estes animaes ferozes se mordem e estrangulam. E depois, fosse a sua alma pura para o céu, illuminada apenas pela minha imagem, que me importaria tudo isto?.. Eu já lhe disse, Sr. Governador, duas palavras, que bastam. Eu amo a Gonzaga!... E se o senhor sabe o que é o amor, deve sentir que eu não posso ter o officio de olhar corações... Ouça bem, Sr. Governador. Eu amo a Gonzaga!... E embebida n'um dos seus olhares, nem sequer mover-me-ia, mesmo se o mundo inteiro desabasse em torno de mim.

O GOVERNADOR (*como que a si proprio*). — E' verdade! Que te importa o meu amor! Que te importa a minha morte?... Oh! mas é a fatalidade! E' sempre a fatalidade!...

MARIA. — Ainda ameaças, senhor, mas isto além de inutil, é covarde...

O GOVERNADOR (*terrivel*). — Não me insulte, senhora. (*Brando.*) Póde insultar-me, Maria, mas ao menos escute-me um momento, um instante; é al-

guma cousa de serio, de terrivel, que eu vou dizer-lhe; é sua vida, a minha, e a de mais alguém que se joga nesta fatal partida. Ouça, Maria...

MARIA (*altiva*). — Senhor!

O GOVERNADOR. — Oh! deixe-me chamal-a por este nome, porque é assim que eu costumei-me a invocal-a nas minhas horas sombrias, nas minhas horas de condemnado; quando o céu era negro, como a abobada de uma catacumba, e a terra fria como a lagea de uma sepultura. Oh! era este nome que eu invocava como aragem bemfazeja quando a cabeça me escaldava, e no entanto era elle que me derretia bronze em lavas pelas veias... Oh! é uma historia sombria, mas que é preciso que escute...

MARIA (*ironica*). — Eu o escuto, Sr. Visconde; as mulheres são curiosas, e affirmo-lhe, a minha curiosidade está por demais excitada. Quero ver até que ponto chega este assombro de impertinencia.

O GOVERNADOR (*sem ouvil-a*). Um dia passava uma cavalgada pelas ruas de Villa-Rica. Soavam as trompas, turbilhonava a multidão, as janellas resplandeciam de colchas e de physionomias animadas, os cavalleiros caracolavam sobre lindos ginetes, enquanto as damas se inclinavam para seguir com os olhos este esplendido cortejo... Era um dia de festa... ou um dia de maldição... E tudo isto era por um homem... Este homem orgulhoso, conscio de sua força, terrivel na sua grandeza tyrana... sorria de desdem, como um soberano rodeado de escravos.. e sentia-se feliz porque era poderoso... Sim! elle era feliz. O poder tinha sido a sua unica paixão... a virgem... dos seus sonhos de moço, o amigo de sua virilidade; a esposa de sua velhice... Oh! elle era feliz. Não se impaciente, senhora, eu vou dizer-lhe tudo.. De repente o homem levantou os olhos para uma gelosia.. Ahi

estava uma mulher... ou talvez um demonio de belleza. Ella era bella! sim, muito bella... tinha uma fronte soberana e larga como um firmamento de alabastro, as sobranceiras curvas e delicadas como o arco-iris do amor, uma boca que pedia beijos, uma alvura que se teria manchado, mesmo com a brancura de uma lagrima. E os cabellos eram negros. Oh! na noite daquelles cabellos a propria luz quizera transformar-se... e os olhos, meu Deus... pretos, rasgados, brilhantes e aveludados eram como uma perola sob a concha rosada das palpebras... O Creador invejaria um dos raios daquelles olhos para resplandecer no diadema da Virgem... Era V. Ex.^a, minha senhora. Eras tu, Maria! O homem era eu... Era, porque já o não sou... Que longas noites de vigilia povoadas de mil fórmulas de voluptua, de beijos insensatos, de lagrimas lascivas cavaram-me rugas na fronte, abysmos no coração, aquellas cheias de trévas, este cheio de amor! Porque dizer-te mais? O demonio amou o anjo. (*Movimento de Maria.*) A tréva quiz abraçar a luz, o reptil perdeu-se pela flor: oh! não precisa falar... Eu sei o que vai dizer. Sim, eu... devia ter afogado este filho maldito de minha alma, devia devorar este amor, como o cascavel engole os filhos, mas era impossivel... Depois... uma noite. era uma noite de sensualismo e de loucura, uma noite que devia ser bem negra (negra, como o pensamento horrivel que lhe sahiu das entranhas), eu ouvi uma voz que me repetia. "ella será tua!"... Sabes tudo o que encerra esta palavra? Oh! nunca o saberás, pois bem! Eu sonhei-o, e sonhei-o tanto que ao despertar deste pesadelo levantou-se em mim um outro homem que tinha uma cabeça de condemnado e um braço de assassino... Então soltei uma gargalhada que horrorizou a mim mesmo e jurei que serias minha.

(*Riso de Maria.*) Tu ris? pois jurei, não sobre o meu crucifixo, mas sobre a cruz do meu punhal. E o homem que cumpriu o juramento, que tem agora nas garras como o gavião o passarinho, tua vida, e tudo quanto tu amas, vem dizer-te: Maria, eu sou o senhor, eis me feito escravo... deixa-me apenas fanar com os meus beijos as flores que tu roçares de leve com a asa dos teus pésinhos! Escuta, eu sou bem desgraçado! Ouve! amo-te com um amor unico, immenso e virgem como tu!..

MARIA. — O seu amor virgem! Sim, é isto... Uma mulher é moça, é feliz, é talvez mesmo bella... Tem a primavera que lhe canta nos olhos, o amor que lhe suspira no coração... Ella ama! E os pobres amantes embalados em seus sonhos de esperança embriagam-se, respiram-se, olham-se e vão correndo sobre os dias, acreditando que o céu é uma arvore de saphyra, de onde a terra pende como um ninho embalado entre as estrellas. E este ninho Deus o creou para elles! Sim... para o seu amor... Mas de repente vêm alguma cousa boquiaberta, negra, horrivel, que boceja a seus pés... e isto lhe diz: Tu és bella, ó virgem, tu és pura, ó noiva; pois bem, eu sou horrivel, mas eu te amo! eu sou tão negro como é alva a tua capella, mas eu te amo! Vem, que eu sou a fatalidade. Vem! que eu sou a sepultura, eu te offereço a minha virgindade de lama! (*Ao Governador.*) A virgindade de seu coração! mas é a virgindade da cova.. Um pouco de lodo sacia a terra, um corpo de mundanaria deve fartar-lhe a fome... (*Gesto do Governador.*) Oh! Não me interrompa... eu ouvi-o, deixei-o derramar do seio toda essa baba que o senhor chama amor! o amor, meu Deus! mas é o ponto onde se fundem os raios de duas estrellas.. a fusão de duas gottas de orvalho sobre um lyrio.. uma cousa pura, diaphana, luminosa,

sobre a qual os anjos passam voando sem corar... Não! não é o abraço da larva com a escuridão, o coito do limo com o lodo. Amar! Mas Deus só concede isto ás almas puras. Isto que o senhor diz amor é um desespero de abraços, é uma raiva de beijos, é a inveja sombria de Satanaz vendo a felicidade no céu... E' o odio do cego que apaga a luz que não vê... Egoismo infame! (*Gesto do Governador.*) Sim! infame! O senhor disse comsigo: ali ha duas mocidades que se cobrem com flores — fanemol-as... Ali ha duas auroras que sorriem — turbemol-as.. Ah!... Eu o sei!... Mas é loucura! Porque eu amo a Gonzaga. Sim, a elle, bello, moço, com um coração illuminado pela grandeza, com a cabeça radiante de genio... E elle me dá tudo isto. Ouve bem? Elle tem tudo isto a dar-me, por isso o amor que eu lhe voto é estremecido como o primeiro beijo de Venus, puro como a primeira lagrima de Eva... E o senhor é velho! é feio... tem o coração mais envelhecido que o corpo, a cabeça mais caduca do que o coração. Eu o abomino... eu o desprezo!...

O GOVERNADOR. — Ah! tu me abominas... Ah! tu me desprezas... Pois bem, o teu desprezo e o teu odio eu os quebro entre os dedos, como o brinco de uma criança... porque tu has de ser minha...

MARIA. — Ah! ah! ah! Pobre homem!

O GOVERNADOR. — Ri! ri! Porque vais chorar! Sim, é isto... eu sou velho, feio, tu me repelles. Elle é bello, é moço, tu o amas. E se eu disser que tu has de ser minha, rirás como agora o fazias... Ah! tu o amas... Tanto melhor!... Ah! tu o adoras... Muito bem!... Ah! tu te matarias por elle... A maravilhas! Eu quero mesmo que tu o ames, porque, se não mentes, o teu amor é quem ha de perder-te.

MARIA. — Faz-me piedade! Julguei-o um miseravel.. vejo que não passa de um idiota.

O GOVERNADOR (*tira lentamente os papeis do bolso*). — Vê.. (*tem-nos na mão.*) Conhece-os perfeitamente...

MARIA (*horrorisada*). — Ah!... mas isto é horrivel, senhor! Isto é monstruoso, meu Deus! Estes papeis... Dê-me estes papeis, senhor!

O GOVERNADOR. — Sabe V. Ex.^a, que a côrte de Lisbôa dar-me-ia muito dinheiro por elles?... Bem vê, seria muita generosidade.. Eu não posso de *um pobre homem*.

MARIA. — Oh! mas o senhor roubou-m'os. O senhor é um infame, é um miseravel.

O GOVERNADOR. — Não, eu *sou um idiota*.

MARIA. — Mas é a vida de mil pessoas.. que ahi tem em sua mão! Abafe a revolução, mas poupe tantas victimas. Que força o póde levar a este horrivel sacrificio?

O GOVERNADOR. — Eu amo-a.

MARIA. — Meu Deus... Eu amo-a, eu amo-a, porém sua vida mesmo corre perigo... De todas estas familias despovoadas não poderá sahir um braço que o apunhale? Para que se entrega a esta vingança tremenda?

O GOVERNADOR. — Eu amo-a!

MARIA (*com fingido enternecimento*). — Sim! Deve ser um amor tremendo este! Ah! eu ainda não tinha visto este lado monstruoso, porém formidavel da paixão... esta loucura que, á força de espantosa, torna-se grande. E' alguma cousa vertiginosa como o abysmo.. mas profunda como um céu de tempestade.. Oh! eu começo a comprehender o que seja a desgraça... E' preciso que o coração soffra muito para entregar assim sua vida ao remorso, sua

alma ao inferno... Mas, senhor, por piedade! Eu não posso ainda amal-o; mas bem vê que não o odeio... Meu Deus, eu desejaria enxugar todas as lagrimas... e o senhor... sim, eu devo consolal-o, porque o fiz muito infeliz.. tão infeliz que já não lhe posso querer mal, o senhor assombra-me!...
(*Chorando.*)

O GOVERNADOR. — Maria, escuta.. São as minhas ultimas palavras. A senhora tem nas suas mãos a vida de muitas pessoas que estima, a desse homem a quem ama, e deste outro que a adora. Pois bem, Maria!. todos estes olhos estão fixos em ti, todas estas bocas tremulas de condemnados murmuram-te piedade.. todos estes soluços de agonisantes clamam-te compaixão.. são elles todos que t'ó dizem: Salvai-me a vida. Sou eu, Maria, que te digo — salva-me a alma... Sim! que eu sou o maior condemnado!... Salva-os, Maria. porque a benção de mão que já se aproxima da eternidade é santificada por Deus. Do contrario creio que aqui haverá alguma cousa horrivel, enorme, medonha... um cadafalso levantado por ti, muitas cabeças derrubadas por ti... e estas caras lividas passarão nos sonhos do teu travesseiro e repetirão: Mataste-me... mataste-me... e a minha face mais livida ainda que a dos mortos te repetirá: Perdeste-me, perdeste-me!... Escolhe.. e tudo estará terminado!..

MARIA (*chorando*). — Oh! meu Deus! meu Deus!

O GOVERNADOR. — Eu amo-a, Maria... não zombe de mim; eu talvez que a faça feliz. E depois, que maior prazer póde ter uma alma como a sua do que entornar a felicidade por onde passa?... E' esta a missão das mulheres... e tu és um anjo... Depois tu me farás bom, talvez me purifiques... Oh! um raio

de sol faz de um paúl um valle... Este amor que me fez horrível me fará também sublime... Escolhe... escolhe..

MARIA (*enxugando os olhos*). — Eu escolhi...

O GOVERNADOR (*soffrego*). — Então, amas-me, Maria?

MARIA (*fingindo pudor*). — Oh! não me pergunte isto... Eu devo mesmo, sim... devo affirmar-lhe que o não amo.. mas admiro tanta loucura que imaginou por minha causa, tenho remorsos de tel-o feito desgraçado. Mas bem vê... não era minha a culpa... Eu nem sequer sabia-o... E' talvez horrível tudo quanto eu digo,.. Agora eu comprehendo esta palavra — Fatalidade!

O GOVERNADOR. — E então, Maria?

MARIA. — Ainda não comprehendeu, meu Deus! Mas isto é tyranno! Deixe-me ao menos ver quantas victimas nós salvamos.. Dê-me estes papeis...

O GOVERNADOR. — Não brinques, Maria; é horrível brincar com a serpente. Então, é minha? E' minha... diga!

MARIA. — Ah! eu bem o sentia, fiz talvez mal em dizer-lhe tudo isto... De facto, eu mesma já não comprehendo. Já não lhe posso inspirar confiança, desgraçada de mim! Eu já não a inspiro a mim mesma.. Oh! eu creio que fiz um grande crime, mas deixe-me ao menos lembrar que misturei-o com uma virtude... Dê-me estes papeis... (*Gesto negativo do Governador.*) Bêm vê? Vai ainda desconfiar de mim. Meu Deus, cedo começa o meu castigo, mas note que eu sou uma fraca mulher; estamos sós... E antes que eu tivesse rasgado estes papeis já o senhor m'os teria arrebatado..

O GOVERNADOR (*olha em torno de si, desconfiado... depois entrega-os lentamente*). — Aqui os tem, Maria!

MARIA (*tem-se ápproximado pouco a pouco da mesa da direita onde estão as cartas; vai, abrindo lentamente os papeis*). — Meu Deus, meu Deus, eu já não tenho remorsos!.. Salvei-os a todos.. perdoa-me, Senhor!

O GOVERNADOR. — Oh! tu me salvaste. .

MARIA (*faz falso jogo. Tendo-se approximado da mesa, agarra os papeis que estavam sobre ella e atira-os á vela, enquanto recua para a esquerda com os verdadeiros*). — Não; eu zombei de ti. . .

O GOVERNADOR (*precipita-se para a mesa da direita, de onde tira as cartas*). — Ah! ah! ah! A senhora queria illudir-me... Louca. (*Ajunta-as rapidamente sobre a mesa*). Agora é um duello de morte... Oh! Eu sahirei com as mãos cheias de sangue.

MARIA (*que tem queimado na vela os papeis verdadeiros, da revolução*). — E eu de cinzas...

O GOVERNADOR. — E tu verás que o anjo... (*volvendo-se*). Oh! maldição!

MARIA. — Ah! ah! ah! Que o anjo queimou as asas do demonio!...

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Os martyres

(O theatro representa o exterior de uma casa. A' direita uma larga varanda, cujas columnas chegam quasi ao meio da scena. A' esquerda um bosque. Ao fundo brilham em distancia varios fogos que alumiam senzalas de escravos. E' noite).

SCENA I

O GOVERNADOR e SILVERIO

O GOVERNADOR. — Então, Silverio?

SILVERIO. — Tudo está prompto.

O GOVERNADOR. — Os meus homens?

SILVERIO. — A' hora em que falamos os temos dentro das unhas. Oh! ninguem imaginaria que, neste lugar, está no centro de um circulo de ferro... Olhe, Sr. Visconde, aqui (*apontando para a esquerda*) cada arvore esconde um vulto, um punhal. Acolá (*aponta o fundo*) a noite do céu confunde-se com a noite da pelle dos seus escravos. Alli (*aponta a direita alta.*) póde V. Ex. bater com o pé em terra, como dizia Pompeu, e della saltarão legiões... E tudo coberto, amparado, mascarado... Deus teve a benevolencia de enviar a noite, este grande dominó do carnaval eterno... E não gastou debalde a seda. Eu me incumbo do espectaculo.

O GOVERNADOR. — Bem, bem, desta vez não me escapará.

SILVERIO. — Oh! não tanto! não tanto! E' preciso que vamos mais de vagar...

O GOVERNADOR. — O que dizes? heim? Fala depressa! Vamos! Então desconfias?

SILVERIO. — Estes homens ainda não estão aqui... e mesmo se estivessem poderiam sahir.

O GOVERNADOR. — Não acabarás? Que diabo estás a dizer? Sahir? Mas por onde? Porventura não tenho soldados? estes soldados não têm espadas, estas espadas não têm fio? Ah! parece que queres tambem zombar, Silverio?..

SILVERIO. — Perdão, meu senhor, mas nada disto basta.

O GOVERNADOR. — E que mais? Mas é o supplicio do fogo lento..

SILVERIO. — Deixe-me V Ex. falar um instante... Vê esta casa? Aqui é o lado... (*aponta a parte visível do edificio.*) Acolá a frente. (*Aponta para o fundo á direita.*) Além o outro flanco... todos sitiados...

O GOVERNADOR. — Vai agora fazer-me a topographia. Mas eu conheço-a perfeitamente... e por trás fica o rio.. que mais?

SILVERIO. — Sobre este rio passará um barco, sobre este barco os conspiradores.

O GOVERNADOR. — Mas ahí não ha barco.

SILVERIO. — Collocaram-n'o hoje.

O GOVERNADOR. — E' preciso que o tomemos.

SILVERIO. — Impossivel! Ha vigias que o guardam do lado opposto. Demais, isto levantaria a desconfiança e ficaríamos desconcertados... Accresce ainda que é preciso, para tomal-o, passar por esta casa. E. V Ex., sabe que seria perder-nos.

O GOVERNADOR. — Oh! Eu daria a minha fortuna por este barco.

SILVERIO. — Eu espero dar-lhe o barco sem tomar sua fortuna. Sr. Visconde... Para atravessar aquelle limiar é preciso ser amigo, para servir-nos é preciso ser inimigo. Temos, pois, necessidade de encontrar um amigo inimigo..

O GOVERNADOR. — Comprehando o enigma. Trata-se de um traidor... sim!... mas onde encontrá-lo?

SILVERIO. — Um amigo do Estado!. Eu tenho a honra de pô-lo á sua disposição, Sr. Governador.

O GOVERNADOR. — Mas quem é? quem é? Diga-lhe que terá uma larga recompensa, porque devéras vai salvar-nos, esse homem.

SILVERIO. — Não, é uma mulher. E' Carlota, uma escrava minha. V. Ex. sabe esta historia; tenho-lhe falado já desta heroína de romance, bella como uma serpente, prégando sermões como um frade, roubando papeis como um bandido; no mais, bonita e quasi tão branca como qualquer um de nós... Oh! fará um lindo effeito vestida de rapaz, como espero apresentá-la em breve a V. Ex.

O GOVERNADOR. — E ella será capaz?

SILVERIO. — De fazer tudo que lhe ordenarmos, sem que comprometta o resultado que esperamos. Oh! respondo por ella. Ha um talento todo especial no sexo feminino para a mentira. E' o segredo que a serpente da Biblia confiou-lhes. Verá. Esta linda rapariga entrará naquella porta levando a Gonzaga uma carta que retardou de proposito... depois deslizará pelos corredores. Chegará ao barco, dirá aos feitores que vai guardar alguma provisão ali... abrirá com toda presteza uma fresta no costado, por onde possa entrar agua a valer, e se escapará n'um instante deixando apenas sobre o chão um rasto tão ligeiro como o de uma asa, tão pequeno como o de uma cabra. Ainda um ponto de contacto entre a mulher e Satanaz. Ah! n'um dia de pachorra escreverei um tratado sobre este assumpto!

O GOVERNADOR. — Muito bem. Mas, por minha fé! se começa a publicar o primeiro capitulo, creio que vai ter muita extracção, porque sinto passos.

Bem! Ver sem ser visto é uma semelhança com Deus. (*Sahe pela esquerda baixa.*)

SILVERIO (*ao desaparecer pelo fundo, apontando os conspiradores*). — Ser visto sem ver é uma semelhança com os fuzilados. Ah! ah! ah!

SCENA II

TIRADENTES e CLAUDIO

TIRADENTES. — Nada ouviste?..

CLAUDIO. — Apenas o grito do bacorão na solidão da noite.

TIRADENTES. — Entretanto dir-se-ia que uma gargalhada humana ou diabolica estridou agora ás nossas costas.

CLAUDIO. — Alguma coruja que se ri dos homens e quer intimidar as velhas.

TIRADENTES. — Mas ali, entre os juncos, como que vi brilhar um sabre ao raio das estrellas...

CLAUDIO. — E' a lua que faz espadas com as folhas esguias das cannas.

TIRADENTES. — E aquelles passos que estalaram os ramos á nossa esquerda ao entrarmos na matta?

CLAUDIO. — Alguma cascavel que espantámos com a nossa passagem. E depois. que importa? Tens medo? Seria a primeira vez.

TIRADENTES. — Tenho, como o noivo antes de desfazer o véo de sua esposada. Tenho medo por ella, a minha virgem promettida. E, a proposito, parecemos verdadeiros namorados. Chegámos bem cedo á entrevista.

CLAUDIO. — E' verdade. A lua ainda está por trás das sicupiras do Itacolomi. Entretanto entremos. (*Prestando o ouvido.*) Creio que alguém caminha deste lado.

TIRADENTES. — Então fiquemos. E' talvez um espião que precisamos abreviar. Vejamos. Segura o punhal.

SCENA III

CLAUDIO, TIRADENTES, ALVARENGA, O PADRE CARLOS
e tres HOMENS encapotados

TIRADENTES (*a um dos que entram*). — Companheiro, á noite está negra como a escadaria do inferno... Deste passo irei parar ao palacio de Satanaz.

O HOMEM EMBUÇADO. — Que importa, se ahi encontrar o que eu procuro?! Porém mesmo nas trévas o genio quebra as cadeias.

TIRADENTES. — *Libertas quae sera tamen*. Louco modo de procurar um homem.. tacteando as trévas!

O HOMEM EMBUÇADO. — São as dobras do manto de Deus, e eu quero acordal-o.

TIRADENTES. — E que lhe queres tu?

O HOMEM EMBUÇADO. — Saber o caminho do Calvario...

TIRADENTES. — Companheiro! Deus já não o sabe! Há muito que desceu da montanha... O Golgotha está tão negro como o inferno, para onde tu caminhas.

O HOMEM EMBUÇADO. — A liberdade vela no seu tópo.

TIRADENTES. — Companheiro, venha o abraço de irmão. (*Toca-lhe a mão.*) Olá! estavas armado. (*Claudio bate tres pancadas á porta da casa.*)

O HOMEM EMBUÇADO. — E tu tambem.

TIRADENTES. — Oh! nestes trilhos tão estreitos é preciso algumas vezes apartar os ramos...

SCENA IV

OS MESMOS. e LUIZ

LUIZ (*á porta da casa*). — Quem bate?

CLAUDIO. — Eu, Claudio..

LUIZ. — Entre, senhor... Quem são estes homens?

CLAUDIO. — Amigos. (*Os conjurados falam baixo a Luiz e vão entrando para a casa.*)

TIRADENTES. — Irmão, de que lado vens?

O HOMEM. — Do rio...

TIRADENTES. — E o que ha lá?

O HOMEM. — Um barco.

TIRADENTES. — Bem. Se fossemos trahidos pela terra, a agua nos salvaria... Entremos, a menos que não prefiras ficar ao relento.

O HOMEM. — Nada! A noite é uma tenda muito fria. Eu tambem entro. (*Todos desapparecem; a scena fica um momento vazia.*)

SCENA V

SILVERIO e CARLOTA

CARLOTA (*entra vestida de homem, envolta n'uma capa. Traz uma pequena mascara preta*). — Então, meu senhor, onde está meu pai? E' verdade que vou conhecê-lo?

SILVERIO. — Ai! abaixo a ansiedade. Ao levantar da lua.

CARLOTA. — Meu Deus! como esta lua tarda! Quanto tempo esperarei!

SILVERIO. — Dize antes, quanto tempo trabalharás... Parece que, com a maldita idéa de encontrares teu pai, te esqueces do officio. Vê bem se vais

estragar tudo quanto tens feito!... E, se nesta ultima prova não deslustrares o conceito que de ti faço, de bom tratante, terás em premio até as minas da capitania. do contrario, travarás conhecimento com outro personagem menos sympathico. Então? Ficas estúpida como uma pedra? Vai com todos os diabos, enquanto é escuro e despacha.

CARLOTA. — Ainda uma infamia, meu Deus!

SILVERIO. — Ah! cahes na mania das lamurias!... Sabes que mais, Carlota, já estás me aborrecendo com o maldito vicio que tens de ser velhaca entre lagrimas. Emfim, pouco importa. Toma estes instrumentos e abre uma fenda tão larga que te deixe passar para a felicidade.

CARLOTA. — E' que estes homens, logo que descobrirem a traição... podem talvez matar-me e eu não poderei sequer ver uma vez meu pai.

SILVERIO. — Sim, tens razão. Todos podem aqui entrar, ninguem d'aqui sahirá só. E' preciso que tenhas um salvo conducto. E' verdade.. esta mascara será um signal, mas não basta, todo o mundo tem mascara... E' preciso alguma cousa que ninguem possúa. Vê lá, procura outro meio de seres reconhecida pelo tenente-coronel João Carlos.

CARLOTA. — Eu tenho este rosario de prata que foi de minha mãe.

SILVERIO. — Bem! bem! nunca um rosario pensou prestar para tanto! Dá-m'o, espera um instante. (*Vai ao fundo.*)

SCENA VI

OS MESMOS e o TENENTE-CORONEL JOÃO CARLOS

SILVERIO (*ao fundo*). — Sr. tenente-coronel, ninguem sahirá d'ahi, á excepção da pessoa que está ali

coberta de uma mascara, e que lhe apresentará este rosario. São as ordens do Governador.

O TENENTE-CORONEL. — Sim, Sr. Silverio. (*Sahe*).

SILVERIO. — Ahi tens, Carlota.. Esta mascara e este rosario te darão passagem. Agora vai bater áquella porta. Adeus.

SCENA VII

CARLOTA, depois LUIZ

(*Carlota vai á porta e bate duas pancadas.*)

LUIZ (*sahindo*). — Quem bate aqui a estas horas?

CARLOTA. — Sou eu, Sr. Luiz.

LUIZ. — Quem quer que sejas, estás preso n'uma tenaz de ferro... (*Pega-lhe o braço*). Dize o que queres.

CARLOTA. — Entregar uma carta.

LUIZ. — Dá-m'a.

CARLOTA. — Não posso, quero falar ao Sr. Gonzaga, deixe-me passar. Não vê quem sou? Sou Carlota, senhor, esta porta sempre me foi franca.

LUIZ (*tira uma lanterna furta-fogo de sob a capa e alumia-a*). — Ah! então entra. Meu senhor te espera ha muito. Dize-me: o Sr. tenente-coronel ainda está decidido a prohibir o casamento? Oh! é uma desgraça.. O Sr. Gonzaga vai talvez enlouquecer, porque de facto creio que ha em tudo isto uma intriga horrivel. No momento do casamento romper sem mais atenções com o noivo... Dize-me, rapariga, a Sra. D. Maria nada conseguiu?

CARLOTA. — Nada. O Sr. Gonzaga já não pôde lá ir. A muito custo minha senhora pôde escrever-lhe, e assim mesmo porque obtive alguns vestuarios que me mascarassem...

LUIZ. — E' celebre! Vem, minha filha, que eu vou conduzir-te. Emfim é sempre uma boa nova que tenho a levar-lhe. (*Sahe deixando a lampada.*)

CARLOTA. — Que loucura!...

SCENA VIII

MARIA (*mascarada*). — Meu Deus! que noite negra! Como eu tremo de susto! Ah! desgraçada de mim, se alguém me surprende! Não; mas ninguém imaginará que embaixo deste capote de bandido bate um seio de virgem, e que esta mascara negra occulta a pelle branca de Maria!... Oh! como eu tenho medo! Mas sinto que ninguém me faria recuar... é que o vão matar... e por mim, santo Deus! Eu vou fazel-o morrer, quando daria toda a minha vida para conservar a sua!.. Essa carta! oh! essa maldita carta!... Parece que o meu anjo da guarda dormia quando eu a escrevi. Entretanto eu já não podia esperal-o, eu preciso d'elle, meu Deus, e marquei esta maldita entrevista que meu tio descobriu... Como? Eis o mysterio! um punhal irá neste momento fatal tomar o lugar do amor... Mas não, não, e não! Fosse preciso quebrar meu corpo, minha alma, minha honra entre o ferro de um miseravel e seu coração... eu fal-o-ia e faço... Ah! a culpa é da couraça que nasceu para estalar por seu dono. Eu me perco. Talvez arrisco minha honra, meu nome... meu Deus!... eu o amo. parece que isto vale mais que todas essas cousas. E depois é preciso salvá-o... Sim, que me importa cahir? E' talvez ás vezes uma virtude... Se as estatuas não cahem é que ellas não amam. E eu não sou uma estatua, sou uma mulher, e uma mulher que ama é alguma cousa menos brilhante, porém mais

scintilante que um anjo. E' preciso bater áquella porta. Vejamos. Ninguém estará de certo aqui... Bem? muito bem! estou só...

SCENA IX

MARIA e O GOVERNADOR

O GOVERNADOR (*tem entrado a estas ultimas palavras*). — Só com um homem!

MARIA. — Meu Deus! estou perdida! (*Recúa dous passos.*)

O GOVERNADOR. — Nada de medo!. porém tardaste muito!...

MARIA. — E o senhor sabia que eu tinha de vir aqui?

O GOVERNADOR. — E que vais para ali. E ainda mais, que se tu faltasses. perderias a unica pessoa que amas no mundo!!!

MARIA. — Meu Deus! quem lhe disse? Mas isto é de enlouquecer. porém não me perca pelo amor de Deus... não diga quem eu sou, se é que o sabe... porque parece que o senhor sabe tudo... tudo... vê minha cara atravez desta mascara, meu coração atravez de minha carne.

O GOVERNADOR. — E tão bem.. que sei que embaixo desta seda ha um lindo rosto, embaixo deste capote um seio aveludado, dentro destas botas um pézinho côr de rosa, sob este disfarce uma mulher...

MARIA. — Basta, basta, por piedade.. não vá dizer meu nome, podem ouvir-o, e seria uma grande desgraça. Oh! tenha pena de mim. Mas quem é o senhor? Quem é?

O GOVERNADOR. — Ali tens uma lampada... vê?...

MARIA. (*vai precipitadamente á direita pega da lampada e alumia a face do Governador*); o Governador!... oh!. (*Deixa cahir a lampada que se apaga.*)

O GOVERNADOR. — Fizeste mal em apagar esta luz. Eu quizera a retribuição, mas ainda peor em gritar tão alto... Tens realmente medo de mim? hem sabes que eu sou teu amigo.

MARIA. — Amigo?!...

O GOVERNADOR. — E porque não, Carlota?

MARIA. — Carlota?!...

O GOVERNADOR. — Sim, eu sei teu nome. Ainda mais o que vens fazer. Ainda mais quem te enviou... Tu és uma escrava.. vais por ordem de Silverio (sob pretexto de trazer uma carta) entrar nesta casa, donde chegarás ao rio, e um instante depois abrirás uma fenda no barco que lá postaram e dest'arte cortarás o unico meio de fugida dos revolucionarios, sei mais que tu és um genio de prudencia, um demonio de astucia. Então... estás contente?

MARIA (*estupida*). — Muito contente... é isto... Foi o Sr. Silverio quem o disse... (*Rapido.*) Mas deixe-me passar. Eu voltarei já, Sr. Governador.. Adeus! Creio que não se enganou quando disse que eu sou um demonio de astucia!...

O GOVERNADOR. — Adeus, minha bella, a lua vem despontando, eu gosto das trévas. Até já. (*Sahe*).

MARIA. — Oh! meu Deus! meu Deus! nem um raio de luz neste céu!.. nem um raio de luz nesta cabeça... tudo é negro.. negro... tão negro que tu não verás o trama horrivel destes miseraveis nem a dor dilacerante de uma fraca mulher... (*A lua vai-se levantando por entre as arvores.* — *Com uma*

idéa subita.) Ah! eu salvarei. (*Vai á casa, mas pára ao abrir-se a porta.*)

SCENA X

MARIA atrás de uma columna, GONZAGA na varanda,
LUIZ á porta

GONZAGA (*com um papel na mão, lendo*). — “A uma hora da noite, sob os jasmineiros que escutam as nossas primeiras juras, vem receber as “minhas primeiras lagrimas. Tua *Maria*.” Sim, eu irei... Eu já não posso viver sem ti, Maria. A vida me desmaia no seio como o ultimo canto de um cysne moribundo. Eu definho de languidez e de abandono... de martyrio e de angustia... Sem ti eu perco a força, a alma e a vida... Longe de teu olhar o céu parece um craneo immenso que me abafa como ao verme... Mas não! Este papel é minha pomba de esperança.. Pobre amiga!. Nós somos como Romeu e Julieta. Temos um jardim banhado de luar, e duas almas banhadas de amor. Eis tudo o que nos resta. Oh! mas ainda é muito! E’ tudo quanto brilha na vida... é a luz da terra e a luz do céu. Adeus, Luiz, adeus! (*Luiz entra*).

MARIA (*sahindo de trás da columna*). — Não darás um passo d’aqui.

GONZAGA. — E quem ousará prohibir-m’o!

MARIA. — A tua vida...

GONZAGA. — Minha vida!. mas eu corro a buscal-a, porque esqueci-a aos pés della.

MARIA. — Nem poderás ir morrer ahi.. Fica, eu o quero!...

GONZAGA. — Ah! tu o queres?! mas tira fóra esta mascara, que eu desejo conhecer a cabeça des-

vairada que ella esconde... Tu o queres?!.. mas não sabes que ninguem poderia dizer-me duas vezes esta palavra? E só ha uma pessoa...

MARIA (*tirando a mascara*). — Que sou eu!.

GONZAGA (*sorpreso*). — Maria! (*Reconhece-a.*) Maria! Maria! tu vens trazer-me a vida!.

MARIA (*soluçando*). — Oh! não, não! desgraçada de mim! venho-te annunciar a morte...

GONZAGA. — Mas é ainda a vida, pois que parte de tua boca... Sim, não chores, Maria! Eu seria o mais desgraçado dos homens se uma só de tuas lagrimas cahisse por mim destes olhos. Não chores, Maria!.. Falas-me em morrer. mas a peor de todas as mortes é ver-te chorar.

MARIA. — Sim! não devo chorar!... e eu já não choro... vês? Se meu coração quizesse soluçar agora, eu sinto que teria coragem de estrangulal-o com os dedos. porque os momentos estão contados, e é preciso que te salves... (*Movimento de Gonzaga.*) Oh! não me interrompas. Escuta e obedece.. Sim! eu sou uma mulher, eu sou tua escrava, mas quando se trata de tua vida, eu peço-te ao menos para não me veres morrer de desespero... (*Movimento de Gonzaga.*) Cala-te... ouve.. o tempo corre, vò... Toma esta mascara, esta capa, este chapéo, e foge... não como um fugitivo... A astucia aqui perderia tudo. Audacia e só audacia!... Encontrarás a alguns passos soldados...

GONZAGA. — Soldados!

MARIA. — Sim, sim. Dirás que és um enviado do Governador.

GONZAGA. — Do Governador! Espera, Maria, E' preciso que me expliques isto.

MARIA. — Mas eu não tenho tempo... vai, vai!...

GONZAGA. — Não, eu fico enquanto não comprehender este mysterio horrivel.

MARIA. — Ficas! Ficas! Mas tu queres ver-me cahir morta a teus pés?!..

GONZAGA. — E tu queres ver-me cahir deshonrado aos teus?

MARIA. — Meu Deus! meu Deus!...

GONZAGA. — Maria, escuta... Ali (*aponta a casa*) estão todos os meus amigos. que vão talvez morrer... Queres que eu os abandone?... Ali está minha patria. Queres que a venda? Não! tu não me queres deshonrado.. tu me preferirás morto.. Maria, o que me dizes é solemne e tremendo... é muito grande para que pertença a mim só... é preciso que estes homens o saibam. Perdôa, mas, pelo meu amor, quando tu fazes um heroismo, não me prohibas, Maria, que eu cumpra um dever.

MARIA (*impaciente*). — Pois bem, vai, vai... chama-os, porém depressa, muito depressa... Eu lhes direi tudo... tudo quanto eu sei... Vai!

SCENA XI

MARIA

MARIA (*só*). — E o tempo que caminha!... e os soldados que vão talvez chegar.. e a morte delle que se approxima! Oh! e eu não esperava isto, entretanto devia prevel-o... Se eu soubesse!... Mas que poderia fazer?... Como estes homens tardam! Dir-se-hia que espero ha seculos... Se fossem as gottas do meu sangue que corressem... mas é a arêa que vai passando na ampulheta do tempo... é seu corpo que vai talvez se inclinando para a morte... Ah! eil-os emfim!

SCENA XII

MARIA, GONZAGA, TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA,
PADRE CARLOS, LUIZ e mais CONSPIRADOS

GONZAGA. — Meus amigos, creio que Deus ainda não marcou a liberdade deste povo... O que nós julgávamos uma aurora é talvez um relampago sangrento.

ALGUNS. — Então o que temos?

GONZAGA. — Não sei.

TIRADENTES. — E quem o sabe?

MARIA (*adiantando-se*): — Eu.

ALGUNS. — Como é o nome deste homem?

MARIA. — Que importa o nome? Chamai-me a morte, se quizerdes, porque eu venho dizer-vos que estais trahidos, vendidos, presos, condemnados, mortos. Oh! é terrível, eu bem o sei, mas é a verdade! Outra era de certo a nova que eu sonhava, mas as espadas nos cercam de todos os lados. O Governador nos espia de seu antro, e Deus não nos vê do céu!..

TODOS. — Traição!

TIRADENTES — Mas temos ainda um barco! Meus amigos, ao remo! Os espias farão fogo da outra margem; mas a correnteza nos levará de vencida! Aos remos e ás pistolas, e salvemos a liberdade de nossa pobre terra!

MARIA. — Já não tendes barco.

TIRADENTES. — Mas é impossível ao menos que entre nós não esteja um Judas..

TODOS. — Quem é o traidor?

MARIA. — Carlota, ou antes Silverio. O barco deve ter ido a pique a estas horas; porque a mise-

ravel, sob um pretexto infame, veio executar as ordens do Governador.

CLAUDIO. — Oh! eu sempre previ!..

ALGUNS. — Estamos perdidos!

TIRADENTES. — Oh! nossa patria foi vendida! e em que momento! quando a revolução levantava a cabeça, quando a America despertava, quando eu sentia o vagido do futuro nas fochas da liberdade, quando iamos agarrar o fogo sagrado como o Prometheu escalando o céu! Sonho sublime!.. despertar tremendo!.. O povo vai gemer ainda no captiveiro! os vampiros vão beber a ultima gotta de sangue desta nobre terra... e as selvas seculares que viram o homem primitivo atravessar as brenhas no trilho da onça bravia, vão ver agora o tigre estrangeiro correr á cata da pobre raça brasileira... E os rafeiros hão de dilacerar-lhe a pelle como a besta brava! Raça desgraçada! Deus nos fadou para a liberdade, temos a escravidão... deu-nos o oceano — temos a masmorra... deu-nos os Andes — temos a força!.. Eis tudo o que nos resta!..

GONZAGA. — Pois, bem, senhores, é ainda alguma cousa. Nós temos o cadafalso... é quanto nos basta! O cadafalso!.. mas é um pedestal... Para o tyranno ali o martyr se levanta como um fantasma, para o captivo como um Christo. O cadafalso!.. Os homens pensam que levantaram um parapeito sobre o nada, não, levantaram um degráo para o céu... e lá de cima... e lá do alto... como a aguia que rola morta do topo do seu rochedo, como a avalanche que desaba do cimo dos Alpes... será grande, soberbo, gigantesco o tombar das cabeças revolucionarias nos braços do povo, o espanar do sangue de titães na face dos tyrannos! Sim, não nos deixaram viver para a patria, morreremos por ella...

Meus amigos, neste momento solenne nós escutamos um rumor sublime. é o futuro que nos sorri... E' uma campã e um berço — campã enorme de nossos avós escravos que nos diz: — Vingai-nos: — berço enorme de nossos filhos que nos diz: — Libertai-nos... Saibamos morrer — entre estes dous concertos divinos um da aurora da vida, outro da aurora da eternidade! Morramos.

MARIA. — Morrer! morrer! Eis tudo que eu alcancei para ti!... Morrer!...

GONZAGA (*recúa e encosta-se a uma columna*). — Ah!...

CLAUDIO (*approximando-se de Maria*). — Morrer... e porque não? Escuta, bello pagem! Tu vais ver que a morte não é tão feia como se pinta. Sabes a historia de Roma? Talvez não, mas vais conhecer quanto perdeste... Dize-me cá, nunca ouviste falar no banquete da morte que aquelle soberbo povo dava aos condemnados?... pois bem, escuta... é o meu segredo... (*Fala-lhe baixo*.) Então ainda tens medo de morrer?

MARIA (*como que acordando*). — Morrer!... (*Atirando-se a Gonzaga*.) Mas eu não quero que elle morra.

CLAUDIO. — Mas tu disseste que todos estavamos perdidos.

MARIA. — Todos; menos elle; porque... ouvi bem, talvez d'aquí possa sahir um homem, mas um só, e este homem será Gonzaga. Ah! vós falais, falais, falais, e quando eu penso que tudo isto vai concluir n'um meio de salvação, terminais com esta palavra — morramos! Pois bem, morramos; mas que elle se salve!... Não é verdade, meus senhores, que elle deve partir, que deve sahir neste instante? E eu que lhe tinha dito isto, mas elle não quer.

tem a loucura de tentar contra sua vida, a maldade de esquecer o meu tormento! Mas os senhores são bons, são seus amigos, peçam-lhe por mim que fuja. Oh! por piedade! Para que uma cabeça de mais no cepo do carrasco?! Emfim, bem se vê que eu tenho razão... peçam-lhe que vá, peçam-lhe...

TIRADENTES (*a Gonzaga*). — E tu que podes salvar-te queres morrer comnosco!... Obrigado, meu amigo; é uma grandeza de tua alma, mas nós não aceitamos o sacrificio. Parte.

GONZAGA. — Eu fico. Não se dirá que rejeitei o meu calice de dor.

TIRADENTES. — Mas tu nos podes talvez ser util lá fóra, e aqui não farás mais que te abysmar no egoismo de sonhar a gloria de martyr, esquecendo que podes servir o povo...

GONZAGA. — Pois bem, vai tu que eu fico. Temos o mesmo direito.

TIRADENTES. — Não, enganas-te. Silverio é um traidor que nos perdeu por nossa confiança. A estas horas estamos comprometidos e já não tinhamos outra esperança de viver senão com o rompimento da revolução, mas contra ti não ha um só documento, porque soubeste sempre unir a tua dedicação á prudencia. Oh! talvez que a nossa leviandade tenha sido a fonte desta catastrophe, e nós que doudamente procedêmos não consentimos que soffras por nossa causa.

GONZAGA. — Não, eu fico.

CLAUDIO (*a Tiradentes, que vai falar depois aos outros companheiros*). — E' preciso salvar-o contra sua vontade. (*Approxima-se de Gonzaga*): Queres ficar? Neste caso salve-se alguem... e já que temos iguaes direitos entreguemos á fortuna a escolha do infeliz.

MARIA (*agarrando Claudio*). — Não, a sorte não decidirá de sua vida.

CLAUDIO (*baixo*). — Perdão, senhor, eu vou fazer um acaso premeditado. Vou escrever o seu nome em todas as sortes.

TIRADENTES. — Inscreve-nos todos e tiremos o eleito da fortuna.

TODOS (*menos Gonzaga*). — Sim.

CLAUDIO. — Oh! que soberba idéa!... E' uma grande banca em que apostamos! E' uma parada sublime! (*Emquanto rasga um papel e escreve em pequenas tiras.*) Viva o jogo! o grande rei da loucura com seu cortejo de emoções, sua côrte de calafrios, seu povo de possessos! Viva o jogo! O monarcha mais democrata, o grande pontifice dos disparates, o republicano por excellencia que faz uma careta ao rei, e uma caricia ao cavalheiro de industria, e cantando e dançando ao compasso dos dados vai gritando — Abaixo a razão, abaixo a força, viva a loucura!.. Viva o jogo, parceiros!.. e apostemos... Vem tirar o nome do desgraçado, lindo pagem! (*Maria tira um papel de dentro do chapéo.*) Espera (*rindo*) esta carta é de filar, vejamos o nome que bica. (*Todos fingem prestar muita attenção, menos Gonzaga.*)

MARIA. — “Gonzaga”!

TODOS. — Muito bem!

CLAUDIO. — Bravo! A sorte agarra pelas orelhas a quem lhe nega a mão.

GONZAGA (*adiantando-se*). — Um momento, senhores, não se dirá que os homens da razão entregaram-se ao deus do acaso. Ah! meus amigos, quando ha familias que gemem, interesses que clamam, dores que podemos curar, lagrimas que podemos enxugar, e tudo isto, com uma escolha

reflectida, com um pensamento nobre, iremos arriscar na cegueira de um papel, como prodigos, responsabilidades que nos pertencem, mas como ladrões, dores que não são nossas? Não! todos concordaram; mas eu calei-me contando protestar se a sorte me escolhesse. (*Movimento geral.*) Não me interrompam. Ha homens que vivem como o cedro de nossas florestas, donde a parasita mimosa se alimenta, a cuja sombra crescem as madresilvas campestres: arrancar-lhe a vida seria matar a trepadeira sem arrimo, o arbusto sem abrigo!... Ha outros, porém, que nascem como o cardo na rocha do descampado, como o musgo no seixo do rio... sua morte não é um cataclysmo, é uma extincção solitaria. Pois bem (*a um dos que o cercam, e depois a cada um dos outros*), tu tens talvez uma irmã virgem, — pobre moça que sorri ainda ao berço, e córa scismando no leito... E que seria da pobre creatura fraca, timida e casta, sem um braço de irmão ao entrar da vida? Tu tens talvez uma filha, loura criança que olha espantada e risonha para o mundo, porque ainda tem o olhar deslumbrado pelo céu. E que seria da linda menina que balbucia teu nome como uma prece, e que não póde sequer comprehender que vai ser orphã? Tu tens talvez a mãi decrepita — sublime velha que tem os cabellos brancos como as serranias os têm de neve, porque ambas se approximam de Deus... E que seria da fraca mulher sem amparo que vive porque tu vives, que morrerá se tu morreres?.. (*Cruzando os braços.*) Digam-me agora, e é ao acaso que entregam como pais suas filhas, como irmãos suas irmãs, como filhos suas mãis? Digam-me, senhores!...

CLAUDIO. — Oh! em verdade tu tens uma irmã!
(*A Tiradentes.*)

TIRADENTES (*a Alvarenga*). — E tu tens uma mãe!

ALVARENGA (*a outro*). — E tens filhos?

(*Os conjurados passeiam, sombrios, um momento*).

MARIA (*olha desvairada em torno de si, depois adianta-se*). — Em verdade, meus senhores, creio que este homem tem razão, mas esqueceu-se de uma cousa... Acima da orphã sem arrimo, acima da irmã sem protector, acima da mãe sem amparo... está a noiva sem honra!... Sim, a criança crescerá, a moça será feliz, a velha pensará em Deus, e quando mesmo todas morressem... morressem, sim, que importaria?... Nenhuma dellas seria deshonrada! (*Pausa.*) E a noiva, senhores, a pobre virgem que entregou seu coração ao homem, sua reputação ao cavalheiro, que guardou todos os seus sonhos de amor para elle, que amou a pureza de seus labios para entregar-lh'a, a belleza de sua fronte para fazel-o feliz, a vida para queimar a seus pés... sabeis o que será della? Eu lhes digo.. sem falar de seus sonhos perdidos, de suas esperanças mortas, de sua alma para sempre condemnada.. a pobre moça será vendida amanhã a outro senhor! Amanhã sua capella de virgem será desfolhada pelos dedos tremulos de um velho perdido!... sua boca, manchada como a folha em que o reptil espojou-se!.. seu pudor atirado á lama como o tablado de um amor horrendo entre um carrasco e uma victima! Sim, porque ella será desse homem que ella vê sempre sobre seus passos, espiando, caminhando, ansiando, destacando-se no vermelho da aurora como uma cousa sangrenta, na escuridão da noite como uma cousa inda mais negra. Sim, ella será dos beijos

e dos amores desse homem... desse miseravel, cujo olhar sequer já é uma mancha de lama!...

GONZAGA. — O que é que tu dizes?

TIRADENTES. — O que queres com isto?

MARIA. — Nada, quasi nada, senhores: entregar uma mascara a alguem que tem obrigação de defender uma mulher. Esta mascara salvará duas vidas, inda mais: duas honras. (*Claudio sahe.*)

SCENA XIII

OS MESMOS e CARLOTA, MENOS CLAUDIO

CARLOTA (*tendo entrado a estas ultimas palavras. — A' parte*). — Esta mascara não salvará ninguem. Falta-lhe o rosario. (*Deslisa por trás dos conspiradores para fugir.*)

GONZAGA (*a Maria*). — O que é isto? dize, o que é isto?

MARIA. — E' uma historia, senhores, é a historia deste homem (*a Gonzaga*), de um rival, e a minha.

GONZAGA. — Ah! estou prompto para partir.

MARIA. — Emfim! Pois então vem. (*Todos entram para a casa.*)

LUIZ (*vem do fundo da scena arrastando Carlota pelo braço*). — Tu vais morrer!.

CARLOTA. — Mas, senhor...

LUIZ. — Cala-te, eu sei tudo. Reza a tua ultima oração, desgraçada, e pede a Deus que te perdôe, como eu te castigo.

CARLOTA. — Meu pai! meu pai!

LUIZ. — Não, teu pai não virá, mas teu juiz está aqui.

CARLOTA. — Então deixe-me rezar um instante. Sr. Luiz... eu preciso que Deus tenha pena de

mim.. Elle terá porque eu fui muito desgraçada... muito!... Os homens me perderam, e eu fui apenas seu instrumento, porque eu sou escrava, porque mataram-me a vergonha, tiraram-me a responsabilidade dos crimes, sem me arrancarem o remorso. Oh! é uma cousa horrivel ter de escolher entre infamia e infamia!... ou perdida, ou traidora!... Eu fui traidora. não, não fui eu... foi meu senhor.. porque eu sou escrava, meu Deus, eu sou escrava!..

LUIZ (*confuso*). — Cala-te e reza depressa que vais morrer.

CARLOTA (*depois de um momento*). — Eu já rezei. Agora deixe-me beijar pela ultima vez o rosario de minha mãe.. (*Em pranto.*) Oh! minha mãe! tu já não podes proteger-me! Oh! meu pai! tu nem sequer me vês!...

LUIZ (*voltando-se para ella*). — Estás prompta?... (*Carlota levanta-se.*) Pois então morre!. (*Ergue o punhal, mas, vendo o rosario, abaixa pouco a pouco o braço tremulo — atirando-se sobre o rosario.*) Que é isto? quem te deu isto? como tens este rosario? Ah! fala.. fala... se não queres que eu enlouqueça. Carlota.. Carlota... a historia deste rosario... eu quero saber de quem o roubaste... dize enquanto eu posso ouvir.

CARLOTA. — Oh! que lhe importa este rosario? Foi-me dado por uma pobre mulher na hora da morte, foi a mão tremula de uma mãe quando ia afogar-se que m'ò atou ao pescoço. é a historia de uma defunta e de uma condemnada.. historia triste como tudo que sahe do captiveiro!. Foi minha mãe que m'ò deu com estas santas palavras. "Por elle terás teu pai." Ai! minha mãe esquecia-se de minha condição quando sonhava tanta felicidade! Pobre mãe! E depois quanto soffri para desmentir-

te!.. Fui para o Rio de Janeiro, onde meu senhor vendeu-me ao Sr. Silverio. “Compre-a, disse então, já não tem mãe, quanto ao pai é um escravo de Minas, que ella nunca poderá encontrar.” Eu era muito pequena, porém bem me lembro que continuou contando-lhe uma historia ao ouvido... devia ser bem horrivel, porque ambos esses homens riam-se.. E eu.. eu apertava chorando o meu rosario de prata contra o peito, e chamava baixinho por meu pai! Depois passaram-se annos, cresci na miseria, fiz-me moça na desgraça. Um dia o Sr. Silverio disse-me: — Queres teu pai? Eu não tive que responder-lhe, abracei-me, chorando, aos seus joelhos. Elle entendeu-me e rio-se. “Pois então ouve bem, Carlota, tu és uma moça livre, honesta, que vai ser aia da mais linda senhora de Minas.” Eu beijei-lhe os pés, mas ouvi-o continuar n’uma gargalhada: “Teu officio ali será apenas de denunciar.” Eu estaquei de horror. Até então tinha os vicios de minha casta, mas nenhuma infamia da alma. Elle voltou as costas: “já vejo que não queres teu pai!”

LUIZ. — Ah! E teu pai? teu pai por quem chamavas ha pouco?

CARLOTA. — Oh! elle não virá!... Debalde eu fiz-me infame, falsa, traiçoeira e indigna para encontral-o! Vê todas estas victimas (*aponta a casa*), eu as immolei, porque ia agora conhecer meu pai!

LUIZ (*ancioso*). — Carlota! Carlota! como se chamava tua mãe?

CARLOTA. — Cora. Mas porque me interroga tanto, Sr. Luiz?

LUIZ (*desvairado*). — Pois ainda não entendeste, Carlota? Não sabes por acaso o nome de teu pai?

CARLOTA. — Luiz.

LUIZ. — E’ o meu nome, Carlota, eu sou teu pai, minha filha!..

CARLOTA (*atirando-se a elle*). — Meu pai!..

LUIZ. — Minha filha!. (*Ouve-se ao longe o toque de corneta.*) Pára.

CARLOTA (*solta um grito e cahe nos braços de Luiz*). — Ah!

LUIZ (*sustentando-a e erguendo uma faca*). — Venham arrancar os cachorrinhos ao tigre!...

SCENA XIV

OS MESMOS e CLAUDIO

CLAUDIO. — Meus amigos, a trombeta de Josphat nos evoca ao festim da liberdade! As taças estão promptas, o vinho nos espera! E' o banquete da morte, meus senhores: nós somos como os escravos gaulêses, amanhã o circo, hoje o falerno!.

TIRADENTES. — Sim, meus irmãos! e que o brinde dos martyres moribundos da terra soberba da America levante-se ao céu com o som da trombeta dos tyrannos estrangeiros! O futuro os escutará a ambos... E agora um ultimo abraço ao irmão que parte, um aperto de mão aos companheiros que ficam. Bom dia aos viajantes da morte, boa noite ao peregrino da vida.

GONZAGA. — Meus amigos, adeus!... um ultimo abraço.. venham que pela ultima vez quero sentir o coração de cada um destes bravos bater sobre o meu. (*Um dos conspiradores vai abraçal-o*).

O CONSPIRADO. — Fala de mim a meu filhos.

GONZAGA. — Sim, eu lhes direi que são os descendentes de um heróe.

ALVARENGA. — Consola minha pobre mãe. Dize lhe que lá em cima Deus nos espera.

GONZAGA. — Oh! Alvarenga, meu amigo, meu companheiro! Eu te chamava primo, és agora meu irmão. Ella terá outro filho em mim. Adeus! (*A Claudio*). E tu, Claudio, meu Glauceste, vem cá. . . não queres alguma cousa para a vida? não queres abraçar teu amigo?

CLAUDIO. — Meu irmão! meu irmão! Dize a ella que receba os ultimos versos do moribundo. . . Adeus!

TIRADENTES (*muito commovido*). — Adeus! (*Enxuga os olhos*.) Dize ao povo que eu morri.

GONZAGA. — Oh! teu tumulo será seu coração. Adeus! adeus, meus amigos! (*Vai a sahir*.)

LUIZ (*deixando Carlota*). — E eu, meu senhor moço, e o pobre negro que o carregou em criança, que lhe deve sua liberdade e sua vida, e os poucos momentos de felicidade que teve sua pobre mulher, não poderá ao menos beijar-lhe a mão?

CARLOTA (*que tem escutado*). — Ah! compreendendo agora. Minha mãe falava sempre de uma criança que tinha sido o seu anjo. E' elle. . . e a filha de minha mãe é quem o mata? . . . Não, não será assim.

GONZAGA. — Luiz, dá-me um abraço, meu velho. (*Abraçam-se*.)

LUIZ. — Vá, meu senhor, e Deus o acompanhe.

CARLOTA (*a Gonzaga e Luiz que estão abraçados*). — Um momento. Esta mascara não basta. Tome este rosario, senhor, e apresente-o ao Sr. tenente-coronel, que só assim passará! . . . do contrario está perdido. Vá por ali. Foi a criança que o deu a minha mãe, sua filha vem entregal-o ao homem. (*Dá-lhe o rosario*.) Vá, meu senhor, e perdôe-me. . . perdôe á pobre filha de Cora.

GONZAGA (*olha interdito um momento para ella*,

depois para o rosario, depois para Luiz). — Carlota! Ah! pobre Luiz! Deus enfim te escutou!

CARLOTA (*a Maria*) — E Vm., minha senhora, tome sua mascara e fuja. Não leve tão longe o seu heroismo. (*Baixo.*) Eu sei que enganou o Sr. Gonzaga, que disse-lhe que podia sahir, e talvez o possa se o Governador ainda não descobriu o laço em que foi preso. Ah! é verdade. vá por aqui. (*Aponta a esquerda.*)

MARIA. — Obrigada, Carlota, eu te agradeço a vida, porque elle está salvo!...

CARLOTA. — E agora, meus senhores, perdõem-me, porque eu vou morrer; meu pai, abra-me seus braços, porque eu vou viver.

GONZAGA. — Oh! nós te perdoamos, porque tu foste escrava..

MARIA. — Eu te perdôo, porque tu amaste muito.

GONZAGA (*olha um momento interdito o grupo de Carlota e Luiz, depois o dos conspiradores na varanda; faz dous passos para estes, depois para aquelles*). — Meus amigos, adeus. a gloria vos prende ali, a honra me arrasta além! Adeus!... até o cadafalso ou até a gloria! (*Todos acenam-lhe com o lenço. — Elle sahe precipitadamente pelo fundo. — Maria acompanha as palavras de Gonzaga e sahe pela esquerda.*)

SCENA XV

OS MESMOS, MENOS GONZAGA e MARIA

(*Ouve-se mais proximo o toque das cornetas*)

TIRADENTES. — E' o rebate da gloria, meus amigos!

CLAUDIO. — E' a alvorada da eternidade!

LUIZ. — E' o dobre de tua morte, minha filha!

CARLOTA. — E' o perdão de meus crimes, meu pai!

LUIZ (*aperta o coração desesperado, depois olhando o céu*). — E' a vida que foge, mas é a honra que vem.

CLAUDIO. — Todos ao banquete da morte, revolucionarios!

TIRADENTES. — Ao pedestal da liberdade, brasileiros. (*Todos vão entrando.*)

LUIZ. — E nós também somos brasileiros, e nós também somos revolucionarios, e nós também somos martyres! Carlota, ao banquete da morte! porque o sangue dos escravos dos homens é irmão do sangue dos escravos dos povos, ambos cahem na face dos algozes, ambos clamam vingança ao braço do futuro. (*Todos sahem.*)

SCENA XVI

SILVERIO, depois o GOVERNADOR

SILVERIO (*vem do fundo*). — As onças estão na toca. (*Aponta a casa.*) As matilhas estão na pista. (*Aponta ao fundo.*) E' a hora dos caçadores de homens.

O GOVERNADOR. — E' a hora das aves de rapina. (*A Silverio.*) Elle é meu, Silverio, e agora não me escapará. Oh! eu morria de impaciencia; meu coração saltava-me no peito como uma féra na jaula. Pobre amigo! elle tinha fome e sentia o cheiro da presa que tardava muito.

SILVERIO. — Era preciso esperar Carlota, e apenas ella falou ao tenente-coronel marchámos logo.

Quando ella sahio por ali nós entrámos por cá.
(*Aponta o fundo á direita, depois o fundo á esquerda.*)

O GOVERNADOR. — Mentos! ella acaba de sahir pela mata.

SCENA XVII

OS MESMOS e CARLOTA

CARLOTA (*abrindo precipitadamente a porta*). — Mentem ambos, senhores, Carlota está aqui.

O GOVERNADOR. — Carlota?!...

SILVERIO. — Carlota?!

O GOVERNADOR. — Então a quem deixei eu escapar?

CARLOTA. — A D. Maria, Sr. Governador.

SILVERIO. — E quem fugiu por ali?

CARLOTA. — Gonzaga, Sr. Silverio.

O GOVERNADOR (*a Silverio*). — Eu pensei que tu eras o mais indigno dos homens, conheço agora que és o mais estúpido dos malvados. Tu m'o fizeste perder, porém estás tambem perdido.

SILVERIO. — Senhor!..

O GOVERNADOR. — Cale-se! (*Dirige-se para o fundo.*)

SILVERIO (*a Carlota*). — Ouviste, Carlota, eu estou perdido; é a tua condemnação que escutaste. Lembras-te do que eu te disse um dia? Quando cahir da graça do Governador, esta cabeça te cairá dos hombros, sem que tenhas ao menos conhecido teu pai!

CARLOTA. — Engana-se, senhor, eu acabo de receber setu perdão e sua benção.

SILVERIO. — Pois bem: agora é que serás... des-honrada!... Ah! tu o conheces?!... tanto melhor. Eu quero que vivas... E' verdade, tu tens um namorado. queres te casar... depois, encontraste teu pai que procuravas ha tanto tempo.. Tens razão!. Como será lindo, Carlota! Feliz!. com seu velho pai para amparar uma porção de filhinhos nos joelhos!. (*rindo*) e uma porção de maridos nas senzalas!. Oh! será soberbo! é um quadro patriarchal!...

CARLOTA. — Ah!

SILVERIO (*chamando para o fundo*). — Paulo! Paulo!

SCENA XVIII

OS MESMOS e UM NEGRO que apparece ao fundo

SILVERIO. — Paulo, vês esta mulher? E' tua. Leva-a para tua esposa.

CARLOTA. — Não, eu irei mais longe... Meu pai! meu pai!.. tua filha não prostituirá a boca que tu purificaste. (*Sahe com Paulo.*)

SILVERIO. — Vinguei-me, mas estou perdido!

SCENA XIX

O GOVERNADOR, SILVERIO, depois todos os CONSPIRADOS e OS SOLDADOS ao fundo

SILVERIO (*vai rapidamente á casa batendo á porta*). — Senhores, em nome de Sua Magestade a Rainha, estais presos. (*Abrem-se todas as portas com estrondo. Varios pagens seguram archotes e os conspirados entram todos lenta e solemnemente.*)

Todos. — Agora é que somos livres. (*Vão passando diante de Silverio, que se encosta a uma das columnas.*)

Ouve-se ao longe o canto da escrava durante a scena que se segue.

Eu sou a pobre captiva,
A captiva de além mar,
Eu vago em terra estrangeira,
Ninguem me quer escutar.

Tu que vais a longes terras,
A' viajeira andorinha,
Vai dizer a minha mãe,
Que eu vivo triste e sósinha.

Mas diz' á pobre que espere,
Que o vento me ha de levar,
Quando eu morrer nesta terra,
Para as terras de além mar.

CLAUDIO (*a Silverio*). — Retirem isto d'aqui. .
Não vêm que queremos passar? Sr. Governador!
é máo expor homens de bem a roçarem por cousas
tão vis!

SILVERIO. — Ah! o senhor me insulta?! Pois
bem; tire desta espada. (*Puxa a espada.*)

ALVARENGA. — Criados! tragam chicotes para
um duello com este homem.

CLAUDIO. — Não, são rapazes honestos... não
exponham os chicotes a mancharem-se nesta es-
pada.

SILVERIO. — Desgraçados (*Caminha para a es-
querda.*) Sr. Governador, estes homens me insultam!
V. Ex. vê... Vingue-me de meus inimigos.

O GOVERNADOR. — E tu me vingaste do meu?

SILVERIO. — Eu vingal-o-hei, senhor.

O GOVERNADOR. — Então eu te ouvirei, agora
estou surdo.

SILVERIO. — Oh! (*Recúa horrorizado para o lado
direito, onde fica aniquilado.*)

UM CONSPIRADO (*passando pela frente de Silverio, que estremece*). — Brasileiro, tu atraíçoaste tua patria.

ALVARENGA. — Homem, tu immolaste nossas familias.

PADRE CARLOS. — Judas, que é feito de teu mestre? Tu tens os trinta dinheiros na mão.

CLAUDIO. — Caim, limpa o sangue de tua dextra.

SILVERIO. — Ainda não basta? ainda não terminaram? (*A Tiradentes*). — Sim, agora o senhor insulte-me tambem, lance tambem a sua pedra... Vamos... (*Tiradentes mede-o de alto abaixo e passa.*) Ah!... despreza-me?!... é o ultimo insulto. (*Voltando-se para Luiz*). — Vem tu agora, Luiz; vem tu tambem, negro, vem tu tambem, escravo, vem tu tambem, pae de Carlota!..

LUIZ. — Não manche segunda vez o nome de minha filha!. (*Ouve-se um grito ao longe*). Que grito é este? quem soltou este grito? (*A Silverio*). Fale, miseravel, fale.

SILVERIO. — Ah! ah! ah! Eu não posso dizer, Luiz, eu não quero deshonnar este nome... bem vêes que é impossivel. Ah! ah! ah!

LUIZ. — E' minha filha que o senhor mandou matar?... Jure neste instante a verdade... se não quer que eu o esmaque como um reptil.

SILVERIO. — Emfim, já que o exige. Eu juro, sim, por Deus ou pelo contrario, eu quero-a viva, muito viva... Oh! não sabes quanto eu daria para que ninguem lhe tocasse sequer n'um cabello!... Eu quero-a bella, com alma pura para pensar, com coração para sentir. Estupida presa é um cadaver! a sussuarana bebe o sangue quente... eu quero as dores requintadas.

LUIZ. — Miseravel! O que me passou agora na cabeça é horrivel! Qual é a sorte a que destinas

minha filha? Fala. arranca essa idéa que me morde o cerebro..

SILVERIO (*lento*). — Eu destino-lhe o logar de esposa de todos os meus escravos. (*Luiz vai a attirar-se a elle*).

SCENA XX

OS MESMOS, PAULO e CARLOTA

(*Paulo entra rapidamente, trazendo ás costas Carlota morta, com os vestidos em desordem e a testa cheia de sangue.*)

Todos. — Carlota!

LUIZ (*Desvairado, tomando-a nos braços*). — Minha filha! minha filha!... Tu te suicidaste, estás morta.. já não ouves!... (*Todos rodeiam-n'o á boca da scena.*) Carlota! tu eras uma escrava! Carlota! tu eras uma mulher! Carlota! tu eras uma virgem! Deus te escolheu para a primeira victima! Pois bem; que o teu sangue puro, cahindo na face do futuro, lembre-lhe o nome dos primeiros martyres do Brasil.

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

Agonia e Gloria

(O theatro representa uma sala da prisão da ilha das Cobras. Quatro portas lateraes com reposteiros. Ao fundo tres grandes arcos fechados com reposteiros pretos, que a seu tempo se abrem deixando ver ao longe o mar e um barco).

SCENA I

GONZAGA

GONZAGA (*só*). — Prisioneiro de Estado!... Eis o que eu sou!... condemnado á morte!... eis o que serei... Hoje a masmorra — amanhã a cova... Dilemma terrivel! — Uma boca de pedra que tem fome de um cadaver! — Uma boca de granito que tem fome de uma alma! Oh! mil vezes a cova!... Ella é fria, negra, solitaria, immunda... mas o defunto é mais frio, mais negro, mais immundo... E' um par igual — uma pedra e um osso. Mas a prisão?!... — Deus fez a cova — o homem fez a masmorra! E' uma cousa que vos esmaga, vos ouve, vos vê; sem vos apertar, sem vos escutar, sem vos olhar. E' a immobilidade, é o frio, é a estupidez, é a morte abraçando, rodeando, aniquilando a actividade, o fogo e a vida... Dir-se-hia que o homem é uma mosca dourada debatendo-se na garganta de um sapo morto!... Olha-se — é a cegueira! canta-se — é a surdez! — Grita-se — apenas algum morcego vôa como uma idéa negra pela frente da abobada! Chora-se — e a lagrima transforma-se em lodo no chão. Então um pensamento estranho,

mão fria... uma duvida visionaria, mas terrivel, passa pela cabeça do homem, que diz com um riso de louco: “Quem sabe se eu já morri?!...” mas, para convencer-se, faz tremendo alguns passos — nada ouve... o chão é humido... Espantado encosta-se á parede — ella é gelada, mas seu peito ainda é mais... “Eu estou tão frio como um defunto”, murmura passando a mão pelo rosto — o que elle toca é uma caveira... “Ah!” clama o desgraçado, e cahe sobre a lagea mais estúpido que ella... Então escuta... escuta... escuta!... Começa a ouvir um ruido surdo em seu peito, e uma cousa que se agita lentamente em seu cerebro... — E’ o verme que rói aqui (*leva a mão ao coração*), é a larva que morde cá! (*leva a mão á cabeça*). Sim, desgraçado! E’ o desespero que se apascenta no coração, é a loucura que mastiga o cerebro, é a alma que apodrece... Desesperar! enlouquecer! apodrecer! eis meu destino. Lá fóra está a vida — um punhado de homens que rasgam, rindo, minha mortalha, que preparam os cirios de minha agonia, as tochas de meu sahimento. E eu os escuto... quero gritar! mas parece que a voz não sahe da garganta. — Elles continuam a falar pacificamente... Cá dentro um outro dialogo ainda mais sombrio — “Eu tenho frio, diz a pedra. — Eu tenho fome, diz a terra. — Esperemos, elle nos virá aquecer e saciar!” E eu, que os escuto, quero fugir; mas a immobibilidade me agarra, enquanto ellas continuam a conversar na sombra!... Ah! eu não tenho medo de morrer!... mas não aqui — sentindo a escuridão e o silencio em torno de mim... e sobre minha cabeça este outro fantasma ainda mais negro — o esquecimento!... Não, eu não sou o reptil que morre no charco, nem o fogo fatuo que se extingue no pantano... Eu quero a praça, o povo que turbilhona, a acha que scintilha,

o sol que resplandece... Eu quero tambem o meu cortejo, o cortejo da minha realza de martyr... Lá, sim, eu quero morrer!...

SCENA II

GONZAGA e LUIZ

(Percebem-se um instante os soldados que o trazem pela esquerda alta).

LUIZ. — E sua pobre patria, e sua noiva?

GONZAGA *(estremece)*. — Ah! és tu, meu velho prisioneiro?

LUIZ. — Eu mesmo que ainda ha pouco rocei por Vm. no corredor dos segredos.

GONZAGA. — E' verdade. Creio que será hoje o terceiro interrogatorio. Desde pela manhã concederam-me que viesse para a sala da audiencia... E a ti tambem?

LUIZ. — A mim não concederam... ordenaram... O caso é simples. Trata-se de um destes reposteiros falsos, de uma destas portas mascaradas, que são outras tantas armadilhas n'uma prisão de Estado... Oh! aqui não escapa um meio de surprender o pensamento de um preso... mas como o trabalho pedia mão de artista, empregam-me n'elle; no mais deixam-me trabalhar ali *(aponta a porta da esquerda baixa)* dia e noite; certos que a sentinella não me deixará fugir e de que aquella porta esconde, mas não deixa escapar... Oh! é felizmente um meio que tenho de encurtar estes longos dias de prisão...

GONZAGA. — Sim! porque estes miseraveis vão lento... lento como a maré que sobe em torno de um homem atado.

LUIZ. — Mas isto acabará.

GONZAGA. — Por matar-me.

LUIZ. — Não, por livral-o. Vm. está, ha quasi um anno, preso, encerrado nestes negros segredos da — ilha das Cobras.

GONZAGA. — E então?

LUIZ. — O processo não póde continuar.

GONZAGA. — Enganas-te: ainda não vieram as declarações que o juiz exigiu de Minas.

LUIZ. — E' verdade... isto é que demora; mas como foi este miseravel Basilio de Brito que o denunciou, sendo seu inimigo, o juiz desembargador Torres vai em falta de provas dar talvez por nullo o processo.

GONZAGA. — E' bem difficil.. Entretanto eu estou preso, só, abandonado... Passo os dias a escutar as lagrimas que cahem do tecto da masmorra... as noites a escutar de horas em horas o grito monotonico da sentinella, que brada "alerta!..." Eu me sinto envelhecer, sinto que o meu corpo perde as forças e restam-me bem poucas esperanças... Oh! se ella viesse... talvez eu renascesse... Escuta, Luiz. Tu me vês bem triste e queres consolar-me, não é verdade?... Pois fala-me d'ella... Se soubesses ha quanto tempo não recebo uma palavra, uma letra!... Cada manhã eu me levanto e digo, sorrindo, "hoje" cada tarde eu me deito e murmuro, chorando, "amanhã" Entretanto se ella soubesse que eu vou morrer talvez viesse!.. Luiz, deixa-me escrever... Talvez possas enviar-lhe esta carta... é a ultima... a derradeira esperança... o extremo clarão de minha vida que se apaga. (*Escreve rapidamente sobre a mesa*).

LUIZ (*á boca da scena*). — Quem sabe, é talvez ainda um desengano. D. Maria é uma mulher, seu tio um inimigo, o governador um homem terrivel,

Silverio um infame. A luta é desigual... Ella que já não escreve é porque já enxugou as lagrimas... Mas, não; seria melhor abafar-lhe o ultimo sopro da vida! Póde-se assassinar um homem; mas um moribundo... O diabo, se em tal pensasse, choraria.

GONZAGA (*lendo*). —

Já, já me vai, Marília, branquejando
Louro cabello, que circula a testa:
Este mesmo, que alveja, vai cahindo
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

No calmoso Verão as plantas seccam;
Na Primavera, que aos mortaes encanta;
Apenas cahe do Céu o fresco orvalho
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença faz seu termo,
Torna, Marília, a ser quem era d'antes
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta
No meio da desgraça, que me altera;
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos,
Aos mesmos Astros — luz, e vida ás flôres,
Que effeito não farão, em quem por elles
Sempre morreu de amores?...

LUIZ (*que se tem approximado commovido, pegando-lhe nas mãos*). — Meu senhor, ella virá.

GONZAGA. — Tu o crês? (*Ouve-se em distancia um grito d'armas*).

LUIZ (*indo precipitadamente à esquerda alta*)
— Senhores soldados, que ruido é este? Os juizes não têm grito d'armas.

UMA VOZ (*dentro*). — E' o Sr. Governador que chega.

GONZAGA. — O Governador! Emfim eu o encontro. (*Procura na cinta a espada*). — Ah! estou desarmado, não tenho mais espada, é o mesmo, a espada é para os homens... para os lacaios basta uma outra arma!

LUIZ. — Não, meu senhor, é preciso que pise primeiro neste pobre velho, no coração de sua terra, no seio de sua pobre noiva.

GONZAGA. — Minha patria! Maria! Ah! (*indo ao fundo*). — Sr. carcereiro, os juizes ainda não vieram, conduza-me á prisão... Luiz... tu tens razão... Visconde de Barbacena, podes entrar. Estou peado... ha entre mim e ti o nome de uma mulher, é um abysmo que eu não salto... amanhã haverá apenas entre minha mão e o teu rosto um passo... (*Sahe precipitadamente pela esquerda alta*).

LUIZ. — Quanto a mim, não. Dous malvados que falam, são duas cobras que geram. Occultemo-nos. (*Sahe pela esquerda baixa*).

SCENA III

SILVERIO. — Creio que estamos sós. Lá vão os prisioneiros. Ainda bem.

O GOVERNADOR. — Queres saber, Silverio, tu me fazes horror...

SILVERIO. — Senhor! Eu não faço mais que adinhar-lhe os pensamentos. V Ex. é a cabeça, eu sou o braço...

O GOVERNADOR. — Um braço que me agarra pelos cabellos e me impelle para o crime.

SILVERIO. — Mas, senhor, o que tenho eu feito?

O GOVERNADOR. — Como és innocente!... Tu me perguntas. Quem prometeu um dia entregar-me Maria?

SILVERIO. — Eu! mas V. Ex. amava-a. E quando um homem como o Sr. Visconde ama, possui. Bem vê que ahí estava a cabeça, aqui o braço...

O GOVERNADOR. — Sim! tu sabes ligar-me a todos os teus crimes. Tu me sopras todos os pensamentos máos, tu me apontas o abysmo... e quando eu sou presa da vertigem, da raiva e do ciume, dizes-me: “V Ex., que tem este humilde servo ás suas ordens.” Ah! servo do diabo... Dir-se-hia uma sucuruyuba que arrasta um touro para o riô... e que lhe diz, rindo: “senhor, se quer ter a bondade de afogar-se, eu o carregarei.” Miseravel!... Dize-me agora, quem urdiu esta calúnia infame? Quem disse ao tio de Maria que Gonzaga pedira sua cabeça? Quem foi?

SILVERIO. — Mas, senhor, creio que V Ex....

O GOVERNADOR. — Eu?

SILVERIO. — Entendamo-nos. Gonzaga era um revolucionario... ao passo que o tenente-coronel um dedicado subdito de Sua Magestade. V Ex. disse um dia: “A revolução quer a cabeça dos vassallos de Portugal.” — Eu repeti: “Gonzaga quer a cabeça do Sr. Carlos.” E’ ser logico. A minha proposição contém-se na de V. Ex., que me desculpará não aceitar glorias que me não pertencem...

O GOVERNADOR. — E quem forjou a denuncia de Basilio de Brito, que por si só não a teria feito? Fui tambem eu?

SILVERIO. — V. Ex. pediu-me que o vingasse. Eu o vinguei.

O GOVERNADOR. — Silverio! Tu accendes em mim um amor criminoso, como o incendiario. Tu cortas o destino de uma pobre moça, como o ceifador. Tu decepas as cabeças de teus irmãos, como um carrasco e ris sobre todos estes destinos mu-

tilados, como o genio do mal. E dizes que és meu instrumento. Não, tu és o braço do inferno... se não o proprio Diabo!...

SILVERIO (*á parte*). — Comedia! comedia! comedia! Este homem será sempre um máo actor. Mistura Satanaz com Christo e não sabe ser bom, da mesma sorte que não presta para máo. Digo-lhe vingança, grita — remorso!... se eu lhe falo em perdão, clama — exterminio. Vejamos (*ao Governador*). E' verdade, Sr. Governador, agora reflecto e tenho pena do que hei feito... felizmente ainda é tempo de arrependermos-nos. V. Ex. sustará a correspondencia secreta que tem com a côrte de Lisbôa, na qual pede a perseguição dos criminosos e a morte de todos... Eis uma acção brilhante pela qual começaremos a expiação.

O GOVERNADOR. — Na verdade, é bem possível!

SILVERIO. — Não basta... E' preciso ainda que o Desembargador Torres continue a ser juiz neste processo; é um homem severo, mas que não condemnará sem provas... ao passo que o Conselheiro Vasconcellos Coutinho morre por uma condemnação e condecora-se com o sangue de um réo... E' um homem malvado, artificioso, terrivel e, de mais, amigo intimo de V. Ex. Oh! se elle viesse preencher o lugar que o Sr. Visconde lhe destinava, os conspiradores estariam de certo perdidos. E' uma bella continuação do nosso arrependimento. Este homem não virá, não é assim, Sr. Visconde?

O GOVERNADOR. — Talvez!

SILVERIO. — Quanto ás declarações que o advogado exigiu de V. Ex., e do Sr. Intendente de Minas... favoraveis como devem ser, darão a liberdade immediatamente ao Sr. Gonzaga...

O GOVERNADOR (*rapido*). — E depois?

SILVERIO. — Depois?... Depois nada... Perdão! Depois teremos a consciencia calma e pura que nos abençõe... a gloria de ver as vidas que salvamos — a felicidade de olhar a alegria dos outros... e mais tarde... e pouco mais tarde a recompensa de Deus. Ah! tem razão! Sr. Governador! Já estou cheio de prazer, mas de um prazer celeste... Este pobre Gonzaga que soffre, que está quasi moribundo... voltará á vida... será feliz... E Maria, e Maria que está pallida como uma estatua!...

O GOVERNADOR. — Viste-a? Fala! Viste-a?

SILVERIO. — Via-a ainda ha pouco quando levei-lhe esta maldita carta de V. Ex. Quando encarou-me, estremeceu... Oh! como era bella... pallida como uma virgem druidica na hora do sacrificio... com os olhos alumiados de um fogo tremulo como o das estrellas, com a boca palpitante de commoção, como uma folha pesada de orvalhos... ella leu esta carta, ou antes, devorou-a. Estava arrebatadora de paixão e de amor, mas quando terminou a leitura, levantou-se de subito... Nunca acreditei em prodigios... mas ao vel-a... altiva, soberba, atirar com um gesto sublime os cabellos negros para as costas e dizer com uma voz argentina e vibrante: "Diga que eu irei" pareceu-me que não escutava uma mulher... Era o anjo da paixão e da belleza deslumbrante na hora de um sacrificio divino...

O GOVERNADOR. — Oh! fala-me, fala-me de Maria...

SILVERIO. — E' falar de uma santa... Feliz o homem que estremecer, apertando aquella mãosinha á sombra de uma murta, que desmaiar de amor nos raios daquelles olhos, que roçar de leve com um beijo tremulo aquella boca perfumada e linda, que suspirar pelas noites de luar no tremor daquelles seios e mergulhar na sombra daquelles cabellos

negros. Oh! bem feliz! Que harmonia não terá uma palavra de amor que ella suspire... um gemido de languidez que ella soluce... os dous amantes passearão com as mãos enlaçadas pelos campos e se enlaçarão sobre a gramma cheirosa dos outeiros... Oh! é um amor do céu que os anjos invejarão.

O GOVERNADOR (*apaixonado*). — Que Deus mesmo invejará...

SILVERIO. — E os homens e os anjos e Deus invejarão a Gonzaga...

O GOVERNADOR (*ergue-se de repente levando a mão ao coração*). — Tu me mordeste... no coração, Silverio. Silverio! eu quero esta mulher. Ninguém lhe tocará sequer na sombra, eu a quero para mim só. Que me importa o inferno e o crime?... Eu sou um condemnado... mas eu levantal-a-hei mais orgulhoso nos meus braços do que Deus levanta a sua corôa deslumbrante... Ah! tu fazes de mim Tântalo... é preciso que me mates a fome... Ouves bem? Obedece ou escolhe!... se ella não fôr minha, tu serás da forca, mas se m'a deres eu serei teu.

SILVERIO (*humilde*). — Senhor, V. Ex. é a cabeça, eu sou o braço.

SCENA IV

MARIA, O GOVERNADOR e SILVERIO

MARIA. — Sr. Governador, eu disse que vinha... Aqui estou.

O GOVERNADOR. — Minha senhora! eu não contava com tanta pontualidade.

SILVERIO (*ao Governador*). — Eu contava, porque ella ama aquelle homem.

O GOVERNADOR (*a Silverio*). — Tu és o demonio. Vai-te.

SILVERIO. — Minha senhora, creio que o tio de V Ex. não chegará tão cedo... entretanto, logo que o faça virei prevenil-a.

MARIA. — Obrigada.

SILVERIO (*ao Governador*). — Lembre-se do que me disse: *se ella* não fôr minha, tu serás da força; mas se m'a deres, eu serei teu. (*Sahe*).

SCENA V

O GOVERNADOR e MARIA

O GOVERNADOR. — Senhora, eu afastei um instante o meu ajudante de ordens, para dizer-lhe uma palavra.

MARIA. — Eu o escuto.

O GOVERNADOR (*vai ao fundo, e depois volta rapidamente*). — Recebeu minha carta? Leu, pesou cada uma d'aquellas palavras? Sentiu, senhora, tudo quanto ha alli de fatal, calculou que um homem póde fazer o sacrificio da sua vida, mas nunca o da felicidade? E' que eu que a tenho nas mãos, não deixal-a-hei fugir? Diga, Maria, o que resolveu? Eu espero, como um condemnado, a minha salvação ou a minha morte.

MARIA. — O senhor me pergunta se li sua carta?... Li-a, senhor, e ainda trago-a aqui (*Tira um papel do seio*). Vi o pacto infame que me propõe, o crime sobre o qual pretende levantar o seu leito de nupcias, a traição com que quer coroar a cabeça de sua noiva... Li sua carta, Sr. Visconde!... Li sua carta, miseravel!

O GOVERNADOR. — Senhora! Já não é a primeira vez que me insulta, mas será a ultima.

MARIA. — Perdão, senhor... ha em qualquer

canto da terra um cepo em que uma mulher possa vender seu corpo... mas a entrega de uma alma, precisa de toda a largura do céu para balcão, e só Deus é o mercado...

O GOVERNADOR. — E então?

MARIA. — Então?... Eu quero ainda escutal-o... creio que me falou do seu poder... na... morte de Gonzaga... Mas, ainda duvido do tudo isto... Duvido, sim! porque creio em Deus.

O GOVERNADOR. — E não acredita no demonio?

MARIA. — Eu o conheci, senhor.

O GOVERNADOR. — Para nossa desgraça... Porque a senhora é hoje uma condemnada, inda que do céu; esse homem um condemnado da terra, e eu um condemnado do inferno... Todos tres desgraçados, mas sómente eu reprobado maldito!!! Sim! porque eu o sou... Se o não fosse!... mas seria o mesmo. Ah! como tudo isto fez-se horrivel!... Tu seguias risonha pelo trilho do céu, mas tropeçaste n'uma pedra e sangram teus joelhos pisados!... Eu caminhava calmo á beira de um precipicio, mas ferido de uma asa luminosa rolei no abysmo. Oh! Maria, a asa que me enleiou foi a ponta diaphana do teu vestido, a pedra em que tropeçaste foi o meu coração... Não amaldições a pedra, como eu não amaldição a asa!... Maldito seja quem me lançou no teu caminho... maldito! (*Passeia um instante agitado*). Entretanto eu te encontrei... Dizer-te que te amei seria pouco... Desde este momento acreditei que o que havia de mais luminoso na vida era a propria sombra do teu corpo... Entretanto a mariposa ainda lutou contra a attracção da lampada — fugiu... Oh! nunca saibas a historia desta luta... Era um espectaculo horrivel! Verias, como eu via nas minhas horas de allucinação, um covil escuro... em cujas paredes debatia-se um doudo furioso. —

Era a torre e o Conde Ugolino — era meu cranéo e minha alma. Um dia não pude mais. — Disse-te que te amava. Tu voltaste as costas. O primeiro passo estava dado. O mais era uma gravitação. Eu gravei, mas na minha queda peguei-me a um panno de teu vestido... Quando firmei... os dentes e as unhas, julguei-me bem firme... ordenei-te que fosses minha... maldição!... tu me tinhas deixado a capa entre os dedos!... e eu ouvia a tua gargalhada crystalina e uma voz que bradava no céu — o anjo queimou as asas do demonio. — Desde este momento começou uma phase terrivel... Era o orgulho ferido, era o coração sangrento... era a vingança, e era o amor... Eu te amava com toda a tenacidade do odio... com todos os delirios da raiva... Para que dizer-te mais? Eu comecei outra vez o fio roto de minha machinação... bem seguro que desta vez a mosca não fugiria. Tu me venceste ainda uma vez... Ser duas vezes o brinco de uma criança. Pensar, reflectir longas noites, espiar, prever... longos dias... prostituir-se, perder-se sempre... por um beijo de mulher e no momento de bradar victoria... sentir-se vencido, ridiculo, pequeno e desprezado... Ah! é horrivel... Mas agora, Maria, tudo está concluido. Tu... ou este homem. Eu quero levantar um leito de esposa ou um patibulo de sentenciado... Ah! eu o tenho aqui nos meus dedos. Queres saber como? Fil-o denunciar. Foi preso. Pedem-me documentos. — Eu os nego. Escreve para Lisbôa. — Eu o desacredito. — Espera no juiz. — Eu o substituo. E um denunciado do crime de alta traição, que não póde allegar uma prova em seu favor, e que tem sobre si o odio de Lisbôa, a animosidade de um juiz, e a minha vingança... não póde sustentar por muito tempo a cabeça sobre os hombros... Bem vês, Maria, que

desta vez eu venci... Ha destas posições terríveis na vida em que o homem é o naufrago... o braço estendido o salva... o menor impulso o abysma. Senhora, podes estender o braço — do contrario, eu darei o impulso. Bem vês, Maria, que desta vez venci.

MARIA. — E' bem verdade que não ha outro meio de salvar-o... Oh! meu Deus... Eu já não tenho minha mãe, eu já não tenho meu pai, eu já não tenho meu noivo!... Todos os meus sonhos, todas as minhas preces, todos os meus anhelos, meus pensamentos, minha vida, morreram. Ah! Gonzaga!... (*Chora um instante, depois com energia*). Enxuga os olhos, desgraçada! é preciso que tuas palpebras estejam brancas quando tua alma está em sangue... Ri, desgraçada! é preciso que tua boca ria como teu coração chora... Levanta a cabeça, desgraçada! é preciso que ella suporte o peso da sua corôa de morte, como o Christo levantou a sua de martyrio... (*Ao Governador*). Sr. Governador, eu estou prompta. Quaes são as condições do contrato?

O GOVERNADOR. — Em primeiro lugar eu conservarei o juiz.

MARIA. — Não basta.

O GOVERNADOR. — Pedirei á côrte a absolvição dos réos.

MARIA. — Dê-me a sua correspondencia.

O GOVERNADOR (*tira do bolso uns papeis*). — Aqui a tem, minha senhora. Eu estava prevenido para qualquer eventualidade.

MARIA. — Não basta.

O GOVERNADOR. — Finalmente entregarei a V. Ex. as declarações, minha e do Sr. Intendente de Minas, com todos os documentos precisos para a soltura de Gonzaga.

MARIA. — Basta. Dê-me estes papeis.

O GOVERNADOR. — Perdôe minha senhora, eu os troco, não os dou.

MARIA. — O que quer dizer, senhor?

O GOVERNADOR. — Quero dizer que V Ex., logo que tenha estes documentos em seu poder, não aceitará minhas condições. E' bem claro...

MARIA. — Diga o que ordena, Sr. Governador.

O GOVERNADOR. — Apenas uma garantia. V. Ex. vai escrever-me. Bem sabe que não mostrarei esta carta... Seria vingar-me, porém perder o seu amor.

MARIA (*chega-se a uma mesa e escreve n'uma tira de papel, que rasga*). — “Senhor Visconde”. Dicte o resto.

O GOVERNADOR. — “Eu me entrego enfim a V Ex. Venha (*movimento de Maria*) á meia noite entregar-me a soltura de Gonzaga. Eu o espero ansiosa” Agora tenha a bondade de datar. “Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1791”

MARIA. — Mas, senhor, estamos a 15...

O GOVERNADOR. — Escreva, minha senhora, eu quero assim.

MARIA. — Está escripto...

O GOVERNADOR. — Dê-me esta carta.

MARIA. — Perdão, senhor, eu troco, porém não a dou.

O GOVERNADOR. — E' justo. (*Trocam-se os papeis. Accionando com a carta*). Agora, senhora, aquelle homem não poderá ser seu marido.

MARIA (*gesto supra*). — Agora, senhor, aquelle homem não poderá ser sua victima.

O GOVERNADOR. — Mas tu serás minha. (*Sahe*)

MARIA. — Não, eu não serei tua, Visconde de Barbacena. Não, eu não serei tua, Gonzaga!... o meu esposo é outro. (*Leva a mão ao seio*).

SCENA VI

LUIZ

LUIZ (*levantando o reposteiro da esquerda*). — Tu contavas com o segredo, Visconde de Barbacena, nós o guardaremos. (*Aponta á esquerda*). Este homem bate-se, porém não assassina. (*Aponta o fundo*). Aquella mulher morre, porém não mata. Contra aquelle tens por escudo a honra de cavalleiro; contra aquella defende-te a sua pureza. O jogo foi bem disposto: o cobarde não se bate em duelo, o vilão não se peia com escrupulos. Mas eu não sou nem cavalheiro, nem dama, sou um negro; quando encontro uma cobra, esmago-a sem me importar se a face é de homem. Inda bem: quando este homem estiver salvo, quando aquella mulher estiver a perder-se tu toparás n'uma cousa bem insignificante. O que será? Nada, quasi nada. Algum objecto preto como uma pedra, mas duro tambem como ella; será o meu braço e este braço segurará um instrumento branco, porém frio. Oh! tu lhe verás a alvura, tu lhe sentirás a frieza. (*Faz o gesto de tirar uma faca e dirige-se para o fundo, donde volta precipitadamente*). Ahi vem D. Maria e um carcereiro. Condemnam-me ao socego, entremos na toca. Quando for preciso, eu appareço. (*Sahe pela esquerda baixa*).

SCENA VII

MARIA, UM CARCEREIRO e depois GONZAGA

MARIA (*ao carcereiro*). — Senhor, vá depressa, diga-lhe que alguem o espera ansioso.

O CARCEREIRO. — Neste instante. (*Sahe*).

SCENA VIII

GONZAGA e MARIA

GONZAGA (*dentro*). — Obrigado, senhor, eu o acompanho.

MARIA. — Ah! é sua voz!...

GONZAGA (*entra vagorosamente, depois fita Maria*). — E' impossivel! eu creio que enlouqueci, meu Deus!

MARIA. — Não, não enlouqueceste, sou eu, sou eu mesma... sou eu.

GONZAGA. — Maria!

MARIA. — Gonzaga! (*Atiram-se aos braços um do outro*).

GONZAGA. — E's tu, Maria? E's tu, meu Deus! Ah! como estás linda!... mas como estás pallida! Maria, tu soffres? Tu tens soffrido muito, não é verdade? mas eu não o quero... Oh! é máo padecer quando alguém nos ama... E eu te amo... ouves bem? Eu te amo. Há quanto tempo eu não posso repetir-te estas palavras!... Pouco importa... eu estou pago... Como sou feliz. Acreditas? Eu esperava que viesses, mas parecia-me impossivel. Oh! quando esta idéa descia-me na alma, havia um irradiamento em torno de mim — o criminoso sentia-se purificado por teu olhar, o que é ser preso... um dia eu t'o contarei, temos muito tempo. Porém olha-me um pouco, eu quero sentir teu olhar, — fala... eu quero escutar tua voz...

MARIA. — Ah! meu amigo, como estás mudado! Elles te matavam. Não é assim?

GONZAGA. — Não, elles deixavam-me sem ver-te.

MARIA. — Ah! era pois por mim que tu morriás... (*A' parte*). E eu que ainda duvidava em vir (*Alto*). Perdôa, eu não sabia... porque se eu o tivesse ima-

ginado um só momento, teria saltado mesmo sobre o cadaver de minha mãe para vir morrer-te aos pés...

GONZAGA. — Pois não falemos mais disto... Quando se caminha para o céu, não se olha para a terra... Quando eu te vejo estou face á face com Deus e o pobre condemnado de joelhos no chão está mais em pé do que o tyrano no throno. Desde que eu te vejo, Maria, não sou mais prisioneiro.

MARIA. — E tu já não o és... (*Tira do seio uns papeis dos quaes um cahe no chão*).

GONZAGA. — O que é isto, Maria? O que é que me dás?

MARIA. — Tua liberdade.

GONZAGA (*lê os papeis rapidamente; depois, severo*). — Maria, ser preso é horrivel, ser deshonorado é peor. Um braço na calceta póde ser virtuoso, uma alma na galé é immunda... Maria, eu não sou mais que um desgraçado, não faças de mim um miseravel. Que me importa a liberdade? Deixa-me encerrar meu brio em quatro paredes, não queiras que passeie a minha ignominia por toda a parte.

MARIA. — Não, tu não tens razão. Não, tu não pediste nada. Estes papeis foram exigidos pela justiça. Ella precisava esclarecer tudo isto. E' antes um triumpho!... Não me acreditas?... O Visconde não t'os deu... arrancaram-lh'os... Pois tu não me acreditas? Eu te juro que não haverá nem uma nodoa de deshonor sobre teu nome, nem tambem sobre o meu. (*A' parte*). — Eu o juro.

GONZAGA. — Bem, obrigado, Maria! Agora eu posso tocar nestes papeis... tu me disseste. E os anjos não mentem. Oh! meu Deus! não ha pois mais desgraça alguma em torno de minha cabeça. Eu estou livre, eu te possuo. Parece que a infelicidade cavou-me na alma um abysmo bem profundo para que possa conter tanta felicidade. Maria, como

eu sou feliz... como nós seremos felizes. (*Deixa cahir os papeis que se confundem com a carta que está no chão*).

MARIA (*ironica.*) — Como nós seremos felizes...

GONZAGA. — E' pois uma realidade tudo que eu sonhei... verei de novo a minha herdade, conversaremos á sésta á sombra das palmeiras, falaremos baixo sob as casuarinas escutando o sussurro do vento da tardinha! daquella casinha levantada no tombo da ladeira como um ninho de passaros nos ramos, com sua collina suave como um collo de mulher; e abaixo um cannavial immenso, verde e dourado como um mar de esmeraldas, e longe... ao longe aquelle horizonte de montanhas onde os crepusculos talhavam-se n'um céu de sangue. Lembras-te?

MARIA. — Lembras-te dos coqueiros da fonte. onde nós escutavamos o chocalhar da cachoeira? Foi ahi...

GONZAGA. — Oh! foi ahi, que, pela primeira vez tu me dissestes, timida como uma criminosa, corada pela aurora do amor que te subia do coração, estas palavras: — “Eu te amo” — Oh! se lembro. Era quasi noite... A estrella dos amores... espiava do fundo de um céu de opala... ao longe ouvia-se a *tyrana* de um violeiro das mattas... e as flôres do sertão abriam os thuribulos perfumosos... Oh! mas a estrella que mais brilhava era o teu olhar a mirar-se na lagôa azul de minha alma, e as flôres mais balsamicas eram a tua boca, donde pendia, tremula, uma gota de orvalho — o amor... Lembras-te, Maria? Lembras-te?

MARIA. — Lembras-te daquelle pequeno valle onde eu te dava a mão para não pisares nas flôres, lembraste daquelle monte escaldado que eu subia presa no teu braço para não pisar nas pedras?

GONZAGA. — E a janella do teu quarto... que te via de longe illuminada nas noites escuras como uma estrella perdida no horizonte? Era ahi que ao romper da aurora tu apparecias-me bella, com os cabellos soltos no desalinho de um anjo sorprendido pela alvorada que acorda espantada nas nuvens.

MARIA. — E tu então repetias baixinho:

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo,
Sem compostura,
E' mais formosa
Que a estrella d'alva
Que a fresca rosa.

Oh! como nós eramos felizes!

GONZAGA. — E como nós sel-o-hemos. Oh! agora eu amo a liberdade. E' que ser livre é poder apanhar as madresilvas agrestes para fazer uma corôa para os teus cabellos.. sonhar contigo nos cerros soberbos do Itacolomy, bordar na cachoeira do rio o teu vestido de noiva, ouvir cantar o sabiá nas bananeiras da fonte, admirar os prismas do sol nas folhas verde-negras do sertão... Oh! Eu já não sabia se o sol brilhava... nem se os passarinhos cantavam, nem se o céu se iriava de azul nas horas do crepusculo... E' que eu tinha apenas por céu uma abobada negra, por sol a luz sombria de uma candêa... por cantos o tinir de meus ferros.

MARIA. — Mas amanhã...

GONZAGA. — Amanhã... Maria!... Se a felicidade matasse eu estaria morto... Eu terei flôres para

enlaçar nos teus cabellos, campos para vagar contigo, o murmúrio de um ribeirão para falar-te de meus amores... e lá em cima... e lá no alto... Deus accenderá a lampada eterna para o noivado de meus amores...

MARIA (*meio desvairada*). — Sim! Sim! amanhã nós seremos felizes... Oh! muito felizes... Eu te direi que te amo... e se a minha voz vier de muito longe não te admires, porque ella vem do fundo de minh'alma... Eu te olharei com um olhar bem longo, bem firme... e se este olhar fôr muito fixo, não te admires... é que nunca mais olharei senão para ti... Terei talvez uma lagrima nas palpebras... será a derradeira... eu não chorarei mais... e se tu me beijares, não te espantes da frieza de minha boca... é que meu sangue refluirá ao coração nesta hora de extasis... Sim! Sim! nós seremos muito felizes! Vem cá. (*Toma-lhe as mãos e olha-o fixamente*). Olha bem para mim... Tu nunca olharás assim para outra mulher... não é verdade?

GONZAGA. — Maria! Eu te amo.

MARIA. — Sim, tu me amas. Nunca digas estas palavras a outra... Seria horrível... eu me perderia mesmo no céu...

GONZAGA. — Maria!

MARIA (*exaltada*). — Sim... Chama-me tua Maria... e nunca esqueças este nome, nunca! porque eu te amei muito, porque eu te amo ainda e sempre... (*Occulta a cabeça chorando*).

GONZAGA. — Deixa as lagrimas para a desgraça... E' provocar a Deus chorar quando se é feliz... Dá-me a tua mão... vê como meu coração canta, olha-me... vê como minha alma ri... Canta e ri, Maria! Oh! ter o amor e a liberdade!... O que queres mais?... Eu tenho tuas mãos nas minhas — a liberdade a meu pés... Vê bem... Teu amor é o céu

e isto é a chave. Oh! deixa-me abrir a porta da vida e dos amores. (*Apanha no chão os papéis*).

MARIA. — Enquanto eu abro a do tumulto... (*Occulta a cabeça nas mãos*).

GONZAGA (*olha-a sorrindo um instante, depois abre um papel que está no chão, que lê precipitadamente, com assombro*). — Uma carta!... e é do Governador!... (*Lendo*). Maria! meu amor... Ah! (*Raiva e desespero... recua á medida que a lê, e, ao acabar, solta uma gargalhada de doudo*). Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

MARIA. — Gonzaga! Tu enlouqueceste!...

GONZAGA. — Não... é a alegria, é a felicidade, é teu amor. Ah! ah! ah!

MARIA. — Gonzaga! o teu riso dóe-me como a espada da loucura. Gonzaga!

GONZAGA. — Não! é que a felicidade é de mais, eu enganei-me, a felicidade mata. Porque amanhã nós passearemos nos valles, não é verdade, Maria? Eu ouvirei o canto do sabiá nas mattas: apanharei as madresilvas agrestes para a cabeça de minha noiva... Tu me amarás e me dirás baixinho... Eu te amo... Oh! é muita felicidade. (*Com uma idéa súbita*). Ah! O Governador deve estar ainda ahí! Oh! este homem é meu salvador, é preciso que lhe agradeça, que eu beije a mão leal de um inimigo que me restitue a liberdade, a vida e teu amor!... teu amor! Maria! os beijos castos da esposa, os risos timidos da virgem, a belleza casta da moça... todos estes thesouros... todos... uma boca innocente, um seio puro, uma alma apaixonada... porque tu és muito pura, muito innocente, e me amas muito, oh! muito!... tanto que me faz rir... tanto que me faz chorar... não vês como eu rio... Ah! ah! ah! (*Dirige-se precipitadamente para a direita alta, onde abre um reposteiro. Maria o acompanha desvai-*

rada) Venham, meus senhores, venham! Sr. Silverio, Sr. tenente-coronel, meu senhores, venham. Sr. Visconde de Barbacena, ainda um rasgo de generosidade. Não furte a sua modestia á minha gratidão, venha Sr. Visconde.

SCENA IX

GONZAGA, MARIA, O GOVERNADOR, O TENENTE-CORONEL e MAIS MILITARES e CAVALHEIROS

GONZAGA. — Meus senhores, eu os chamei, porque precisava que muitas pessoas assistissem ao que se vai passar neste lugar. Eu desejava que neste instante o mundo inteiro nos visse. Sr. Visconde, a grandeza de minha gratidão é preciso que seja igual á grandeza do seu cavalheirismo... Sim, meus senhores! porque este homem é um heróe, um bravo, um typo de honra e de lealdade. Declaro-lhe mesmo que o Sr. Visconde era meu inimigo e meu rival... mas sabem o que elle fez quando me viu preso, pobre desgraçado, quasi louco de dor, quasi morto de desespero? Vou dizer-lhes. Um homem vulgar esquecer-se-hia de mim; um malvado far-me-hia morrer; um cavalheiro talvez que esquecesse a minha unica felicidade — o coração de uma mulher. Pois não foi nada disso, nada... O nobre fidalgo agarrou o pobre réo e disse-lhe:—Viverás, és livre!... Ah! é um heroismo, uma generosidade, uma acção incrível!... Não é verdade, meus senhores?...

O GOVERNADOR. — Senhor!...

GONZAGA. — Oh! nada de modestia, Sr. Visconde! mostre-se qual é... V Ex. é um cavalheiro... deu-me a vida! V Ex. é um cavalheiro... prostituiu minha noiva... mas praticou uma infamia.

MARIA. — Ah!

O GOVERNADOR. — Senhor!...

GONZAGA. — Nem uma palavra, miseravel! Um infame ter-me-hia assassinado, — um cadaver não córa... Tu me deshonraste... Ah! o immundo pacto que aqui se fez!... Cobarde! e estes papeis têm lama... não devem manchar a mão honrada de um homem de bem... Meus senhores, é minha liberdade (*acena com os papeis*), mas estes papeis dormiram n'um coito repulsivo com uma cousa torpe e vil... com esta carta... esta carta em que elle propõe a minha mulher a deshonra para salvar-me!... Ah!... como tudo isto é negro, é repulsivo, é immundo! Sim... eu não devo tocar em tanto lodo... Só ha um logar para a lama, é o charco, miseravel! (*Atira-lhe á cara com os papeis rotos*).

O GOVERNADOR. — Desgraçado! tu rompestes estes documentos... tu serás meu!...

MARIA. — Gonzaga!... tu te perdeste...

GONZAGA. — Perdão, senhora. Houve um dia uma mulher que me chamava assim. Esta mulher morreu. Eu vi-a amortalhar-se n'um sudario de infamia... e descer a uma cova de torpezas....

MARIA. — Gonzaga! Gonzaga! E se esta mulher fosse pura, ainda como um anjo, casta como a virgem, immaculada como Deus? Se ainda ella guardasse tudo isto, tudo... para dar-te? Sim... para ti, meu amor, meu amigo, meu noivo!... Dize, o que farias?...

GONZAGA. — Um reptil teria dormido na folha... o pensamento de ser de outro teria prostituido tua alma.

MARIA. — E se esta mulher nunca tivesse pensado nisso?

GONZAGA. — Ella não traria no seio aquelle papel... Oh! quando uma pasta de lama como aquella

apega-se á brancura de um seio de virgem, não ha lagrimas que a lavem... senhora, eu não a odeio... eu a esqueci... Não foi a senhora que amei... A mulher de minh'alma era uma virgem que não se perderia para salvar-me, porque sabia que minha cabeça cahiria mais alto quando me rolasse aos pés com a sua corôa de martyrio, do que se levanta agora sobre os meus hombros com o seu diadema de escarneo... Senhora! corôas destas não se fizeram para minha cabeça, mas já que amarraram ahi toda esta infamia, eu entregal-a-hei ao carrasco. (*Vai a sahir*).

MARIA. — Meu Deus! meu Deus! tudo está perdido... Eu posso emfim falar!... (*a Gonzaga*). Senhor!... (*lento*). Aquella carta não tocou em meu seio... havia entre meu corpo e ella a largura de um punhal (*mostra-lhe um punhal*) a extensão de um tumulto!...

GONZAGA. — Maria! Maria! Perdôa-me. Eu te encontro emfim...

MARIA. — Ah! tu não me deixaste morrer... és tu que morres!... (*Atiram-se aos braços um do outro*).

O GOVERNADOR (*que se tem conservado ao fundo de braços cruzados, faz alguns passos*). — Esta mulher mente. Ella foi minha amante.

MARIA (*detendo Gonzaga, que faz um movimento para o Governador*). — Espera... eu tenho alguma cousa a dizer a este homem. Miseravel! eu te aborreço! Tu só me inspiras desprezo e repugnancia. Ah! velho immundo!... Olha tua cabeça, é uma cousa repulsiva como uma cabeça de vibora. Olha tua mão... é a garra de um corvo... Olha tua alma... é um lupanar de orgia... Velho, pois tu pensaste que beijaria a tua hediondez... que eu apertaria os teus dedos sangrentos... que eu seria a mulher desta

tasca!... Estupido!... Quando tu me falavas eu sentia por ti nojo e desprezo... Eu... tocar-te!... eu!... Quando a sola dos meus borzeguins cora de roçar onde passaste!... Ah! agora como estás ridiculo! Vamos, mente, calumnia... nós vamos rir de ti... vamos, fala... Oh! que ridiculo Governador, que estúpido Visconde!

O GOVERNADOR (*a Gonzaga*). — Leia: é a unica resposta. (*Dá-lhe um papel que Maria havia rasgado. A' Maria*). Ainda uma vez eu venci.

MARIA (*precipita-se sobre o papel*). — Não leias... não leias... E' uma carta falsa que escrevi hoje mesmo para obter estes papeis.

O GOVERNADOR. — Hoje são 15, este papel foi escripto a 13. Senhora, o seu relógio parou ha muito tempo.

GONZAGA (*olha desvairado em torno de si*). — Meu Deus! meu Deus! onde estará a verdade? Ah! que duvida horrivel! Maria!...

MARIA. — Olha para mim... Vê bem que eu não minto.

O GOVERNADOR. — Olha para esta carta... Vê bem que ella não mente.

GONZAGA. — Meu Deus! nem sequer eu poderei morrer descansado!... Quem me arrancará esta duvida que mata?!

SCENA X

OS MESMOS e LUIZ

LUIZ (*levanta o reposteiro da direita e sahe*). — Eu! (*Todos conservam-se pasmos. Elle arranca o bilhete da mão de Gonzaga e dirige-se á mesa onde o ajunta ao papel de que fôra rasgado*). Este papel foi rasgado daqui ha poucos instantes.

O GOVERNADOR. — Oh! maldição! só me resta agora o cadafalso ou o desterro.

MARIA (*Gonzaga e Maria conservam-se abraçados*). — Oh! não te resta mais que morrer!

GONZAGA. — Não, fica-me o teu amor.

LUIZ. — E a gloria para o heróe... e o céo para o anjo.

O GOVERNADOR. — Ah! (*Vae a sahir precipitadamente, mas topa com Silverio*).

SCENA XI

OS MESMOS e SILVERIO

SILVERIO. — Senhor, eu estou perdido. Querem prender-me, querem assassinar-me. Eu quero fugir, eu quero salvar-me, venho pedir a V Ex. a sua protecção. Minas me odeia. Minas me esmagará se V. Ex. não me defende. Eu estou desacreditado, pobre, mas em paga de tudo quanto lhe hei feito, de toda a felicidade que lhe dei, de todos os crimes que commetti por V Ex.... salve-me... salve-me...

O GOVERNADOR (*pega-o pelo braço, apontando o grupo de Gonzaga*). — Eis tudo que me deste... o crime, a deshonra, o remorso... a condemnação dos homens, de minh'alma e de Deus... a perda de Maria na terra, no céo, no inferno. Tu me perdeste... porém minha quéda ha de perseguir eternamente a tua no abysmo em que rolámos. (*Sahe precipitadamente*).

SILVERIO. — Ah! o inferno se conspira contra mim... Estou perdido!...

LUIZ (*caminhando ao fundo*). — Não, desgraçado! E' o sangue de minha filha que cahe sobre tua cabeça; é o sangue de todos os martyres que te clama — vingança! Vai... são todas as tuas

victimas... é o cortejo de teus crimes que te acompanhará de solo em... solo, como o ferrete de Caim!... Caminha, maldito... caminha sobre o solo de tua patria!... a terra que tu pisares te morderá nos pés; o desprezo de teus cúmplices e o odio de teus irmãos te morderão na alma... Caminha... quando tu tropeçares será nas caveiras de teus patricios; quando a chuva te açoutar o rosto será o sangue dos martyres. Caminha, maldito!...

SILVERIO. — Ah! (*Sahe horrorizado*).

SCENA XII

GONZAGA, MARIA e LUIZ

• GONZAGA. — Agora, Maria, adeus! Nós sonhámos com a gloria, com o amor, com a felicidade! Que importa? Ha uma outra patria onde as flôres são sempre viçosas, onde o amor se transforma em astro. Lá ha longos extasis para duas almas que se amam; lá nós seremos noivos! Não chores, Maria, não chores... eu sou feliz!... Oh! é uma cousa muito pura... um amor como o teu! uma memoria como a de um povo!... Ah! minha pobre patria! ah! minha pobre noiva! amanhã nós todos seremos livres! Ella terá sua corôa de liberdade... o futuro ha de atal-a na frente!... Tu terás a tua capella de noiva. Deus ha de collocar-a em tua testa. Eu terei o meu diadema de gloria... o carrasco me sacrará martyr... Cala-te, Maria, quando se tem a eternidade do amor, de uma nação, de uma mulher e de Deus... o homem caminha para o cadafalso como para um leito de nupcias... Não chores, Maria, adeus!...

MARIA. — Lembra-te de mim, Gonzaga...

GONZAGA. — E agora um ultimo pedido... fala

de mim ás crianças desta pobre terra, lembra aos pobres captivos que ficam o nome de nossa patria, dize-lhes que eu morri por ella, e que elles vivam para ella.

MARIA. — Sim, sim! o mundo inteiro saberá teu nome; e quando os sertanejos embalarem seus filhos á sombra das florestas da America, cantarão os martyres de Minas; lembrarão o poeta e tribuno, o revolucionario e o libertador. E eu... eu... viverei para apertar tua lembrança no meu seio... como uma mãe aquece um filhinho moribundo.

SCENA XIII

O GOVERNADOR, O TENENTE-CORONEL e muitos CAVALLHEIROS, GONZAGA, MARIA e LUIZ.

O GOVERNADOR. — Sr. Dr. Thomaz Antonio Gonzaga, é tempo de partir... Espera-o ali uma marmorra, além Moçambique ou o cadafalso...

GONZAGA. — Não, espera-me aqui o amor de Maria, além a gloria e o céu... Luiz, meu velho amigo, adeus!... venha o ultimo abraço, meu companheiro de infancia... meu companheiro de desgraça... Adeus!...

LUIZ. — Não, senhor, a ordem deve ser para todos os presos... Eu que o apanhei no berço, só o largarei no tumulo... Minha senhora, elle terá um amigo junto ao seu leito de agonia, ou ao pé de seu cadafalso. Adeus... minha senhora... (*Passa*).

GONZAGA. — Maria!

MARIA. — Gonzaga! (*Abraçam-se chorando*).

O GOVERNADOR. — Oh! desespero! Elles são ainda mais felizes na sua desgraça do que eu na minha vingança! Eis o meu castigo!... Deus e elles se vingaram...

MARIA. — Meu noivo... meu esposo, meu unico amor! lembra-te de mim nas tuas horas de agonia.

GONZAGA. — Adeus, Maria. Lembra-te de mim quando estiveres em Villa-Rica. Lembra-te de mim quando te sentares na encosta do rio, quando escutares o sabiá cantando á tardinha nas palmeiras, quando vires minha casinha deserta e fechada... Quando caminhares por onde nós passeiavamos juntos... Lembra-te de mim... lembra-te de mim!...

MARIA. — Ah! eu suffoco! Ah! dá-me o ultimo abraço! dá-me o primeiro beijo...

GONZAGA. — Adeus! (*Destaca-se dos braços della e vai precipitadamente para o fundo, donde volta pela ultima vez*). Maria! até á terra ou até ao céu!... (*Sahe*).

MARIA. — Adeus! Teu cadaver será da patria, teu coração meu, tua alma de Deus... parte para a agonia e para a gloria.

(*Todos formam um quadro ao fundo. — A orchestra toca o hymno nacional em surdina. Maria olha Gonzaga e Luiz que atravessam ao fundo n'um barco... depois vem inspirada á boca da scena, onde recita a seguinte poesia*):

Desgraça! Eis tudo o que resta
Da raça dos Prometheus!
Um mundo sem liberdade!
Um infinito sem Deus!
No dorso das cordilheiras
Batem rijas, agoureiras
As martelladas do algóz:
E' o carrasco negro, immundo,
Pregando o esquife de um mundo
No seu sudario de heroes.

Eil-o sublime por terra,
Qual no occaso é grande o sol,
Fez dos Andes — travesseiro,
Do firmamento — lençol! —
Condor soberbo da America,
Morreu... mas na garra Iberica

Não sangra um grito de dor,...
E o oceano — cão enorme,
Pergunta se o Brasil dorme,
Uivando aos pés do senhor.

Dormir... não! que esses tripudios
São de um povo os funeraes;
Mas ninguém vela-lhe em torno...
Grandes da patria! onde estais?
... Ah! lá os vejo altanados,
Fortes, soberbos, alçados,
Se erguendo, mesmo ao cahir!
Bravo! bravo! herões... olhai-os!
Se tombam são como raios
Que mergulham no porvir!

Cada qual na hora extrema
Sobre a ossada da nação,
E' como o busto de Hercules
Do incendio ao rubro clarão...
Para aqui um vulto se chega...

— Na taça — a cicuta grega, —
— Na mão — romano punhal, —
E's tu, Claudio — o suicida,
Trocando o... andrajo da vida
Pela... purpura eternal.

Eil-o, o gigante da praça,
O Christo da multidão!
E' Tiradentes quem passa...
Deixem passar o Titão.
Subito um raio o fulmina,
Mas tombou na guilhotina,
— Nesse throno do Senhor.
Foi como a aguia fulminada
Pela garra pendurada,
Como um trophéo de Thabor.

Longe... por plagas infindas,...
Lá onde é de fogo o céu,
Surge do mar uma ilha..
Da ilha um homem se ergueu,
Ao surdo rugir das vagas,
Batem-lhe d'alma nas fragas
As ondas do seu pensar;
E o sol que tomba sangrento,
E' o adeus... o pensamento,
— Que elle nos manda do mar!...

Profundo olhar no horizonte,
 Ao vento exposta a cerviz,
 E' Tasso, olhando Eleonora,
 Dante fitando Beatriz.
 Lá no rochedo escaldado
 Quem é o grande desterrado
 Maior que Napoleão!?...
 Silencio... uma voz sombria
 Murmura: "Brasil!... Maria!"
 — E' Gonzaga... Oh! maldição!...

FIM DO DRAMA

Fev. 1867.

1) O "Gonzaga" foi escripto no Recife, nas ferias de 1866-1867, quando o Poeta, para se refugiar com os seus amores (ainda Eugenia!), deixou a Capital por um dos seus suburbios, o povoado do Barro. Diz precisamente Alfredo de Carvalho: "Indo passar as ferias de 1866 no ameno povoado do Barro, ali, no mez de fevereiro seguinte, começou e concluiu o drama *Gonzaga*. Habitava uma casinha, conta Regueira Costa, situada em ponto pittoresco e onde podia expandir a sua imaginação como effectivamente o fez, inspirando-se naquella natureza palpitante de vida a offerecer-lhe os mais variados quadros para a composição do seu drama. Assim foi que, segundo me dizia, o esplendido cannival de um engenho proximo lhe forneceu as tintas para a bellissima descripção da scena 8.^a, acto 4.^o do *Gonzaga*: — ... daquella casinha levantada no tombo da ladeira como um ninho de passaro nos ramos, com a sua collina suave como um collo de mulher? E abaixo um cannival immenso, verde e dourado como um mar de esmeraldas, e longe, ao longe aquelle horizonte de montanha, onde os crepusculos se talhavam num céu de sangue? Lembras-te? — ... Voltando á capital, em Março de 1867... (*Castro Alves em Pernambuco*, cit. ps. 14-15).

2) Foi representado pela primeira vez na Bahia, no Theatro de S. João, a 7 de Setembro de 1867, por um grupo de artistas e amadores reunidos em torno de Eugenia Camara (Maria) e Lapa Pinto — um poeta

e funcionario publico (Gonzaga). Na sala repleta e acalorada recitaram-se versos do Poeta, conduzido nessa noite á sua casa "em triumpho", diz elle mesmo em carta a Augusto Guimarães (*Correspondencia*: carta VI). Em 2 de Outubro seguinte repetiu-se o espectáculo em beneficio do autor.

Dessa representação disse mais tarde o Poeta a Joaquim Augusto (*Correspondencia*, carta XV), que fora uma "caricatura na scena da Bahia", que lhe dera "impetos de atirar ao fogo (o drama), como as mães da China o fazem aos filhos monstruosos."

3) No Rio de Janeiro, aonde veio, de passagem para S. Paulo, no começo de 1868, leu Castro Alves o seu drama, na Tijuca, a José de Alencar, que a proposito escreve a Machado de Assis a carta magnifica, que foi uma sagração ao Poeta, publicada no *Correio Mercantil*, de 22 de fevereiro de 1868. No seu numero de 23 de fevereiro deste anno o *Diario do Rio de Janeiro* noticia o saráu literario das vespervas, nos seus salões, em que, entusiasticamente applaudido, lera Castro Alves o seu "Gonzaga" Em 1.º de março, desse mesmo anno, o *Correio Mercantil* estampava a resposta de Machado de Assis a José de Alencar, que é outra consagração do nosso Poeta.

4) Pelas decepções confessadas, da representação na Bahia, tinha muito empenho Castro Alves em ver o "Gonzaga" representado em S. Paulo pelo actor Joaquim Augusto. Este era o primeiro artista brasileiro no palco, segundo o juizo do tempo, e quanto ao seu poema dramatico pensava Castro Alves: "O meu trabalho precisa de uma plateia illustrada. Precisa talvez mesmo de uma plateia *academica*. O lyrismo, o patriotismo, a linguagem, creio que serão bem recebidos por corações de vinte annos, porque o "Gonzaga" é feito para a mocidade. Mesmo talvez este desnortear-me do trilho e estylo seguidos lhe seja merito perante tal publico." (*"Correspondencia"*, carta cit.)

Esta representação seria, pois, a verdadeira 1.ª representação do drama e foi assim annunciada que se realizou de facto. Foi este o annuncio nos jornaes do tempo:

"Theatro | Empreza Eugenia Camara | Domingo,
25 de Outubro de 1868 | Magnifico espectáculo | Entra

em scena o primeiro actor brasileiro | Joaquim Augusto Ribeiro de Souza | Subirá á scena pela primeira vez o drama historico brasileiro em quatro actos, de grande apparatus, original do Sr. | Antonio de Castro Alves | Gonzaga | ou | a Revolução de Minas | Denominação dos actos | 1.º — Os Escravos | 2.º — Anjo e demonio | 3.º — Os martyres | 4.º — Agonia e Gloria | Denominação das scenas | 1.ª — Um bosque brasileiro | 2.ª — Grande salão de columnas (scena de baile) | 3.ª — Habitação de Gonzaga (scena de luar) | 4.ª — A prisão na ilha das Cobras | Scenario. — Vestuario. — Accessorios. — Tudo novo.

Personagens :

Actores :

Gonzaga.....	Sr. Joaquim Augusto.
Visconde de Barbacena.....	Sr. Eduardo.
Joaquim Silverio dos Reis.....	Sr. José Victorinò.
Joaquim Xavier (Tiradentes) .	Sr. Primo da Costa.
Dr. Claudio Manoel da Costa..	Sr. João Eloy.
Ignacio Alvarenga.....	Sr. Silva Leal.
Vigario Carlos de Toledo.....	Sr. Vasques.
Tenente-coronel João Carlos...	Sr. Petit.
Luiz, escravo.....	Sr. Augusto Filho.
Paulo, escravo.....	Sr. Correia.
Um carcereiro.....	Sr. Ferreira.
Um creado.....	Sr. Albuquerque.
Maria (de Dirceu).....	D. Eugenia Camara.
Carlota, escrava.....	D. Julia Azevedo.

Damas, cavalheiros, conspiradores e pagens | Epocha — 1789 — a — 1791 | Vestuario á charater | Recebem-se encommendas no theatro.”

A 29 de Outubro de 1868 repetiu-se a representação, em beneficio do actor Augusto Filho.

O critico d’O *Ypiranga*, o jornal de Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, em 29 de Outubro de 1868, assim se externara: “Recebido pelos espectadores com todas as honras do triumpho, já apresentado com elogios por grande parte da imprensa do Imperio... O que poderamos dizer já todos sabem e já o nosso publico sancionou na prova solemne da exhibição scenica... O 3.º acto, o mais bello e perfeito acorda o coração do espectador e accende-lhe na cabeça idéas

fortes e varonis. Os adeuses dos conjurados a Gonzaga constituem uma scena das mais tocantes que temos assistido em theatro. Todas aquellas figuras parecem que falam de um pedestal: por ventura as esboçou assim o autor, teve n'alma as harmonias da *Marselheza* e viu passar-lhe pelos olhos, em caminho do cadafalso, os vultos dos Girondinos saudando a posteridade... Em conclusão, o melhor elogio que possamos fazer do drama do Sr. Castro Alves é que não pudera ser obra senão de uma alma livre e não ser feita senão para um povo de homens”

5) De novo na Bahia em 19 de julho de 1876, no Theatro de S. João subiu á scena o “Gonzaga”, destinado o producto do espectáculo ao Monumento de 2 de Julho. Uma enorme affluencia foi ouvir o Poeta declamado por uma *troupe* de amadores entusiastas, cujos nomes foram depois consagrados nas letras, na politica e no magisterio nacionaes; entre elles: drs. Manoel Victorino Pereira (Luiz), Climerio Cardoso de Oliveira (Gonzaga), José Carneiro de Campos (Coronel Silva), Manoel de Assis Souza (Padre Carlos), Manoel Carlos Devoto (Claudio), Carlos Ferreira Santos (Tiradentes), José Faria Rocha (Visconde de Barbacena) e D. Rosalina Guerreiro (Maria).

6) Por occasião das festas do decennario de Castro Alves tornou o “Gonzaga” a ser representado, no mesmo Theatro de S. João, a 2 de julho de 1881, com uma extraordinaria affluencia de espectadores. Os actores eram ainda pessoas cultas da sociedade bahiana: Torquato Bahia (Gonzaga), Eduardo Velloso (Luiz), Lellis Piedade (Claudio), Aloysio Santos (Padre Carlos), Eduardo Portella (Visconde de Barbacena), Cezar Ramos (Joaquim Silverio), Luiz Gualberto, José Bonifacio (Tiradentes), D. Bernardina Silva (Maria). O producto do espectáculo foi destinado á alforria de escravos.

7) *Eu sou a pobre captiva...* (Sc. III, do I Acto: Sc. XIX, do III Acto. Esta canção foi victima da parte de Eunapio Deiró, jornalista de alguma notoriedade no tempo, aliás amigo e admirador de Castro Alves, de uma leviana e extraordinaria accusação de plagio ou reproducção inconsciente, que o publicista diz ter feito ao proprio Poeta (!) o qual se deixara della convencer

(!!). Trata-se da “Jeune captive” de André Chenier, feita em 1794, a Mlle. Aimée de Coigny, presa pela Revolução e destinada á guilhotina, que Castro Alves teria posto nos labios de uma africana. As duas poesias não têm absolutamente, mas absolutamente, a menor paridade, nem na fórma, nem na essencia, a não ser na... falta de memoria... de Eunapio Deiró, que talvez só de nome conhecesse o poema francês, e se quiz dar ares de admoestador sagaz ao joven Castro Alves, a quem nada poderia ter dito a respeito, pois teria resposta immediata, quanto mais convencê-lo de plagio... imaginario. Veja-se sobre o assumpto Xavier Marques (Op. cit., p. 102). Este é o mais ridiculo caso que conheço de intrugice literaria.

8) *Direita alta... esquerda baixa...* Sc. IX do I Acto, etc., etc. Na publicação, com alguns erros de impressão, vêm apenas as iniciaes *D. A., E. B.,* etc., que não compreendem os não iniciados e é preciso explicar. Aos lados da scena, direita e esquerda do espectador, ha portas de entrada e saída dos actores: a mais proxima do fundo, á direita, é direita alta; a outra, direita baixa; o mesmo do outro lado. Castro Alves mostrava-se entendido em technica theatral. Teria razões.

9) *Junto a uma clara fonte...* (Sc. IX do I Acto) é uma Lyra, a XXXII, da Parte I, da *Marília de Dirceu*, de Thomaz Antonio Gonzaga.

10) *Glauceste...* Sc. I do II Acto. “Glauceste Saturnio” era o nome “arcadico” de Claudio Manoel da Costa (1729-1789), o grande Poeta da Inconfidencia Mineira.

11) *Dir-se-ia que Daphnis e Chlôe renasceram de um idyllio virgiliano...* (Sc. IV do II Acto) *Daphnis e Chlôe* é o romance pastoral grego, attribuido a Longus, contemporaneo da dominação romana. Os idyllios e bucolicas, que Theocrito e Virgilio, para citar apenas os mais celebres, cantaram em verso, disse-o em prosa poetica o prosador heleno, provavelmente outro que não o presumido, contando como duas bellas crianças innocentes inventam ou descobrem o amor.

12) *Condé dizem que tambem tremia antes de entrar nas suas grandes batalhas...* (Sc. XIII do II Acto). O facto é antes attribuido a Henri de La Tour d’Auvergne, Marechal de Turenne (1611-1675) que não

lograva evitar um tremor nervoso antes das grandes batalhas: “Tu trembles, carcasse?, dizia a si mesmo, tu tremblerais bien davantage, si tu savais où je vais te porter, toute à l’heure”...

13) *Já, já me vai Marília branquejando...* (Sc. II do IV Acto) estrophes da Lyra V, Parte II, da *Marília de Dirceu*, de Thomaz Antonio Gonzaga: Castro Alves, para não alongar, supprimiu a 3.^a, 4.^a e 5.^a estrophes do original.

14) *Daquella casinha levantada no tombó da ladeira* (Sc. VIII do IV Acto). Representação da casinha do Barro, arrabalde do Recife, onde o Poeta, na companhia de Eugenia Camara, a sua Maria, compôs o drama. Vd. a nota 1), destas.

15) *A porta abria...* (Sc. VIII do IV Acto). 3.^a e 4.^a estrophes da Lyra XI, Parte II, da *Marília de Dirceu*, de Thomaz Antonio Gonzaga.

16) *Desgraça, eis tudo o que resta...* (Ss. XIII do IV Acto). Desenvolvimento do thema enunciado precedentemente (Sc. XII do III Acto) por Tiradentes “Eis tudo o que nos resta”.

O que ha de absurdo nesta scena, mais de epopéa que de drama, de vir Maria ao proscenio recitar uma poesia patriotica, quando lhe arrebatam o amante para o degredo, é explicado pelas intenções sociaes da peça, escripta para um publico de moços, amanhã apostolos desse Evangelho da Liberdade, pela Abolição e pela Republica, que iriam levar a todos os cantos do Brasil.

Ha neste formoso canto um divertido anachronismo: “Quem é o grande desterrado, maior que Napoleão?” Gonzaga, desterrado em 1792, e Napoleão, muito depois, em 1815, só Castro Alves os podia comparar, e de facto é elle quem fala, e não Maria, a quem emprestou sua grande eloquencia.

Em algumas edições das *Espumas Fluctuantes*, por ex. a 5.^a, de Cruz Coutinho, Rio, 1881, “Supplemento” IV, vem este canto, como poema á parte, sob o titulo “Agonia e Gloria” que é o do IV Acto do drama. Em outras edições, por ex. nas *Poesias*, Baria (1913) dá-se como desaparecida a poesia *Agonia e Gloria...* p. XII. Foi publicada n’*O Ypiranga*, de S. Paulo, n. 64, de 1.^o de Novembro de 1868 e depois na *A Republica*, do Rio de Janeiro, n. 160, de 22 de Outubro de 1871.

VARIOS INÉDITOS

D. JUAN

OU

A PROLE DOS SATURNOS

DRAMA EM TRES PARTES

(A scena representa uma grande sala forrada de velludo preto. No centro, sobre um estrado tambem preto acha-se o caixão da Condessa Emma. Ardem cirios em torno).

I Parte: A vida na morte.

II Parte: A morte na vida.

III Parte: Saturno.

PRIMEIRA EPOCA

PROLOGO

QUADRO PRIMEIRO

SCENA I.^a

O DR. MARCUS, O CONDE FABIO, MACARIO, e a CONDESSA
no esquite.

O DR. MARCUS (*a um lado — á bocca da scena.*
A Macario). — A condessa está morta...

MACARIO. — Morta! Mas como?... meu Deus!
Ha pouco o baile. Agora o enterro. Que antithese
horriavel! Ainda hontem ella brilhava bella, orgu-

lhosa, altiva nas salas deste palacio... Ainda hontem, lembras-te, Marcus?... ella te arrebatava no turbilhão da walsa, como se quizesse levar o seu par comsigo para o céu!... Oh! quem a viu então, apenas resvalando pela terra, com os seios tremulos sob as pedrarias e os arminhos, com os cabellos meio espalhados sobre teus hombros, com os labios entreabertos a respirarem sobre tua fronte pallida... Sim! Marcus! porque tu empallidecias n'aquella vertigem da condessa... quem a viu hontem não pensou de certo... que aquelle pé ligeiro ia tropeçar na cova... que aquelles seios iam trocar os diamantes pelas lagrimas..., que a condessa Emma estaria morta...

DR. MARCUS. — Que queres, Macario? A morte ás vezes tem dessas phantasias terriveis. Eu, que sou medico, que tenho luctado, como Jacob, com este anjo sombrio, junto á cabeceira do doente, o sei... Ainda hontem, tu o disseste, eu empallidecia n'aquella walsa..., é que sentia um que de vertiginoso e doentio n'aquelle esvoaçar da condessa, aquelle coração que batia precipitado sobre o meu tinha uma semelhança com o ultimo arranco do moribundo... a espaços eu a apertava contra meu peito, porque me parecia que aquella mulher ia tropeçar e cair inanida sobre os tapetes do baile... Lembras-te, Macario, d'aquella Hespanhola, de que fala V Hugo?

Assim foi. Quando as ultimas risadas dos convivas perdiam-se nas escadarias e as lages empallideciam luctando com a manhã, o coração d'aquella rainha do baile rasgou-se de subito, como uma corda que estala depois de uma aria brilhante, e a Condessa Emma rolou morta nos braços de seu marido... (*Apontando o conde Fabio*).

MACARIO. — Mas como? Mas porque?

O DR. MARCUS. — Queres que eu te explique a morte? Explica-me antes a vida... Os medicos chamam a isto — rasgar de uma arteria... eu chamo apenas a morte...

(O Conde levanta-se e vae se encostar ao caixão)

MACARIO. — Pobre Conde! que dor horrivel que elle deve sentir...

DR. MARCUS. — Dor?! Não sei. Não creio que a dor seja a cessação da vida, o anniquilamento da intelligencia... Vês *(apontando o Conde)* Nem um grito, nem uma lagrima...

MACARIO. — Mas deve ser terrivel o acordar d'aquelle somnambulo.

DR. MARCUS. — Terrivel... E por isso, Macario, tu que és seu amigo leva-o d'aqui antes que desperte. O saimento está prompto... Vae anoitecendo... E' preciso que o feretro parta para o cemiterio... Eu velarei a condessa, como amigo, e como medico...

MACARIO. — Sim, Marcus. *(Dirigindo-se ao Conde)* E' preciso partir, deixar este lugar fatal. Vamos, Senhor Conde, vamos.

(O Conde segue-o pelo braço silencioso e indifferente).

SCENA 2.^a

DR. MARCUS e a CONDESSA

DR. MARCUS *(depois de acompanhar o Conde e Macario e fechar a porta)*. — Emfim! *(Approximando-se do caixão)*. — Emma! Emma! Acorda! Mergulhadora da morte, vem um momento respirar á tona da vida, para depois desceres mais forte ao

mar profundo do sepulcro... Vamos, desperta! Não ouves, Emma, é a voz de Marcus, que te chama...

A CONDESSA (*levantando a cabeça*). — Marcus! Onde está Marcus?... Meus Deus!... Ah! um caixão, cirios, uma mortalha... Marcus, que leito é este?

MARCUS. — E' o nosso leito de nupcias.

A CONDESSA. — Marcus, que cirios são estes?

MARCUS. — São as tochas do hymeneu...

A CONDESSA. — Marcus, que mortalha é esta?

MARCUS. — E' teu vestido de noiva!

A CONDESSA. — Marcus! Marcus! Arranca-me d'aqui... eu tenho medo... tu não sabes como é horrível... como são frias estas taboas... como este panno mortuario agarra ao corpo... Escuta... eu tive um pesadelo... eu ouvi a voz do Conde, que me chamava, no momento em que o narcotico me atirava por terra... depois... foi um sonho pesado, mas que me apertava o peito... Eu via meu filho Romeu, que chorava em torno de mim dizendo: "Minha mãe está morta..." Eu ouvi os creados, que passavam gritando "A senhora Condessa está morta", e tu mesmo, Marcus, dizias: "A condessa morreu"... Então eu perguntava a mim mesma... Quem sabe? Se Marcus o diz, é porque é verdade... é que sua sciencia o enganou, é que o medico errou; e querendo dar-me a vida do amor, deu-me o somno eterno...

MARCUS. — Emma! Eu matar-te?... Não! Quando minha bocca dizia lugubrememente: "A condessa morreu para o mundo"... meu coração murmurava: "Emma desperta para mim"... Pois tu tremes, meu amor, tu tremes perto de mim?

A CONDESSA. — Marcus! arranca-me d'aqui... dá-me a tua mão...

MARCUS. — Não, condessa, a senhora desvaria... Sair? mas para que? para ir cair de novo nos braços de seu marido, para erguer de novo uma barreira insuperavel ao nosso amor? E' isto o que quer? Pois bem, senhora... pegue-se ao meu braço... vamos... eu quero conduzil-a de novo ao seio de seu lar... porque a senhora não me ama, porque a condessa Emma zombou de mim, quando disse hontem no turbilhão da walsa: " Marcus... eu te amo!... porem minha alma é bastante honrada para não arrastar na lama do adulterio o nome do Conde, Fabio e de meu filho Romeu. Marcus! Marcus! Eu quisera morrer para resuscitar nos teus braços..."

A CONDESSA. — Oh! sim! Marcus! eu te amo...

MARCUS. — E eu te disse então: "Senhora! Houve um tempo em que o Dr. Marcus vagou nas florestas gigantescas do Amazonas, em que viveu na tribu dos indios, atravessou as savanas e os rios na ygára dos caboclos, e estudou a sciencia dos narcoticos com os filhos primitivos da America... Um dia, senhora, uma linda cabocla, que o amava, deu-lhe um veneno estranho.. este veneno dá a morte por momentos... por horas... por dias..."

A CONDESSA. — Sim... e eu te disse: "Marcus... mata a Condessa e resuscita a tua Emma..."

MARCUS. — Depois, Senhora... Vós me arrancastes o crystal, que o encerrava...

A CONDESSA. — E bebi: porque cada uma d'aquellas gottas se transformaria em oceano de felicidade... Mas, vamos, Marcus, é tempo de me abrires os braços...

MARCUS. — Não, condessa, não vê onde está?...

A CONDESSA. — E' verdade... Que sala é esta? Onde estou eu?... Meu Deus, é ainda o palacio do Conde!... Porque me fizeste acordar ainda aqui?...

MARCUS. — Porque ainda é tempo de renegar o meu amor...

A CONDESSA. — O teu amor?...

MARCUS. — Escute, Emma... Hontem era no baile... As flôres, as luzes, os sons da orchestra, como outras tantas vozes do céu, murmuravam-lhe aos ouvidos: Ama, Condessa, ama!... Estatua divina e orgulhosa... é tempo!... Camelia pallida, abre o teu seio ás borboletas douradas do amor!... E depois... era no terraço..., eu de joelhos beijava o arminho de teu vestido, enquanto a lua beijava o arminho negro de teus cabellos... e a noite... o céu... as estrellas... e (*apontando para si*) o verme da terra te pedia um conceito, uma palavra divina, uma palavra, que tu nunca disseras a ninguem no mundo, uma palavra de amor...

A CONDESSA. — E esta palavra, Marcus, tu ouviste... esta palavra, virgem na minha alma, tu a bebeste nos meus labios...

MARCUS. — Oh! Condessa! tudo aquillo era uma vertigem. Depois... Quem sabe se a mulher que me amava no baile... não teria horror de mim no cemiterio? Condessa Emma... ainda é tempo... Alli está a sociedade... aqui está o amor... alli está o seu leito nupcial, que é um tumulo, aqui está um tumulo, que é o seu leito nupcial... Escolha...

A CONDESSA. — Tu mentes, Marcus!... Tu não me pedes devéras que eu escolha... E' impossivel... Tu quizeste apenas sentir de novo a extensão do meu amor. quizeste gozar do espectáculo de minha paixão, não é verdade? Oh! não me digas que desconfias de meu amor, porque então eu não acreditaria que me amas... (*falando fóra do esquite*). Marcus, uma idéa horrivel me atravessa agora o espirito... Marcus, teu amor seria apenas um capricho? E's tu D. Juan?... ou és Romeu?...

Vamos... uma palavra... tu o disseste... ainda é tempo, porque, olha bem, Marcus, uma mulher, como eu, ama sómente uma vez na vida, mas precisa de um amor também eterno... Escuta, não me interrompas... Se tu sentes em ti uma paixão única e immensa, como a minha, dize... e nós iremos viver longe... bem longe... na Hespanha, na terra das laranjeiras floridas... na Italia, sobre as ondas azuladas do Sorrento,... nos Andes, onde a raça dos Incas embala o amor á sombra das palmeiras, na Grecia, em Paris, onde quer que seja nós iremos abrigar o infinito de nossa paixão... Mas se tu não sentes em ti um sentimento destes, dize... Marcus... dize e tudo estará terminado... Eu te perdoo porque ao menos não soubeste mentir... Marcus, vê bem que o meu amor é grande e insaciavel, como o oceano...

MARCUS. — E o meu é grande e inexgotavel, como o céu...

A CONDESSA. — Pois então, Marcus, depressa! depressa atira-me ao cemiterio, que já me tarda cair no teu seio...

MARCUS (*tem chegado com a Condessa para perto do esquife; dá-lhe um vidro a beber*). — Oh! Condessa, como és bella, mesmo na mortalha...

A CONDESSA. — Não!... é o meu véu de noiva...

MARCUS (*ouve a voz dos padres cantando o Dies irae*). — Meu Deus!

A CONDESSA (*risonha*). — São os meus cantos nupciaes...

MARCUS. — Condessa! Depressa! é preciso entreres para o esquife...

A CONDESSA. — Marcus, tu te enganas! Aquillo não é esquife, é a chrysalida do nosso amor...

(*Cae desmaiada nos braços de Marcus*).

SEGUNDO QUADRO

(A scena representa um cemiterio. E' noite. No primeiro plano central um mausoléu com a inscripção do nome da Condessa. A' direita, um mausoléu com uma cruz. No fundo mais tumulos).

SCENA I.^a

DR. MARCUS e O COVEIRO

MARCUS. — Vamos, Paulo, tu estás bebado... Pois tu, que és o cerbero deste reino das sombras, ladras com medo do luar, que bate nas sepulturas?!

PAULO. — Senhor Doutor, mas é que é máu brincar com os mortos... Depois... eu vivo com elles e tenho visto muita sombra nas noites de lua caminhar pelo meio das sepulturas... muito gemido triste aqui no cemiterio... Dizem que é a lua, que bate na pedra branca das lousas, que é o vento que geme nas folhas do cypreste... mas o coveiro sabe que são as almas, que passeam, que são as almas, que conversam... Não ouve, Senhor?...

MARCUS. — Paulo, tu fazes-te cobarde.. Quantas vezes tens cantado as tuas trovas obscenas ao compasso da pá, com que lanças a cal na sepultura?... Quantas vezes tens dormido embriagado aos pés de um cadaver? Vamos... A tua cobardia... não passa de cobiça... Vamos (*dá-lhe uma bolsa*) pega da alavanca...

PAULO. — Eu estou prompto; mas o Sr. Doutor já não se lembra, que salvou uma vez minha vida... Não! não é cobiça... mas o que eu vou fazer é horrível... e depois...

MARCUS. — E depois?!...

PAULO. — E depois? Quando entramos, deixei a porta aberta, enquanto procurava os instru-

mentos em casa... e ao sair n'uma das ruas dos carneiros de lá vi caminharem chorando dous vultos pretos...

MARCUS. — Não vês que a sombra dos cyprestes, que o vento balança, parecem dous homens de lucto, que caminham?... Mas, pela ultima vez, Paulo, digo-te que pegues da alavanca.

PAULO (*pegando na alavanca*). — Porem... é mesmo para estudar que o Sr. Doutor quer o cadaver?...

MARCUS. — Acreditas que eu lhe queira roubar as jóias?

PAULO. — Não... mas, Senhor... porque prefere este a outro defunto?...

MARCUS. — Porque? Porque a Condessa morreu de uma enfermidade subita e desconhecida, cuja origem quero saber... Depois, que te importa? Que importa ao cadaver que lhe rasguem as entranhas? E' uma profanação, não é assim?... Enganas-te, pobre coveiro... E' uma virtude procurar, como os augures antigos, nas entranhas palpitantes da victima a prophesia do futuro, ir arrancar do seio da morte o principio da vida...

PAULO. — Mas, Senhor, amanhã podem procurar os ossos da Condessa...

MARCUS. — Pois bem. O primeiro cadaver de mulher pobre, que aqui lançarem, — atira-o nesta sepultura... Mas vamos, coveiro do inferno... levanta esta lousa... que o dia não tarda...

PAULO (*levantando a lousa*) — O cimento está molhado... São duas pedras... prompto... (*tem suspenso e posto de lado a tampa da sepultura juntamente com Marcus*).

MARCUS. — Agora deixa-me tirar a Condessa. (*Debruça-se para a sepultura*).

PAULO. — Senhor, não ouviu passos... Não vê longe... lá... muito longe...

MARCUS (*levantando Emma nos braços*). — Vamos... é preciso que este coração não palpite tanto... que a embriaguez não me mate... porque pela primeira vez eu sinto a vertigem da felicidade...

(*A Condessa solta um gemido*)

PAULO. — Senhor! Senhor! não ouve? E' a defunta, que se queixa...

MARCUS. — Cala-te imbecil... Depressa! os cavallos estão promptos? tudo está preparado? Sim! Sim! fecha esta lousa... assim! E agora vae-te... e cala-te... Vê bem... este segredo é meu... e teu...

SCENA 2.^a

MARCUS e a CONDESSA

MARCUS (*sentado sobre a sepultura, tendo a Condessa encostada a si, depois de olhal-a muito tempo*). — Houve um dia um artista, que amou uma estatua de marmore; houve um dia um carrasco, que amou um cadaver de rainha. E o artista amou e amou tanto que estremecia de voluptias estranhas ao contacto d'aquella pedra indifferente, que adorou, scismou, viveu longos dias com uma prece, um olhar, um sorriso só para aquella figura marmorea, que achou mais gozos n'aquella indifferença, do que no delirio dos amores da terra... E o carrasco amou e amou tanto que bebeu o vinho da vida na taça livida dos labios da defunta... que se ardeu na friez d'aquelle seio inanimado, que apertou contra o peito em espasmos divinos o corpo degollado de Maria Stuart... Mas o que sentiria Pigmalião, o que sentiria o carrasco se os seios de marmore, se os seios da morta estremecessem, se os braços da es-

tatua, se os braços da mulher os estreitassem, se os lábios de Venus, se os lábios de Maria dessem-lhe sorriso por sorriso, caricia por caricia, beijo por beijo, delirio por delirio? O' D. Juan! O' Lovelace! Embalde nos seios das Andaluzas, das Haydéas foste procurar o vinho supremo do amor... Ninguem nunca teve a volupia, que sae da cova, o delirio, que sae da morte, o beijo repassado de eternidade!... (*Beija-a soffregamente na testa...*) Ergue-te... Lazaro do amor! ergue-te e cae no meu seio...

A CONDESSA. — Meu amor! Marcus! Oh! como é bom apertar-te em meus braços! Como é bom encher o peito de ar... Respirar... sim, respirar... beber o espaço... Oh! Marcus! que formosa noite... Não vês?... As estrellas parecem hoje mais claras e maiores... Como os cyprestes cantam... como tudo isto é alegre... como tu és bello... como eu te amo... Vamos, Marcus. Eu tenho frio... Aquece as minhas mãos nas tuas... minha testa arde... aquece-a com teu halito. (*Leva a mão á cabeça, arrancando a corôa rôxa...*) Ah! é a minha corôa de viuva... que vinha se collocar entre tuas caricias e meus cabellos... Eu não a quero... Não! cilicio da sociedade, tu não apertarás mais os pensamentos de minha cabeça... não! grilhão de flôres!... tu não prendes mais minha alma... porque... porque “a borboleta, que sae da chrysalida não reveste a fealdade da larva...”

MARCUS. — Sim... Emma... a noite te coroará de estrellas.

A CONDESSA. — Não! Marcus... o teu amor me coroará de beijos...

MARCUS. — Ah! Emma! Como tu me enlouqueces! Como tu sabes amar!...

A CONDESSA. — Mas não é assim, Marcus, que todos amam? Não é assim que tu me amas? Não foi assim que tu m'o ensinaste? Ainda me lembro...

A primeira vez que te vi, tu embriagavas as moças de um baile com as tuas palavras melodiosas, e falavas de amor... Então, Marcus, eu pela primeira vez estremeci ao olhar de um homem... perguntei-te sorrindo o que era o amor... tu me disseste: “Senhora! é a adoração, a idolatria, o desejo, mas tão grandes que pedem — ao infinito, que se alargue para contê-los, — á eternidade, que cresça para encerral-os.”

MARCUS. — E tu te riste então, Emma.

A CONDESSA. — Ri-me, porque então se abria para mim a felicidade... A felicidade, que na terra só tem um nome — amor. A felicidade sem sombras; a ventura sem remorsos... (*Movimento de Marcus*). Sim... Marcus, porque eu não tenho remorsos... Remorsos... e de que? de nunca ter manchado a honra de um homem, que eu não amava, de nunca haver mentido sobre a terra, de procurar a minha felicidade, sem ferir a ninguém? Não! remorsos tenha a mulher, que vae embalar no leito do esposo a imagem de outro homem, a mulher que arrasta na lama e expõe ao ridículo a honra, que lhe não pertence, e que ella rouba para matar. Remorsos sintam essas miseráveis, que não têm um thesouro n’alma... Não... ellas têm-n’o... mas em pequenas moedas azinhavradas ao contacto de tantos dedos.

Mas eu, Marcus, no dia em que senti palpitar em minhas entranhas o teu amor, foi como as caboclas de nossa terra com os filhinhos recém-nascidos... (*apontando o esquiife*)... mergulhei alli... no mar do sepulcro para vir trazel-o a ti, intacto e puro, na margem desta outra vida, que começa...

MARCUS. — Tu és o anjo da paixão.

A CONDESSA. — Anjo, que nunca rolará do céu de teu amor, não é verdade, meu querido Marcus? Porque então eu seria o Satanaz da vingança. Também Lucifer era o archanjo da luz... no emtanto

foi depois o demonio da treva... (*Passando a mão pela frente*). Mas quem fala de sombras, quando a alvorada desponta... Olha, tu não sabes que musica divina eu sinto em meu cerebro... colloca a mão sobre o meu peito... Escuta... Dir-se-hia que meu coração, como um passaro, que sente o sopro da primavera, se debate contra as paredes de meu peito... Pois bem... pobre passaro... é tempo de voar... tens diante de ti a vida inteira, para viver,... a terra inteira, para atravessar...

MARCUS. — Sim! para nós — a eternidade e o espaço... Vamos, Emma! Os cavallos relinham á porta do cemiterio... A galope! A galope! A noite nos esconderá em sua mantilha hespanhola, e quando a aurora nos alumiar, já estaremos longe... muito longe...

A CONDESSA. — Sim! Partamos! E' a hora em que velam os amantes... (*Vão a sair precipitadamente para o fundo, mas ao encontrarem-se com as personagens que apparecem, recuam sorpresos para a esquerda*).

SCENA 3.^a

O CONDE FABIO, ROMEU, MARCUS e a CONDESSA EMMA

O CONDE FABIO (*vestindo de preto, trazendo Romeu tambem de luto pela mão*). — E' a hora em que só velam os esposos...

MARCUS (*recuando até esconder-se atraz do mausoléu da cruz*). — O Conde Fabio!...

A CONDESSA. — Meu filho!

O CONDE FABIO (*procurando a sepultura da Condessa*). — Aqui... sim... deve ser aqui junto das outras ousas da familia... (*lendo o letreiro*). Meu

Deus! Encontrei-a emfim. (*Cae de joelhos e esconde a cabeça entre as mãos*).

ROMEU. — Meu Pae! porque me trouxeste aqui? Se faz tanto frio!...

O CONDE FABIO. — Filho... para aqueceres alguém, que ainda sente mais frio... do que nós... Approxima-te, Romeu... toca esta pedra... vê que lençól tão gelado, que leito tão escuro... lá dentro trevas, trevas sómente... e nem uma carícia,... nem um halito de amigo... nada! a solidão, a solidão, que parece outro tumulto, que encerra este...

Oh! quem sabe se o morto não soffre?... Quem sabe se, á meia noite, quando a geada cae na sepultura, a pobre moça, que viveu n'um leito de mornos arminhos não acorda, procurando em balde agasalhar-se com a mortalha molhada?... quem sabe quanto craneo se debate então pelos angulos sombrios da lousa?... (*Chorando*) Oh! filho!... filho... Ainda hontem ella vivia bella, santa, e mimosa da felicidade... A's vezes eu pensava que os tapetes macios eram ainda asperos para ella, que o setim era tosco para calçar-lhe o pésinho de creança... que a propria gaze fazia dorida a sua pelle divina... e hoje... hoje!

ROMEU. — Hoje, meu pae, vestiram-me de preto sem eu querer... Não é tão feia esta côr? porque me obrigam a isto?

O CONDE FABIO. — Porque?... porque ficas assim mais bonito com os teus cabellos louros; porque deve ser já uma prece ver uma creança de luto... a innocencia coberta da desgraça... o anjinho ferido no coração...

ROMEU. — Eu nunca o vi assim, meu pae!... Está chorando... mas nunca meu pae chorou...

O CONDE FABIO. — Cala-te, Romeu, não vês que

eu não choro. Mas conversemos, meu filho... Dize-me, tu não tens tido muitas saudades de tua mãe?...

ROMEU. — Oh! muitas, e onde está ella que não a vejo desde o baile?... Ella estava tão pallida no terraço, quando o Dr. Marcus lhe deu uma bebida...

MARCUS e a CONDESSA. — Meu Deus! (*Contrascena por detraz do tumulo da direita.*)

FABIO. — Uma bebida?... Sim!... é tão natural n'um baile... quando o seio se abraza naquella atmosphera de fogo e de perfumes... (*Pausa.*)

ROMEU. — Meu pae! onde está minha mãe?... está muito longe?

FABIO. — Muito longe... sim... muito longe... porque entre ella e nós está o infinito... porque ella está tão longe, como o céu da terra!... Ai! por mais que solucemos, ella não ouvirá nossa voz... por mais que caminhemos não chegaremos a seu pouso... por mais que a procuremos, nunca mais tornaremos a vel-a... nunca mais..., entendes bem isto, meu filho... nunca mais...

ROMEU. — Então, meu pae, nós vamos ficar sósinhos...

FABIO. — Sós, meu filho, sós...

ROMEU. — E nunca mais minha mãe me beijará?

FABIO. — Nunca.

ROMEU. — E quem tocará á noite no piano aquella musica, tão bonita, que me fazia adormecer?

FABIO. — Ninguém, ninguém, filho!... Não mais passeios alegres ao campo, não mais bailes esplendidos, não mais alegria... A manhã nos achará solitários na casa triste e abandonada, a noite nos encontrará no salão deserto e escuro... Ella foi-se... A nossa alegria, a nossa felicidade... Minha mulher... tua mãe... Romeu!

ROMEU. — Mas... Papae! quer me assustar... pois não me tinha dito que ella estava aqui?...

FABIO. — E' verdade!... (*á parte*) Pobre creança! para que hei de dizer-lhe que é orphão!... (*A Romeu*) Sim... meu filho... eu brincava contigo... tua mãe está aqui... está muito perto de nós... ella está ouvindo tudo que nós dizemos... ella está nos vendo mesmo...

ROMEU. — Então porque não nos vem abraçar...

(*Emma quer caminhar para Romeu; Marcus segura-lhe o braço*).

FABIO. — Porque não póde, porque lhe é prohibido...

ROMEU. — Pois então leva-me junto d'ella? Eu quero ver minha mãe... eu quero ver minha mãe-sinha... E tu não queres... Oh! meu Deus! é ser bem máu...

FABIO — Vel-a?... E porque não?... Porque não hei de ainda uma vez beijar minha querida Emma?... A innocencia foi quem me aconselhou... Não é verdade, meu Romeu, que devemos ainda uma vez olhar a nossa bôa amiga?... (*Romeu faz-lhe signal que sim*). Felizes superstições! Que mal faz arrancar a lousa de uma supultura... E depois... eu quero apenas uma lembrança sua... um pedaço de seus cabellos... uma flôr de sua capella... Oh! Emma!... O passaro, quando foge, deixa ao menos uma penna no ninho abandonado... tu não deixaste nada... nada!...

ROMEU. — Pae! vamos!

(*Contra-scena de Marcus e da Condessa*).

FABIO. — Sim! Espera, Romeu, espera um instante!... Nós vamos vel-a... Ah! aqui está uma alavanca... bom!... mais alguns instrumentos... Dir-se-hia que os esqueceram de proposito... (*Pegando da*

alavanca e batendo contra a sepultura). Meu Deus!... é um sacrilegio... é máu desrespeitar o somno da morte... Se ao menos eu a tivesse visto na hora do enterro... Oh! como me custa... que dor horrível, que me aperta o coração... eu creio que não terei forças... (*Continúa por instantes a trabalhar*). Ah! finalmente!... (*tem levantado uma pequena parte da lousa*).

(*Contra-scena de Marcus e da Condessa*).

A CONDESSA. — Ah! (*encosta-se` desvairada ao hombro de Marcus*).

FABIO (*voltando-se e deixando de novo cahir a lousa*). — Como que ouvi um grito?... Quem estará aqui?... Alguem talvez, ou será uma illusão de meu cerebro enfraquecido?!...

ROMEU. — Ah! (*apanha no chão a corôa rôxa da Condessa*).

MARCUS (*á Condessa*). — Que será feito de nós?...

FABIO. — Foste tu, creança, que me assustaste!... Ai! mas o meu cerebro desvaira... esta dor é forte de mais... para mim... Filho! parece que a luz a instantes me falta... (*Passa a mão pela testa*). Mas não importa, comecemos de novo... (*Pega de novo na alavanca, desfallecido*). Como este instrumento pesa... como esta pedra pesa... como este coração pesa...

ROMEU (*adiantando-se*). — Meu pae... veja que bonita corôa... olhe... eu estive lendo as letras bordadas na fita... e não sabe? tem o nome de minha mãe... (*lendo*): *Condessa Emma*.

FABIO. — O nome de Emma?!...

MARCUS e a CONDESSA. — Meu Deus!...

FABIO (*tomando a corôa*). — Ah! deve ser isto... E' a corôa talvez que prendeu os seus cabellos, e que esqueceram sobre a lousa de sua sepultura... Sim! E' a sua corôa, que vem se collocar entre minhas caricias e seu cadaver... Oh! como a quero... como eu amo-a!... Sim! grilhão de flôres!... tu serás sempre o diadema de meu amor! Sim! élo do meu passado, tu prenderás sempre minha alma... porque... porque... a crysalida abandonada reveste ao menos o pó dourado da borboleta, que fugiu!...

MARCUS. — Tu desfalleces, Emma?

EMMA. — Não, meu amigo... tão grande e tão inabalavel é o meu amor, que mesmo neste momento, eu te digo: — Marcus... eu te amo... mas...

MARCUS. — Silencio!

FABIO (*sentado á beira da sepultura*). — Filho! Vês esta cova?... Aqui dorme um anjo... Uma santa. Uma mulher cheia de virtudes e de generosidade... Ouve... Romeu... Um homem de bem cora mais quando lhe dizem que sua mulher é uma perdida, do que se lhe chamam ladrão... O ultimo insulto, que se pode fazer a um homem, é ferir sua mãe... Felizes os que podem, como nós, dizer com orgulho: aqui está uma santa... aqui está uma mulher sem mancha...

A CONDESSA (*a Marcus*). — Oh! aquella bôa fé mata-me... Eu não posso supportar a hypocrisia... eu quero desilludir aquelle homem... devo dizer-lhe toda a verdade...

MARCUS. — Estás louca, Emma?

ROMEU. — Mas o que tem, meu pae?... as suas mãos estão frias... o que é que tem?...

FABIO. — Filho! (*meio desvairado*) tu és pequeno!... mas guarda estas palavras, este pedido de teu pae... quando eu morrer, enterra-me aqui junto della... e vem resar sobre esta sepultura, sobre a

sepultura da esposa mais honrada, da mãe mais carinhosa...

(*Emma destaca-se dos braços de Marcus, querendo caminhar para Fabio*).

FABIO (*cahindo no collo de Romeu*). — E agora, filho, ampara teu pae, que não tem senão a ti na terra. (*Cae desmaiado*).

EMMA (*sahindo de traz da cruz*). — Basta, Senhor...

MARCUS. — Cala-te. Deus rejeitou a tua douda confissão. Emma... a tua fraqueza chega á loucura... E's uma alma de ferro.

EMMA. — Oh! o elogio d'aquelle homem pesa-me no coração.

MARCUS. — Tu te arrependes?

EMMA. — Escuta... Jura sobre aquelle corpo, que é talvez o cadaver de meu marido, jura sobre a cabeça de meu filho, que eu abandono, que me amarás sempre... mas sempre e verás como minha alma é gigante na paixão...

MARCUS. — Eu o juro!

EMMA (*a partir*). — Então, Marcus, avante!... ao futuro!... N'um coração, que transborda de amor, não ha logar para o remorso!...

FIM DA I.^a EPOCHA

1) Inedito. Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, num autographo do Poeta, e numa copia de Augusto Alvares Guimarães.

2) Alem do *Gonzaga* e deste *D. Juan*, Castro Alves para a scena fez mais duas traducções do francês, "uma intitulada *os Pomos do meu pomar*, ornada de musica e que foi representada no Theatro Santa Isabel (Recife),

e outra, a comedia em dous actos, entremeiada de coplas denominada *Clarinha e Clarim*, e de que são autores J. Gabriel e Didier” (Alfredo Carvalho, *Op. cit.*, p. 24).

3) Não ha indício de data, do *D. Juan*; contudo, noticiando a assignatura para as *Espumas Fluctuantes*, que se publicavam na Bahia, a “Imprensa Academica”, de S. Paulo, n.º 12, de 23 de Agosto de 1870, refere-se a outras futuras publicações e, entre ellas ao “magnifico drama *D. Juan*, começado aqui”. Portanto, a ser verdade, 1868-69.

4) Numa de suas cartas a Luiz Cornelio(a VIII) Castro Alves lhe pede envie o original do *D. Juan*, que ficara no Rio. Valle Cabral na biographia que, segundo informações de Augusto Alvares Guimarães, escreveu do Poeta, na *Gazeta Litteraria*. Rio, 1883, ns. 2 e 5, diz a respeito uma curta phrase: “alem do drama *D. Juan*, quasi todo perdido”... *D. Juan* teria sido completamente escripto, vistos estes dois depoimentos?

Não é possivel saber. Nos seus papeis achei o autographo do 1.º acto e a copia respectiva, por letra de Augusto Alvares Guimarães, que ahi ficam publicados.

Achei tambem, a lapis, letra de Castro Alves, e copiado igualmente por Augusto Guimarães, o seguinte esboço ou programma do 2.º acto, o que permite talvez a presumpção não tivesse sido realizado em escripta definitiva. Como quer que seja, é o que resta da 2.ª Parte de *D. Juan*:

1.ª PARTE

A vida na morte

2.ª PARTE

A morte na vida

3.ª PARTE

Saturno — Saturno

2.ª EPOCA — 3.º QUADRO

A scena representa a varanda de uma fazenda. Ao fundo tres arcos cobertos de trepadeiras... Ao longe o campo. Duas portas de cada lado. Pobreza mas um gosto exquisito no decoro da scena.

SCENA 1.ª

1.ª Scena. Marcus só, vê partir o pae de Clelia, chorosa.

2.ª Emma entra, fala, passeia, com uma criança, nos braços, que é seu filho Roberto. Explicam a sua situação, o tempo que passou, etc. 3.ª Entra Clelia, para dizer que os cavallos estão promptos; trata a Emma, de irmã de Marcus. 4.ª Marcus diz que não a pode acompanhar. Emma insiste sobre o seu amor, elle jura-o de novo. Emma sae com Roberto. 5.ª Marcus só. Marcus avista-a ao fundo, e acena-lhe com o lenço. 6.ª Marcus, só, diz que ama a ambas. 7.ª Marcus e Clelia. Elle canta, uma guitarra. Clelia vem já arrependida, pede que se case, que fuja; fala de seu pae. Elle diz que depois, etc. Ciume, instancia. Marcus beija Clelia. 8.ª Emma entra; vê, recúa, recúa. De repente, atira-se e estaca diante de ambos. Marcus espanta-se. Clelia de joelhos. Marcus desculpa, protesta. Clelia espanta-se, de serem casados. Emma insulta, prorompe, ameaça, atira-lhe com o chicote á cara. Marcus tenta sair. Ella antepõe-se e grita pelo pae de Clelia. 9.ª Um creado que o vae chamar. 10.ª Marcus declara que não a ama. Ella diz que o ha de matar. 11.ª Entra Roberto. Marcus diz que lhe rouba o filho, para vingança. Emma atira-se a elle. 12.ª Grita ao pae de Clelia que prenda Marcus... depois que não, por causa de seu filho. Ouve-se um tiro. Emma corre e aponta o horizonte, onde Marcus desaparece. Clelia atira-se para o terraço e vê seu pae ferido... Procura esconder sua vergonha no quarto. 13.ª Emma preenche a scena. Pede o cavallo ao creado. Vae partir em busca de Marcus. 14.ª O creado sae. Ouve-se o vagido de uma creança no quarto immediato. Emma rouba a filhinha recém-nascida de Clelia e atravessa com ella, desvairada. Eis o penhor de minha vingança. Fim do 1.º Quadro, 2.ª Época.”

Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

POESIA

I

Um dia, enquanto mirava a fumaça azulada de um cigarro, pensava eu tristemente no desanimo, que se tem apoderado dos moços, e fazia a mim mesmo estas reflexões:

A mocidade é cheia de sentimentos.

E' a lyra sonora do bello.

E' a flôr que desabotoa para receber as gottas do orvalho.

E' a ave implume que abre o biquinho para aspirar os perfumes da alvorada.

E' a brisa, que geme nas madeixas das florestas, e tambem ruge nas cumiadas das serras.

E' a gazella que mira, timida e amorosa, a sua sombra no riacho.

E depois eu me perguntava:

Porque a flôr desfallece? porque a ave tiritá? porque a brisa é muda? porque a gazella se esconde nas selvas?...

E um pensamento me annuviava a fronte.

E' o materialismo, que invade?

E' a critica, que mata?

Não! o materialismo é o apanagio dos espiritos *blasés*.

Mas a critica?

E eu ia dizer talvez que a critica faz retroceder o passo a muito talento modesto, quando vieram entregar-me um volume de poesias.

II

A poesia é um sacerdocio. — Seu Deus — o bello. — Seu thuribulario — o Poeta.

Grande e sublime profissão!...

Debalde Pelletan lançar-lhe-ha o seu *Consummatum*. A voz do auctor do *Monde Marche* é altisona, porem mais forte grita a consciencia da humanidade, abraçando-se ao poeta nas horas de agonia.

Platão não lhe lançou o anathema, elle que fôra poeta?

Cicero não a achou perversora?...

Mas eil-a sempre a virgem da Poesia, atravessando os seculos, cada vez mais bella, porque traz mais flôres em sua corôa de martyrio.

E ella ha de sempre viver, porque o sentimento sempre ha de existir, porque o bello nunca ha de morrer no mundo...

Eu sei que ás vezes a turba lhe lança um riso de escarneo, ás vezes nem se digna de vel-a.

E' ingratitude...

Duvidaes?...

O que seria a Grecia antiga sem Homero? um montão de ruinas sem significação, um covil de reptis, sepulcro de uma geração sem nome, um problema lançado na historia.

E o que é? Palco gigante de uma raça ainda

mais gigante, onde, entre os destroços das columnas mutiladas, das divindades confusas com o pó, a imaginação parece descobrir as pegadas de algum Ajax, em lucta com os Deuses; na relva, que treme, figura o perpassar das roupagens de Hellena, nas nuvens, que se elevam no Levante, as pandas velas de Agamemnon.

O que é a Grecia? O deserto mais povoado do mundo.

Mas, dir-me-heis: Ella jaz morta.

Loucos! ella dorme, mas tem por campá a gloria, por capitel a immortalidade.

Um dia; era nos mares da India; o genio das tempestades açoitava com as longas asas a face da terra. O céu era negro.

O mar era negro. Luctavam os dous infinitos.

Quando o fragor da tempestade rareava, ouviam-se gritos de agonia.

A manhã correu o reposteiro de nuvens, que encobria o céu, e então allumiou os topos dos mastros de um navio, que por instantes appareceram, como cruces, n'aquelle immenso cemiterio.

Mais proximo á praia, um homem luctava para salvar-se, ou antes, para salvar sua patria, porque elle era Camões.

A rainha do Occidente em breve depôz o sceptro pesado em suas mãos tremulas.

E hoje, quando espraia os olhos pela superficie dos mares, vendo as velas estrangeiras cruzarem o horizonte, sente uma lagrima tremer-lhe nas palpebras, abaixa os olhos, e a mão, que ia enxugar essa lagrima, leva enthusiastica um livro ao coração — *Os Lusíadas*.

Fumegam os restos de Jerusalém... Nabuchodonosor — o genio da destruição — fez da cidade maldita — um cemiterio.

Como é bello, como é triste ouvir-se esta lamentação de Jeremias! “Eil-a sentada solitaria a cidade outr’ora tão cheia de povo...

Debalde chora á noite, porque ninguem lhe enxuga o pranto...

Suas portas estão derribadas, seus sacerdotes gemem, suas virgens estão manchadas...

O’ vós todos, que passaes, considerae e vêde se ha dôr, que se compare á minha?!”

Parece o grito da andorinha, que perdeu seu ninho, ou o soluçar de uma mãe solitaria junto á cruz de um cemiterio.

Sempre o poeta derramando uma lagrima pelas desgraças do mundo.

E’ que para chorar as dôres pequenas Deus creou a affeição, para chorar a humanidade — a poesia.

Quando o braço da fatalidade nivela os porticos soberbos com a poeira humilde do chão, quando o tempo — esse Attila eterno — faz de baixo das patas do seu corcel desaparecerem as nacionalidades, ouve-se um gemido triste, como triste deve de ser o soluçar dos anjos, e um grito melancolico se ergue entre as ruinas.

E os porticos se alevantam...

E as nacionalidades surgem...

Não esses porticos, que a furia do vendaval desborôa. Não essas nacionalidades, que a morte atira ao nada, mas porticos e nacionalidades eternas, porque o poeta desarma o tempo, com o condão de seu genio.

Quando, porém, a humanidade sente-se abraçada na chamma de um pensamento grande, o poeta pega da lyra, que treme de enthusiasmo, e arrasta as turbas encantadas ao heroismo.

Então elle é Tasso, ensinando a morte por seu Deus; Béranger, a morte por sua patria; Antonio José, cantando entre as chammas da Inquisição; Chénier, sellando com seu sangue a redempção da França no Golgotha do patibulo.

Grande e immorredoura profissão, apesar dos espinhos, apesar do martyrio e do desprezo!

Deixai, porem, que a turba vocifere.

Christo não foi o apedrejado de Jerusalém?

O poeta pode ser o da humanidade!...

Recife, 1864.

Inedito (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, segundo copias de Augusto Alvares Guimarães. Em uma destas, com este titulo, vem esta composição, separada; em outra, ella precede, como prefacio, as "Impressões de leitura das poesias do Sr. A. A. de Mendonça".

IMPRESSÕES DA LEITURA DAS POESIAS DO SR. A. A. DE MENDONÇA

I

Ha na lyra interior, diz o Milton portuguez, uma corda, que a minima expressão do verdadeiro bello faz vibrar.

Assim é. Isto que aquem vae escripto foi um brado de enthusiasmo, um grito de hosanna, que me partiu do coração ao passar os olhos pelas mimosas paginas das *Poesias* do Sr. Mendonça.

A poesia, diz Villemain, é uma cousa sem nome, que muitas vezes não tem feições distinctas, é um capricho d'alma e com ella a impossibilidade da analyse é a victoria do gosto.

Ainda quando Villemain errasse, não seria eu que reprehendesse uma critica, mas á mingoa de saber e de talento eu costumo tomar por pedra de toque a impressão de sua sublimidade, que o genio esculpe n'alma, e onde, como o oceano nas areias, escreve o seu verbo de grandeza.

Dir-me-hão, talvez: pois bem, calae-vos.

Mas eu lhes responderei: dizei tambem que se cale ao passarinho, que, humilde nos ramos, fi-

tando as chispas d'ouro do sol nascente, solta o seu trino espontaneo.

Os habitantes do Nilo roçam a fronte no pó do deserto, e fazem retumbar os écos dos saharas, quando o astro-rei irrompe do Oriente.

Haverá nisto apenas um acto de barbaria?

Não. E' que tudo quanto é grande planta no coração o respeito, arranca dos labios o enthusiasmo.

II

O Sr. A. A. de Mendonça, verdadeiro poeta lyrico, é o autor desse mimoso *bouquet* de flôres brasileiras.

A alma, cheia de uma vaga melancolia, sua canção deslisa monotona e triste, como esses cantos ethereos de Lamartine, ou como o suspirar choroso da *guzla* da Haydée de Dumas.

Mas ha n'aquelle cantar tristonho de sua lyra um *quê* tão sympathico que, diminuindo talvez o valor do livro (porque o torna algum tanto monotono e sem variedade), nos torna mais caro o autor.

Conhece que aquella melancolia não é uma nuvem phantastica, que lhe tolda o coração, é uma recordação plangente, que o anjo da saudade lhe repete aos ouvidos, quando o joven poeta escreve:

... .. estas folhas
Do livro de sua alma
Orvalhados de amores e tristezas.

Atravez das roupagens diaphanas da poesia, com que se lhe apresenta a imagem feiticeira e phantastica de Julia, a imaginação adivinha uma Julia real, que um dia magnetisou n'um volver dos olhos languidos de gazella aquelle coração de poeta, que lhe tocando os labios avelludados por sobre as

faces, fel-o desmaiar de volupia, que embalou no seio quente e palpitante de donzella aquella fronte encandecida pelo fogo da inspiração.

E depois?

E depois esse anjo subiu ao céu, como as nuvens rosadas da alvorada, como o ambiente das flôres. Foi envolver-se no manto luminoso do Eterno, como as estrellas nas roupagens de ouro do sol.

Mas essa virgem devia deixar após si muito perfume; como as houris do Oriente, esse astro errante ao envolver-se no infinito devia ter deixado uma esteira muito scintillante de luz.

E é por isso que o poeta ao fitar o crepusculo do dia, vendo o crepusculo da felicidade descer-lhe ao coração, diz tão sentido :

**“E’ já noite. Coberto o céu de lucto
Pranteia a morte do choroso astro.
Da humana estrella, que esparjiu-me outrora
Raios de tanto amor na humilde fronte”**

E é por isso que elle diz n’um dos maviosos sonetos :

**“Murchas de minha vida as gratas flores,
Ninguem na terra meu martyrio entende,
E sobre minha fronte ora s’extende
Pesado manto de sombrias dores.”**

Como já dissemos, esse soluçar continuo por um amor perdido, é um defeito para o livro; mas é bem desculpavel, quando se vê que aquellas linhas foram escriptas com lagrimas.

Em todo o caso deveria haver mais esperanças n’aquelle coração de moço, sua poesia em vez de ser o grito da andorinha sentada á cruz do cemiterio, devia ser, no dizer de Alvares de Azevedo, o vôo das aves da manhã no banho morno das nuvens vermelhas da alvorada.

III

A poesia assimila a si todas as *nuanças* das idéas das épocas, enroupa-se do manto da natureza, que a cerca.

Quanto á natureza, vêde:

Em Petrascha é languida e somnolenta, parece que adormece nos laranjaes do Sorrento, ao trescalar do perfume dos resedáes, fitando o céu azul da encantadora Italia.

Em Hoffmann é vertiginosa e phantastica, parece que desatina aos clarões avermelhados do punch, que arde na lareira, quando a tempestade açoita, gemendo, as vidraças, e o céu chumboso da Allemanha se estende como um crepe mortuario por sobre os vetustos castellos dos Berlchingen.

Em Macpherson (Ossian) é titanica e nebulosa, sôa rija como o vento nas grutas druidicas de Fingal, é vaga e metaphysica, como as neblinas pardacentas que envolvem as enseadas de Bothnia, assim como em John Smith, ella é um grito de Homeridas, quando, á voz de Dargo, vendo a luz do perigo tremular no fastigio dos castellos do lago Inisfail, solta o brado de guerra aos soldados de Morven contra os guerreiros de Lochlin.

Assim é quanto á natureza; vejamos quanto ás idéas das épocas.

A poesia mythologica resente-se da luxuria, que poreja de suas divindades incestuosas, da nudez cynica da Venus pagan, dos amores desenfreados de Jupiter e da formosa Europa.

Filhos dessa escola são Horacio, cantando ebrio ás portas de Mecenas as suas odes bacchicas; Ovidio, ensinando a *arte de amar* com a frente coberta de

flôres, e os olhos scintillantes de concupiscencia, sentado ás bacchanaes de Roma, a dissoluta.

Quando, porem, ao soprar das ventanias da Galiléa, as estatuas de Jupiter rolaram por terra, quando a cruz se fixou no Pantheon dos Cesares, então os menestreis ungeram suas lyras no oleo santo biblico e a poesia tornou-se casta, como as madonas de Raphael.

Dahi surgem Milton — o David christão que afinou a harpa pelo cantar dos anjos, Tasso, entoando *La Gerusalemme liberata* e inspirando-se ao tombar dos crescentes, ao retumbar dos gritos dos cruzados.

Hoje outro pensamento invade os craneos da humanidade; outra cruzada se arma, outra Jerusalém será *liberata*.

Esse pensamento é a liberdade, essa cruzada é a egualdade, essa Jerusalém — a humanidade.

Lembraes-vos de um esboço, que a mythologia — essa mãe do maravilhoso, do estupendo, — com cinzel cycloptico traça nos seus fastos?

— E' uma figura de homem, que tem os pés no infinito e que nas largas espaduas sustenta o globo impavido e inabalavel, porque elle é forte e disso conscio.

Esse é o Atlante.

Tirae a mythologia, voae a um mundo mais espirital e vêde.

Nas epocas modernas ha um novo Atlante mais forte, porque é real, mais conscio, porque é eterno.

Esse Atlante! chama-se povo, e seu peso — despotismo.

A poesia hoje é, pois, Byron, Barthelemy, Lamartine, Hugo — esses Christos humanos.

IV

O Brasil foi como essas princezas, adormecidas por cem annos nos seus castellos encantados pelo condão magico de alguma fada, mas que conservam o talisman da juventude, como Marion de Lorme a da virgindade.

O mundo antigo esboroou-se sob os pés dos viajantes do progresso; o crepuscular pallido da aurora da civilização tornou-se o irradiar do sol dos tropicos; o raio luminoso da razão rasgou o negrume das nuvens dos preconceitos... Os seculos passaram... passaram, muitas nações romperam suas roupas nos sarcaes da experiencia, muito romeiro empoeirou as sandalias no pó do erro, porque a sciencia é o Jagernant indico — esmaga sob o seu rodar precipite o craneo dos seus sacerdotes, ou porque no dizer do *Bardo Sancto* “as grandes idéas baptisam-se em sangue”.

E quando todos os solos já tinham sido o estadio ensanguentado dos paladinos mortos na liça, quando nos outros paizes, cada braça de terra é um tumulo, cada flôr medra sobre um cadaver e o pó, que se pisa, é talvez os restos de algum romeiro, que se abysmou no nada, então o Brasil, sacudindo os lenções de neve dos Andes, que lhe escondiam a fronte, despertou das trevas — na luz; mas não se deslumbrou, porque os olhos do condor são feitos para fitar o sol; da apathia na actividade do seculo dezenove, mas não tremeu, porque as cataractas não aprendem a arrojarse do pico dos rochedos...

Já a Revolução Franceza havia escripto com seu sangue o epitaphio do absolutismo...

O Brasil amou a liberdade... E Christo “o girondino da immortalidade” no dizer de Sillery,

tinha da tribuna do Golgotha soltado o verbo da nivelção das classes...

O Brasil amou a igualdade.

A poesia, pois, na terra dos Andradas, dos Pedros Ivos, e dos Tiradentes deve de ser magestosa como as mattas virgens da America, arrojada, como seus rios gigantes, livre, como os ventos, que passam gementes por suas varzeas, e que zurzem os costados pedregosos dos seus gigantes de granito. A poesia emfim deve de ser o reflexo desta terra.

Isto no que toca á natureza.

No que toca ás idéas do seculo:

Quanto a seu fim, a poesia deve ser o arauto da liberdade — esse verbo da redempção moderna — e o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo.

Quanto á sua fórma, a litteratura, sendo a expressão da humanidade, libertou-se dos preceitos asphyxiadores da escola classica — essa jaula do pensamento — assim como a humanidade despedaçara o feudalismo — essa jaula da dignidade popular.

Os pesados preceitos de Aristoteles cahiram, como cahiu o pesado jugo dos Reis Santos.

O povo — esse condor gigante— sacudindo as longas asas, pairou na ordem social por sobre a realleza, na ordem scientifica por sobre a autoridade.

Demais, essa escola materialisadora do pensamento (Minerva), do sentimento (Venus), já não tem hoje sua razão de ser... passou o seu tempo...

O espirito popular tem sido illuminado pelos luzires do cometa da civilisação.

Tudo tende a idealisar-se.

A religião despiu-se de seu manto sybillino e mysterioso, os padres já (inda que tarde e não todos) reconheceram que o povo não admitte os

prognosticos da sphynge, nem os augurios da *tripode*, o lituo romano partiu-se de encontro ao seu craneo, a religião passou para o dominio da razão — bella e sancta, como tudo que pertence ao homem pela intelligencia e não pelo terror.

Para o povo embrutecido é que se faz mister a materialização do mundo moderno.

Extinga-se, pois, tambem o raio da dextra de Jupiter, Marte se occulte por traz de seu escudo, afogue-se a Venus mythica nos flocos da espuma, que lhe foram berço.

V

Já lá vae muito de desvio do meu ponto principal; mas isso o disse de passagem para poder melhor lançar uma censura a dous erros, que em geral lavram em nossa litteratura.

Um — a falta de brasileirismo nas composições.

Dir-se-ha que os poetas no Brasil, emquanto Châteaubriand vem pedir aos panoramas da America a inspiração dos seus *Natches* e á sombra destas selvas seculares escreve as paginas olorosas de *René e Atala*, dir-se-ha, digo, que os nossos poetas não acham em tudo isso, que nos cerca, um canto de poesia.

E' verdade que os nossos poetas não podem, como Child-Harold sentir o coração pular-lhe de entusiasmo ao aspecto das torres vermelhas de Alhambra — a mourisca, como o *derradeiro Abencarragem* passear os seus olhares chorosos pelos arabescos sumptuosos do palacio de Boabdil, perguntando a essa sala de Mésucar, a essas habitações dos genios as lendas dos seus antepassados, como Volney, sentindo o ar sombrio das ruinas de Babilonia e de Palmyra, despertar os écos destas

idades esmagadas sob o peso de seus porphyros e marmores derrocados, e rasgando-lhes o sudario do passado, ler esses poemas, que ahí correram e que o tempo deixou apenas escripto em caracteres de ruinas sobre paginas de pó.

E' tudo isso verdade.

Mas em vez de Alhambra cheia de tendas mouriscas, temos nossas montanhas gigantes com suas grunas trevosas, onde o Indio faz dormir o genio do mal; em vez dessas columnas partidas por terra, nós temos essas columnas de verdura, que se elevam para o céu; em vez dessas pedras que falam de um passado duvidoso, nós temos essas nuvens, que se somem no azul do firmamento e que nos apontam um futuro certo...

E', pois, a inveja não para nós.

E no emtanto quanto talento se tem naturalizado estrangeiro!

Passemos adiante.

O segundo erro, que lavra, especialmente na Bahia, é o classismo.

Deus me livre de maldizer das obras primas, que a antiguidade nos legou.

Não.

Homero, Dante, Virgilio e outros hão de ser sempre admirados, mas não queiraes, homens da actualidade, mandar, como primor de esculptura, uma cabeça de sphynge para a *Exposição*, nem apresentar nos banquetes de Napoleão III a parodia dos vasos soterrados de Pompeia...

VI

Expostas assim timidamente as nossas idéas sobre estes dous pontos, vejamos se as *Pocsias* do Sr. Mendonça nos satisfazem.

Dizemol-o com franqueza. As poesias do senhor Mendonça têm ainda alguns defeitos da escola classica; nisto o autor pecca.

Ainda reduz — pelo systema antigo — as idéas a corpos, apresenta certas palavras com o seu distinctivo de letra maiscula no principio.

Realmente quem não o crerá lendo na *Adultera* os seguintes versos:

A torva imagem
Medonha do adulterio ésvoaçando, etc.

Em outras partes se encontra sempre a natureza, como se fosse um personagem real:

Era já sol posto: a Natureza, etc.

A musa mythologica ainda se introduz nas suas composições.

Este ultimo terceto do soneto á pagina 103 é todo classico.

Victima hoje de implacavel sorte,
Fazem sómente meu fatal cortejo
O pranto, a queixa, a solidão, a morte,

E assim em muitas outras partes; o autor bem patentea não ter abraçado de todo a escola romantica com a poesia *A' minha gatinha*; é uma bella e espirituosa composição, é verdade; mas com abusos não se argumenta; e se o autor, com o talento, de que dispõe, escrevesse uma poesia a um *gatinho* classico, de certo obteria melhor resultado.

Pequenos descuidos passaram neste volume, como o seguinte pleonasma:

Harpas "eoleas do vento"

O trocadilho bocagiano é empregado nos dous ultimos versos á pagina 17.

Estas as observações que fazemos, se não acertadas, ao menos francas.

Passemos a outra questão, que agitamos.

O Sr. Mendonça satisfaz-nos perfeitamente; o seu volume de poesias é brasileiro, e verdadeiramente brasileiro.

Sua alma de poeta não foi pedir inspirações ás paginas da litteratura estrangeira, não, bebe-a nas paginas da natureza — esta litteratura animada e que só o creador escreve.

Quem não se sentirá na America, nestas horas medonhas da tempestade, em que as lufadas da ventania batendo de encontro aos troncos das mangueiras, lutando nas ramadas vetustas, rugem e estala as arvores, que tombam, ao ribombar dos trovões no espaço, quem não se sentirá nesta terra, em que tudo é grande, ao ler esta descripção da tormenta, talhada pelo poeta em traços de Raphael?

Fechado o céu, ao vento desabrido,
Gravidas nuvens vão cortando os ares:
Ouve-se ao longe, dos revoltos mares
O prolongado, horrisono bramido.

... ..

Ruge fora a tormenta... d'hora em hora
Mais negra avulta: e lá na immensidade
Ronca o trovão com furia aterradora.

E' uma magnifica *enargueia*. Só o poeta póde ser o retratista da natureza.

Quereis mais?

Nunca ao verdes uma destas noites brasileiras, em que a lua parece um olhar de amante a desmaiar de volupia e de gozo, e as selvas soletram cantos vagos e sublimes, e a solidão nos fala ao espirito,

na melancolia sympathica desta contemplação, cres-
tes que só o luar americano tem essa magia?

Pois bem: vêde-lo agora reproduzido em um
canto ideal, que vós talvez então sonhastes, encon-
tral-o-heis realizado:

Quando nestes lindos ares,
Largos, immensos, sem fim,
Como nuncia de pesares,
Surges, ó lua, p'ra mim;
No modo porque descoras,
E parece-me que choras
Da terra sobre a nudez,
E's mais bella que vertendo
Tuas saudades e dôres,
Lá na "fonte dos amores"
Que se recorda de Ignez.

Ambos nós, ó astro amante,
Na sorte somos eguaes;
Tu no céu andas errante,
Eu na terra com meus ais;
Nas aguas de um mar dormente
Reflectes pallidamente
Meiga lua!... assim sou eu!
Triste, pallida, saudosa,
Cingida de roxa palma,
Tambem reflecte minh'alma.
Nas aguas do pranto meu.

Fôra longo cital-a, esta mimosa rival da *Lua-
de-Londres*; sentimos não poder fazel-o.

Já vimos que elle é um inspirado Miguel Angelo
do Brasil physico; do Brasil intellectual não o é
menos.

Filho da Bahia, *inspirado*, aliás, embalado com
as lendas da nossa liberdade, contadas talvez na
hora do serão por algum veterano da Independencia
(desses que não faltam ahi), tendo diante dos olhos
o glorioso campo de Pirajá, — esse Alcacerquibir
para Portugal, não podia o joven poeta deixar de
abrir sua alma á liberdade.

E então vêde, como elle empunha a lyra sobran-

ceiro, cantando as glorias da patria, lembrando
essas victorias ganhas ao ribombo dos canhões, e
aos gritos de — liberdade ou morte!...

Pirajá! no espaço immenso
Do futuro has de luzir;
Como o sol no céu suspenso,
Eternamente a fulgir;
Como colosso guerreiro,
Has de sempre sobranceiro
Iras do tempo affrontar...
Oh! sim; que de gloria extrema
Corôa-te um diadema
Que hão de os séc'los respeitar.

E depois, quando uma recordação tristonha lhe
passa pela mente e pouisa os olhos no tumulto do
grande Labatut:

Sombras de heróes! ajuntae-vos
A' popular multidão;
Nas vossas glorias mirae-vos,
Olhae nosso coração!
Eil-o de lucto coberto,
Em melancholico aperto,
Em um transe acerbo e crú...
E o pranto que desencerra
Triste cae... não sobre a terra;
Nos ossos de Labatut.
... ..
Lá na funebre morada
A liberdade prostrada
Ante esse pio tropheu,
Vejo triste derramando
Prantos, que se vão se tornando
Em letras no mausoléu...

Os Veteranos é uma bella poesia. Que estancia
de ouro é esta:

Inda lá vejo da maior batalha
A larga scena; o ruido da metralha
Escuto d'aqui, só:
Gladío invencível pelo ar scintilla...
O estandarte dos despotas vacilla...
E tomba sobre o pó.

A poesia *O soldado* é um archetypó. E' a realidade dura, mas verdadeira, do muito desprezo que lavra no governo por esses consolidadores da nossa honra nacional. Mario recebe a ordem de prisão nas ruínas de Carthago, Belizario, mendicante, vagá cego nos campos da Thessalia, Victor Hugo é o deportado de Jersey.

O desprezo da patria é muitas vezes a rubrica da dedicação e da honra!

VII

O poeta é o musico da intelligencia, assim como o musico é o poeta do ouvido.

A fórmula, esse segredo roubado pela inspiração ás harmonias edeneas, é uma revelação fadada sómente aos bardos.

Parece que Deus, creando-os acima da turba, lançando-lhes o infinito n'alma, insculpindo-lhes na frente o sello talvez dos anjos, segredou-lhes ao ouvido o rythmo-primicia, perdido na terra, dos cantos celestes.

O poeta é uma harpa entregue ás ventanias da noite, onde a brisa acha um canto de amor, o vento frio das deshoras um lamento, o vendaval um threno lugubre de morte.

E o rythmo é o talisman da verdadeira poesia.

O Sr. A. A. de Mendonça possui este condão innegavelmente, eis onde prima. Melodia bocagiana, versos cheios como os de Soares de Passos, não se requintando na fórmula, como o Sr. João de Lemos, segundo o pensar de Lopes de Mendonça: eis o que se nota em qualquer pagina deste bello volume.

Em geral, porem, os poetas brasileiros não usam da terminação das estrophes em syllaba longa, que dá muita força aos versos. Este defeito nota-se até

nos nossos melhores versificadores. E' a unica falta no Sr. Mendonça, falta, em que, só em geral, não cahiram os poetas de Portugal.

VIII

Sigamos o Sr. Mendonça no entoar variado de suas canções, ora tristes como o ultimo suspiro de Eurothas, ora apaixonadas como a Georgia de Azevedo, ora severas como um canto davidico.

Como a alvorada do dia, a alvorada da vida é um tripudio de jubilo.

A esperança — essa ave do coração — canta sonhando com o futuro, a crença perfuma a vida como o lothus oriental, o sol é o olhar de Deus, as nuvens vaporentas do levante phantasiam uma fada, que se embala ao sopro dos ventos, — o gemer da brisa é-lhe talvez um segredar de amores.

Então o coração pullula na estreiteza do peito, a idéa quer transbordar dos limites do craneo, a canção prorompe. E o ideal, como a innocencia, ergue o seu canto de admiração á *virgem* :

O sol no occaso se lhe beija as tranças,
 Lá morre de saudades e de amores;
 Bebe a mente em seu riso as esperanças,
 Debaxo dos seus pés revivem flores.
 Rosa do céu, no mundo peregrina
 Vassalando milhões de adoradores,
 Vae a virgem mimosa — harpa divina,
 Em magos cantos rescendendo amores.

Depois esse adorar se torna paixão e segue seu poetar, a Musset, vertiginoso de volupia, ebrio de goso :

Como é linda essa mangueira
 Em noite assim de luar!

... ..

Pelo céu percorre a lua,
 Como barquinha no mar;
 Não olhes para as estrellas,
 Que te podem namorar:
 Fita os olhos nos meus olhos,
 Embora os possa cegar:
 E se aqui morrer de amores,
 Oh! que morte de invejar!

Vem... reclina-te em meu peito...
 Como é forte o seu pulsar...
 Tenho ciumes da brisa,
 Que vem teus lábios roçar...
 Agora um beijo... não temas
 Que vão d'elle murmurar...
 Só se for esta mangueira,
 Só se for este luar...

Oh! que céu delicioso,
 Que sinto por alma entrar!
 Que valem pompas da terra?
 Como as podera invejar...
 Quem... á sombra da mangueira,
 N'uma noite de luar...
 Mas... segredos de ventura
 Não são para se contar...

Mais tarde a crença lhe vôa do espirito attri-
 bulado, como essas aves de arribação ante os ne-
 voeiros de inverno, e elle vae, como Manfredo
 entre os rochedos do Jung-frau, vagar á sombra
 dos cyprestes e conversar com esses veladores da
 morte:

Fugindo ás turbas, que riem
 De acerba, alheia afflicção,
 Venho, ó funebre cypreste
 Co'a lyra que anceia e chora,
 Comtigo abraçar-me agora
 Dos mortos na solidão.

..
 Silencio... D'ora em diante
 Serás o refugio meu...
 De ti, cypreste, se acaso,
 Curioso peregrino
 Indagar o meu destino
 Não lhe digas quem fui eu.

Não; e qu'importa uma folha
 Que o vento arrojou ao chão?
 Um infeliz, que tivera,
 Erguida pelo tormento,
 Uma cruz no pensamento
 E outra no coração?

Em breve tambem o poeta viu uma fronte de velho allumiada pelas tochas da morte, junto a elle uma mulher que chorava por esse cadaver, que não ouvia: — era seu pae.

Só o amor filial podia entoar esta sublime poesia:

Dentre marmoreos, elevados tumulos
 Para mim, para nós, — avulta ao longe
 Humilde sepultura á flor da terra.
 Tem por brazão da solitaria ermida
 A cruz solemne, a cruz!... por epitaphio
 Uma capella simples de saudades,
 Deposta lá por mim.

Eu vos saudo, ó reino dos sepulchros!
 O' livro sacro-sancto das verdades,
 No mundo escripto pela mão da morte!
 Paginas soltas desse grande livro,
 Eu vos saudo, funeraes cyprestes.

Parece escutar-se 'o genio da solidão de joelhos nas lageas de um tumulo acordar com seus soluços os écos do cemiterio.

Os espectaculos do mundo arrastam naturalmente o homem a esquecer-se de si na contemplação dos mysterios que se lhe antolham; então a poesia deixa de ser subjectiva, o poeta esquece a sua individualidade, identifica-se com o mundo externo.

Assim succede com o Sr. Mendonça ante o espectaculo do *moribundo*, ante esse mysterio que faz com que o poeta pergunte a si proprio se essa tarde terá uma aurora, esse somno um despertar, se o tumulo será um berço...

Mas, com sempre, a sua fé o inspira, e no seu canto ressumbram as crenças pias!

Feliz de quem espera a eternidade como a Sulamita ao esposo!...

Eil-as, algumas estancias do *Moribundo*:

Cada gemido seu era uma folha
Do livro da existencia, que passava,
Cada volver dos olhos embaçados
Relampago vital, que se apagava!

Do moribundo aos olhos tudo é ermo,
A viva luz do sol — triste e sombria;
A terra... um fundo abysmo impenetravel,
E' tudo noite; — a Eternidade o dia.

O claustro inspirou-lhe egualmente uma bella poesia — *A noviça* — que assim termina:

Ai! quantas vezes
A rosa virginal, esmorecida,
Não pende, não definha e murche e morre
No leito da deshonra e da miseria;
Em quanto que, se a flor no claustro expira
Expira, rescendente de perfumes,
Bafejada por Deus — nas mãos dos anjos!

Dissemos acima — “bella poesia” — e quanto á fórmula, á opulencia de imagens, á delicadeza do estylo, ella o é; quanto á idéa julgamol-a peccaminosa. O ascetismo pregado pelo Sr. Mendonça é uma idéa exagerada. O poeta foi pessimista, em extremo, cantou o misanthropismo, maldisse o noivado:

Melhor que sob as galas sumptuosas
Da afortunada noiva resplandece
Sob a estamenna que, espontanea, veste
O astro da virtude.

Julgamos isso muito enthusiasmo pelo celibato.
Parece-nos que o *astro da virtude resplandece*

tão bem *sob a estamenha*, como sob as *galas de afortunada noiva*; e confessamos ingenuamente, não nos parece tão

... bemaventurada
A virgem, que fugindo
Do mundo, escolhe a solidão dos claustros.

IX

A poesia moralizadora e philosophica é o noivado da phantasia com a razão. Poesia sublime, que cantando ensina, maldizendo regenera, chorando purifica...

A verdade, lançada a esmo sobre um codigo, sobre um tratado, poucas vezes penetra o espirito popular, ao passo que a verdade, que se vasa pelo cadinho do coração até ao entendimento, ahi persiste, como a gotta que s'escoando por entre as rochas, se crystallisa no stalactite.

A poesia moral, filtrando no coração, ahi entorna o perfume da virtude, e mesmo quando a memoria tem-n'a esquecido, o coração guarda della uma reminiscencia suave, como essas amphoras antigas, quando mesmo esgotadas, rescendem os aromas, que se lhe conglutinaram.

Já Lamartine havia dito:

“Ha mais politica n'um canto de Homero, do que nas utopias de Platão.”

De facto, enquanto o philosopho é esquecido no seu sonhar imaginoso no promontorio de Argêo, o *filho de Meles* vive nos fastos da Grecia, e após sua morte ainda os écos do Chynthus, de Pelion, de Delos, repetem as estrophes do velho de Chios.

Os rapsodistas vagabundos pelas cidades gregas vão cantando esses fragmentos sublimes ao tom das harpas.

E o obreiro trabalha, porque os Homeridas recitam a *Fornalha*.

E a esposa virtuosa sorri, porque vê em si o retrato da Penelope.

E o rico abre as portas ao mendigo.

E as creanças e as virgens entoam nas festas á beneficencia e á mendicidade os cantos do poeta legislador.

E assim é em todos os paizes e edades.

O povo, que não podia abraçar com a intelligencia as verdades christãs, aprendia-as com o coração nos canticos peregrinos do peregrino Francisco de Assis, que vagando, como Homero, espalhava os seus hymnos pela Italia.

Antar, o grande poeta arabe, vive nas memorias orientaes.

E quando, á noite, os filhos do deserto, não ouvindo o soar cadente da musica, que acompanha os passos da virgem no remoinhar do *lasamem*, sentam-se á porta da tenda, scismadores e phantasticos, como essa terra do oriente, elles entoam, entre as baforadas do cachimbo esses cantos á lealdade, á coragem de Abla.

E o Arabe, esse filho da liberdade, livre como o céu que tem sobre a cabeça, e o deserto sob as patas de seu cavallo, só tem um codigo — os poemas de Antar.

E assim deve ser, porque o povo é mais sentimento que idéa.

Moralizar com a lyra é o fim mais sublime e augusto da poesia.

E este fim attingiu o Sr. Mendonça com a *Adultera*. Julgamos ser essa a poesia que dê mais gloria ao autor. Della o artista e o homem devem se encher de orgulho.

O assumpto é magnifico. Ahi se desvenda o vicio em toda sua hedionda torpeza, confronta-se-lhe a pureza da virtude — antithese sublime da honra e da prostituição.

Eil-a em parte a poesia:

A c'roa majestosa,
 Que, para seu triumpho collocara
 Na fronte da mulher a mão do Eterno,
 Despedaçada ao sopro da deshonra,
 Despareceu na escuridão do abysmo,
 Na fronte despojada do diadema,
 Na fronte, que apresenta
 Feia ruina de um gentil passado,
 Em vivos caracteres vê-se escripta
 Esta palavra — adultera — epitaphio,
 Da honra que expirara em leito infecto.

.....

Onde a harmonia angelica
 Das angelicas phrases? Os momentos
 Do suave dormir, dos encantados
 Sonhos de tanto amor? onde a ternura
 Dos sentimentos maternas d'outr'ora?
 Onde a lindeza divinal de um'alma,
 Em cujo seio, ha pouco
 Tinha a virtude um hymno, amor um templo?
 Tudo sumiu-se, emfim, por entre as vagas
 Do crime horrendo e vil, a cujo embate
 Essa alma inteira sossobrou no inferno

Eis a ré do delicto immenso, ingrato!
 Eil-a sorrindo ainda!.. De seus labios
 A purpurina rosa
 Murchou, tocada por lascivos beijos;
 Nos olhos lhe reflecte
 Do sensual prazer a fonte impura
 A transbordar veneno! .. E ella era um anjo!
 Um anjo, que nos braços da volupia
 Adormeceu... e despertou demonio!

E julgam-na formosa! Que loucura!
 Que cegueira de impios! Pode acaso
 Brilhar no firmamento estrella, quando
 Da tempestade o manto o envolve em trevas,
 Póde acaso ostentar belleza ainda
 Um corpo já minado
 Pelos vermes da infamia e da vileza,
 Um cadaver no mundo? Só co'a morte

Não é que expiram feminis encantos;
Co'a deshonra tambem perecem elles.

Tão bello e tão risonho
Tão meigo e tão feliz o teu passado,
No seio da innocencia! O teu presente
Tão triste e vergonhoso! . . E o teu futuro?
O teu futuro. a Eternidade o sabe!
Nessa constante pallidez do rosto
Vejo dos dias teus o extremo dia,
Em pavoroso occaso!

Nesse momento grande, como um seculo,
De sobra espaço tens para na vêa
Das lagrimas lavar as manchas d'alma,
Das saudades do mundo então não sejam
Teus vagos pensamentos; não; que o mundo
Amortalhou-te em vida.
Nos teus socios de opprobrio, nos algozes
Da tua formosura, não se empreguem
Teus ultimos olhares: fitem estes
O caminho, por onde ao céo nos leva
A constricta oração aos pés do Eterno.

Nem flor, nem mesmo sombra de cypreste
Ha de afagar-te a campa; arido e triste
Qual tua vida foi, será teu tumulo.

X

Aqui findamos as nossas impressões, e esta palavra seja bem pesada, sobre as poesias do Sr. Mendonça. Não pretendemos o titulo de critico, fôra loucura.

O distincto poeta era assás conhecido na Bahia, hoje o é em todo o imperio, e essas suas poesias são o seu maior elogio.

Resta-nos, porem, um pedido a fazer-lhe: que continue a cantar, que faça com que esta publicação seja a primeira de outras mais bellas, como as pode fazer.

O céu da poesia é infinito, o Sr. Mendonça é uma aguia — pode muito voar.

Talvez que ache muito zoilo, 'muito riso irónico... que importa? São os modernos iconoclastas.

E quando assim succeda, quando encontre abrolhos na terra, nevoeiros no firmamento, repita comsigo esta bella estrophe:

Sim; — que o vate solitario
Como Christo, um lenho tem;
E, cumprindo o seu fadario,
Sóbe ao cume de um calvario
Sem ajudal-o ninguem.

Lembre-se que traz na fronte essa corôa, como diz na poesia ao distincto poeta Sr. F. Moniz Barretto:

eterna do vate;
C'roa que nunca se abate,
Ao peso das maldições;
Seu brilho nunca embacêa
D'um Gonzaga na cadeia,
Ou no hospital d'um Camões.

No Brasil, onde ha tanto talento, mas tambem tanto marasmo, os poucos sacerdotes da poesia não devem consentir que o fogo sagrado se extinga no sacrario da intelligencia.

O Sr. Mendonça já é um dos bellos vultos da nossa litteratura.

Cante, porem, mais; alcance mais gloria; que ellas reverberam sobre nossa Patria, que tanto espera dos novos Salomões desse templo, que se chama — progresso.

Recife, Junho de 1864.

(O Futuro).

Inedito (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, segundo copia de Augusto Alvares Guimarães.

CHRONICA JORNALISTICA

(*Futuro*, n. 4 - 30 de Agosto de 1864)

E' meia noite. Um senhor da redacção chega-se a mim com ar carregado:

— A chronica?

— A sabbatina é que tu chamas chronica? E' verdade... a sabbatina é a molestia *chronica* do estudante.

— Não; quero ler a chronica do *Futuro* que deve sair amanhã. Dá-m'a.

— Ah! meu Deus... Ainda não a fiz.

— Deixa de haver jornal, é o resultado... Compromisso e mais compromisso...

Tomou o chapéu o meu collega e sahiu com ar severo. Eu vi-o afastar-se, sem coragem de lhe dizer cousa alguma.

Olhei em redor de mim: vi os senhores expositores escancarados, como querendo dar-me um insipido abraço; voltei a cara. Então no escuro do quarto pareceu-me ver uma figura terrivel de caderneta em punho, molhando o lapis á bocca, com este letreiro á testa — *Bedel* —. Era o phantasma do *Commendador*.

Succumbi, um calafrio passou-me pelo corpo; pensei no *Futuro*, na sabbatina, na falta, e fiquei

suffocado, abatido ante essa triplice figura de Banquo, ou de Oscar d'Alva.

A luz ia pouco a pouco extinguindo-se, e eu via-a morrer inanida; minhas palpebras pesavam.

Aos ultimos clarões da luz, que morria, percebi uma figura sinistra, que se approximava de mim.

— Temos os *mil e um phantasmas* de Dumas? disse commigo. Quiz esfregar os olhos, mas estava tolhido... O vulto foi cada vez se tornando mais distincto.

Era uma figura de mulher. Trajava um chale de *novidades velhas*, um corpinho de *dissertações extemporaneas*, um balão de *insipidez*, as botinas da fabrica *redacção*; seu chapéu tinha o distico de chronica.

A senhora approximou-se de mim com passos firmes, então senti que uma força me arrancava da *pareseuse*, e um braço se travava do meu.

Era ella que (desconfiando talvez da minha delicadeza) tomava a iniciativa e me convidava á um passeio.

Segui-a automaticamente, nem sequer perguntei-lhe onde iam; já eu tinha-a conhecido e murmurava: Maldita chronica!...

A principio seguimos ruas tortuosas e escuras; depois sentia sob os pés uma areia movediça; olhei — era um deserto. Não me pude conter e disse á minha companheira:

— Indubitavelmente me levas a algum *sabbat* de feiticeiras; que areial é este? Estamos no Sahara?

— Se te levo a feiticeiras, não sei; isto é o caminho da Academia, o *inhospito* campo do *Hospicio*.

Calei-me e segui-a.

Adiante, n'um edificio com semelhança de convento, feio e tosco, havia uma grande multidão de pessoas. Conversava-se sobre *politica*, *fim do anno*,

etc., etc., em tudo quanto é objecto de prosa, pensava-se em geral nos *geraes*.

Approximamo-nos de um grupo e ouvimos o seguinte dialogo:

— Não sabes? N'um jornal das Alagôas estão sendo reproduzidas as postillas do Dr. Braz.

— Mas como?

— A questão da escravidão tendo sido mais uma vez agitada entre nós, alguém que abraça a theoria do senhorio do homem sobre o homem, achou razoavel sustentá-la á custa alheia.

— Que *gralha* adornada das pennas do *pavão*!

Retirei-me aborrecido de tanta miseria e cynismo.

— Adiante! adiante! disse eu á minha compa-
nheira.

De repente senti que a terra me faltava. Eramos arrebatados pelo espaço. Foi uma vertigem, um correr de Mazzeppa, ou o rasgar do ether do Pecopin de Hugo.

Quando paramos, estavamos n'outra terra — na Bahia.

— Que queres ver? disse a minha sybilla.

— Tu, que és a musa da chronica, inspira-me alguma cousa que preste; porque, entre nós, não sei como hei de sahir desta.

— Bem.

Nesse grupo lia-se um periodico — era a *Revista Academica*.

— E' mais um tribuno dos sentimentos grandes, é mais um apostolo da religião da idéa, é mais um gladiador gigante da arena do pensamento.

Como as trombetas de Jerichó, que um dia ergueram os mortos de seus tóros de pedra, as trom-

betas da civilização erguem as intelligencias da época de seu leito de marasmo.

A intelligente mocidade da Academia medica da Bahia não podia ficar surda a este appello.

Nas noites embaladas de scismares profundos do bello e do grande, o moço sente em si a sêde de vida intellectual, e brada o "J'ai quelque chose là" de A. Chenier.

Depois, como a aguia ama o espaço, o pensamento ama a luz.

Filho dessas intelligencias que presentem talvez algum mundo novo para o dominio do pensamento, como sempre o sóe scismar a mocidade, é esse periodico.

Ardente, como a mocidade, cheio de esperanças como ella, é o myosotis perfumado, que abre as petalas ao soprar dos ventos do futuro.

Seus artigos são bem elaborados.

A' pag. 2.^a lê-se um escripto sobre o catholicismo no Brasil, ou, para falarmos com mais precisão do que teve o auctor, sobre a introduccção do nosso periodico.

Esperamos que o nosso amigo, o Sr. Maciel Pinheiro, responderá ao beatissimo furor do Sr. Sa-tyro.

Após essa Catilinaria segue-se um escripto do Sr. Aprigio de Menezes sobre o *Futuro*.

E' um brado espontaneo de um coração de moço, é um abraço synpathico mandado da intelligencia á intelligencia, é a expressão de uma alma de mancebo, que precocemente ainda não velou os olhos com a tunica da inveja (como tantos outros).

Caminheiro desta senda que se chama sciencia, elle encontra em cada companheiro um amigo, tendo sempre nos labios um brado de animação.

Agradecemos-lhe em nome de nosso periodico a generosidade de suas expressões.

Dos jardins de sua intelligencia quiz dar-nos uma capella; se a não podemos atar sobre a fronte, tral-a-hemos sobre o coração.

Não podemos passar em silencio uma mimosa poesia inserta nesse periodico: — *A doente*.

A fórma é pura, o pensamento natural, e felizmente não se resente da carunchosa escola dos Filintinos.

“A poesia, disse-o Byron, é o coração” e nada ha mais falso do que essa mythologia passada.

O poeta moderno deve, no dizer de Milton:

drive far off the barbarous dissonance of Bacchus and his revellers.

Eu queria ir mais longe, esquecendo-me de que estava ao pé de mim a *musa das chronicas*, que já se achava aliás bem massada (talvez, como os leitores) e me chamava insistentemente.

Fechei o periodico, repetindo commigo o dizer do Sr. Aprigio de Menezes:

“Bezebel foi o escolhido para constituir o tabernaculo do Senhor, vós fostes os predestinados para a confecção do tabernaculo do futuro.”

— Que mais veremos para augmentar a chronica?

E’s um doudo, meu caro chronista, pois achas que o respeitavel publico traga uma chronica maior do que esta?...

— E’ verdade. E quem sabe se elles me acompanharão até este ponto? E demais é muito tarde, e apesar de não sermos estudantes da Belgica, é máu andarmos a estas horas fóra de casa.

— Voltemos.

Quando puz pé em terra, estava no cães do Imperador.

Apanhei a estrada para casa.

Na ponta da Bôa Vista berrava-se a dous de fundo sobre a queda do ministerio; declamava-se sobre interesses da nação ou ambição (palavras fatalmente consoantes) e sobre mil outras cousas, que aliás me incommodavam... E quem eram os declamadores?

Oh! quanta species! non habent carebrum.

Emfim é justo que assim seja. Napoles tem os seus *lazzaronis*, nós temos os nossos *dillettanti* de ponte.

Adiante encontramos physionomias bem conhecidas por mim. As toilettes domingueiras, as cabelleiras frisadas, o competente *jouvin* fiseram-me exclamar:

— Que será isto? é missa?

— Não! me respondeu a minha companheira. E' a festa do Bom Conselho.

— Ah! mas estou tão fatigado!...

— Acabemos com essa longa peregrinação.

Chegamos, emfim, ao nosso *tugurio hospita-leiro*.

— Bôa noite, diz a tal senhora.

— Bôa noite, excellentissima, tem esta casa ás suas ordens, desculpe.

Estava doudo por vel-a ao fresco. A senhora apertou-me a mão e ia sahir, porem de repente volta-se e diz: Como até o anno vindouro é provavel que não nos vejamos, venha um abraço de despedida.

Eu não gostei da pilheria, mas emfim...

Então senti um arrocho terrivel, um abalo que me dilacerava todos os membros...

— Deixa-me por piedade, murmurei.

— Qual deixal-o. Qual nada.

Um abalo mais forte deslocava, os ossos se me estalavam, soltei um grito, e...

E acordei... tendo junto de mim um companheiro de casa, que me sacodia pelo braço a gritar: acorda para a aula.

Esfreguei os olhos, incredulo, uma e muitas vezes.

Que! tudo isto foi sonho? E a figura do *bedel*? e a minha *Urania*? este passeio á Bahia? tudo isto foi phantasmagoria?

E' verdade, caros leitores, eu tinha adormecido desde que olhara para os expositores de Direito Romano, que (não passe adiante) dispensam a cultura do opio no Brasil.

Tudo isto foi o resultado de uma idéa fixa.

Mais feliz do que o Ludwig de Parfait (de que não foi mais do que uma parodia), com o meu sonho livre-me de um trabalho bem massante, pois apenas tenho o de copial-o e pedir mil desculpas aos amaveis leitores para os anachronismos e mil outros defeitos, que esta chronica tem.

Ah! esquecia-me do maior incommodo de todos, é o de assignar-me

ANTONIO DE CASTRO ALVES.

Inedita (em livro) Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, segundo copia de Augusto Alvares Guimarães.

O Futuro foi um dos jornaes de estudantes, que redigiu Castro Alves: este, com Maciel Pinheiro, Aristides Milton e Alves Carvalhal (Vd. Alfredo de Carvalho — *Op. cit.*, p. II).

IMPRESSÕES DE THEATRO

“O theatro é uma tribuna.” E’ de Beaumarchais.

“O theatro é uma escola.” E’ de Hugo.

Caminhae, moços, ide ao theatro.

Entrae, homens do povo, bebei a luz daquelle tabernaculo.

Mergulhae neste oceano de nobreza e de crimes, descei como o mergulhador indiano áquelle turbilhão de paixões. Descei.

Sentireis nos beiços o saibo amargo do cynismo, vereis o polypo horrivel da infamia e como n’uma phantasmagoria tetrica passarão diante de vossos olhos todos os crimes, todos os horrores...

Porem descei, mergulhadores, descei. Lá no fundo está a perola. Esta perola é uma idéa, idéa bôa, santa e justa, idéa moral, idéa religiosa...

E quando a alma vier á tona, de todos esses turbilhões trareis um talisman... que vos dê melhores sentimentos, que vos ensine o perdão á mulher desgraçada, a protecção á creança indefeza; que vos instrua no odio á hypocrisia, que se chama — honra, á infamia, que se alcunha de — nobreza... Ouvireis uma voz que vos diga: — Amemo-nos uns aos outros... e então com a cabeça mais prenhe de bons sentimentos, os seios mais tumidos de affectos,

a bocca mais cheia de perdões — abençoareis o theatro, e crereis que elle é um altar.

Como nos quadros de Rembrandt — do fundo negro do vicio destacam-se as fórmulas luminosas da verdade, e o espirito recuando — como n'um pesadello — do horror do crime vae estacar na virtude.

Então é bôa a missão do artista, então é bemfazejo o trabalho do autor.

Porem quando a imaginação vem correr descabellada e lubrica pelo palco, no revoltear da embriaguez do ultra-romantismo, ou, como as Menades antigas, sacudir das tranças a vibora dos máus principios ás multidões impressionadas, o theatro é uma mancha na face do seculo, um espectáculo pernicioso, como um alcouce, alguma cousa perigosa ou estúpida, pecca ou envenenada.

“Gaspar Hauser” poderá ser visto á luz destes principios? Resistirá ao escalpelo da critica?... Não.

Embalde as enchentes reproduzir-se-hão no theatro de Santa Isabel; a enchente é palavra sem significação no dictionario dos meritos litterarios.

A critica não tem nada com as palmas da platéa. Demais, já o disse um distincto folhetinista “em materia de gosto não se discute com a multidão; a cara enfarinhada de Arlequim chama a concurrencia, assim como os dramas *larmoyants* de Kotzebue.”

O drama de Bourgeois não tem uma these, não traz uma idéa nova, e o pensador atravessa aquelle Dedalo de scenas mal ligadas sem um fio, que o conduza ao pleno sol.

Gaspar é o unico typo original desse trabalho, porem mal sustentado e inverosimil.

E' uma creança, que nasce n'um subterraneo, e ahi végeta dezeseis annos.

Analphabeto como o instincto, de uma ignoran-

cia alvar, dista apenas da alimaria tres passos: são tres palavras — Pão, frio, pae...

Só a voz da carne clama n'aquelle ser — *Latet anguis.*

Seu craneo é uma treva, nas pupillas nem uma restea de luz, no espirito nem um clarão do pensamento; amor, odio, crença, moral, religião, nada conhece.

Mas correm alguns dias; e neste curto espaço a creança rachitica, como o devera ser o filho do subterraneo, torna-se um homem forte, e esmaga o conde de Rausback; a intelligencia embrutecida pela falta de instrucção, transfigura-se em um talento brilhante e dissertador. A expressão corre-lhe facil, como uma torrente; e o autor, que podia aproveitar ainda uma bella phrase dramatica na lucta desse espirito que pensa, mas que ainda não sabe exprimir, fal-o uma catadupa de palavras, saltando por cima de todas as leis da verosimilhança.

Mas não paremos a nossa apreciação no mal encadeado das scenas, nos personagens, que vêm ao palco trazer um recado.

Esqueçamos a protecção do Schwacker que *esconde* Gaspar em casa de seu algoz; deixemos que Minna — uma donzella— fuja com o Dr. Henrique, seu namorado, sem incorrer em uma critica de sua madrinha; esqueçamos a inepecia dos seus salvadores, quando, vendo que o conde conhecera Gaspar, entregam-n'o sem objecção; deixemos que esta creança energica e valorosa seja sem repugnancia o assassino de seu velho amigo de masmorra... deixemos tudo isso.

No ultimo acto Gaspar depois de mostrar uma coragem e uma nobreza extraordinaria de sentimento, depois de resistir valoroso a todas as decepções — suicida-se.

O suicídio, condemnado pelas leis da moral, não pode ser admittido no theatro e estatuido em heroismo...

O theatro antigo apresentou-o como a expressão das idéas exageradas de escolas philosophicas.

O estoico despedaçava com a lamina impassivel do punhal as fibras do coração, como o galé os ferros da calceta.

Morrer era ser livre.

O epicurista, quando o phalerno no referver das amphoras não lhe despertava mais nos seios a espuma de uma volupia, trocava o licor — bebia a morte.

Mas isto era no tempo do sentencioso Seneca, quando se pregava o suicidio, como um principio de direito — *Jus vitae ac necis mea penes est* — porque “jámais na tragedia grega, diz St. Marc Girardin, o suicídio foi tratado, como uma questão de philosophia ou de direito natural; foi sempre effeito de uma paixão violenta.”

Foi assim que o theatro francez o admittiu quasi sempre. E’ assim que Victor Hugo o tem apresentado em seus dramas. Phedra, que morre por seu amor incestuoso, é irmã do Ruy Blas, que se envenena, por ser creado, que se apaixona pela Rainha.

Já o Werther se approxima um pouco das scismas melancolicas do norte, da sombria doença do Hamleto de Shakespeare. Mas a escola mais perniciososa de nossos dias é a de Vigny. E’ o Chatterton declamatorio, que brada ao beber do veneno: — O’ minha alma, eu te havia vendido, agora te resgato. — São essas figuras pallidas e enervadas de René e dos heróes byronicos, que, no egoismo de um orgulho esteril, clamam contra a sociedade, atirando-lhe á face o sangue das feridas, que em si proprios abriram.

Entretanto ha um suicidio admissivel no theatro, é a morte, que produz a vida, é o sacrificio da individualidade á ventura de outrem, é o apagamento de um nome na pagina dos vivos, como o arrancamento da pedra da estrada, onde a creança iria estrebuchar.

E' Lucia Didier, que se deixa morrer para não matar seu marido, é aquelle medico das — “Quatro Mulheres” — de Dumas Filho, que casado com uma moça, cujo marido ainda existia, troca o leito de nupcias pelo leito do cemiterio, é Tisbe do “Angelo” que pede a morte, para que Rodolpho e Catharina sejam felizes.

O suicidio de Gaspar como pôde ser considerado? Vejamos.

O typo creado por Bourgeois não é o philosopho romano, que mata por systema, não é o espirito enfermo dos scismadores Manfredos, não é, tão pouco, o heróe que se sacrifica á felicidade de outrem.

E' um espirito cobarde, que fraquea ao toque de uma desgraça, e cede á sorte com toda a effeminação da impotencia.

E, notae bem, Gaspar não é um acostumado á felicidade, que não possa supportar uma ferida profunda; pelo contrario, sua mãe era para elle um sonho, Minna — uma sympathia, que elle teima em chamar amor; Frederico, um amigo de poucos dias. Seu passado é uma serie de desgraças, seu presente ainda não o aclimou no seio das venturas.

O suicidio de Gaspar é, pois, incoherente, estéril, cobarde, é o resultado dessa escola sem ideias, que sacrifica tudo ao effeito scenico. E' justo; após a morte do velho e honrado Schwacker, devia rolar por terra a victima innocente, a prostituir-se no crime do suicidio.

“Garpar Hauser” foi bem desempenhado em geral. A Sra. D. Adelaide trabalhou bem no segundo acto, na scena em que a creança acorda em meio aos prismas sublimes do sol; entretanto parece-nos que não conservou a mesma altura no reconhecimento com a mãe de Gaspar, quando, apontando a pulseira, que era o unico meio de encontral-a, diz-lhe com toda a frieza que ella a tem no pulso. Da mesma sorte no dialogo singelo, que no terceiro acto entretem com Minna; sentadas ambas ao banco, a conversa tomou o tom de declamação. Houve tambem no reconhecimento, no terceiro acto, com o velho creado uma exaggeração melodramatica. Julgamos que essa attracção de dous corações, que se amam, e, após longos dias de ausencia, se approximam, não dá tempo a que se batam as palmas tres vezes e se consultem outras tantas com a cabeça.

Pareceu-nos aquillo não um movimento de actriz de escola moderna, mas o accionado de um toureiro dos circos hespanhóes; o geral, porem, do trabalho desta senhora foi bom, inda que pensemos que o Gaspar não póde fazer a gloria de uma actriz de escola realista.

O Sr. Couto Rocha foi bem, nas ultimas representações, o que mostra que não estava habituado áquelle genero; o Sr. Paiva fez o Dr. Henrique com bastante gosto; o Sr. Pedro Joaquim exagerou immenso o seu trabalho, e em poucas scenas sahiu-se bem.

Agora algumas palavras sobre o papel de Minna. A Sra. D. Eugenia Camara é um genio do nosso palco.

Do sul ao norte do imperio tem despertado o entusiasmo do publico illustrado.

Ao seu toque magico o folhetim se levanta, o theatro illumina-se, a mocidade pega da penna e a gloria escreve mais uma data honrosa na historia dos grandes artistas.

Furtado Coelho foi o introductor da escola realista no Brasil, e nessa lucta, em que tinham de arcar contra as exagerações da escola antiga, um braço poderoso acompanhou-o; e em breve sobre as ruinas desse machinismo exdruXuulo, que se chama drama-romantico, viu-se passarem os vultos sympathicos e divinos de Carnioli e da prínceza Falconieri, do general e do Gaiato de Lisbôa, de Didier e de Lucia...

O Rio Grande do Sul, S. Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará saudaram enthu-siastas a sua passagem nessa peregrinação gloriosa, em que a cada passo seus genios se tornaram mais robustos.

Quem ha por ahi tão hermeticamente fechado na solidão mais recondita, que não tenha ouvido falar em Dalila? Ninguem.

O estro sublime de Feuillet, talvez por um presentimento miraculoso — adivinhou que, alem do oceano, um talento de artista havia de comprehender os mysterios daquelle coração de moderna Circe e popularisar na terra dos palmares a sombra aristocratica e terrivel da fatidica Leonor.

Ha talentos de uma só face, sempre brilhantes, porem sempre os mesmos; são os planetas do mundo artistico.

Ha, porem, fronteS predestinadas, onde todos os resplendores vêm fulgir. São os verdadeiros sóes do firmamento dramatico.

Pelletan dizia, falando de Lamartine: é uma estrella com quatro raios.

E' o que podemos dizer da Sra. D. Eugenia

Camara, dessa sublime actriz, que resplende com os fulgores do amor, do cynismo, da graça, que hoje se chama Lucia, amanhã Marco, mais tarde Bertha, que ora arranca do povo uma homenagem de maldições, ora um preito de lagrimas, ora um tributo de risos.

Grande e sublime multiplicidade do genio, que realiza a idealidade do Protheu mythologico.

Quem tem um passado tão cheio de glorias, quem tem por pergaminhos a imprensa de um paiz inteiro, pôde caminhar impavida, para o futuro, ou antes pôde rever-se á sombra de seu passado, e orvalhar-se no banho azul das glorias de seu genio.

Entretanto é á Sra. D. Eugenia que entregam o papel de Minna, que competia a uma actriz secundaria Parece incrível.

Ha no theatro generos de trabalho, e a esses generos devem applicar-se os artistas que nelles trabalham. Ha tambem papeis insignificantes, onde devem representar os artistas que principiam.

Achilles não pode envergar a vestia do Kobold.

Eu creio que todos sabem isto e creio que deviam saber tambem os empresarios das companhias. Entretanto o facto existe e o publico imparcial pede a explicação desse leito de Procusto. Será por acaso uma guerra pequena e injusta, que consista em arrancar o pedestal de uma estatua, para que uma outra lhe fique sobranceira? Será a historia do Prometheu ligado sobre o poste, e a quem dizem, na ironia de cobardes: “vae arrancar agora o fogo do céu...”?

Custamos a crer em indignidades, por isso nos calamos, á espera do dia de amanhã.

Eu creio, porem, nas luctas theatraes; eu estimo as justas da intelligencia.

Era nos jogos olympicos que a mocidade grega, em meio ás multidões entusiasticas do Oriente, iam arcar na arena juncada de flôres.

A agilidade, a elegancia, a força brilhavam, expandiam-se, rivalisavam... o povo batia as palmas, os seios pulavam de enthusismo, os labios descerravam-se em applausos, e os justadores rivaes sahiam de mãos dadas sob a chuva de flôres e os canticos dos poetas...

O talento é tambem uma força, o talento é tambem uma belleza.

Levantem-se, pois, as aguias, que podem voar! Elevem-se, pois, os astros, que têm raios! O espaço é largo, o firmamento é infinito.

Quando em Portugal a Ristori foi buscar mais uma perola para a corôa de seu genio, houve facções, mal entendidas, a fomentarem rivalidades inconvenientes entre ella e a brilhante actriz portugueza Emilia das Neves...

Os theatros encheram-se... Judith subiu á scena já por uma, já por outra; os dous talentos luctaram sobre o mesmo nivel, e em breve os partidos fundiram-se n'um abraço de enthusiasmo, as facções desapareceram para deixar campo aberto ao publico sensato.

Assim comprehendemos as luctas da intelligencia, assim podemos admirar a força dos genios.

Porem essas victorias irrisorias, porem esses pugilatos deseguaes não... não merecem um nome honroso.

Ha na historia da Roma sybarita alguma cousa de semelhante.

Era uma scena ridicula e cruel de gladiadores...

O patricio effeminado e fraco cingia a cota d'armas, tomava os cochotes, empunhava o escudo;

e inviolavel, de viseira baixa, de lança em riste, aggreidia o contendor.

Era algum bello gaulez, forte e corajoso, mas de peito descoberto, fronte descampada, e que empunhava, por excesso de ironia, alguma espada quebrada...

Então passava-se alli um quadro horrivel... O gaulez inerme recebia os golpes, o sangue corria, a fraqueza orgulhava-se, a força cahia por terra, e quando ás vezes o plebeu nobre, esmagando o patricio degenerado calcava-lhe a planta sobre o capacete, os plutões e os mercurios (eram a policia do circo) vinham erguer esse contendor ridiculo do meio do lodo, e ferir de novo o mancebo martyr... E' sobre o empresario do Santa Isabel que deve cahir toda a responsabilidade dessa guerra indigna e injusta a uma actriz, que, durante dous annos, sustentou sosinha sua companhia, a uma actriz que tem sido victoriada pelo publico illustrado de Pernambuco, como pelo do Brasil inteiro...

Tome, pois, Sr. empresario, mais cuidado, porque ha muita gente imparcial e amiga dos talentos opprimidos, que mesmo, se não tivesse por si a grandeza do numero, teria a grandeza da convicção, e não trepidaria em vir do alto da imprensa, conservando sempre a elevação, em que deve estar o homem de bem, levantar um protesto sincero e nobre, como o faz agora

ANTONY.

Inedito (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, segundo copia de Augusto Alvares Guimarães.

“Gaspard Hauser” é um drama de Bourgeois, tirado de uma historia de Méry, representado pela primeira vez em Paris em 1832, e levado, depois, á scena, por todo o mundo.

ADRIANA

INSPIRAÇÃO DAS "QUEDAS FATAES"

Adriana é a mulher que rolou, como o cysne branco, nos marneis do crime.

Os ventos que passam falam-lhe do azul do espaço.

Adriana não pode voar.

As flôres que brilham, contam-lhe os idyllios das auras.

E Adriana não pode ouvil-os.

As estrellas, que despontam, falam no palacio das auras.

E Adriana é a filha das trevas.

Oh! pobre Adriana! A luz se avermelha em tua frente.

O orvalho torna-se em lodo em teus olhos.

O amor torna-se uma ironia em teus labios.

Levanta-te e caminha! disse o Christo do amor.

E os seios tremeram, como dous pombos, que ensaiam um vôo.

E os olhos brilharam, como constellações que surgem do infinito.

E o ouvido abriu-se ás melodias errantes para
escutar a grande estrophe, a grande aria de todos
os seres...

O amor...

Oh! o amor!

— Amas tu, Marco formosa?...

Gume do ferro frio de uma faca.

Golpe do raio nas asas do Archanjo Miguel.

Punhado de terra sobre as faces do cataleptico,
que acorda...

Oh! Pobre borboleta branca por noites de cal-
ligem, que raio de sol te aquecerá?

Nenhum... Deus fechou as palpebras...

E a artista inspirada bebeu todos aquelles
amargos na taça de seu genio...

Desceu ao abysmo daquella desgraça e trouxe a
lagrima das lagrimas.

— Uma gargalhada fria, como a morte...

Subiu ao firmamento daquelle espirito, e trouxe
o cantico dos canticos.

Uma canção triste, horrivel e convulsa, como
o ultimo vibrar das asas de Eloah!

— Que noite aquella!...

O palco fez-se um pedestal...

O pedestal sustentava uma estatua...

A estatua sustentava o peso de uma gloria in-
finda...

A artista fez-se a Atlante do genio...

Eugenia Camara pisou mais uma vez em scena!...

ANTONY.

Inedito (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro
Alves Guimarães, segundo copia de Augusto Alvares
Guimarães.

O ECHO

Era n'um jardim antigo. Cahia a tarde e as folhas conversavam.

Lindo echo das serras, dizia uma rosa, vem ouvir o murmurio de minhas petalas; eu sou a rainha da creação, eu sou a poesia; no meu seio ha todos os perfumes, no meu calice ha todos os prantos.

Quando Eva corou pela primeira vez — eu nasci.

Quando o homem derramou a primeira lagrima, eu me orvalhei.

Quando acabar-se o amor, eu morrerei.

Quando acabarem-se os prantos, eu seccarei...

Outr'ora enlancei-me na harpa divina do velho Homero e as virgens semi-nuas de Lemnos, ouvindo as estrophes do cantor peregrino, apretavam-me aos seios tumidos e candidos, como dous pomos de marmore.

Foi nos tempos de Hellade...

Depois ornei as amphoras de myrrha dos banquetes romanos, reclinei-me nos triclinios avelludados dos palacios de Cesar.

E quando pelas abobadas de mosaico voaram as anacreonticas de thyrsos em punho, como as nymphas da Tharsia, eu rolava da frente dos Ovidios nas espaduas voluptuosas das Cleopatras languidas...

Eu fui o talisman da gorra dos trovadores errantes da Germania, e senti muito halito cheiroso de castellan roçar-me os labios — quando abraçava o seu formoso pagem.

Bello echo das serras, vem ouvir o murmurio de minhas petalas.

Oh! não te espantes se ás vezes sou rubida, como o primeiro sorriso de Sapho, e ás vezes pallida, como a frente do moço autor de Jacques Rolla.

Ah! quando os sylphos me beijam eu córo, quando as peris me abandonam, eu empallideço.

Na juventude as utopias vão dormir no meu berço, e as fadas errantes embalam-me ao tom do mysterio divino das estrellas.

Mais tarde o vento morno passa-me nas folhas, conta-me o segredo dos nenuphars, que se entrelaçam em volupias no leito azul das lagôas, fala-me do zumbido do ultimo beijo de Julieta e Romeu, segreda-me todos os espasmos do amor, todo o anhelar da esperança, a harmonia dos seios, que tremem, dos labios que ardem, dos olhos que se humedecem.

Mas quando a tarde, como uma freira pallida, recolhe-se ao mosteiro das montanhas, e as sombras vêm walsando da furna do oriente, eu tenho saudade do moço louro de meus amores — de meu lindo raio de sol, e soluço, porque as trevas hediondas me apertam contra os seios negros, dançando a ronda tetrica da noite.

E ninguem ouve meus cantos, nem meus suspiros, nem meus soluços.

Tudo é calado e eu morro no abandono.

Bello echo das serras, eu sou a Poesia, vem ouvir o murmúrio de minhas petalas.

Quando a rosa acabou de falar, uma linda parasita avelludada levantou a cabecinha esbelta por entre os ramos e começou a cantar.

Echo dos valles, eu tambem quero que escutes minhas melodias.

Eu sei cantar bonitas serenatas, como as sevillhanas mais formosas — na minha guitarra Andaluza, e repucho o bolero como a Dolores mais requebrada de Madrid.

Eu sou ligeira, capricrosa, esbelta e phantastica.

A rosa é uma estatua, eu uma grisette.

Não vês? eu vivo da seiva das arvores, me enlaço nas balsas virentes para adornar-lhes os verdores e pendurar minhas campanulas no fastigio do palacio das flores.

Eu sou a parasita brilhante, eu sou a risonha critica.

No topo de todas as cruces, no fuste de todas as columnas eu repouso, e quando os colibris dourados viajam pelo ether, ouvem-me cantando:

Colibri formoso, que vôas para o ninho dos anjos, dize a Deus que mande uma aguia para a columna, que mande uma corôa para a cruz...

E quando a gloria dá a estatua á sepultura, prende o louro no obelisco, — eu morro.

Mas que importa? Ephemera e formosa, o momento é meu eunucho, o dia é meu escravo.

Se me amam hoje, porque temer que me esqueçam amanhã?...

Eu terei por instantes brilhado na côrte das flôres, terei sacudido minhas tranças anelladas pelas espadas do Zephyro...

Mas antes que o sol entre no serralho e os passaros fujam de meus amores, antes que as estrellas despontem como um bando de abelhas em torno da colmêa da lua...

Bello echo dos valles, vem ouvir as minhas cantilenas fugazes.

Ia cahindo a noite.

Levantaе-vos, minhas irmãs, levantaе-vos.

A noite já accendeu o lustre no firmamento. O theatro das avenidas já se encheu de perfumes.

E' tempo, flôres nocturnas. Levantaе-vos!

Vêde-me... Eu já vesti o meu pierrot côr de rosa, frizei a minha cabelleira revolta, calcei meus borzeguins verdes...

Ah! Quanto estou linda, ó minhas irmãs. Eu sou a bonina, a bella filha da noite; eu sou a comedia.

Bem sei que por ahi os goivos falam de minha vida livre e risonha! Pobres goivos!

Hontem eu esperava no circo de um bonito parque por um galante cavalheiro — era o Vaudeville... mas esperava embalde.

Já o vento batia o pé com impaciencia, enquanto embalde os grilos tocavam a orchestra, porque os dilletantis estavam *enragés*, quando elle enfim me apparece... Mas como! Santo Deus!... Vinha pallido, arquejante, abatido e trazia um dominó bellissimo, porem rasgado...

— Que tiveste, infeliz?

— Os zangões! Os zangões, esses animaes horriveis, que têm garras enormes, lanças envenenadas, olhos impudentes e boccas hypocritas... Os zangões queriam prender-me, feriram-me. Oh! os malditos! Corri! Salvei-me! Mas vamos, bella filha da noite.

—Vamos!... Ao cancan, viva o prazer, viva a alegria...

E agora, minhas irmãs, levantae-vos. Levantae-vos, flôres nocturnas!

O echo escuta nossas cantigas, cantemos!

Ao sussurro da flôr, que falava, o cactus levantou a cabeça somnolenta e apaixonada.

Eu sinto o amor no meu peito ardente, minhas faces coram de um pejo voluptuoso, meu seio arfa, como um oceano de paixões... Oh!... Eu amo, eu espero, eu tremo...

Eu sou o drama, eu sou a paixão.

Vinde, phalenas errantes; tenho que entornar as canções de Marion de Lorme, quero falar-vos dos soluços estuantes de Didier... Quero que ameis, como eu amei a Marco, que odieis, como eu odiei a Claudio Frollo... quero contar-vos todos os rugidos do sentimento no antro do coração, todos os rasgamentos d'alma nas garras da dor.

Levantae-vos, minhas irmãs, levantae-vos.

Ouvi-me, phalenas errantes... Repeti meus cantos, echo sublime das montanhas!...

Quem é que me acorda deste pesadelo sombrio? Quem me chama? Passou em meus ouvidos um appello fraterno. Conheci o canto da bonina, a voz apaixonada do cactus... Oh! minhas irmãs, porque me acordastes?...

Vêde... Eu dormia á beira de um pantano escuro, os fogos-fatuos dansavam-me em torno, e eu inclinava a cabeça sangrenta, quando os phantasmas de exalações passavam-me gemendo pela coma.

Eu sou a cicuta... sou a tragedia. Inda me escorrem das vestes sangue de Othelo, inda meus labios

têm saibos de taça da Socrates... Minha fronte é azulada como os labios vidrentos da Ophelia morta; as trevas cantam-me os horriveis pensamentos de Hamlet, e ás vezes eu ouço á noite a trombeta de Ruy Gomes, que me chama ao sepulchro...

E eu dormia n'um pesadelo horrivel... E vós despertaes minha belleza... sombria como a esttua de um tumulo... Que mal.

Oh! minhas irmãs, agora eu tambem quero cantar.

Oh! minhas irmãs, o echo dos paúes ha de levar ao longe os gemidos, os soluços, o estertor do meu coração!...

Quando as tres companheiras cessaram de falar, ouviu-se uma harmonia sublime no ambito das avenidas. Todas as flôres bradaram:

— Bello echo da serra, vem ouvir os nossos murmurios.

Nós cantamos, ninguem nos ouve, nós brilhamos, ninguem nos vê, nós somos bellas, ninguem nos ama.

Nascemos, vivemos, morremos no abandono.

Bello echo das serras, vem ouvir o hymno das flôres.

Então o echo se levantou no cimo da montanha, escutou os murmurios das flôres que estavam desprezadas e sacudiu-lhes os canticos com suas paginas de ouro pelas campinas do infinito.

Recife, 1866.

Inedito (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, segundo copia de Augusto Alvares Guimarães.

INTRODUCCÃO DO JORNAL “A LUZ”

E' sempre solemne o momento, em que se pega da penna. Alguem nos fita lá de cima, alguem nos olha cá em baixo — Deus e a consciencia.

E' sempre solemne este momento.

Que ides fazer? pergunta o mundo. E o ser, que se destaca das turbas, tem subido a uma summidade...

A imprensa é um topo...

Os sacerdotes fazem della um altar — os carcascos um pelourinho. O Sinai e a rocha Tarpeia são gemeos e differem apenas em que alli tendes o propheta, aqui o algoz; d'alli rolam relampagos e verdades, d'aqui sangue e cabeças decepadas.

A imprensa é um topo.

E nós, que subimos do valle de nossa obscuridade para um momento sacudir nossa palavra aos quatro pontos da terra, não seremos as bacchantes ebrias a tripudiarem de gaudios pelos Cynthos das regiões hellenicis, mas os druidas entusiastas dos basaltos graniticos da Armorica.

Insania! brada a turba, sois bastante pequenos para não ser vistos, bastante fracos para que vos não ouçam no sussurro das grandes vozes.

Mentira! Onde ha uma verdade, ha uma grandeza, onde ha uma ideia, ha um germen.

Que é o pollen das palmeiras orientaes?... Um atomo...

E o Beduino, que passa, despreza a pobre poeira da tamara selvagem.

Mas o vento de Deus carrega o pó; e um dia o viajante exausto pára a caravana... e apascentando os dromedarios á sombra de um oasis, abençoâ o Senhor Deus dos desertos.

Da pequenez nasce a grandeza. Os atomos fazem o mundo...

Nada é absolutamente pequeno, nada é absolutamente grande. Quem sabe? O sol é talvez um vagalume entre os astros; o pyrilampo é talvez o sol de um mundo microscopico...

Depois... que importa? Ainda quando vós desprezasseis todos os orientaes (porque a mocidade é uma alvorada), ainda quando não ouvísseis todos os canticos (porque a juventude é um hymno), não cessariamos de trabalhar, não cessariamos de falar.

E' que nós temos uma missão, digo mal, é que nós temos um officio.

Somos pouco e somos muito.

Se olhardes o homem, vel-o-heis pequeno, com toda a pequenez da individualidade. Se olhardes o artista, vel-o-heis grande, com toda a grandeza do trabalho.

E nós somos artistas. Nada mais, nada menos.

A mão callosa do operario aperta a mão do jornalista; o buril e a penna se conhecem; o papel e a téla são irmãos.

Quando Agricola feiçôa o ferro, quando Canova feiçôa o marmore, quando Hugo feiçôa os *Mi-*

seraveis — ha um rompimento no infinito, e a benção do Eterno desce á tenda do ferreiro, á officina do escultor, á gruta do poeta.

Todo o trabalho é santo. Luctar é ser virtuoso.

A cabeça que se levanta para o céu, o braço que se abaixa para a terra, voltam-se ambos para Deus.

E agora que vos disse o que somos, dir-vos-hei para onde vamos.

Ha no mundo physico uma lei, que arrasta os corpos para a terra — é a gravitação.

Ha no mundo moral uma força, que arrasta o ser pensante para a verdade — é a intelligencia.

Perguntae á *avalanche* que desaba — para onde tende — ella vos dirá — para o valle.

Perguntae ao espirito, que pensa — para onde gravita —, elle vos dirá — para o verdadeiro.

E' para onde vamos.

Procuramos a verdade artistica, isto é, a esthetica, o bello — quer na critica, quer no drama, quer no romance, quer na poesia.

Por que estrada marchamos, como a entendemos, não vol-o direi. O futuro será a nossa palavra.

E agora — deixae-nos passar, deixae-nos seguir a *via dolorosa* da arte.

Nós somos como os reis magos da lenda biblica, que uma estrella divina acordou nos valles, em que dormiam, e disse-lhes: Caminhae. E elles caminharam.

Em frente desdobrava-se o deserto ardente, como a capa de Elias — o propheta arrebatado; alem — as palmeiras lividas inclinavam as fronteas, como Magdalena chorosa, na orgia dos ventos de fogo. E em quanto “os licornes mordiam as sandalias de marmore das cidades de porphydo”, e os reptis se occultavam nas verbenas das ruinas des-

grenhadas, a sphynge boqui-aberta — como o cão do deserto — ladrava ás caravanas errantes.

E elles tomaram o trilho do deserto.

E elles esqueceram a cidade da Persia, — que o griffo guarda —, cavalgando a montanha do Iran, como uma linda houri, cavalgando no dorso do elephante indiano; — Babylonia — a pastora de marmore, que apascenta o seu armento branco junto ás agoas de naphtha do Euphrates... Sabá, que dorme á sombra dos baobabes sandalicos, ouvindo as peris cantarem nas harpas de coral e de esmeralda...

E elles caminharam.

E elles marcharam na terra, porque a estrella marchava no céu, porque Bethlem levantava a cabeça infantil no horizonte, como uma creança, que ri, que espera, que canta e abençôa o peregrino, que de longe veio.

E nós somos como os reis magos da lenda biblica.

Longe o futuro se estende, como um deserto, onde ha — o fogo, que queima a fronte, — a lava, que queima as plantas, onde ha os reptis, que mordem na sombra, onde ha as esphynges, que mentem na luz.

E porque affrontamos nós este futuro?...

A obscuridade é como a sombra dos sycomoros; o silencio é uma ameia dentada; o marasmo é um escudo.

Sim! mas a obscuridade é a effeminação. Sim! mas o silencio é a cumplicidade. Sim! mas o marasmo é o crime.

Nós caminhamos. Nós caminharemos.

A pedra quebra os dentes do reptil, que morde; a verdade arranca o embusteiro das entranhas da esphynge, que mente; e, por uma equidade divina,

quando a testa súa muito na lucta, as bagas do suor matam a sêde.

Oh! deixae-nos seguir a *via-dolorosa* da arte...

Tambem teremos a nossa recompensa.

Um beijo de gloria — é duvidoso!

Um abraço da consciencia — é certo!

Recife, 1866.

Inedito (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, segundo copia de Augusto Alvares Guimarães.

POLEMICA

“O SUPPLEMENTO” E O SR. BARRETO

Sahiu a *Luz* a lume. Todos esperavam-n'a anciosos, porque vozes bastante indignas já a haviam prognosticado assás baixa para descer á individualidades insignificantes, assás má para morder á fila nomes, que o não mereciam...

A expectativa foi illudida... Em vez do pasquim, veio o jornal; em vez do ladrido, veio a palavra. Moços que se levantavam a pugnar n'um terreno puramente litterario, não desceram ao pugilato do alcouce jornalístico, e soltaram suas ideias, como bando de aves, que se alteiam para o espaço fitando o azul do infinito, e sem baixar a vista ao pantano immundo da calumnia.

Doeu-lhes a resposta. Quizeram que baixassemos até elles.

Nem descemos, nem desceremos.

O 2.º numero da *Revista Illustrada* veio no corpo do jornal confessar que os haviamos desarmado com a nossa publicação. Sentimos prazer, porque em meio a todas as luctas o publico tem-nos visto arcar com todas as forças para desviar todo o lodo odioso da face de quem quer que seja e

sustentar as questões de arte com toda a nobreza e cavalheirismo. Assim dizia o corpo do jornal; "Por amor á verdade e como tradição fiel de nossas impressões não podemos deixar de confessar que a leitura desse novo campeão da imprensa causou-nos uma completa surpresa agradável para nós e muito honrosa para seus redactores...

Batemos palmas de applausos, quando o vimos tão differente do que se nos tinha annuciado..

Limitar-nos-hemos a recommendar a sua leitura aos nossos assignantes..."

Mas imaginee que n'uma folha addida sob o titulo de "Supplemento" a redacção desmente-se e arroja-se á face do publico, com uma dualidade de face incrível, mentindo a seu pensamento intimo, mentindo á sua idéa revelada.

Confrontae: "Appareceu finalmente a *Luz*. A pretensão, a vaidade fofa estampada na face deste jornal não foram desmentidas, nem ao menos modificadas pelas importantes peças do seu conteúdo."

E agora que lestes este ventriloquio, dizei-me se merece credito semelhante juizo?... Onde redacção alguma se incumbiu de desacreditar as suas sentenças?

Mas é ser coherente, porque os que hoje nos atiram pedras, são os mesmos que, hontem, nos atiravam flôres.

Umás e outras nada valem; e prestam apenas para mostrar ao publico o character de taes homens.

O *Supplemento* encheu de pasmo a muita gente e merecia-o. Este artigo assim com ares de mestre de escola ou de feitor de engenho, apresentou-se empavezado e ridiculamente pretencioso.

Todos perguntavam quem era esse homem, que errava dogmatisando, criticava a vaidade alheia, impando de orgulho tolo, e sem saber sequer, já a

significação de uma palavra, já a significação de uma phrase, reunia ao tom magistral de um sabio a fatuidade de um ignorante?!...

Nós, que nos rimos do escripto, desejamos tambem rir do escriptor, mas como, se o anonymo lá estava, como a dizer que era cousa nenhuma?...

Alguem nos disse ser o Sr. Tobias Barreto de Menezes. Não o acreditamos, e até affirmamos o contrario, porque dentre todos os nomes que por acaso nos viessem á mente, este seria de certo o ultimo.

Expliquemo-nos.

De ha muito relações de amizade nos ligavam, relações corroboradas por provas publicas e particulares, com as quaes o Sr. Barreto sempre contou em epochas menos propicias, quando a *Semana*, a *Illustração* e a *Palmatoria* o arrastavam ao pelourinho do ridiculo, e o apontavam á face de todos como um ser irrisorio.

Como, pois, o amigo de hontem iria se encapar no anonymo para tão traiçoeiramente nos offender? Como o companheiro de letras de ha pouco trocaria elogios por demais lisongeiros pela critica mordaz e viperina?

Parecia-nos isso incrivel; nosso espirito recua sempre que temos de acreditar em actos menos dignos; pelo que dirigimos ao Sr. Barreto a seguinte carta, que obteve a resposta abaixo:

Illmo. Sr. Tobias Barreto de Menezes.

Peço a V. S. tenha a bondade de declarar-me ao pé desta se é o autor do artigo da *Revista Illus-*

trada, incluso no Supplemento, como fez-me o obsequio de mandar-me dizer vocalmente.

Se tiver essa bondade ficar-lhe-ha mais obrigado este, que é

De V. S.

Attento e creado

Castro Alves.

Justamente, Sr. Castro Alves. Sou eu mesmo. Quer responder? E' um favor.

Peço-lhe que me encare sob todos os pontos de vista, afim de que depois não me chamem pouco generoso. — Sim, Sr. Considere-me como homem, como escriptor na prosa e no verso, como cidadão e até como filho... Dê-me por todas as faces.. Assim espero. E para facilitar e abreviar mais a sua resposta, mandar-lhe-hei levar alguns versos meus, que um amigo tem reunido; pedindo-lhe o favor de que me mande alguns seus, ao menos os que tem aqui publicado.

De V. S. attento e creado

Tobias Barreto de Menezes.

Ahi damos á apreciação dos homens de bem esses dous documentos. Veja-se como a uma carta delicada, responde-se com uma tirada grosseira. Notem-se as expressões, as reticencias, as allusões ferinas, a calumnia que transparece, a injuria que se promette não esquecer.

E uma vez por todas digamol-o: o Sr. Barreto — que não quer depois ser chamado de pouco generoso — deve ser coherente; já nos insultou, deve continuar. Não desceremos para lutar nesse ter-

reno; nelle pode contar com o triumpho, porque não nos encontrará como competidor.

Entremos agora na apreciação da critica do Sr. Barreto.

Depois de uma tirada supinamente *original e sedicã* sobre plagios em geral, começa a analysar parcialmente a introduccão da *Luz*.

Principia a analyse do distincto critico sobre as primeiras palavras da introduccão.

“E’ sempre solemne o momento em que se pega da penna, alguem nos fita lá de cima, alguem nos olha cá em baixo — Deus e a consciencia.”

A estas palavras responde S. S. que concorda na solemnidade do momento, mas que a razão que demos para isso — Deus e a consciencia — é que não foi convenientemente expressa, prestando-se ao ridiculo, de que S. S. não se occupa.

Qual será esse ridiculo? Que ambiguidade haverá nesse periodo? foi o que perguntamos a nós mesmos, quando lemos estas linhas.

Por ventura o olhar da consciencia fito sobre o moço, que começa a lutar, o olhar de Deus fito sobre o espirito que principia a obrar não tornam solemnes essas horas de trabalho e de trabalho tão difficil? Sim! Deus, que amaldiçõa o escriptor que passa pelo trilho da imprensa a sacudir o lodo da calunnia sobre as reputações mais puras; a consciencia que azorruga o pasquineiro que tudo insulta, eis as duas testemunhas que se inclinam na mesa do estudo, e que punem severamente a infamia da penna, como applaudem a honradez da palavra escripta.

Mas falemos franco, o Sr. Tobias não quiz criticar essas idéas... não; fez um lindo jogo de palavras. Descobriu um ridículo, cujo achado seria de certo muito apreciado na tarimba e na taverna entre os espirituosos descobridores de pulhas,... entre os mesmos, que tanto apreciaram os seus celebres versos:

Pernambuco eriça a coma,
Agacha-se um pouco e toma... etc.

Mas não gastemos palavras. Façamos como S. S., que não se occupa do ridículo.

— Diz o distincto escriptor que é uma banalidade, um desenxabido logar commum a queixa contra o mundo, que esmaga as aspirações do genio.

Perdôe-nos o Sr. Tobias; julgavamos que S. S. tinha monopolisado os logares communs, e que consentia que outrem dissesse o que S. S. disse e redisse muitas vezes não sendo seu.

Outra banalidade. — Dizer que a imprensa é um topo...

Oh! Pelletan, Hugo, Lamartine, ó vós todos que pegastes um dia da penna para abençoar o braço, que vos leva a palavra a todos os pontos da terra, riscae tudo quanto dissestes até agora sobre a filha de Guttemberg. Porque isto é ser chato, vulgar, ruim; sei que dizeis uma verdade, a que daes uma fórmula nova e vossa, mas isto é commum, tão commum, como um filho falar bem de seu pae. Depois, que importa? O Sr. Tobias diz que isto é uma vulgaridade... Pobre Sr. Tobias!...

Agora que apreciastes o criterio de S. S. quando decide ex-cathedra, como um interprete bonzo entre estultos brahmines, vejamol-o quando... se digna de descer ao terreno da logica...

Vêde se ha nada que resista a este raciocinio...

“Dizemos nós: a imprensa é um topo...”

Os sacerdotes fazem della um altar, os carrascos um pelourinho. O Sinai e a Rocha Tarpeia são gemeos e differem apenas em que ali tendes o algóz, aqui o propheta, d’ali rolam relampagos e verdades, d’aqui sangue e cabeças decepadas.”

Lêde agora o raciocinio do illustre critico:

“A’ idéa do altar e sacerdocio associastes e fizestes corresponder a do Sinai, assim como ao conceito de carrasco e pelourinho fizestes juntar e irmanar-se o de *rocha Tarpeia*. Ora, o *Sinai* e a *rocha Tarpeia* são gemeos; logo, o altar e o pelourinho são gemeos, o sacerdote e o carrasco são gemeos. Não era isto de certo o que querieis dizer e o dissestes! Oh! *quanta especies!*”

Merece isto resposta?... Não, mil vezes não, seria zombar do publico, duvidar um momento de que elle se tenha rido á larga desta tirada, mas respondamos sempre ao illustre critico.

Deixe S. S. que lhe expliquemos em primeiro logar nossa idéa.

Dissemos na primeira linha que a imprensa era um topo, que este topo podia ser altar ou pelourinho, conforme nelle estivesse um sacerdote ou um algóz... (até aqui digna-se o mesmo judicioso critico descobrir apenas banalidades). Dito isto, mostramos em como são as pessôas, que se collocam nas eminencias, que fazem dellas altares ou pelourinhos, porque o tronco de madeira, que serve para o santo sacrificio, tambem póde servir para cepo do carniceiro; então dissemos que o Sinai e a rocha Tarpeia eram gemeos (isto é, que ambos eram montes), porem que *differiam* apenas porque ali tinhamos o propheta, aqui o algóz. O que corresponde a dizer que se o Sinai é veneravel, não é porque seja

um monte melhor do que a rocha Tarpeia; mas sim porque Moysés lá estava ao passo que o algoz estava na rocha Tarpeia.

— Moralidade da fabula. — A imprensa, sendo como uma eminencia, será chamada rocha Tarpeia ou Sinai, conforme preenchida por um escriptor de consciencia ou por um tratante, porque é nisto apenas que differe o jornal de merito dos pasquins.

Safa! que não me metto mais a soletrar um periodo inteiro destes como quem ensina a menino de escola palavra por palavra... D'outra vez satisfago-me em escrever o *differe* com letras garrafaes, para os myopes e presbytas não o engolirem.

Diz o Sr. Tobias:

— “Saltemos por sobre alguns pontos do inqualificavel disparate e vamos apreciar estas duas asserções:

“Da pequenez nasce a grandeza. Os atomos fazem o mundo.” Temos plagio e incongruencia. Lembramo-nos de que o introductor ao principio falou em Deus, deu a entender que nelle cria. Entretanto, aqui vem dizer-nos que os atomos fazem o mundo. E' a doutrina dos atomistas, a doutrina de Democrito, de Epicuro e de seu discipulo, o terrivel, audacioso Lucrecio — atheus de subido quilate! — O' santa ignorancia!”

Os atomos fazem o mundo. Sim, Sr. Tobias, da mesma sorte, que as gottas de agua fazem os oceanos, que os grãos de areia fazem as pyramides...

Onde encontrastes aqui o atomismo?...

De certo eu creio nos atomos, mas nos atomos — porção minima, elementar e indivisivel, de que constam os corpos — eu creio em summa na *Theoria atomista*, hoje introduzida na sciencia propria — a chimica.

Mas no atomismo philosophico seria irrisorio.

Não sigo a theoria de Moscus de Sidon, que produziu, conforme pensa Possidonio, este systema antes da guerra de Troya, não me arrojô aos velhos pergaminhos indianos para nelles perscrutar Kanada e Gautama, não converso com Leucippo, nem abraço Democrito, não travo prosas com Epicuro, nem peço a Lucrecio que recite os seus versos atomistas; até nos tempos modernos se quer olho para Gassendi...

Haveis de concordar que esta tirada de pedantismo é ridicula, mas o Sr. Tobias clamou como o sabio dos sabios: O' santa ignorancia! e nós que receiamos o epitheto, recorremos ao Bouillet, pegamos em tudo quanto haviamos lá encontrado e atiramos á cara do nosso muito erudito critico tal qual S. S., que por não saber a significação do verbo fazer, ou por querer falar no seu *audacioso* Lucrecio pespegou nos pobres prelos com aquelle trecho de supina sciencia. O' santo pedantismo!

— Da pequenez nasce a grandeza... nada é absolutamente grande.

“Tudo isto é tirado de V. Hugo, que disse nos *Miseraveis*. O pequeno é grande, o grande é pequeno.”

Tudo isso é tirado da experiencia, que nos ensina que na terra não ha grandeza absoluta, tudo isso é tirado d'aquellas palavras do Evangelho — os ultimos serão os primeiros, e os primeiros serão os ultimos; tudo isso é tirado de Lafontaine em sua fabula — o mosquito e o leão, — tudo isto é tirado de mil annexins populares, porque é uma dessas verdades experimentaes, cujo conteúdo pertence a todos, cuja fórma será de cada qual.

“O sol é talvez um vagalume entre os astros; o vagalume é talvez o sol de um mundo microscó-

pico." Continúa o mesmo furto de idéas; não já feito aos *Miseraveis*, mas a uma bella quadra do mesmo autor, que termina:

"L'etincelle vaut la flamme
L'étoile vaut le soleil."

Que *simile!* realmente em cima fala-se em sol, e... e mais não disse... V. Hugo diz que a estrella vale tanto quanto a chamma, e nós não fazemos senão desenvolver a mesma idéa de grandeza relativa, dizendo que o sol que para o homem é de um tamanho descommunal, entre corpos que lhe excedam em volume será como um pirilampo, ao passo que o vagalume, que para nós é summamente pequeno, n'uma escala de seres microscopicos será tão grande quanto o sol.

Realmente! Só o Sr. Barreto descobre destas! Mas vamos ao que mais importa. Vêde quantas cousas, quantos systemas, quantas verdades astronomicas descobre S. S. nestas pobres palavras sem pretensão alguma?

"Alem disto a idéa que pretendeu exprimir com visos de imagem ou belleza poetica, já é hoje uma das bem fundadas probabilidades da sciencia respectiva. Leia os astronomicos modernos e verá que o sol é considerado obedecer a um centro desconhecido de um outro systema planetario."

Qual será a probabilidade bem fundada de sciencia respectiva? Que o sol é um vagalume entre os astros? De véras andaré este pobre astro de pernas e asas, já que S. S. lhe tirou as pestanas, *a cambaleiar bebado no espaço?* E eu que não sabia desta probabilidade da sciencia respectiva? E eu, que na minha santa ignorancia, não tinha lido os astronomicos modernos! Desculpe S. S. E' por isso

que nos mostramos tão maravilhados diante de uma cousa tão sabida e provada por Copernico, Newton, Arago, Herschell, e mais umas tres duzias de astrónomos, que S. S. poderá ler em qualquer catalogo do Garraux.

— Admira-se de que a sciencia, sendo um sacerdocio possa tambem ser um officio: são cousas, que se não contrariam. O sacerdote tem um officio, assim como o artista tem um sacerdocio.

“Nós somos como os reis magos da lenda biblica, etc.

“E’ um simile de cabellos brancos, velho, velho, que já se não pode suster, encerrando o seu pouco de impiedade n’aquella idéa de lenda, que traz a idéa de poesia, invenção ou mentira.”

Quanto ao simile de cabellos brancos, vá que seja; mas a impiedade... não; não consentimos que S. S. pelo simples facto de não saber o que significam palavras tão vulgares, de nem sequer fazer, como qualquer menino de escola em identicas circumstancias, uma viagemzinha ao Moraes para poder *traduzir* o que lê escripto na lingua, que fala, não consentimos que nos lance em rosto palavras, cujo peso S. S. desconhece.

Lenda sempre significou vida de santo em sua accepção mais propria; vulgarmente, porem, se emprega como facto historico conhecido pelo povo. S. S. ouviu falar em lendas poeticas, e acreditou que este nome viesse da fórma e não da idéa.

Ha lendas poeticas, mas nestes casos a poesia é que recebe o nome de lenda e não o contrario.

E o que será a historia dos reis magos, senão uma verdadeira lenda, já porque é um facto de

historia santa, já porque o povo conhece-a e festeja-a entre nós no dia de Reis?

Oh! santa ignorancia! E' triste ver professores, que não sabem a lingua vernacula, a propria lingua de seus paes...

Continúa S. S. dizendo que comparar o deserto ardente com a capa do propheta Elias, é *tolice com aspirações á imagem poetica*, e que a capa está encaixada a golpes de martello. Entregamos aos homens de letras esta apreciação.

Depois accrescenta que nos apropriamos violentamente de idéas e phrases de Quinet, e dá-nos a seguinte amostra:

“O introductor da *Luz* diz-nos que a esphinge boquiaberta, como o cão do deserto, ladrava ás caravanas errantes, e no Ashasverus ouvir-se-ha no côro das esphynges estas dizerem:

“Comme un chien de berger restons nous couchés pour veiller céans à la porte du monde” e em outro logar dizer Thebas: “Mon beau sphynx de cent coudées, qu’avez vous à faire pour aboyer si haut?”

Ainda aqui prova a sua má fé e a sua ignorancia.

Má fé, porque remenda dous pedaços de uma obra para com elles formar um plagio; ignorancia pelas razões, que vamos expender.

O Sr. Tobias faz versar a imitação na comparação que fazemos de esphynges com o cão. E assim parece. Realmente eu disse que a esphynges é como o cão do deserto, e Edgar Quinet diz que a esphynges é como o cão do pastor.

Isto é plagio. Isto é descaramento! diz S. S.

Não, Sr. Tobias, é que o Sr. é de uma ignorancia atrevida e alvar.

Fala em *lenda* sem saber o que é *lenda*, fala em *atomo*, sem saber o que é *atomo*, descobre sys-

temas planetarios em vagalumes, e agora, como sempre, fala em esphynges sem saber o que é esphynges.

Quer que lhe prove? Veja.

Para que dous escriptores dêem a um objecto attributos, que lhe pertencem e que o constituem não é necessario mais do que o conhecerem; assim se Edgard Quinet disse que um cavallo é um quadrupede e eu o disser igualmente não plagio a Edgard Quinet.

E' o que se dá no caso vertente. O que são as sphynxes senão estatuas com a cara e os seios de mulher, o *corpo de cão* (ou de leão), *garras do mesmo animal*, com o corpo ordinariamente na posição de um cão acorado, que ladra na porta do lar?

Vejam Desobry e Bachelet, Dicc. de Geographia e Historia, e Bouillet, Dicc. de Sciencias e Artes. Vejam mais qualquer Illustração franceza ou Jornal de viajens, em que venham retratadas as paisagens egypcias, e conhecer-se-ha que não inventamos uma imagem, nem tão pouco o fez Edgard Quinet, porque apenas reconheceu um dos attributos do objecto de que falava.

— “Sim! mas a obscuridade é a effeminação.”

Diz S. S.: ou concederemos que esta proposição é uma asneira quadrada, ou seremos levados a uma consequencia pouco agradavel, isso porque dizendo nós no começo do nosso artigo, que subiamos do valle da nossa obscuridade, confessamos ter subido do valle da nossa effeminação.

De feito nós subimos do valle da nossa obscuridade, sem que nunca tivéssemos vivido na effeminação, porque até essa hora um appello bastante forte não nos havia chamado á imprensa; até então a obscuridade nos era permittida, porque a nossa penna era inutil; mas desde que o dever nos bradou

que caminhassemos, ficar em repouso seria ser fraco. Viver no silencio, quando o braço é inutil a uma causa é permittido; viver no silencio, quando alguém nos chama é ser covarde; dest'arte o que hontem não era vergonhoso, hoje se torna indigno.

Para responder a arguições destas, nós pedimos ao publico — tenha ainda a condescendencia de reler a introdução da *Luz*, porque quanto a quem assignou o escripto, a que damos, em attenção sómente ao publico, resposta, não descemos a responder no terreno lamacento, a que só descem pasquineiros assalariados.

— Diz mais S. S. que cidade de porphydo, licornes, que mordem, pastora de marmore, peris que cantam, gryphos, montanha do Iran, oriente, palmeiras do deserto, dormedarios e sphynges, são de E. Quinet.

Tem seu espirito essa doação, que faz o Sr. Barreto a Edg. Quinet; dá-lhe cidades, montanhas, e até partes do mundo, sem deixar alguma cousa se quer ao Constancio e ao Gauthier.

Risum teneatis!... E' assim que conclue S. S. a analyse da introdução.

Digna analyse de semelhante escriptor!



Começa agora o Sr. Tobias a criticar o *Echo*; á primeira observação que faz é logo um plagio:

— Diz uma rosa: Quando Eva corou pela primeira vez, eu nasci!

Diz S. S.: Quem tiver lido os *Miseraveis* saberá que isto é de Victor Hugo. E vá agora o respeitavel publico folhear uma obra de 10 volumes, a ver

se encontra lá estas oito palavras. E' o melhor meio de não ser pegado na mentira.

— *A rosa rolando da frente dos OVIDIOS nas espaldas das CLEOPATRAS languidas...* “é uma destas tolices que não têm explicação...”

Isto é não saber português. Si empregassemos — Ovidio — no singular, e — Cleopatra —, ainda seria possível a critica por ter a phrase um sentido ambiguo; mas tendo empregado no plural, claro está que não quizemos mais do que symbolizar em Ovidios os poetas romanos, e em Cleopatras as cortezans de Roma.

Além disto, pôr um nome proprio, por outro commum, é uma figura que se chama antonomasia.

Leia o erudito critico a syntaxe de Dantas (livro elementar de meninos, que aprendem o latim), pagina 12, onde aprenderá a explicação do periodo, e verá o exemplo seguinte: *Poeta por Virgilio, Philosopho por Aristoteles.*

Isto é quináu, pelo qual um menino de latim chamaria a bolos o seu condiscipulo, isto é, um erro, pelo qual recommendamos ao publico esse professor ha 14 annos, que ignora cousas tão triviaes na lingua, em que quer á força ser mestre. Imaginem os que nos lêem o que dirá o bom do critico em outras materias, em que ainda é calouro!...

— “Na juventude as utopias vêm dormir no meu berço, e as fadas errantes embalam-me ao som do mysterio divino das estrellas...”

Diz o critico: E' uma variante do Ashaverus, pag. 88, onde se diz: “Le murmure des étoiles est descendu dans mon calice. Je porte un secret dans mon calice. Que les passants y viennent cueillir le mystère”.

Plagios desta ordem merecem por unica resposta a confrontação dos dous trechos. As utopias,

que dormem no berço da rosa, ou antes da poesia (v. o *Echo*), não tem analogia alguma com o segredo que a flôr do deserto da Syria traz em seu calice, nem tão pouco as cantigas que as fadas errantes cantam na juventude dos poetas — ao som do mysterio das estrellas — parecem-se com o murmuro das estrellas, que descem ao calice de uma flôr.

“A parasita tocando guitarra é identica ás flôres de Edgar Quinet, que tocam lyra. A expressão — minhas irmãs — de que a flôr usa, é a mesma da estrella no Ashaverus.”

E' preciso não ter lido os escriptos mais triviaes de litteratura *facil*, não ter idéa sequer dos escriptos caprichosos, que neste genero têm publicado quasi todos os folhetinistas, para ignorar que estas expressões e idéas são vulgares, e se tem até tornado — logares communs. Enviamos para isso S. S. ao Murger, e principalmente a qualquer pagina da obra de — *Les fleurs animées*.

— Antes que as estrellas despontem, como um bando de abelhas, em torno da colmêa da lua. —

S. S. cita do “Ashaverus” as seguintes palavras: Les étoiles sont les fleurs du ciel. Poderíamos, prevalecendo-nos de um erro talvez typographico, furtar-nos a encarar de frente esta critica; mas agora, como sempre, obedecendo á nossa lealdade, diremos que no “Ashaverus” lêem-se as seguintes palavras: Les étoiles sont des abeilles qui sucent les fleurs du ciel. Esta pequena comparação, que nenhuma belleza traz ao periodo, e que corria ao bico da penna sem esforço e sem reminiscencia de outro escriptor — é tão insignificante, que nem vale a pena copial-a. Que uma idéa fecunda, que um grande pensamento, cujo desenvolvimento encha de gloria — seja plagiado com consciencia, é crível; mas que

alguem, que tem escripto bastante, sem precisar de recorrer á força estranha, dê-se ao trabalho de folhear uma grande obra de E. Quinet, para extrahir estas tres palavras — as estrellas são abelhas — é incrível, é estolido. S. S. deve encontrar nisso uma coincidencia, ou, se o não quiser, uma reminiscencia. Mas, dada a hypothese que não o admitta, damos-lhe licença para dizer que nós — Antonio de Castro Alves — plagiamos uma palavra de Quinet — abelhas. Não nos traz glorias essa comparação, e se algumas temos, não têm sido colhidas á troca de ninharias deste genero.

Aqui termina S. S. a sua *critica litteraria*. O publico, que nos lê, vê que cada phrase desse monumento é uma mole de asneiras. *De queda em queda tombando rola* o Sr. Tobias desde a primeira linha do “Supplemento” Cada degráu que o vimos descer pensamos que fosse ultimo; mas S. S. tem recursos; parece que um genio errante lhe bradava: caminha, novo Judeu errante da critica... *litteraria*.

Litteraria, sim, porque só o vimos rolar nesta queda. Entretanto S. S. continuou a descer, mas foi num terreno tão baixo, que desapareceu completamente aos nossos olhos, como aos de todo o homem de bem.

S. S. conclue dizendo que havemos de correr por *beccos e vielas até nos encovarmos acuado e indecente lá... lá... lá... no fojo da devassidão*.

Entregamos estas palavras ao publico; são um *specimen* da educação e delicadeza de um homem que se presa; de um critico, que se diz litterario. Vão talvez ahi expressões mais fortes, palavras mais rijas; mas somos homem, e não nos podemos furtar á indignação de ver um collega tornar-se um pasquineiro, um amigo tornar-se um Judas.

E' quanto basta. Provaremos no seguinte numero ao publico — quem é o escriptor que se apresenta com sua capa de farrapos de todas as qualidades, e recheiado de inqualificaveis disparates.

Recife, 22 de Agosto de 1866.

CASTRO ALVES.

Inedita (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro Alvts, segundo copia de Augusto Alvares Guimarães.

“Em 1866 (no Recife) fundou a *Luz*, de que sahiram apenas dois numeros. Foi um jornal destinado a advogar um dos partidos theatraes. Nesses dois numeros, alem da *Introducção*, e do *Echo*, preciosos escriptos, escreveu o poeta uma defeza a essas duas produções, atacada num jornal, *Revista Litteraria*, pelos escriptores do lado contrario” Valle Cabral — *Biographia de Antonio de Castro Alves* — (segundo informações competentes de Augusto Alvares Guimarães). “*Gazeta Litteraria*”, Rio, 1883, ns. 3 e 5.

CRITICA HUMORISTICA

Meu amigo Aleixo. — O que é feito de ti, critico illustre, que já não acordas aos appellos da musa? pois nem as *Petalas divagantes*, divagando por junto de ti, lembram-te que é preciso escrever alguma cousa, inda que seja n'uma dessas petalas? Acorda, como eu: acorda, tu, que foste estudante aventuroso, ao som das aventuras de um estudante; eu, que fui sempre divagante, divagarei sobre as petalas.

I

Falemos das poesias, que se enfecham com esse titulo n'uma soberba edição do Sr. Masson, levando na frente o retrato do autor, feito não por caricatura, mas pelo lithographo da *Bahia Illustrada*; e, já que estudaste um pouco de Lavater, dize-me, não fica bem no portico do livro aquella physionomia-synthese, aquella cara-summario, aquella typo-argumento do livro? Que fronte! deserta e vasta! e os labios... que, na phrase do poeta, são *como das cabras as entumecidas têtas!* Mas deixemos tudo

isso, esqueçamos mesmo aquella mão, que traz um livro fechado...

Seja isso prologo, diz o illustre poeta, e arvora em duas palavras as barricadas contra a metrificação. E de véras tenho visto poucos homens tão livres em seus meneios lyricos: o verso ahi é borracha em rimas; hospital de invalidos — cada um desses mutilados revela a força deceparadora do vate. Porque? A razão, eil-a — não quiz romper o fio de minhas idéas, conservando a rotineira metrificação; prezei mais as palavras que sahiam do meu peito em delirio, que os dictames monotonos das regras.

Meu amigo, eu sou como Cousin, creio um tanto nos homens providenciaes; Mahomet ou Mirabeau, Cesar ou Shakespeare, trazem a coragem dos grandes desmoronamentos. Feridos pelo raio, elles sabem cahir, como o gladiador romano. Ha esta coragem de predestinado, que distingue o Mahomet da litteratura bahiana. Com que desamor heroico elle se sujeita aos contratempos da publicidade? Ouve, meu amigo, estas palavras, dignas de um romano da decadencia: *se gostarem, é mais um livro, que irá atravancar alguma estante ou gaveta. Se cahir no desagrado? Será uma criança que, em idade precoce, foi arremessada nas trevas do olvido.*

E depois ouve estas ultimas palavras, e dize-me, não ha nellas a grandeza e a solemnidade de Cesar embuçando-se apunhalado na toga romana. Esse publico ás vezes é um Bruto, que apunhala o genio, que é Cesar (parente de Bruto); observa as palavras: — *então, queridas petalas divagantes, sereis sepultadas em um lugar, onde tereis por pomposa cobertura o impalpavel pó, e por vermes roedores a insaciavel traça.*

II

Dizia-se de um escriptor francez que elle só fazia revoluções nos prologos; outro tanto ninguem dirá do Sr. Souza: se bem o diz, melhor o faz. E se o queres ver, acompanha-me na bibliographia da mais arrojada poesia, que jámais foi escripta nesta bôa terra de Moema ou de João Fernandes.

Eis-me em apuros — que escolher nesse museu de pensamentos? Que perola apanhar nesta burra?

As *saudades* lá me chamam sob a figura attractiva da virgem ideal do poeta; e, a proposito de virgem, poucos homens tem um ideal tão variado. Lembras-te de Elysa — *anjo de luzes*, que o poeta acompanhou, *mas de largo, que tinha cabellos soltos sobre os hombros, que desciam além da dobra do joelho* (não são os hombros), cujos requebros o *transpunham ao paraizo?*

Lembras-te, mas dir-me-has, é um typo vulgar. Vulgar? então não leste esse trecho final, que caracteriza o Esaú feminino: — *seus melindrosos braços estavam adornados de ricos braceletes, nos quaes estampavam-se semblantes de notabilidades e virtudes passadas; eram todos cobertos de uma tenue escomilha, pelos poros da qual se avistava uma alvura deslumbrante e uma simples camada de um negro pello, que tanto encanto os dava.*

Pois meu caro, se as virgens de Raphael conservam sempre os mesmos traços, as do Sr. Souza variam ao infinito; e em nada é inferior á Julia ou Elysa a menina, que inspirou estes versos:

De testa orgulhosa, que em "rugas alegres"
Ostentam a c'roa, que tece a natureza.

Mas não pára ahi a originalidade. O poeta dá mais duas pinceladas e cômpleta o quadro:

De uns dentes de prata eu tenho saudades,
Ainda tão alvos assim, nunca vi;
P'ra elles olhando ceguei para sempre,
Foi por elles, foi só por elles que da patria fugi.

Seus seios — façamos alto. Já notaste a predilecção especial deste poeta pelos seios, que compara a *limões*, que chama de *bemquistos*, que *engole* com *os olhos*, que exige como o mais bello ornato da mulher? Pois, meu amigo, os taes seios desta feita ainda são mais originaes. Que pensas que são? Laranjas, limões, bôlhas de sabão, bolas de bilhar? — não; deixa que o poeta diga o que são:

“Seus seios bulcios”! . . . ahi são segredos!
Por isso não os canto, só os quero saber.

Jupiter glorificou as têtas da cabra Amalthéa com a via lactea. Quem sabe se o Sr. Souza não quer retribuir os mimos de sua ama de leite? Creio que ha ahi um mysterio, que talvez se explique pelo verso de L. Rebouças:

Nasci, mammei, cresei e fiz vint'annos.

Mas deixemos esta questão, aliás espinhosa, e tratemos de uma divina inspiração, que bota abaixo os famigerados *Seus Olhos* de G. Dias.

Meu amigo, este poeta é um enigma; cada poesia delle propõe pulhas ao publico: queres vêr? Trata-se de uns olhos — já sei que preferes os azues, que o diga a S.: — eu por mim prefiro os pretos por amor da E.; o meu amigo Fonseca prefere os côr de rapé, talvez por causa do cheiro; —

conheço uma velha, que prefere os gaseos, por causa de um gato, a quem adora; pois nós todos estamos burlados. O Sr. Souza tem mais gosto que todos nós: de que côr são *os olhos d'Elle?* Elle que o diga:

Os olhos della são negros,
São bellos, lindos, gentis,
Tem encantos, tem riquezas
Como as minas dos tupis.

Então são pretos... dir-me-has tu: o Souza é da tua opinião; enganas-te, vê lá se isto é preto:

Os olhos della são "perolas",
Mas perolas de "grato alvor",
Elevam, captivam um ser,
Matam até de amor.

Então são brancos, é alguma albina, dir-me-has tu; pois te enganas ainda; o poeta que diga se isto é branco:

Quem olhando "taes rubins"
Não se deixa enlouquecer
Quem taes olhos encarando
Não se vê em febre arder?

Então são vermelhos, é ella da familia dos coelhos brancos de Portugal. Não são pretos, não são brancos, não são vermelhos. Inclino-me por furta-côres; em todo o caso mysterio... enigma;.. a sphynge devora a paciencia do proximo, e o poeta exclama assombrado:

Mulher com olhos assim
Não é da terra, é do céu,
Não é mulher, é um anjo
Cingido do illustre véu.

III

Eu gosto de apanhar antes de tudo as especialidades de cada genio; mas vejo-me em serios embaraços, se o tento fazer com este espirito matizado, variado, esdruxulo e bizarro, que toma como Protheu todas as fórmulas do desproposital, decommunal e colossal.

Sonho é uma poesia que faz reflectir o philosopho. se o homem perde o senso quando dorme. *Em uma noite de luar* é uma poesia de observador consciencioso, que soffre e conhece os effeitos da lua. *Na ausencia* é uma poesia de quem não está perto. *Manifestações de amor* é uma poesia que... a qual... *onde...* enfim é o seguinte:

Bem como dous focos d'estrellas brilhantes
Mitigam aos amantes tristonhos pesares,
Assim tu no mundo captivas meu seio..
Portando-me ao meio do brinco dos mares.

O mar de brincos! Que *petit-maitre!* Que ca-poeira! E depois dessa estrophe valente e recitavel ao compasso de um piano de Erard, o birimbáu da nossa patria toca um estribilho mimoso e suave, que diz assim:

Se a vida é um sonho
Tu és as visões
Que fazes a minha alma
Morrer de prazer
.. .. .
Eu quero no embate
Correr neste instante:
Cahir ou vencer!

Cahir ou vencer — estas palavras despertam garbos de *voluntario* no espirito do poeta, que aliás

n'um de seus dias de D. Juan confessa que *por um triz não cahiu e o cavallo o não despedaçou sob seus pés, porque as pernas lhe tremiam*; e assim diz elle na tuba canora e bellica:

Ir ao combate por tremendas balas
Tombar nas alas com enlevos nobres.

Pensarás que isto já é heroismo, não; depois de ter ido ao combate, depois das tremendas balas, depois de ter tombado nas alas, poeta, o que pensas que irá fazer?

Ferir meu peito, offertar-te o sangue

(O homem tinha cahido sem ser ferido).

Cadaver exangue que tu, pó encobres.

Isto de cadaver dar o sangue faz lembrar o verso do O. Pestana:

E ella já morta suspiros me dava
Chamava meu bem, o coração apontava.

Quanto a chamar a moça *de pó*, eu peço venia ao illustre poeta para dizer-lhe que se lembrou da quarta-feira de cinza; copiou o *quia pulvis es*. Esta explicação não offende de sorte alguma o orgulho da illustre D. Adilia, algumas vezes Dilia. Nem podia ser de outra sorte.

O poeta, que disse estes versos: *

Teu olhar matou-me, Dilia,
E's muito "affavel" no andar.
Airosa, sublime és,
Imponente, "como o mar".

O poeta que fez estes versos não podia chamar de *pó* uma mulher *imponente como o mar*. Vá, pois, a interpretação bíblica, e para corroboral-a, lê esta estrophe escripta com a penna de um gavião na vela de um *vaso* :

Chamarei teu nome, visarei teu rosto

(Felizmente, o poeta tem má pontaria.)

Ebrio de gosto ao céu me erguendo
Mostrarei ao sol, que se julga lindo
Que á terra vindo, ficará te vendo.

Quanto a este ultimo verso bem se vê que foi escripto na côrte, onde, bem sabes, ha pouco tempo se prophetizou um cataclysmo. Plagio, dir-me-has tu.

Não; até nisto o poeta é original: o astrologo inglez dizia que a terra levaria o diabo, o Sr. Souza, porem, por amor á patria, e em attenção á Adilia, prefere matar o sol (como os pintos do Dr. Macedo) com *olhado* de sua bella.

Depois disto, meu caro, volta-se a pagina e lê-se esta palavra — *Phantasias*. Os peregrinos de Meca prostam-se antes de entrarem no templo.

Eu estanco aqui (na phrase do poeta); e fico pedindo a Deus uma mangueira, como a de Itacaranha, para ler em baixo os versos do Sr. Souza.

Adeus. O luar está sublime... Saudoso se retira o

TEU FIEL LIBORIO.

Inedito (em livro). Cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, em um retalho de jornal da Bahia.

Aleixo (Augusto Alvares Guimarães) e Liborio (Castro Alves), fizeram pela imprensa alguns artigos

de critica humoristica sobre o livro de versos *Petalas divagantes*, do estudante Souza Menezes, cujo escandaloso successo levou o autor a recolher a edição, hoje absolutamente esgotada.

Alem de varias poesias e cartas impressas neste volume, serão estes os unicos ineditos de Castro Alves? Talvez. Talvez algum haja escapado, e ande por ahi, em collecção particular de manuscriptos, esquecido ou ciosamente guardado. Valle Cabral, na biographia que do Poeta publicou na "Gazeta Litteraria", Rio, 1883, n. 205, de informações prestadas por Augusto Alvares Guimarães, declara: "Castro Alves não possuia um só dos seus primeiros versos. Foi do fim de 1864, para cá, que começou a guardar o que compunha. Ainda assim perdeu muita cousa impressa"... Luiz Cornelio dos Santos, querido amigo de Castro Alves, num seu livrinho inedito de memorias, que li e copiei, por concessão gentil de seu filho, o Sr. Octavio Filgueiras Cornelio dos Santos, — conta que no Recife, em 1862, liam muitas vezes juntos "um pequeno caderninho de poesias delle" "Este livrinho perdeu-se; nem uma dessas estrophes figura hoje (1871) no rico thesouro de poemas que nos legou"... Aparecerão um dia, alguns destes versos perdidos?

Refere Alfredo de Carvalho (*Castro Alves em Pernambuco*, cit., p. 23-24) que Regueira Costa, outro grande amigo do Poeta, por muito tempo conservara "o original de um romanceto intitulado *Mazzacio*", mas, tendo-o confiado a um entusiasta de Castro Alves, que o queria publicar, o Dr. Campos de Carvalho, a morte prematura deste privara-o, de seu original e da projectada publicação. Não ficou outra noticia de *Mazzacio*.

Quanto a esta edição, empenhei quanto esforço pude para ser a mais completa possivel. Se alguns dos meus appellos foram vãos, correspondentes nem sequer me responderam, promessas feitas não foram cumpridas, culpa será de maus costumes nacionaes e uma noção deploravelmente confusa entre a posse de um manuscri-

pto ou autographo, e o seu conteúdo, cuja publicidade deve servir á gloria do autor: aliás teriam sido esses avaros, se o são, galardoados com a confissão publica de sua generosidade, se a houvessem tido. Além da menção, repetida, da origem dos meus documentos, devo aqui uma ultima gratidão á familia de Castro Alves, zeladora de sua memoria e do seu espolio espirital, que me confiou tudo quanto possuia, e ahí está.

Devo nomear, principalmente, a preferida das irmãs do Poeta, D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, que, por mais de cincoenta annos, conservou desvelladamente esse thesouro; devo ainda bem dizer á memoria de Augusto Alvares Guimarães, dilecto amigo, e depois cunhado de Castro Alves, que por sua letra, copiou, incansavel e piedosamente, — quasi todos os manuscritos que chegaram até nós, e que, sem elle, se teriam perdido.

CORRESPONDENCIA

CARTAS INTIMAS

I

A MARCOLINO DE MOURA

Meu Marcolino. — Recife, 16 de janeiro de 1863.

Desejo que tenhas passado bem com tua Exma. familia.

Depois de um mez e tanto de demora (no que devias estranhar-me) vou escrever-te. Mas não podes imaginar a razão. E' que eu havia perdido a tua carta e não sabia a quem fazer a *adresse* — de sorte que contra a minha vontade era réo de alta-negligencia. Hoje, felizmente, encontrei a tua carta, que por muito guardada parecia perdida. Desculpa-me a demora. Como terás já talvez notado pelo logar donde é datada esta carta — acho-me na insipida terra de Pernambuco. A razão?... Sahi reprovado. Acharam que eu não podia entrar n'uma academia tão *illustrada*!...

Mas sabes o que mais eu senti?

1.º Deixar de ver minha familia, que eu devia ir ver depois de dous tão longos annos. Deixar de ver meu pai, minhas irmanzinhas.

2.º Ver desmanchados os nossos planos de colleguismo... Aquelles projectos de passeio a São Paulo, de estudarmos juntos, etc.

A não ser isto eu não ligara importancia alguma.

Minha vida passo-a aqui n'uma rêde olhando o telhado, lendo pouco, fumando muito.

O meu *cynismo* passa a *misanthropy*. Acho-me bastante affectado do peito, tenho soffrido muito. Esta *apathia* mata-me. De vez em quando vou á Soledade. Ahi ha uma menina bem bella, mas, meu amigo, é a flor sem perfume de que falla Alvares de Azevedo. Coração leviano como o volver de seus olhos, porém mulher *meridional* e ardente como o attestam sua pelle morena (sabes que eu sou doudo pelas morenas) e seus bellos cabellos negros, negros como a noite Ella me diz que o seu coração é meu, mas eu penso que é do vento.

E todavia este affecto de nada me enche o coração. Eu estou talvez bem frio. E no emtanto tu sabes como eu sou. E' que quem se sente junto ao fogo de palha, por mais que as chammass se elevem, não lhes sente o calor. Pelo contrario, este sentimento, por assim dizer, macaqueado do meu ideal, não consegue mais do que fazer que eu sinta um vacuo immenso no coração.

Ella, porém, é bella, ardente, voluptuosa. Mas considera-me, talvez, como um especifico contra o *spleen*. Eu tambem consideral-a-hei.

Afóra isto, não tenho coisa alguma para me divertir.

Tinha tanto a dizer-te, mas o maldito vapor pouco póde esperar, e os meus companheiros estão a dizer-me que acabe.

E' o que tenho a dizer-te de mim.

Tu deves ter vivido immensamente bem.

No seio da familia, junto dos entes mais queridos da alma, a vida passa sempre rapida e veloz.

Adeus, meu Marcolino, recommenda-me á tua Exma. familia e acceita um abraço apertado do verdadeiro amigo — *Castro Alves*.

Pbl. n.º “O Paiz” do Rio de Janeiro, numero de 21 de Abril de 1889, no folhetim “Meias tintas” sem outra indicação e agora, pela primeira vez em livro. A data estava evidentemente errada: “Recife, 16 de Janeiro de 1889”, sendo rectificada, para “1863” Castro Alves que um anno (1862) antes fôra ao Recife, no curso annexo ultimar os preparatorios, para a matricula na Faculdade de Direito, foi no fim do anno reprovado no exame de geometria: é ao que allude na carta, escripta pouco depois disso. Os dois annos de ausencia da familia, tambem alludidos, seriam o de 62 e esse de 63, em perspectiva, pois em 64 se matriculava effectivamente, vindo então á Bahia, por isso, pelas faltas dadas, chegando a perder o anno.

O destinatario da carta, seria Marcolino de Moura e Albuquerque, bahiano, que estudava no Recife, bem mais velho que Castro Alves (onze annos: nascido em 1838, teria então 26 de idade, e o outro 16, quando se encontraram em 1862), companheiro de “republica”, ou conhecimento affectuoso de conterraneos, em terra extranha. Marcolino de Moura interrompeu o curso, seguiu para o Paraguay, onde obrou proezas, reatou os estudos, foi tabellião de notas no Rio, depois deputado geral e federal pela Bahia, fallecendo em 1908.

II

A SEUS IRMÃOS

Guilherme, Elisa, Sinhá e Amelia. — Escrevi ao Xico, ao Dr. Franco e ao Dr. Cerqueira e por isso serei pouco extenso nesta carta. E' apenas para mostrar-lhes que não me esqueço de Vs. e que sempre lhes quero bem que traço estas linhas.

Gostei muito das cartinhas de Vs. Porque não continuaram a mandal-as? Eu nem sempre tenho tempo, mas o mesmo não se dá com Vs.

Adeus, eu estou bom, ainda não fui chamado ás aulas, mas tenho estudado. Façam o mesmo, não devem se esquecer disto. Dêm lembranças minhas a sua bôa mãe D. Maria, e Sinhasinha a Alvina, D. Leonor, os meninos de D. Felismina, a sua mãe e tia e queiram bem a seu irmão do coração — *Secéu*.

Inedita. Sem data, certamente do Recife: autographo cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, á Sinhá ou Sinhasinha, da missiva.)

III

A REGUEIRA COSTA (I)

“Meu charo amigo Regueira. — S. Salvador, 27 de junho de 67. — Como tens passado? — E Pernambuco?”

Bem... sempre bem.

Eu vou sempre no mesmo.

Trevas e luz. Tormentas e bonanças. Amargos e ambrosias.. E' assim que eu vivo... A dôr e o prazer são as unicas affirmações da existencia... Convenço-me então de que existo.

Logo que cheguei fui eleito socio honorario do Conservatorio Dramatico... — luz.

No dia seguinte tive um critico contra — trevas.. Fiz a leitura — bonança. Nunca o Conservatorio teve tanta gente. Fui felicissimo. A commissão incumbida do juizo fez-me um Elogio Critico ultra-lisonjeiro...

Vae entrar em discussão; o meu adversario metteu a viola no sacco, receio de que elle cale-se... Tenho certeza de que dava-lhe uma bôa póda.

Fez-me soberbo elogio *O Debate* sobre o drama. E' do Cyrillo Eloy.

O meu *Gonzaga* deve ir breve.

Agora é que formou-se a companhia. Creio que terei um grande triumpho. Conto com a mais illustrada rapaziada da Bahia que hoje são todos meus amigos.

Já tenho a Academia.

A D. Eugenia estreou; foi uma brilhatura como ha poucas. Fez o *Gaiato* como o Baufé.

Deixou estampado o seu nome em todos os espectadores.

Eis o que ha — por alto. Vive-se aqui de poesia, musica, theatro, discussões litterarias, etc., etc.

D. Eugenia está num certamen litterario-poetico com o Moniz Barretto... onde se têm espadeirado em sonetos reciprocos.

No dia 2 vou recitar no Theatro. Enviar-te-ei os versos.

Em Pernambuco recebeste sem duvida a critica do Deiró.

Será possivel reimprimil-a ahi?

E os outros juizos que aqui tenho?. (Entre nós). És um grande patife. Que é do Juizo Critico? Inda não cristalizaste? ou diamantificaste? E nem ainda me escreveste. E' verdade que eu tambem... mas... *arcades ambo* .. Manda-me novas dos meus amigos, dos camaradas, e de todos que se lembram ainda de mim.

E' verdade. não tenho um verso meu. Creio que levaram o diabo... Vê se tens alguns... Manda-m'os.

O Guimarães Junior escreveu alguma coisa? O Torres Bandeira?..

Emfim escreve-me largamente. Em mim a preguiça é proverbial, mas em ti, magno criminalista, judicioso jurisconsulto!.. em ti. não, é um absurdo. Eu sou um Lazzarone, tu és um Trop-long... Sê pois *trop long*.

Manda-me a *Parisina* e a traducção de *Lamar-tine*, e tudo o que tens escripto ahi, nessa boa terra das inspirações do romantismo... e dos meus sonhos da Bohemia, do meu paiz Latino, das minhas loucuras, e dos meus amores.

Adeus. Dá um abraço a todos estes amigos que ahi deixei...

Dize-lhes que o nome delles não cabe em tão pequeno espaço. Estam no caderno de papel do coração.

Farewell. — Teu do coração. — *Castro Alves.*"

Pbl. por Alfredo de Carvalho. — *Castro Alves*, em *Pernambuco*. — Recife, 1905, pag. 16-18, e depois por Xavier Marques, op. cit., pags. 169-170.

IV

A REGUEIRA COSTA (II)

Regueira. — Meu sympathico amigo. Perguntas-me, na tua ultima carta, se estou offendido contigo... Ninguem se fere no velludo... tu és todo delicadeza e dedicação.

Fallas-me nos meus triumphos. E' verdade, tenho-os tido muito e muito grandes, muito maiores que o meu pouco merecimento, mas ainda não es-

tão completos, falta-me o teu juizo, que me dizem ser uma obra prima. Eu, antes de o escreveres, já o sabia... E' que tu já não *cristalisas*, hoje *adamantisas* as idéas.

Em mão do Augusto ou do Melchiades encontrarás alguns escriptos que me dizem respeito, assim como duas poesias minhas, uma ao dia 2 de julho... e outra intitulada *O Livro e a America*, esta foi recitada no theatro e agradou tanto que fui obrigado a ir á scena.

Meu Regueira. A minha vida é trabalhar. Tenho escripto muito. Na carta ao Augusto Guimarães acharás o complemento desta. Verás meus projectos e glorias.

Foi aqui publicada na *Estrella d'Alva* a minha... a tua traducção do *Victor Hugo*.

No mesmo jornal (que ahi facilmente verás) sahiu alguma coisa a meu respeito e do Varella.

Manda-me o teu Juizo Critico... quero-o... e quero-o muito.

Manda-me o que tens escripto, sabes que sou teu amigo e teu admirador.

Dizes-me que eu sou modesto!. Eu! pois bem, tu és avarento!!! Dizes-me que Theophilo Braga fallou a meu respeito.. é ainda um illudido.. Hei de desconcertal-o em breve, pois, em menos de dois mezes lerá o meu poema e a minha *Revolução de Minas*, que lhe fará revolução no juizo que talvez formou a meu respeito.

Como vai a "*Noiva de Abidos*" de Byron? A tua mimosa *assimilação* da poesia de Lamartine?

Manda-as, quero sentir o doce perfume dos teus versos timidos e virgens como um seio velado de virgem... Quero ler Byron e Lamartine na melodiosa toada de tuas estancias.

Adeus, meu querido Regueira, recebe o coração saudoso do teu collega e amigo, e deixa que te faça o pedido de que não te esqueças que aqui tens uma alma que te preza muito.

Forget me not, my dear!

Teu amigo — *Castro Alves.*”

Pbl. por *Castro Alves*, em *Pernambuco*. Recife, 1905, pag. 19-20. Alfredo de Carvalho diz, referindo-se a esta carta, em pagina anterior: “esta outra carta sem data, mas pouco posterior á precedente”, pag. 18, op. cit., Xavier Marques reproduzindo-a, op. cit., pag. 170, põe-lhe a data — (Da Bahia, mez de Julho de 1867). Não é possível. Ahi se allude a *O livro e a America*, poesia recitada no theatro, e isto foi a 3 de Agosto de 1867, numa festa em beneficio do Gremio Litterario.

V

A REGUEIRA COSTA (III)

“*Charo Regueira*. — Tendo de apresentar o eximio pianista Thomaz Rodenas aos meus amigos d’ahi, o teu nome vinha se collocar em primeiro logar.

Poeta, que tens o entusiasmo de todas as coisas altas, folgo que frequentes um joven que encarna em si o genio de Gottschalk.

Sê util ao nosso maestro e agradavel ao teu do coração — *Castro Alves.*”

Pbl. por O. Duque Estrada — “*Correio da Manhã*”, do Rio, 22 Fevereiro 1908 e, depois, por Xavier Marques — Op. cit., p. 171.

VI

A AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (I)

“*Augusto*. — Bahia, setembro, 67. — *Salutem plurimum desidero...* Vá lá este mararronico!...

Recebi tua carta que encheu-me de prazer. Dás-me noticias tuas e é quanto basta. *Toujours le même...*

Quanto a mim não te posso dizer sinão que passo a mesma vida. Escrevo..

Vou hoje para a Boa-Vista terminar o prologo dos *Escravos*, aos quaes só falta a descripção da Cachoeira de Paulo Affonso.

E' verdade, dou-te parte que vou nestes 8 dias para ver de perto a quéda gigantesca do S. Francisco. Fazer-me de Chateaubriand nest'outro Niagara...

Como sabes, foi o meu drama á scena. Fui muito feliz. No dia sete de setembro tive um triumpho como não consta que alguém obtivesse na Bahia. Em summa, victoriado quanto era possivel e coroado, fui além disso levado a nossa casa em triumpho.. O *Diario* publica alguma coisa a este respeito, nelle verás um lindo juizo critico do Conservatorio, redigido pelo Frederico de Araujo, assim como o do nosso amigo, o modesto e talentoso Maciel. Segue-se uma poesia do Brito...

Tenho mais poesias, que não vão agora por não poder imprimir em vista das noticias do Sul, que o jornal tem de transcrever. São as seguintes: do Senna, do Philadelpho, do Muniz e mais outra do Brito, que te envio. Tambem junto encontrarás um

bellissimo juizo critico sobre o *Gonzaga*, sahido no *Debate*. E' do Cyrillo... muito doudo, mas muito intelligente homem.

O Mello Moraes — meu amigo — escreveu na *Coalisção* do Rio de Janeiro um trabalho sobre as minhas poesias, hei de mandar-t'ó.

Meu Augusto, desculpa se me estendo sobre estas coisas; não é orgulho, nem basofia, mas como sei que és meu amigo, estou certo que estimas os momentos de compensação que obtenho nesta ingloria vida de homem que escreve.

Ah! verás que o Belarmino Barreto assignou com restricções. Burro! declarou em sessão que as restricções eram as que se acham no mesmo parecer!... Mas pouco importa. A razão é que eu tenho lhe passado alguns *espichas* por conta, no Conservatorio.

Dizes-me que estás escrevendo. Bem! E' preciso fazermos a nossa Cruzada... Vem para a Bahia, pois francamente aqui ha muito moço intelligente. Sou amigo de todos, tenho os encontrado sempre lisonjeiros commigo.

Creio que irei nestes dous mezes para o Rio. Tenho as melhores recommendações. Vou publicar os *Escravos* e o *Gonzaga*.

Adeus, meu querido Augusto, escreve-me, e crê que se tenho preguiça de te mandar cartas, não tenho de sentir que sou teu amigo — *Castro Alves*."

Cf. com o original autographo cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. por Mucio Teixeira, — Op. cit., pags. 89-91 e depois por Xavier Marques. — Op. cit., pags. 171-172, com algumas omissões.

VII

A AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (II)

Meu muito querido Augusto.

“Côrte, 24 de Fevereiro de 68.

Como estás? Sempre bom, não é assim, Exm. Sr. representante do povo?

Eu estou gosando saude. Esta carta não é mais do que uma prevenção. Sim. Escrevo-te para te dizer que não te escrevo. Isto está *Tubiatico*... Emfim, clarifiquemo-nos.

1.º — Sou preguiçoso (Isto é velho).

2.º — Para escrever tudo o que commigo se tem dado é preciso uma longa carta.

3.º — Uma longa carta muitas vezes repetida são muitas longas cartas.

Tira d'ahi a conclusão e verás que para não desmentir o artigo 1.º, eu não devia escrever muitas *longas cartas*.

Façamos uma economia de actividade, disse então commigo.

Escrevamos uma carta, uma circular, ou antes uma triangular (porque servirá apenas para tres amigos)...

E escrevi ao Franco, reflectindo no seguinte:

1.º — Que tinhas boas pernas par ir até o quarto do Guilherme, que muito presará a tua visita.

2.º — Que tu me conheces bastante, para deixares de comprehender quanto me é natural a pouca actividade.

3.º — Que me tens muita amizade (como o tens provado) para deixares de te interessar pelo que respeita ao teu velho amigo e companheiro.

Mas, isto é o diabo! Lá estou eu a escrever mais..

Se queres noticias, vê a carta, e responde-me, mandando-me a *Guia — Aux Frères Provenceaux*, rua do Ouvidor, onde tens o

Teu amigo do coração — *Castro Alves*.

P S. — Mando-te um *Correio Mercantil*; procura os dous ultimos folhetins do *Diario do Rio de Janeiro* e um artigo de fundo do mesmo jornal, que me diz respeito (De 16 a 24).

Cf. com o original autographo cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. por Mucio Teixeira, op. cit., pags. 91-93, e depois por Xavier Marques, op. cit., pags. 172-173.

VIII

A GUILHERME DE CASTRO ALVES

“*Meu Guilherme do coração.*”

“Côrte, 24 de Fevereiro de 68.

Recebe um abraço, meu charo irmão, que vae cheio da muita amisade que te dedico.

Como estás? Como está a nossa sala que enchiamos de tão boas prosas e de tão bellos castellos? Tens tido saudades minhas? Pois eu tenho tido muitas de ti e em meio ás impressões que me têm abalado sinto sempre não poder repartir contigo os meus sentimentos como ahi o fazia.

Meu Guilherme. Tenho que pedir-te um favor. Escrevi uma carta muito longa ao Franco, na qual lhe conto minuciosamente tudo quanto de mais importante me diz respeito. Agora o favor. Copiarás

a carta e guardarás para leres aos meus amigos Augusto e Mello Moraes, a quem preveni que procurassem em tua mão. Tu has de lê-la a elles; não é assim?

E' um obsequio. Meu irmão desta leitura verás quanto tenho sido feliz. Pede a Deus que me continue a auxiliar para um dia eu poder ser-te util.

Adeus, Guilherme. Dá muitas lembranças ao Marcolino, ao Carvalhal, ao Cotrim, ao Plínio e a todos os meus amigos.

Agora recebe um abraço muito apertado do teu irmão que te quer muito e muito bem — *Cecéo.*"

Cf. com o original autographo cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. por Xavier Marques. — Op. cit., pag. 173-4.

IX

À LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (I)

Meu charo Luiz Cornelio. — S. Paulo, 20 de março de 1868. — Esta carta tem dous fins: 1.º Saber da tua saude e de tua Exma. Familia. 2.º Pedir-te um obsequio.

Devo dizer-te que aqui chegámos com felicidade. Estou na Academia, ouvindo o grande José Bonifacio. A companhia do Furtado tem desagradado, e o repertorio tem soffrido as maiores criticas. A Sra. D. Eugenia tomou posse do theatro de São Paulo, para onde devem vir alguns artistas do Rio. A empreza promette muito; creio que para o mez irá o meu drama á scena. (E, a proposito de drama, que é da cópia? Ainda não fui ao correio. Escreveste-me?).

Mas entremos na questão. Entre estes artis-

tas deve vir o Pimentel. Quaes as condições que elle apresentará, não o sabe a D. Eugenia; mas preciso é que elle aqui esteja, o mais breve possível. Entretanto, em meio de outros obstaculos, póde o Pimentel apresentar a necessidade de dinheiro para passagem. Como porém, talvez elle de tal não precise, julguei inutil mandal-o, contando, caso lhe seja necessario, que tu lhe forneças a quantia precisa para uma passagem até aqui. — Ao Senhor Pimentel, pois, espero que dê, mediante um recibo, a quantia que por elle razoavelmente fôr pedida, devendo tu, immediatamente, me participares disto por carta, para poder logo te reembolsar.

Vamos a outro assumpto. Como é possível que eu tenha cartas dirigidas para o Rio, vê-m'as ahí no Correio, e envia-m'as.

E agora devo fechar esta carta commercial, promettendo para outra vez ser mais espiritual. Adio. Pois. Recommendações a Exma Sra., e aos teus meninos; lembranças ao Pedro Coelho, e a quem de mim se lembrar e recebe o abraço do teu do coração. — *Castro Alves.*

Inedita. Cm. o original pelo Sr. Octavio Filgueiras Cornelio dos Santos, filho do dilecto amigo do Poeta.

X

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (II)

Meu charo Luiz. — S. Paulo, 30 de março de 68. — Abraço-te e agradeço a bondade de meu charo amigo. Recebi a tua carta de 24 do corrente, á qual apresso-me a responder.

Vejo o que me dizes a respeito do meu drama. Vê se é possível apressar a cópia do nosso amigo

Pedro Coelho, visto como recebi, ao mesmo tempo que a tua, a carta do Editor, na qual me diz elle que tem toda a pressa em começar a publicação; nesta occasião não posso responder á carta d'elle, porém, como naturalmente irás até lá, incumbo-te de lhe dizeres: 1.º que dirija as cartas, as provas e os prospectos ao Hotel d'Italia; — 2.º, que o meu prologo tem de ir antes dos juizos do Machado e do Alencar; — 3.º, que a edição deve ser em oitavo francez, ou maior.

Agora tratemos de outro assumpto. Dizes-me que o Pimentel talvez não venha. Ainda não te entendeste com elle? Já lhe disseste que será o 1.º galan da Companhia? Naturalmente elle a estas horas deve-te ter procurado; se o não fez, vae vel-o e depois de empregares todos os meios para que elle venha immediatamente (isto é, pelo primeiro vapor), dize-lhe que lhe guardo o papel do Gonzaga, que a empreza conta optimos artistas, tem uma grande assignatura, e tudo isto está sómente a espera d'elle, que deve estreiar nos — Miseraveis — onde me disseste que elle brilha.

Farás tambem entrega de uma passagem ao Sr. Eduardo Alvares da Silva, que vem para aqui como 2.º galan. São as duas figuras precisas.

Agora devo-te dar uma grande novidade. Estou vingado!... O Furtado levou uma formidavel e estupenda pateada, juntamente com o seu — remorso vivo — e a sua Ismenia!... — Imagina que no 4.º acto foi tal a vaia na entrada em scena d'elle, que tres vezes voltou desorientado e com a cabeça perdida para os bastidores, sem poder dizer uma palavra!! etc., etc., etc.

A D. Eugenia manda-lhe muitos e muito leaes agradecimentos e acrescenta que espera pessoal-

mente mostrar-lhe a sua gratidão juntamente com a minha, e mais seis gangas na ilha de Paquetá!

Agora o que mais te devo dizer? Só me resta pedir-te que presentes a minha consideração e respeito a tua Exma. Senhora e filhos, e que aceites o abraço apertado do teu do coração.—*Castro Alves.*

Inedita. Idem, idem.

XI

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (III)

Meu charo Luiz. — S. Paulo, 10 de abril de 68. — Escrevo-te á pressa. Recebi a tua carta de 4 do corrente. Vejo que és sempre o mesmo amigo. Obrigado!... Faze vir, se fôr possível, o Monclar e o Pimentel. A Companhia está completa e formada, sob optimos auspicios. O Barão de Iguape pôs á disposição da Empreza todo dinheiro preciso. Está-se aqui doudo por theatro. Manda o drama pelo Monclar (o Gonzaga). Põe estas duas cartas no correio ahi, pois receio que indo daqui, directamente, se estraviem.

No dia 25 vae á scena “Os Miseraveis”. O Theatro aqui rende 1:800 mil réis por noite.

Adeus. Recommendações a tua Exma. Sra. Desculpa-me se te encommodo tanto, mas tenho tanta fé na tua amizade, que te creio meu irmão. Adeus. Recebe um abraço do teu do coração. — *Castro.*

P S.

D. Eugenia se te recommenda e agradece. Pelo primeiro vapor te escreverei mais longamente. O portador desta é um collega meu, o Dr. Braga.

Inedita. Idem, idem.

XII

A AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (III)

Meu charo Augusto.

"S. Paulo, Abril de 68.

Eis-me em S. Paulo, na terra de Azevedo, na bella cidade das nevoas e das mantilhas, no solo que casa Heidelberg com a Andaluzia...

Nós os filhos do norte (consente este *norte*; sabes que é palavra relativa) sonhamos S. Paulo o oasis da liberdade e da poesia plantado em plenas campinas do Ypiranga... Pois o nosso sonho é realidade e não é realidade... Se a poesia está no envergar do ponche escuro e largar-se campo fóra a divagar perdido n'estes *geraes* limpos e infinitos como um oceano de juncos; se a poesia está no enfumaçar do quarto com o cigarro classico, emquanto lá fóra o vento enfumaça o espaço com a *garôa* (é uma nevoa espessa como nuvem que se arrastasse pelas ruas) com a *garôa* ainda mais classica; se a poesia está no espreitar de uns olhos negros atravez da rotula dos *balcões* (*) ou atravez das rendas da mantilha que em amplas dobras esconde as fórmias das moças, então a Paulicéa é a terra da poesia.

Sim! porque aqui não ha senão frio, mas frio da Siberia; *cynismo*, mas *cynismo* da Allemanha; casas, mas casas de Thebas; ruas, mas ruas de Carthago. (por outra) casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas, que parecem feitas depois do mundo — tanto são desertas...

Isto quanto á poesia. Quanto á liberdade, ella, se está mais desenvolvida em certos pontos, em ou-

(*) E' para dar-lhes um caracter hespanholado.

tros acha-se mais restricta. Entretanto inclino-me a preferir S. Paulo ao Recife.

Mas.. basta de descripções. Occupemo-nos de nós. Antes de tudo uma queixa — não me tens escripto, apesar de ser esta a terceira carta que te faço.

Depois permite que te pergunte se recebeste o livro sobre a Escravidão. Mandei-o levar pelo Alseman (*assim pronuncia-se pelo menos o nome delle*), que foi para a Bahia no dia posterior ao do recebimento de tua carta.

A proposito do livro, conversemos. Devo dizer-te que os meus *Escravos* estão quasi prompts. Sabes como acaba o poema? (Devo a S. Paulo esta inspiração). Acaba no alto da serra de Cubatão, ao romper da alvorada sobre a America, enquanto a estrella da manhã (lagrima do Christo pelos captivos) se apaga pouco a pouco no occidente. E' um canto do futuro. O canto da esperanza. E nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre... Mais tarde dar-te-ei a explicação d'este enigma das minhas creanças. Entretanto, trabalha! Talvez em breve possas fazer muito pela *nossa idéa*. Escreve o teu livro. E' verdade! Devo dizer-te que houve aqui um brilhante sarão litterario. Pianistas, cantoras, oradores, valsadores, virtuosos, etc., etc. Foi uma bella reunião, quasi um baile. Ahi me achei, e, entre amigos, se algum dia obtive um triumpho não foi noutro lugar.

Recitei uma poesia logo no principio da sessão e.. fui extremamente feliz. Muitos lentes da Academia ahi se achavam, o Saldanha Marinho, etc., e todos me receberam da maneira mais lisonjeira. Imagina que até a senhora do Consul inglez (uma ingleza! meu charo) veio enthusiasmada dizer-me: "*Mim gostar muita da sua recitativa*"!... E depois

fizeram-me recitar *As Duas Ilhas*, e depois *A Visão dos Mortos*, todas bem acolhidas. Os jornaes de S. Paulo, se quizeres ler, de 30 ou 29 de março, publicaram-nas precedidas de algumas palavras.

O que queres? Em toda parte tenho encontrado uma patria, menos na Bahia... na terra dos O O O Rabellos e B B B Barrettos!... mas que importa? Não é verdade que estes sandeus não são capazes de fazel-a odiar?

Passemos adiante.

Então V Ex. tomou a palavra na Assembléa, brilhou, e nem siquer mandou-me a sua eloquencia em lettra redonda? E' demais! Entretanto fique sem exemplo.

A preguiça, que para mim é uma couraça contra as arguições dos amigos, para ti de nada serve. Agora devo concluir. Escrevo-te á noite. Faz frio de morte. Embalde estou embuçado no capote, e esganado no *cache-nez*... Homem feliz, que tu és, Augusto! A estas horas súas á fresca nos lenções de linho, enquanto eu estou gelado com as meias de lã...

Olha, se leres poesias nebulosas, germanicas, tiritantes, hybridas, acephalas, anomalas... não critiques nunca antes de ver se são de S. Paulo, e se forem... cala-te.

S. Paulo não é o Brasil... é um trapo do pólo pregado a gomma arabica na faldá da America (como diria o Tobias).

Adeus, meu charo Augusto, recebe um abraço do teu do coração. — *Castro*."

Cf. com o original autographo cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

Plb. por Mucio Teixeira, op. cit., pags. 94-98, e Xavier Marques, op. cit., pags. 174-175, com algumas omissões.

XIII

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (IV)

Meu charo Luiz Cornelio. — S. Paulo, 25 de maio de 68. — Muita saude. Muita felicidade e á Exma Familia. Escrevo-te á pressa.

D. Eugenia te escreveu largamente. Tudo quanto por ella fizeres é mais do que se fosse a mim.

Dize ao tal Editor que eu no prologo, que já está prompto, tenho de citar pedaços do drama, que não tenho obrigação de saber de cór. Demais, quando vendi-lhe o drama por uma miseria, foi exigindo cópia que não póde negar. E' demais... Publique o drama, se quizer, sem prologo, mas não me queira fazer perder um conto, por causa de 200 réis.

E' verdade. O nome do Salgado é Victor Augusto Monteiro Salgado. Agora um, dous e muitos e muitos abraços do teu do coração. — *Castro Alves.*

As comedias de D. Eugenia?

Inedita. Cm. pelo Sr. Octavio Filgueiras Cornelio dos Santos.

XIV

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (V)

Meu charo Luiz Cornelio. — S. Paulo, 24 de agosto, 68. — Parabens pelo feliz nascimento de teu filhinho. Bem vês, dou-te os parabens sem que me houvesses participado cousa alguma; mas o Palhares, que aqui esteve, e que assim me deu

uma agradável surpresa, contou-me este feliz acontecimento, pelo qual eu me apresso em te felicitar.

Obrigado pela remessa que me fizeste do 1.^o acto do *Gonzaga*; veio elle com a precisão que sempre tens, por tua bondade, em obsequiar um amigo. Pois creio, meu Luiz, que — post tantos tantosque — vae o meu drama á scena. Bem? Não sei se bem, mas creio vencida uma grande difficuldade, pois aqui temos um *Gonzaga*: é o Sr. Costa, moço que debuta nestes dias, e que junta uma agradável figura a um agradabilissimo talento.

Acusas-me de não te haver escripto, pois faço-o agora, e acrescento a isto o facto de te ir incomodar. Trata-se do seguinte: 1.^o Possui esta terra de S. Paulo estupidos alfaiates. 2.^o Preciso de algum fato do Rio. Far-me-has o obsequio de ir á casa do Sr. João Francisco Rebello, Rua do Ouvidor n. 104, e de dizer-lhe que a minha pessoa tem mais ou menos as mesmas proporções phisicas do Cardoso de Menezes (estudante aqui) filho do Dr. Cardoso de Menezes, pessoa dahi muito conhecida, cuja *medida* elle tem. (Digo que este alfaiate tem a medida do Cardoso filho). Póde, pois, por ella, regular-se na confecção da roupa de que te fallo, e que deve constar de 1 palletot preto, um dito de casemira, duas calças e dous colletes de casimira, sendo uma clara e outra escura (fica ad libitum de ti a escolha) Peço-te toda e toda a pressa na remessa, se fôr possivel logo no vapor immediato, pois me será precisa até o 7 de setembro. Manda antes dizer o que custa, para te enviar.

Adeus. Bem vês que te escrevo e até te masso; a culpa é tua. Para outra vez espero que não me pedirás que... te importune. Adeus. lembranças ao Pedro Coelho; acceta muitas recommendações de D. Eugenia. Apresento os meus protestos de es-

tima a tua Exma. Sra., e, quanto a ti, crê que sou teu do coração. — *Castro Alves.*

Inedita. Idem, idem.

XV

AO ACTOR JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO DE SOUZA

Meu caro e illustre Artista.

Escrevo-lhe antes de tudo, para dar-lhe os meus parabens entusiasticos e manifestar-lhe o prazer que sinto por ter podido enfim conhecer o mais glorioso artista da scena brasileira, cujo nome de ha muito chegara a mim coberto de applausos, mas não de tantos quanto merece e d'alma neste instante lhe dou.

Agora conversemos sobre o nosso "Gonzaga", nosso, sim! porque elle amanhã será tão seu quanto meu, seu pelo direito da criação artistica, meu apenas pelo direito da invenção dramatica. mais seu ainda porque ha de dar-lhe alma, ao passo que eu apenas dei-lhe corpo (permitta a expressão).

Leo-o? Julga-o digno de si?

Não o creio; mas conheço tambem que o olhar do artista, descobre no mais insignificante tecido dramatico coisas que os profanos não enxergam; e depois, quem sabe lá (mesmo o auctor) se o genio ahi onde ha muita vez um chão liso e vulgar, não descobre uma arena brilhante onde o seu poder se ostenta? Deve haver mesmo estes orgulhos do talento. — Fazer de nada — tudo. Do pequeno — grande. Do insipido — sublime.

Como quer que seja, inclino-me a crer que honrará o meu "Gonzaga" Nesta hypothese, pois, conversemos um instante.

Sabe que o meu trabalho precisa de uma plateia illustrada. Precisa talvez mesmo de uma plateia *academica*. O lyrismo, o patriotismo, a lingoagem creio que serão bem recebidos por corações de vinte annos, porque o Gonzaga é feito para a mocidade. Mesmo talvez este desnortear-me do trilho e estylo seguidos lhe seja merito perante tal publico. Porque não o levaremos já? O quinze de outubro está a bater ás portas e a chamar os espiritos para os sonhos das ferias, a dar cabo dos jornaes academicos, a mandar-nos pensar nos maldictos *actos*.

Approveitemos o nosso publico. Ha talvez porém difficuldades para a Empreza. Se esta é a razão, eu me incubirei de montar o drama. De mais accresce que, julgo, breve terei de ir ao Rio tratar de um negocio meu. Quanto não perderei então não ouvindo-o no meu trabalho.

Emfim, concluindo, devo confessar-lhe que tenho mesmo impaciencia de apreciar-o, impaciencia de vel-o dar vida e alma a estas pallidas sombras que um dia creei de coração, e cuja caricatura na scena da Bahia deu-me impetos de atirar ao fogo como as mães da China o fazem com os filhos — monstruosos —.

Aperto-lhe aqui a mão, contando desde já que meu pedido não seja indiscreto; se o fôr, porém, a culpa é do seu talento que me encheu de desejos de que me emprestasse um pouco da sua gloria para o meu escripto.

Creia que sou seu muito admirador — *Castro Alves*.

S. Paulo, 25 de Setembro de 1868.

Inedita. O autographo, agora em minhas mãos, foi-me offerecido pelo illustre Poeta Alberto de Oliveira.

XVI

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (VI)

Luiz, meu charo amigo. — S. Paulo, 4 de novembro de 1868. — Ha seculos que não me escreves. Não terás recebido cartas minhas? Ou tens tido preguiça? Como quer que seja, o passado é o passado, e a esta peço-te que respondas.

D. Eugenia escreveu ao Vasques. Trata-se de levar o “Gonzaga” no Eldorado.. fazendo o papel de protagonista o Joaquim Augusto. Creio que será um grande negocio para o theatro, visto como é a estréa de dous grandes artistas retirados ha muito tempo de scena do Rio de Janeiro, e a representação do meu drama, que tanto movimento fez na Imprensa e que aqui, na ultima prova, a da scena, acaba de obter um successo immenso, um verdadeiro triumpho.

Peço-te pois que procures o Vasques e o excites a accètar o negocio proposto, que espero lhe será muito vantajoso. Escreve-me immediatamente.

Adeus. Recommendações a tua Exma. Sra. e aos pequenos. Sou sempre o teu amigo do coração.
— *Castro Alves.*

P. S.

Trate disto ao menos por interesse de algumas gangas que a D. Eugenia se compromette a dar ao mestre.

Inedita. Cm. pelo Sr. Octavio Filgueiras Cornelio dos Santos.

XVII

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (VII)

Meu charo Luiz. — Estou, ha 20 dias, de cama, de um tiro que dei em mim, por acaso. Este desastre cahiu-me na peor occasião. Bem vêes que eu não podia escrever, e nem mandar por outro escrever para minha familia isto, e só alguns dias depois é que tive portador seguro que foi á Bahia para explicar tudo, sem que em casa fiquem muito aniquilados.

Como quer que seja, só daqui a um mez terei dinheiro, o que muito me incommoda. Visto que estou com grandes despezas, e em constantes consultas, conferencias, e etc. Manda-me algum dinheiro se poderes.

Estou exausto.

Recommendações á Exma. Sra. Lembranças aos pequenos e um abraço apertado do teu velho amigo e baleado. — *Castro Alves.*

Inedita. Idem, idem.

XVIII

AOS AMIGOS DE S. PAULO

“Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1869.

“Eis-me na côrte ha quatro dias, eu, pobre invalido, que não podia chegar até a sala!... Que força, que móla extranha deu vida ao cadaver? Foi Deus. O Deus de Lazaro sustentou-me nesse instante em que a amizade acompanhou-me.

E custou-me bem aquelle ultimo abraço a bordo, á tarde, quando o vento do mar começava a trazer não sei que tristeza do frio das vagas, quando uma nova peregrinação de penitencia começava.

Custou muito. Custou como agora, que eu estou lembrando-me do passado, do tempo em que eu soffri, mas no qual a cada dor, que me lacerava, tinha uma mão de amigo para apertar. Seis mezes vividos na communhão mais santa — na communhão do pensamento, seis mezes em que a minha cabeça desfallecida encontrava sempre um bom coração — onde repousar . . .

Lembram-se das noites de 30 de Março e primeiro de Abril? foi a affeição que me salvou.

Mas para que desfiar este rosario santo de saudades e gratidão? Fallemos de viagem. Foi boa, ou antes soffrível. O vapor jogava horrivelmente, uma orchestra horrivel de enjoados fazia-se ouvir nos beliches, accrescentando a isso o meu estado de fraqueza terão idéa do que padeci durante a travessia. Mas as maiores provações deviam ficar para o fim. A's 11 horas do dia 21 percebi através das janellas da camara os mastros dos navios ancorados no porto. N'isto resumiu-se toda a perspectiva da minha viagem e da entrada n'esta majestosa bahia.

Só ás duas horas pude sahir, ser carregado de bordo para o trapiche. Que dores, meu Deus! Por ser muito longa a ponte do desembarque tive de ir sobre uma carreta, para isso preparada pelo incansavel Dr. Rubino até a rua. Ahi entrei num carro, onde bebi quasi durante duas horas *as fezes do calice*.

.. .. .
Agora resumamos os ultimos factos.

Estou na rua do Silva Manoel n. 3, em casa do meu bom amigo Luiz Cornelio, onde não me tem

faltado uma verdadeira familia, e as melhores provas de boa amizade.

Os medicos sondaram a ferida e decidiram que o pé se podia conservar. O estado do peito é melhor. Não tenho tosse e já durmo sobre o lado esquerdo. O pé não teve novidade, á excepção do abcesso, que de novo veio a furo, e que eu mesmo abri.

Eis o que eu vejo, mas tudo póde ser artificial; talvez que uma excitação nervosa, uma vida ficticia me anime ainda, porém me abandone em breve.

Meus amigos, agora, adeus! Se o braço tivesse força, longa seria esta carta; mas, se o meu coração não cansa de os estimar, a minha mão desfallecida me diz que cesse de escrever...”

Pbl. no “Correio Paulistano”, de 30 de Maio de 1869 e reproduzida por Xavier Marques — Op. cit., pags. 176-7.

XIX

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (VIII)

Meu bom e querido Luiz. — Bahia, 28 de janeiro de 70. — E’ esta a segunda carta que te escrevo; na primeira noticiava-te a minha viagem com todos os pormenores, a minha chegada com todas as suas emoções. Mas, em balde esperei resposta, e só hontem (27), chegou-me ás mãos tua carta de 17 do passado. Por ella vi que não havias recebido a minha primeira, o que me força a reproduzir idéas que nella se achavam.

Assim, dizia-te eu, que minha viagem fôra boa, apesar de longa, que o ar do mar, e o clima patrio me haviam trazido uma melhora mais ou menos pro-

nunciada, desde logo, e o prazer de rever minha familia, *depois de procellosas tempestades*, trouxe-me *esperança de porto e salvamento*. Inutil é dizer-te que ahi protestava, como agora protesto, que este coração é todo teu, e nestes votos de amizade todos aqui me acompanham.

Desde que dahi parti, fiz o proposito de publicar os meus versos, como sabes. Dest'arte me tenho occupado em colleccioná-los, e agora que se acham promptos, quero passar á realização de meu plano. Antes de vir, falei com o Dupont & Mendonça, que me disseram que uma edição de 50 poesias, regulando mais ou menos 250 paginas, com encadernação *demi-chagrin*, papel de melhor qualidade, retrato lithographado, tudo feito em Paris, poderia montar no maximo em cinco mil francos. Não me convindo, pois, ceder direitos a editor, só me occorre fazer tudo isto á minha custa, sujeitando-me a lucros provaveis e a damnos possiveis. Para isso, autorizei aqui ao Augusto Alvares Guimarães a pôr a tua disposição a quantia que contratares com o Dupont, ou com algum outro, que faça as mesmas vantagens por menor preço. Para isso ha de ser preciso contracto, que farás, remetterás, etc., etc., entendendo-te em tudo com o Augusto.

Pelo seguro receberás a collecção de poesias, na ordem, e disposição de estrophes, em que desejo que sejam publicadas. O Mello Moraes a quem escrevo, e que é amigo do Dupont, e entende mais do que nós destas cousas, póde servir-te de muito. E' inutil dizer-te que sejas exigente em beneficio meu; e vê se me arranjas condições de uma edição *chique*, como nós imaginavamos. Sobre as *Espumas Fluctuantes* basta.

Entretanto, ainda duas palavras sobre materia equal. Manda o *D. Juan*, que ficou dentro da caixa do chapéu. Quem tal diria? Um conquistador... Manda ao Chico ou ao Augusto.

Agora digo-te que escrevo-te hoje ás sete horas da noite, e que amanhã, ás 10 horas da manhã direi de novo o *Farewell* de Byron aos patrios lares, e irei scindindo as ondas do Paraguassú, em demanda da solidão profunda dos desertos, para apascentar, como Saul, os desesperos de meu espirito, e aviventar este sangue exaustado e empobrecido pela tristeza e pelos soffrimentos.

Isto não obsta a que me escrevas; e quando o faças endereça as cartas ao Chico, que m'as fará chegarem ás mãos. Aqui ou lá será sempre com prazer que receberei lettras tuas.

Então o Benjamin partiu e Ella fina-se pensativa e triste de saudades e maguas? E Maria Candinha a quem *cada vez a manhã beija mais linda*, continúa a ser o riso e a festa dos corações e dos espiritos? Ai! Sim; faz pena deixar tanta coisa bonita e ir por este mundo a tropeçar em mulheres feias. Dá muitas lembranças e diz-lhe que eu por aqui lhe tenho creado a justa reputação de uma das meninas mais interessantes que tenho visto.

Fallas-me no Chico. Chico, meu amigo, admira-te, venera-te, falla de ti como de um dos grandes apóstolos do solo. O solo, não sabes que hoje elle só pensa em cortar uma vasa, em embarcar uma manilha, e como supremo ideal furar um bólo natural em ouros!.. Ah! o Chico já traz adherente ao paletot um baralhinho, e inventou uma mesa portatil e volante para jogarmos a cavallo, por estes sertões a fóra. No mais — o mesmo Chico

tem feito do piano o berimbau do Alcazar. Mesmo em noites, onde não ha lua, ha cataclysmas.

A proposito de cataclysmas, eu não tenho soffrido tanto, quanto ahi padecia. Julgo mesmo que notaveis melhoras se têm manifestado, e se as moças fossem thermometros. . . eu diria que já estou mais gordo, sim, menos magro.

Sem proposito — o Egas esteve aqui ha dias e de ti dei-lhe noticias. Delle, porém, o que hei de dizer-te? O Egas é sempre o Egas — nedio, barbado, risonho, guloso, enfim, uma gargalhada que tem fome.

Como vae o Palhares? Inda sonha com as glorias de Talma? E o Pedro Coelho? Ainda lucha com o grande Autor, ou tem muitas esperanças no Diogunculo? E o Gabriel? como passa? Inda perde muito no sólo? E o Bernardo? Ainda joga o jogo fino?

Adeus, meu caro. Peço-te que me recommends muito especialmente a D. Mariquinhas, a minha cuidadosa e desvellada enfermeira, ao Dudú, o futuro poeta, a Xaxande, o futuro ministro, e ao Vico (com licença de D. Mariquinhas) o futuro banqueiro desta praça. Todos daqui se te recomendam e á tua familia. Meus cumprimentos a D. Candida, D. Eulalia, ás meninas e um abraço a todos os amigos. E tu recebe um apertado abraço teu amigo do coração. — *Castro Alves*.

P S.

Conheces a letra desta carta? E' do Augusto.
o autor do romance — *Auzira!*

Inedita. Cm. pelo Sr. Octavio Filgueiras Cornelio dos Santos.

XX

A D. ADELAIDE DE CASTRO ALVES

“Sinhá de meu coração.

Currallinho, Fevereiro de 1870.

Recebi tua cartinha que veio dar-me infinita alegria; por momentos acreditei que estavas ao pé de mim, minha querida irmã! e esta illusão fez-me feliz. Perguntas-me como estou? Não sei se melhor. A viagem porém fatigou-me muito, porque, em razão dos *negocios* do Chico tive de ir a toda pressa. Nos primeiros dias soffri uma forte constipação; agora porém cessaram estes incommodos.

Aqui estou com saudades tuas e de todos. *Ter saudades* é a minha vida. Já não ouço o teu piano, já me faltam os teus cuidados. Que é feito da *Bambula*, e do Canto de Boabdil? Ahi vão as — *Aves de Arribação* — escrevia-a ha dias. Deves copial-a para a collecção. Responde-me a duas cartas que te escrevi. Manda a *Vida-Parisiense* para Leonidia, manda-me noticias de tudo. Não dês lembranças senão a D. Maria, pois é a unica pessoa a quem desculpo o não me ter escripto.

Agradece a D. Joanna e a Florzinha os obsequios que me têm feito, e tu, minha queridinha do coração, recebe todo o amor de teu irmão — *Cecéo.*”

Cf. com o original autographo em. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. por Xavier Marques. — Op. cit., pag. 182.

XXI

A AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (IV)

(De Currealinho, Julho de 1870)

.. .. .

“Vou passar este mez em chambre a tomar leite na fazenda do Franklin, em Santa Isabel. As vacas me inspirarão alguma ecloga? Descreverei algumas Dametas a rivalisar em tyrannas com um Menalca d’aquellas regiões?... O que houver tu verás. Porque infallivel e impreterivelmente estou ahi no fim de Agosto até os primeiros dias de Setembro.

Quero ver a minha Venus sahir das Espumas, e baptisar o Victor. Pelo Gregorio que deve vir já e já escreve-me e manda-me novidades e alguma fôrma do livro se já estiver prompto.

..

Teu amigo muito do coração — *Cecéo.*”

Cf. com o original autographo, cm. por D. Adelaide Castro Alves Guimarães. Pbl. por Xavier Marques — Op. cit., p. 184.

XXII'

À SRA. LUIZ CORNELIO DOS SANTOS

D. Mariquinhas. — Quanto não me ha de julgar ingrato por não escrever constantemente como devia ao Luiz! Mas seria contar pouco com a bondade affectuosa que sempre dispensou ao seu do-

ente! Não! A Senhora deve-me ter feito a justiça de pensar que motivos valiosos me privaram de constante e aprazível communição com pessoas a quem aprendi e sei prezar do fundo d'alma. Se lhe disser que do sertão, só com demora de dois mezes, chegavam aqui as minhas cartas e que desde a minha chegada, tenho estado em completo trabalho com a publicação do meu livro, talvez me desculpe a supposta negligencia.

Aqui, minha Senhora, tem sempre a delicada D. Mariquinhas muitas affeições. Olhe. Esta phrase acaba de me ser ditada por uma de minhas Irmãs e é o que me pede que lhe diga toda a minha familia.

Espero ainda poder repeti-lo se algum dia voltar, como penso, ao Rio de Janeiro, onde deixei tão boas sympathias. Como tem passado a Exma. Sra. D. Eulalia? Ainda goza a Senhora sempre de sua amavel companhia? Como passam as Nhã-nhas Maria Candinha e Demdem? e a Exma. Senhora sua Tia? E todas as pessôas de sua Familia? Não lhe pergunto pelo Benjamin, porque elle está talvez zangado commigo por não lhe ter escripto, mas deixe estar que dura pouco, breve faremos as pazes, pois muito o prezo, assim como ao meu bom amigo Gabriel.

Minha Irmã Adelaide, pede-lhe licença para offerecer o seu retrato, e Eliza envia-lhe, em falta do seu, o de minha sobrinha pequena — Iásinha — Breve lhe enviarei outros; pois quero que conheça toda minha familia que tanto lhe deve indirectamente.

Já pedi tanta coisa ao Luiz que tenho vergonha de pedir mais. A' Senhora, pois ficam encomendadas estas musicas para Sinhá. O papel acaba-se.

Recommende-me a todos, especialmente ao Dudú, ao Xaxande e ao pequenito. Sou, minha Senhora, seu amigo e obr. — *Castro Alves*.

Inedita. Cm. pelo Sr. Octavio Filgueiras Cornelio dos Santos.

XXIII

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (IX)

Luis — S. Salvador, 30 de setembro de 70. — Um, dous, mil abraços. Eis-me chegado do sertão. Estou melhor. Breve te mando o meu livro e com elle o meu retrato. Escrevo-te duas palavras quando tenho um livro que escrever-te. Recebi tua carta no sertão. Que prazer ella me deu! Nem o imaginas. Ter um amigo como tu é ter duas vidas.

Manda-me a lista dos assignantes e escreve-me sobre o livro o que achas bom que faça. Devo mandar para casas de livreiros? Quaes? e quantos?

Esta carta será succedida por outra longa e clara. São só duas palavras para lembrar-me a Dona Mariquinhas, ao Dudú, ao Xaxande e ao... Pequenito; quanto aos nossos bons amigos, quanto a ti não é preciso lembrar-te o meu nome, diz-me o coração que não te esquece, que é teu, todo teu, o — *Castro Alves*.

Inedita. Idem, idem.

XXIV

AO DOUTOR DUTRA

“*Presado amigo Dr. Dutra.*”

S/c. 15 de Novembro — 70.

Recebi hontem sua presada carta. Por ella vejo que não recebeu ainda os livros, creio porém que ser-lhe-hão entregues desta vez. Então breve terei o prazer de vel-o? Será para mim subido gosto.

Teria muito que escrever-lhe se não contasse conversamos em poucos dias.

Diz-me que esqueci o seu pedido; satisfaço-o porém agora, sentindo extremamente não poder enviar-lhe um primor como me pedia o coração; mas ha de concordar que, além da minha insufficiencia, ha assumptos que assoberbam o espirito. Como conter o infinito num espaço dado? Como descrever sentimentos de orphão em quatro versos?

Ahi vae a estrophe. Desculpe-a.

Recommende-me a seu Pae. Dê lembranças ao Chiquinho e ao Antonio Carlos e mais amigos.

Estimo os seus protestos de amizade, em compensação apenas devo lhe dizer que costume ser hoje o que fui hontem; portanto, que deve acreditar que não faço alteração no meu modo de pensar por indiscreção natural ou habitual.

Sou pois seu affectuoso amigo — *Castro Alves*”.

Cf. com o original autographo, cm. por D. Adelaide Castro Alves Guimarães. Pbl. por Xavier Marques — Op. cit., pags. 186-7.

XXV

A LUIZ CORNELIO DOS SANTOS (X)

Meu Luiz do coração. — Tua casa, Bahia, 3 de novembro de 1870. — Antes de tudo, um abraço, longo e fortemente apertado, ao meu dilecto amigo. A minha carta desta vez é o meu livro de versos. Conversaremos juntos por meio d'elle, assim o espero; o resto, o teu coração suprirá, juntando muita pagina que ficou em branco de minha vida, desde que de ti parti.

Vão muitos livros. Tú lhes darás o competente destino; apesar de muita amolação que isto te ha-de causar; és tão bom, que fazes que os amigos abusem de ti. A proposito, mandei chamar o Egas; vio-o; mostrei-lhe tua carta; disse-me que tem te escripto; quanto a estar zangado, quem o póde contigo, meu querido?

Augusto te escreve, a respeito dos livros, eu não! Só tenho a te dizer que não extranhes não te mandar, e a mais amigos, alguns volumes. Sobes porque? Estou á espera de alguns exemplares, que mandei editar em papel melhor e aos quaes juntei a minha effigie. Não pelo simples desejo de mostrar obra de autor em frontespicio; mas para lhes provar que, apesar de *tantos e tão boas*, ainda não tenho as feições de um doente. Para ti, porém, outro é o meu pensamento — estar ao menos assim mais perto de ti.

Peço-te que digas o mesmo ás Iaiás (como se chamam na minha terra) Maria Candinha e Demdém, a quem breve pedirei licença para dar este insignificante signal de recordação, assim como ao nosso bom amigo Dr. Azevedo, ao Dr. Matheus,

ao Benjamim, e aos meus bons amigos. Manda por tua conta alguns exemplares que julgares conveniente ás redacções ou individuos que entenderes. Peço que mandes levar um com endereço por mim, (faze-o), aos Almeida Pires. A proposito, que é feito do Mello Moraes?..

Creio que vão exemplares, para as livrarias. Dizer-te que faças o mais e o melhor que poderes, é inutil; pois bem sei quanto te interessas pelo teu amigo.

Pedias-me versos. Ahi vão de sobra. Olha. Tudo quanto sair a respeito de meu livro, quero que me mandes immediatamente. Se julgares mesmo qualquer artigo deve ser transcripto no "Jornal do Commercio" vê se o obtens, por qualquer preço.

Nos offerecimentos que fizeres ás Redacções dá quanto julgarés preciso á vaidade de seus redactores. Quem vai á pesca, deve levar anzóes (e não espingada, como tu fazias). Manda-me dizer se estão no Rio o Ferreira de Menezes e o Salvador de Mendonça. Não sei se já conheces o meu primo Dionisio de Castro Cerqueira, distincto estudante do segundo anno de engenharia, moço digno de toda amizade e admiração, como talento e como caracter. Procura conhece-lo, se poderes, quando tiveres de enviar-lhe (creio eu), os volumes. Os meus amigos quizera que o fossem tambem entre si. O que é bom serve de iman ao que tem eguaes sentimentos.

Como vão os nossos queridos Xaxande e Dudú? E o pequinito? Como se chama? Ha na Providencia uma mão que enxuga toda lagrima. Possam os risos do teu filhinho fazer-te esquecer a saudade do bomsinho do Octavio. Não imaginas como senti! Mas não recordemos tristezas.

Luiz. se eu consentisse ao meu coração que te escrevesse quanto quizesse, acabava... resmas de papel.

Luiz. Dá mil lembranças ás pessoas que ainda se lembram de mim, e ás quaes eu devo tantas delicadezas, e tu crê sempre que é teu, na vida e na morte. — *Castro Alves.*

Inedita. Cm. o original pelo Sr. Octavio Filgueiras Cornelio dos Santos.

XXVI

A JOSÉ DE ALENCAR

Exmo. Snr. Conselheiro. — Outro fôra o livro que eu quizera offerecer a V. Excia. Seria a florescencia de um espirito que não desmentisse o prognostico de futuro que fez-me V. Ex.

Se o sopro do infortunio matou a seiva que por acaso vigorava-me o estro, não gelou no seio o sentimento de gratidão que me prende ao meu Ilustre Mestre e Amigo.

Ao primeiro litterato Brasileiro, eu entrego cheio de alegria o meu trabalho porque sei que o receberão mãos de amigos, benevolencias de um talento soberano.

V. Excia. sabe com que prazer eu me declaro sempre, Sr. Conselheiro,

Muito amigo; muito admirador — *Castro Alves.*

Inedita. Carta-dedicatória de um exemplar das "Espumas Fluctuantes", enviado a José de Alencar cm. por Mario de Alencar.

XXVII

A EUNAPIO DEIRÓ

“Meu illustre e estimado Dr.

(Fragmento — Bahia, 1871.)

Com que alvoroço li a sua carta! Como vi nella a franqueza espontanea deste seu coração de artista — que corre a dar um grito de animação a todo espirito que lucha neste pedregulho safaro da litteratura!

E que ao envez do nome de *estereis* que dá aos criticos eu vejo nelles, nesta abstinencia de produzir — uma cousa a que se podia comparar a castidade do cenobito. Olhe, creia, são de invejar essas almas que nunca deturpam o seu ideal no amesquinamento da formula... que jámais amassaram um pensamento de luz no gesso lodoso da prosa ou do verso. e que ao envez de Cellini, depois das horas de um labor insano, nunca viram transformada a taça que idearam no pote de barro da realidade.

Não se lembra d'aquellas palavras do seu Larmartine: “Entre o que se sente e o que se diz vae a mesma distancia que entre a alma e o alfabeto — o infinito! Do que está escripto nada é bello. O que ha de divino fica no coração. O instrumento é tosco — a nota é de fogo!”

Pois é o que eu penso quando vejo espiritos elevados, imaginações brilhantes como a do meu illustre amigo, preferirem o silencio do Raphael á turbulenta anciedade do trabalhador que lucha e cansa e sua.. e depois.. pede a Deus coragem para não quebrar a penna.

E' tambem o que eu sinto quando atiro a este mar os esboços incompletos de meu pensamento, á espera que elles voltem-me um dia (para meu estudo) torcido ou moldados pelas vagas da opinião...

Mas aqui, bem o sabe, o publico não é mar, é poço, não se mata por tempestade, é por estagnação, e o escriptor parece menos com o rei que atirava a joia ao pelago... do que ao creado dos mosquiteiros que divertia-se em cuspir no Sena. Aqui ninguem pensa em voz alta. A espaços sómente a sua voz autorizada e clara denuncia ao Brasil um livro, ou um nome — como protesto a nossa. não — litteratura.

Mas vou me fazendo longo e devo concluir de tudo isto duas cousas. A 1.^a que sua carta foi para mim um motivo de prazer. A 2.^a que não ha publico que excite ao trabalho. E como, meu amigo, quer o folhetim — esta intimidade do pensador com o leitor — numa terra onde as relações espirituaes não chegam sequer á etiqueta?

Como póde rir e conversar, fazer confidencias e tratar por — tu —, passear de braço dado o folhetinista com uma sociedade onde elle não tem o direito a uma cortezia?

Nesta cidade onde as ladeiras cavam profundas divisões entre os corpos, — ha tambem ladeiras entre as almas: cada homem vive aqui num raio desta estante que se chama Bahia. e cada alma numa prateleira... ou vice-versa, se quizer.

Não crê como eu na difficuldade do Folhetim entre nós?.

Mas tudo isto pouco importaria. E o desejo, assás lisonjeiro, que me manifestou, de ver-me entrar ahí seria para mim uma ordem, se força maior não me obstasse.

Sabe que ha muito soffro constantemente, e poucos momentos me permitem os padecimentos para escrever. Agora principalmente, talvez com este maldito inverno, têm elles augmentado, de sorte que a qualquer momento vejo que partirei para o Rio ou para o Sertão — como quer a medicina.

Depois eu penso que ao folhetinista é indispensavel esta ubiquidade, esta vida activa, este roçar de vestidos de seda, estes risos que se cruzam, estas mulheres que se encontram, estes amigos que inspiram a vida, o movimento, a mocidade, a cidade com o seu bulicio, o camarim com o seu almiscar, muito dos tectos, pouco do céu, muito de flores, pouco de florestas, os tapetes em vez das relvas, a phantasia em vez da meditação.

E bem sabe, meu amigo, quanto vae esta longe da minha vida. Nem Henrique Heine pôde ficar folhetinista no leito da paralytia. A minha vida isolada pede mais a poesia, que ás vezes é um monologo... pede mais o verso... que é uma cristallisação. Os rios correm á luz do sol... as gottas petrificam-se nas grutas. ”

Cf. com o original autographo, cm. por D. Adelaide Castro Alves Guimarães. Pbl. por Xavier Marques — Op. cit., pags. 187-9.

CARTA ÁS SENHORAS BAHIANAS

Pedem-se donativos para uma sociedade abolicionista.

Quem pede?

Quem pede são os homens, que vos dizem simplesmente: — Para nossos irmãos!

São escravos, que vos repetem com a monotonia da verdade: — Para nossos filhos!

E a quem se pede?

Não é a vós, banqueiros ou millionarios, ricos ou poderosos. Não! Ha um instincto e um pudor neste pedido.

O pudor diz — a esmola de uma moça não humilha.

O instincto diz — o coração de uma virgem não faz economias.

Pede-se a vós, senhoras! a vós, donzellas! a vós, crianças!

A caridade pede *a vós, que sois a caridade.*

E' que o nosso coração acostumou-se a encarnar a virtude primeira do Christianismo na fórma purissima da mulher — Charitas.

Symbolo divino... esta figura, cujos braços semelham duas ramas pesadas de fructos, em cujo

regaço as crianças abandonadas se entrelaçam como as aves de um só ninho... sob cujo manto cobrem-se os nús, e dormem os cansados... esta figura benéfica — é a synthese de uma religião... é a deificação de uma classe!

Acolá está todo o espirito do Christianismo, todo o futuro da mulher nas sociedades modernas.

De seculo em seculo os homens ganharam um palmo no terreno da liberdade e do pensamento. As victorias da mulher foram no terreno do amor.

O Christo disse aos apóstolos: — Ensinai a todas as gentes! — Mais disse ás mulheres: — Amai a todas as gentes!

O amor era uma corôa; desde então a caridade foi um resplendor. Houve dilatação no circulo dos affectos.

A estatua da esposa grega tinha os pés sobre uma tartaruga para lembrar-lhe a immobildade do coração.

— Teu universo é o lar.

Vêde-lhe a antithese! Um vulto ideal de moça traz nas sandalias o pó de todos os hospitaes para lembrar-lhe a universalidade de seu coração. — A irmã de caridade tem por lar o mundo inteiro.

— E' que os antigos mal tinham soletrado neste livro mystico, que se chama a virgem.

Para que fizeram os deuses a rosa lubrica dos labios? — Para o beijo, — diziam elles! Nós dizemos, — tambem para a prece!

A mão alabastrina da musa saphica vae bem na lyra eburnea, mas é divina levando um crucifixo á bocca de um moribundo.

Achais formosos os cabellos da Venus mariinha, ainda rorejantes das perolas do oceano?!

Eu chamo de sublime á cabelleira loira da Magdalena, quando enxuga os pés do Christo.

— Depois. Quereis que vos diga a verdade? Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar e condemnar nesta questão.

Porque sois as bellas filhas desta idade, que se illustrou por George Sand e Emilia Girardin, por Mme. de Stael e Harriet Stowe.

Ainda mais: porque sois filha d'esta magnifica terra da America — patria das utopias, região creada para a realização de todos os sonhos da liberdade, — de toda extincção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realizou a emancipação dos homens, ha de realizar a emancipação da mulher. A terra que fez o suffragio universal, não tem direito de recusar o voto de metade da America.

E este voto é o vosso.

E' o voto dessas mães de familias que aprenderam no amor de seus filhos a ternura pelas crianças.. *ainda que negras..* E' o voto dessas virgens purissimas que choram de ver scenas repugnantes da escravidão turbando a poesia da familia.

O' mãis! O' virgens!

Protestai em nome de Maria — Mater Creatoris!

Protestai em nome de — Maria a virgem — Virgo castissima!

Houve um tempo em que a matrona de Sparta levava o filho ao banquete do opprobrio e da miseria moral.

O Iloa ebrio tinha a significação de distico espartano:

Enoja-te!

Hoje a matrona leva o filho ao ergastulo da

escravidão. — O escravo aviltado tem porém a significação de um verso biblico:

Compadece-te!

Nas horas sérias da humanidade, no berço ou no tumulto das grandes coisas; quando uma raça expira, quando um povo se ergue, quando um reino desaba, quando uma revolução se forja, um vulto eleva-se banhado nessa belleza mystica da fraqueza feminina, e por cima do turbilhão das almas indecisas passa a inspiração febre de Cassandra — a prophetisa! de Hypathia — a metaphysica! — o punhal de Judith — a regicida! — de Joanna d'Arc — a donzella! — ou a penna fulgurante de Beecher — a abolicionista!

E não terá chegado um desses momentos ?

Oh! que sim!

As ondas hiantes do seculo já apagaram ao longo das duas Americas todas as instituições escravocratas.

O diluvio da abolição veio lavar os continentes para as novas gerações. Só em torno desta terra brasileira é que roem as vagas a base do ultimo rochedo, que abriga as cousas que não de morrer.

Ha uma pagina assim no — *Céu e Terra* — de Byron. *Ao clarão sinistro e livido que tomou conta dos ares*, os vultos dos Archanjos amorosos elevam-se do abysmo, carregando nas asas refulgentes as noivas, que adoraram sobre a terra!..

O' virgem! O cataclysmo rebrama. Vamos! Entendei estas mãos alvissimas! Carregai para o céu dos livres estas criancinhas agoniadas que vos chamam balbuciando!

— E depois, vós bem sabeis, senhoras! A bondade é também uma belleza.

E quereis que vos diga? Eu penso que uma acção bonita deixa sempre um irradiamento no olhar, um relampago na fronte.

Ha dias em que a formosura deslumbra... é quando o anjo da guarda beijou contente a face da donzella.

Demais, o que é que vos pedem?

Pouco e muito.

— Pouco, pelo que vos ha de custar.. Porque, enfim, as flores de um bordado nascem melhor sob vossas mãos ligeiras do que os lilazes aos affagos da primavera. Ao vosso halito suavissimo o veludo amoroso rebenta em lyrios e em borboletas de seda... e o bastidor estrella-se de missangas, como se tece de constellações uma noite luxuosa do Equador.

— Muito, pelo resultado que isto importa.

— Imagino que estais só.

Acabastes de ler a ultima pagina de um livro querido, do vosso escriptor predilecto, a *Pata da gazela*, talvez... e ficais scismando... em que? no heróe, no desfecho (que sei eu?) nessas visões seraphicas que povoam os corações das virgens... Depois, como se a tristeza não vos ficasse de matar nesta cabeça espiritosa, sacudis a onda magnetica dos cabellos e deixais cahir entre perfumes a scisma que vos pesava como um diadema... que fazer?

Um desenho? Uma aquarella? Mas a palheta está guardada! o album vos foi pedido por alguém. Emfim é impossivel.

Se ao menos fosseis tocar aquella musica tão bella de Gottschalk — *Ojos criolos*, que o maestro compoz adivinhando os vossos olhos?!... Mas nestes dias de inverno o piano está humido e preguiçoso: demais, sois nervosa e as teclas geladas produzem um arrepio irresistivel.

Vamos, senhora, não ha remedio. Tirai de vossa cestinha de costura esses fios de seda ou de ouro. Sentai-vos ahi junto dessa janella por onde o céu vos mira sorrindo nessa limpidez do azul. Trabalhai, crianca.. assim!

Meu Deus! como sois bella! Sabeis? Sois a parodia celeste da Parca.

Tendes nos dedinhos côr de rosa o fio de uma vida.. mas um fio de seda.. uma vida de liberdade, tecida por vossas mãos angelicas, ó Genio de Caridade!

E agora eu vou concluir: mas antes deixai que vos lembre uma historia.

Dizem que houve uma rainha, em cujo regaço as moedas que levava aos pobres transformavam-se em flores.

Donzella! Vós tambem fazeis milagres. Em vossas mãos as flores vão-se transformar em ouro para a remissão dos captivos.

S. Salvador, Abril de 1871.

Cf. o autographo original com a primeira pbl. n.º "O Abolicionista", da Bahia (redigido por F. de Araujo e A. Guimarães), n.º 4, de 30 de Abril de 1871, cm. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães; reproduzida nas obras de Castro Alves, a partir da edição de "Cachoeira de Paulo Affonso", de A. A. da Cruz Coutinho, Rio, 1882.

CARTAS A CASTRO ALVES

SOBRE ASSUMPTO DE SUA VIDA E SEUS LIVROS

I

DE AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (I)

“Meu charo Castro Alves.

“Bahia, 22 de Janeiro 69.

Ha muito que te não escrevo; em Outubro recebi uma carta tua, escripta no Rio em Fevereiro; foi quando o Correio julgou opportuno trazer-m’a.

Soube por collegas nossos vindos d’ahi que havias dado um tiro no calcanhar, e que talvez te visses obrigado a fazer uma operação, que te poria defeituoso; sabes quanto sentirei se se tiver realizado o que suspeitavam. Corre que havias cortado o pé, mas não creio mais em boatos, desde que me affirmaram que tu havias perdido o anno, quando fizeste um brilhante acto e passaste para o 4.’

Corre tambem por aqui que o *Gonzaga* havia sido impresso na côrte; mas como não vi noticia alguma nos jornaes, não dei importancia ao boato; mas ultimamente lendo uns velhos annuncios do *Ypiranga*. vi um aviso a pessoas que quizessem

assignar a obra, para que o fossem fazer, por isso que só viriam exemplares para os assignantes.

Se assim foi, se a obra estava publicada, como ahi se dizia, qual a razão por que não veio nenhum exemplar para a Bahia, nem me mandaste um sequer?

Agora fallar-te-hei um pouco de mim.

... ..

Alguma hora vaga, que me deixam os trabalhos da opposição, tenho dedicado ao meu opusculo sobre a emancipação, que já vae bem adiantado: tenciono publical-o breve, talvez até Agosto veja a luz do dia este menino feio e fraco como o pae.

E' preciso que não sejas tão preguiçoso; actualmente, por exemplo, não tens nada que fazer; porque não gastas uns instantes em dar-me noticias tuas? Isto não tem geito algum. Quando tiver para ahi portador seguro hei de escrever-te longamente, embora tua proverbial preguiça me faça crer que não me lerás.

Adeus. Toujours à toi — *Augusto.*"

Cf. com o original em. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. por Xavier Marques — Op. cit., pag. 176.

II

DE AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (II)

"Meu caro Secéu

12 de fevereiro. (70).

Desculpa-me não te haver escripto. Adiante saberás da razão, porque sómente hoje posso fazel-o. Encontrei hontem o Chico; não sabia que elle

havia chegado com escala por Santo Amaro, onde foi, á procura de *solo*, provavelmente. Disse elle que havias chegado ligeiramente incommodado, por causa da viagem, e das más aguas, que te viste obrigado a beber pelo caminho; que tenha se dissipado esse incommodo, e que teus padecimentos se extingam com a influencia desse clima benefico é o que ardentemente desejo. Tenciono em Maio ir visitar-te, e muito me alegrará encontrar-te completamente restabelecido.

Tuas cartas seguiram no vapor do primeiro do mez, e é de crer que breve tenha de communicar-te alguma cousa relativa ao conteúdo dellas, especialmente sobre o que mandaste pedir ao Cornelio, que é o mais importante e ao mesmo tempo de mais facil solução.

Como disse-me o Chico ter em breve portador seguro para ahi, por intermedio d'elle remetto-te os quatro volumes do *Cosmos* do Humboldt.

Já dei principio ao que tenciono escrever a teu respeito, traços de tua vida de estudante, apenas, sem as minuciosidades, e as noticias litterarias, que só poderei escrever quando vierem-me as cartas de S. Paulo.

Escrevi tambem alguma cousa sobre o outro meu trabalho, que espero, estará prompto em maio, em que t'os levarei para sujeitar a tua douta e muito competente opinião.

Afinal affiançaram-me hoje na typographia que amanhã seria publicada a carta do Liborio, que já parecia-me ter encantamento. Li a prova da 1ª parte. O nosso poeta Souza offereceu á Sociedade Libertadora 100 volumes de um monumental opusculo para serem expostos á venda e reverter o producto em beneficio da emancipação. Mas, corrido por uma pateada na Academia de Medicina, e voltando

a razão (se é isso possível áquelle *monstro*), decidiu-se a retirar da circulação a edição, e foi-nos pedir que não expozessemos á venda, entregassemos os exemplares e contentassemo-nos com 50\$. Que remedio! Se expozessemos a venda ainda a cinco tostões, não acharíamos compradores, porque o nosso publico é pouco amigo de divertimentos para dar aquella quantia por uma carraspana de gargalhadas.

Sexta-feira hei de encontral-o no Bomfim, e, como já me dou com elle, hei de procurar ver se descubro a impressão que nelle causaram as publicações das cartas.

E já que estou tratando dessas cousas de litteratos, não levarás a mal que te participe que em um

Dias depois saiu ainda a seguinte rectificação:

“Tiburcio Vallasques assigna-se d’ora em viante — Tiburcio Valerio.”

Dias depois saiu ainda a seguinte rectificação.

“Tiburcio Vallasques nunca assignou-se Tiburcio Valerio: o que escreve é sabido.”

Vê lá que cousa divertida; o annuncio da mudança do nome, como a rectificação, são de eternas luminarias. Sabido o caso, deu-se assim conforme elle conta: sabendo o Tiburcio que saiam alguns artigos conservadores com a assignatura de F. Valerio, assentou que devia arredar de si a supposição da autoria. Então disse ao irmão que escrevesse um annuncio declarando que nada tinha de commum com o que, sob aquelle pseudonymo, se publicou. O irmão, que se achava a despachar canastras, ou sob a influencia de *distracções mais serias*, suppôs que o irmão quizesse mudar o nome e neste sentido escreveu o annuncio. Então parece que fez a rectificação, sob a influencia das mesmas *distracções*.

Desculpe a massada — talvez valha a pena a

que tive escrevendo isto, porque talvez dê alguma risada. O caso merece.

Estive ha dias com o Carolino de Lima Santos, promotor nomeado para o Conde. Sempre com falta de alguma cousa no cerebro.

Estive hoje na officina photographica do Henschel. Vi lá uns sujeitos que me apontaram como *i promessi sposi* das *duas pombas de esp'ranças* no teu *mar de escolhos*, mau gosto tiveram as meninas! São uns lagartos que se vão collocar nos taes lyrios dos vales orientaes.

Dou-te os sinceros pesames, ou parabens, porque deve ser uma consolação para os desprezados verem os seus *anjos de luzes* desposados com ruins marmanjos.

13 de fevereiro.

Sahiu hoje afinal a carta do Liborio. Era esse o motivo porque te não escrevi ainda. Mando-te um numero do *Diario*; a carta do Aleixo e a outra sobre as *phantasias*, que o preguiçoso do Liborio nunca quiz fazer-te irão brevemente, porque por toda esta semana serão publicadas. Saiu em bom dia, em domingo.

Estive com o Souto; lamentou muito chegar depois de tua viagem, e não poder ver-te; recebeu que chegando ahi não soffresses alguma cousa por causa de *extravagancias*. Se não me entendes é a mesma cousa.

Como vai aquella gorduchuda fregueza, tua antiga apaixonada, sobre quem me fallaste um dia, gabando-lhe a formosura, que foi aliás, no mesmo instante contestada?

Basta, por hoje.

Sei que não me respondes, salvo se o clima de Currealinho obrigar-te a sair de teus antigos habitos. Em todo o caso lembra-te da promessa que

me fizeste: escrever-me sempre, ao menos duas linhas, dando-me conta de tua preciosa saude.

Se tua preguiça foi ao ponto de esqueceres a promessa, e faltares á palavra, não deixes de escrever a tua familia, onde poderão ir buscar noticias tuas, os amigos, que como eu vivem á mingua dellas, e cada vez mais anciosos. Lembranças do Julio. Addio. Breve te farei um comprimento em allemão; estou muito adiantado. Sempre teu do coração. — *Augusto*.

P. S. Agora foi que vi que a carta está bisada. Sectarario do Gustavo (o do Rio Grande do Norte) neste ponto, que é amigo da *pragmatica* não podia deixar de fazer um *Post-scriptum*. Desculpe tambem a falta de nexo desta carta. Não tenho animo de lel-a. *De minimis non curat praetor*. (Signal de que não filei o latim, como diz o linguarudo do Egas.)

A proposito do Egas — descobriu este cão commercial (cão porque tem muito faro) que no Rio de Janeiro e em Montevidéu as confeitarias queixam-se de faltar de mangabas, que feitas doce etc., teriam grande extracção.

Acaba de fazer um grande carregamento dessa fruta.

Tambem compra *pevides* para exportar. Diz elle que em Portugal ha grande enthusiasmo pelas *orchatas*, e lá abarrotoou um brigue suco dessas *comida* de predilecção das filhas do D. Braz.

O Chico parece que está regenerado. Esteve commigo um quarto de hora e não me fallou no *sólume*. Parece que mudou a mania pela de cavallos, porque elogiou muito o que viu nas festas de Santo Amaro, e disse-me que esperava brevemente um que era muito bom, porém, pequeno — temos que ver mais um S. Jorge.

Estive ha dias em casa da menina que filava as bonecas das companheiras. Quasi que rio-me; para ninguem desconfiar contentei com rir-me interiormente. Está engordando, e por isso parece-me já menos *chique*. Gosto das meninas delgadas, *flaccidas*. Tratei de falar em teu nome e vi que era grande o interesse que todos manifestavam.

Lembro-me que ainda não falei de mim. Estou muito melhor.. e voltando eu aos meus antigos eixos. A *cutila* se amacia, o cabelo cresce e já vai deixando de ser *pello de rato*.

Quanto á barba faço-a continuamente, parece tomar juizo, isto é para não ficar douda, como dantes.

Tenho uma visinha casada que lembra-se de tocar sempre a *Vida parisiense*. Lembro-me tambem logo de ti, e dos bellos serões e mais prosas diurnas, succulentas e agradaveis que davamos. Abençoão então esta filha de nosso visinho (o qual no dizer do Tobias devia chamar-se Deus, que tem o prosaico nome de *Narciso*, e digo prosaico porque elle é velho e muito feio).

E' necessario concluir o tal P. S. vae ficando maior do que a carta. Quasi que sai o P. S. *cervicem equinum in humano capiti* (Horaco — *Arte poetica*). E' que tenho pouco geito para pintor.

Podes ler esta carta do fim para o principio. Assim será melhor: ao menos tem este prestimo. Todo teu, *Augusto*. 2.º P. S. O Almeida Freitas (da *Pensativa*) acaba de publicar um volume de versos no Rio de Janeiro. Creio que tem o nome de *Folhas dispersas*. Nas livrarias não encontrei, nem o autor mandou de presente sequer a alguém daqui.

Ainda não foi publicada (nem estão sequer na typographia os originaes) a *Bahia Litteraria*. O

homem estará excogitando o que deve traduzir ou transcrever?

Deus queira que não venha por ahí alguma cousa que deslustre a tal Athenas Brasileira. Produz-se pouco aqui; e o que se produz — Deus sabe o que é. . Depois da *Bahia Illustrada*, das *Aventuras de um estudante* e das *Petalas divagantes*, não venha a *Bahia Litteraria* entornar mais o caldo.

Se o Britto, porém, deixar-se da mania de querer tornar conhecido o que já o é de sobra, fará provavelmente um jornal bom. Elle, é o homem dos *cactos* e dos *loctus*, especialmente este, escrevendo na *petala de um lyrio*, podem muito bem fazer uma cousa que se leia.

Disse-me o Chico que o Durval estava ahí, e que não ia, este anno, a Pernambuco. Dá-lhe muitas lembranças.

Ainda está como dantes: pilherico, contador de historias e inventor de termos?

Pela ultima vez — adeus —. Creio que não farei mais terceiro *Post-scriptum* porque vou mandar esta carta ao Chico.

Vae um *Diario*, que ao seu fiel Liborio offerece o Aleixo. E para concluir estou arrependido de ter tomado este nome. — *Augusto*.

Lembra-se dos escriptos do Pompilio Cavalcanti contra o Cunha Salles em Pernambuco, em que tratava de *Alexis* o Rogoberto? Provavelmente o nome indica qualidades más.

E em resumo é um dos pastores das *Eclogas* de Virgilio, o grande patife que lamentava a demencia do Corydon... Basta.

Inedita. Cm. o original por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

III

DE AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (III)

“Meu charo Secéo.

“Bahia, 9 de Março (1870).

Escrevi-te a 10 de Fevereiro; creio que a carta ainda não foi, porque disse-me o Chico, no concerto que houve no Passeio Publico, domingo, que não tinha havido ainda portador para ahi (Currealinho). Já mandei para tua casa o *Cosmos* e o Chico já comprou as *Lamartineanas* onde li a tua traducção. Parece-me que a escolha que fizeste não foi das melhores. Poderias ter mostrado o teu talento em outra poesia, que te fizesse brilhar mais.

Estamos á espera dos voluntarios desde o dia 4...

Estive com o Durval, que deu-me boas noticias a teu respeito; soube que havias escripto a tua irmã Sinhá, que havias dito não saber ao certo se estavas melhor ou peor. Isto poderia causar sobresalto, se o Durval não tivesse dito que estavas melhorando alguma cousa.

. . . .

. . . .

Publiquei já as minhas duas cartas, que foram muito reformadas. Mando-te apenas a segunda, porque não tenho a primeira e creio que de tua casa te mandarão ambas. A ultima agradou bastante; menos, porém, que a tua, que foi muito apreciada por todos. Os taes conhecedores de estylo de nossa terra attribuem a uma só pessoa todas tres, e essa pessoa é a que tem a honra de escrever-te. Tenho dito a todos que não sou eu o autor, mas todos teimam em attribuir-m'as.

Ainda não recebi resposta do Cornelio, que não póde, aliás, dar-m'a decisiva, senão depois que mandares o prologo e as notas para ir logo o volume completo. Tambem nem o Menezes nem o Americo me escreveram. Recommendei ao Ruy Barbosã que, encontrando-se com elles, lembrasse-lhes o teu pedido; e breve lhes escreverei se demorarem-se em responder, porque quero em Maio ou Junho, quando ahi fôr, levar-te prompto o trabalho e sujeital-o á tua esclarecida correcção. Quero ver se este anno atiro este trabalho e o outro sobre a escravidão ás garras dos *Liborios* e dos *Aleixos* do Universo.

..

Estive hontem com o velho Souto que mandou-te muitas lembranças e disse que ia te escrever.

Sahiu, no meiado de Fevereiro, a *Bahia Literaria* do Britto. Envio-te um exemplar do 1.º numero, unico que até agora appareceu; nella vem uma poesia tua — *Ahasverus e o Genio*.

A proposito de gazetas: pediu-me, com muito empenho, o Frederico Lisboa, que obtivesse de ti as honras de tua collaboração para o jornal — *Ensaio*s — que, com varios estudantes de medicina, ia publicar. Ao mesmo tempo perguntou-me se não levarias a mal a publicação da tua poesia — *E' tarde*, transcripta do *Jornal da Tarde* do Rio de Janeiro. Disse-lhe que, uma vez que a poesia tinha sido integralmente publicada, não levarias a mal a transcripção. Ainda hontem, indo eu a Academia ouvir o discurso do Souto na abertura da aula, pediram-me varios estudantes que te escrevesse com brevidade e empenho. Seria melhor que indicasses algumas poesias tuas, porque o Chico m'as daria para eu entregar-as á redacção. E se mandasse alguma cousa nova, prosa ou verso, melhor seria. Encreve-me a respeito. Soube hoje que havia sahido o

2.º numero da gazeta do Britto. Vem nella a tua poesia *O phantasma e a canção*.

.....

Adeus. Sempre teu do coração — *Augusto*”.

Cf. com o original em. por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Pbl. por Xavier Marques — Op. cit., pags. 182-4, com algumas omissões.

IV

DE AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (IV)

Bahia, 30 de Junho de 1870.

.....

Assim que cheguei fui ao *Diario* ver se era possivel fazer lá a edição das *Espumas*. Havia bom papel, mas dos typos que escolheste, só haveriam novos em Outubro. Fui ao Lellis Masson e elle disse-me ter typos novos do mesmo das *Scentelhas*, ou das *Melodias Hebraicas*, do Franco (galhardo n. 8). Disse-me elle que faria uma edição muito bonita, de luxo, por assim dizer, mas que faria de alguma sorte caro. Pediu-me por cada folha de impressão, uma edição de 500 exemplares, 14\$, e mais 7\$, por folha em cada 500 exemplares que accrescessem na edição. Calculando o volume de 200 paginas (25 folhas) e a edição de 1.500 exemplares, vem a impressão a custar 700\$, fóra papel e brochura, que poderão fazer subir o custo da impressão completa a pouco mais de um conto de réis.

Como a edição é nitida e não muito cara, á vista de ser o typo miudo, como já me informei,

estou decidido a contratar com elle, e começará a impressão para a semana, assim que acabem estes festejos do 2 de julho.

Vou mandar imprimir os prospectos e remetterei para S. Paulo ao Menezes, Americo, Carlos Ferreira, ao Mello Moraes no Rio e a algumas typographias e escriptorios de redacção de gazetas, e distribuirei por aqui e pelos amigos no Recife.

O Camillo prometteu-me no principio de Setembro dar prompto o livro.

Pelo meu calculo para fazer face ás despesas da impressão bastarão 400 exemplares assignados. O custo será de 3\$. Acho que mais afugenta os assignantes.

Breve te escreverei a dar-te algumas noticias. Tenciono até mandar-te logo um prospecto e uma folha impressa.

Não ha nenhuma obra de Allan Kardeck com o nome de Poetica do Espiritismo. Foi-me facultada a consulta em uma Bibliotheca Espirita e verei o que te poderá servir. Mandar-te-hei pelo Gregorio que é portador seguro.

Os *Ensaio*s publicaram tua poesia *Pedro Ivo*, homenagem prestada por um gigante a outro gigante. Não sae por aqui gazeta litteraria que não te preste o culto devido. O *Microcosmo* elogia-a tambem e mais outro jornal.

A *Bahia Litteraria* parece que foi-se... Desde o n. 6, em que vem a continuação da traducção do Fonseca sobre a Virgem Maria, e do escripto do Britto sobre as cariatides da litteratura brasileira não saiu até hoje numero algum.

Ainda não escrevi a carta sobre os *Escravos*. Fal-o-hei em breve e t'a remetterei.

Já foram as cartas para o Rio. Não é tempo ainda de receber resposta, mas espero receber por-

que de vez em quando esporearei Mello Moraes, como já pedi licença a elle para o fazer. Quando vieres em Setembro terei muito que mostrar-te, por que parece que estou resolvido a escrever alguma cousa.

As tuas *Estrophes de Solitario* saem amanhã no *Diario* (2 de junho). A tal *Meditação Carteiana* não a fiz.

Dou-te a razão: mostrei a poesia ao Dantas e não quiz dizer o nome do autor. Adivinhou-o porém, e disse que não consentia que uma producção como aquella se publicasse sem o nome do autor; que tu eras grande como as montanhas do Brasil, talentoso como... (as comparações foram todas nacionaes). E disse-me que escrevesse algumas palavras de elogio.

Agora escrevi-as aqui na typographia. Sahiram-me da penna meia dúzia de phrases, pallidas em applauso a tua sublime producção. E assim foi bom, porque o contraste é grande e a luz se destaca com mais facilidade do fundo do quadro.

... ..

Neste momento pede-me o Julio *para encomendar-te* uma poesia que seja recitada do palco por uma actriz no dia do beneficio do Gremio Literario. Creio que o servirás, e por isso peço-te tambem.

... ..

Num n. do *Diario* que não posso procurar agora vem uma pequena descripção da Cachoeira de Paulo Affonso que talvez te possa aproveitar para o teu poemeto. Hei de mandar-t'a. E' transcripta do 16 de *Julho* (folha do Alencar).

... ..

P. S.

5 de junho.

Mando-te o Diario de hontem. Não saiu em folhetim porque estava curto, e como não era comprido o que escrevi para noticia da redacção, saiu o que vae. Desculpe se não agradar. Tua poesia fez barulho. O Diario foi hontem muito procurado e venderam-se bastantes numeros avulsos. E' mais uma gloria de tantas que tens obtido... ..

Do teu *Augusto*.

Inedita. Cm. o original por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

V

DE AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (V)

Meu Secéu.

Bahia, 8 de Julho, 70.

Escrevo-te á pressa.

Estão promptos os prospectos de teu livro. Envio-te dous.

Já mandei annuncios para os jornaes e abri assignaturas em lojas de livros, typographias e salões de leitura. Vou mandar prospectos para todos os logares, onde tenho conhecidos. Mas para o Rio e S. Paulo preciso que indiques alguns. Para o Rio mandei ao Dionisio, ao Mello Moraes e ao Cornelio. Para S. Paulo ao Americo; vou mandar ao Carlos Ferreira se achar quem me diga o nome inteiro delle. Se queres mandar a mais alguém no Rio, em S. Paulo e mesmo em Pernambuco, manda dizer depressa.

Vê se ainda agora continúa tua preguiça. *Res tua agitur*, como dizia o Souza Martins, hoje Coelho Rodrigues.

Hoje entraram nos prelos as *Espumas*. Pela 1ª vez os prelos vomitarão espumas. E que espumas?!.

.

Vou mandar annuncios para as gazetas daqui e para as do Rio, e abrir assignaturas no escriptorio da *Reforma*. Aviso-lhe que quero pressa em sua resposta. No principio de Setembro está prompto tudo. O papel é excelente, talvez melhor que o das obras de Alvares de Azevedo. Mas custa muito caro. Em todo o caso o lucro será menor, mas a edição é a melhor que tem havido na Bahia e uma das melhores do Brasil.

Teu *Augusto*.

Inedita. Cm. o original por D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

VI

DE AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES (VI)

“*Meu charo Secéo*.

29 de Julho de 70.

Recebi tua carta de 19 de Julho ha tres dias, tive com isso grande prazer, apesar de não me dares conta da tua saude. — Que queres? E’ a primeira carta que de ti recebo ha mais de dois annos. . . Foi pois tua carta um acontecimento.

Recebi tambem tuas poesias. — Estão muito boas, principalmente *Os Perfumes* — offerecida á L. . . Fiz já todas as correcções, additamentos, etc.

Ainda não passou vapor para poder remetter os prospectos ás pessoas que indicas. Já havia mandado para o Recife ao Amancio e ao Plinio, para o Rio de Janeiro ao Cornelio e ao Dionisio, e para S. Paulo ao Americo Brasiliense, para Cachoeira ao Prisco e ao Carvalhal em Santo Amaro.

..

Já que vaes fazer uma viagem de 22 léguas, é porque estás muito melhor dos teus incommodos. Deus o permitta. Nisso vae grande interesse e grande gloria para os teus e para a patria, que não tem tantos Castro Alves que possa dispensar um. (*Não corra isto pedra de pilheria*, como dizia o Gustavo de Sá: sua these). Dizes que em fins de Agosto até os primeiros dias de Setembro estás aqui, tenho por indispensavel tua vinda. Não recebi nem papeis do Guilherme nem cartas para tua familia.

..

Agora, que estou respondendo á tua carta, vamos ao teu livro:

Não vão paginas ou folhas completas, porque ainda não ha nenhuma. Comprei um papel excellente e muito caro, melhor, como já te disse, que o da edição do Alvares de Azevedo. Mas a resma tinha sómente 400 folhas, o que fazia necessarias 48 resmas ou 50 para a obra toda. Andava só o papel em mais de conto de réis, porque esse papel é despachado na Alfandega como papel de escrever e não de impressão, o que faz pagar de imposto mais de 300 rs. por kilogramma.

A' vista disto deliberei comprar papel de 1.^a d'agua, por preço muito menor, com o que sahirá a edição muito bonita, de luxo até; e mandei tirar uns... exemplares no papel de... para dares de presente ou... teu gosto pelas edições bonitas.

Fiz bem? o Franco approvou muito o que fiz e acha que a edição assim sai muito bonita.

Estão já compostas e correctas 14 poesias e se já não ha umas 5 fôrmas promptas ou 40 paginas é por causa do papel, que fez demorar alguns dias, em procura pelas lojas. Esta nossa boa terra em materia de typographia e de tudo quanto diz respeito a lettras está extraordinariamente atrazada.

No fim de Agosto o mais tardar, está tudo prompto e mandado aos quatro cantos da terra. Devo-te observar que não me mandes mais poesias para as *Espumas*; com as 49 que mandaste, ha 55, excluindo o *Fragmento*, tão bonita e tão pequena, as *Palavras de um Conservador*, e as *Horas de martyrio*, aliás muito bonitas, e que eu tencionava mandar datar da cella de S. Francisco onde foram feitas.

Se o volume tornar-se, como supponho, de mais de 200 paginas, eu lembro-te que seria bom tirar a traducção de V. Hugo, *A Olympio*, que, comquanto muito bonita, leva 16 paginas. O *prologo* está composto, mas mandei demorar, porque tenho a te observar uma cousa:

Lembras-te de uma das meditações do *Eurico*? Diz pouco mais ou menos: "Era por uma dessas tardes saudosas de estio, em que o brilho de um sol sem mancha é... etc.... em que o gemer das ondas nas ribas fragosas do oceano é absoluto e *tétrico*" No começo do teu prologo o periodo, além de ter a mesma construcção, tem essa ultima palavra sublinhada, com que termina, como o periodo do *Eurico*.

Ora isso, que não passa de uma recordação, ou de uma coincidencia, se tanto, para os zoilos poderá ser mais. Sabes que quanto maior é uma gloria, mais são os invejosos; quanto mais merecimento se tem, cresce mais o numero dos detractores.

De um, já teu conhecido, (o tal O. O. O.) di-

zem-me que se prepara para atacar-te, e eu para *pulverisal-o*, e digo-o sem orgulho, que como sabes, não ha quem o tenha menos do que eu. Mas em tua defeza quem não se elevará e muito? (*Não corra pedra de pilheria ainda*).

Acho bom que mandes o principio do prologo. Escreve-me portanto com urgencia e muita urgencia. Não convém que a obra fique concluida, mas sem poder sahir por falta de prompta resposta tua. Quanto a assignaturas, vão bem. O Chico tem mais de 60, eu mais de 150, e ha dias, por muito occupado, tenho me descuidado em obter mais.

Vae uma carta de Cornelio. Suppuz que fosse negocio sobre a publicação e abri-a. Desculpa, demais não sou um *alter-Castro?* (especialmente agora, que sou teu procurador, e que já recebi um elogio de um typographo: — “Sr. Alves, me disse elle, suas poesias são soberbas!” — escusado é dizer-te que declinei da honra e da gloria (porque não quero roubal-a a ninguem).

Pela 50ª vez repito-te: — Escreve-me, escreve-me! Agora que estás passando um mez em *chambre*, podes com incommodo menor dar-me noticias tuas e responder miudamente o quanto te digo.

O Mello Moraes publicou uns excerptsos de litteratura nacional, onde vêm muitas poesias tuas; dizem que o livro é offerecido a ti, não sei, porque ainda nem o vi. Tudo chega aqui na Bahia — tão tarde! De outra vez seria mais extenso. Por ora peço-te que me *ESCREVAS*. Vae em letra bem grande para ferir-te a vista.

Teu amigo muito do coração — *Augusto.*”

Cf. com o original autographo cm. por D. Adelaide de Castro Alves. Pbl. por Mucio Teixeira — Op. cit., ps. 158-64 e por Xavier Marques — Op. cit., ps. 184-6.

INDICE

(Em grypho indica-se a novidade bibliographica da edição, além das annotações a cada uma das poesias)

OS ESCRAVOS

O Seculo	5
Ao Romper d'Alva	12
A Visão dos Mortos	16
A Canção do Africano	20
Mater Dolorosa	23
Confidencia	25
<i>O Sol e o Povo</i>	30
Tragedia no Lar	32
O Sibarita Romano	41
<i>A Creação</i>	44
A Cruz da Estrada	46
<i>Bandido Negro</i>	48
<i>America</i>	52
<i>Remorso</i>	55
<i>Canto do Bug-Jargal</i>	58
<i>A Orphã na Sepultura</i>	61
<i>Antithese</i>	66
Canção do Violeiro	68
<i>Supplica</i>	70
O Vidente	72
<i>A Mãe do Captivo</i>	76
<i>Manuela</i>	79
Fábula: a Flor e o Passaro	85
Estrophes do Solitario	88
Tragedia no Mar: Navio Negreiro	92
Lucia	102
Prometheu	106

Vozes d'Africa	108
Palmares	114
O Voluntario do Sertão	117
Bainha do Punhal	119
O derradeiro Amor de Lord Byron	121
Adeus, meu Canto	125
A Cachoeira de Paulo Affonso:	137
A Tarde	137
Maria	139
O Baile na Flor	140
Na Margem	141
A Queimada	143
Lucas	144
Tyrana	146
A Senzala	147
Dialogo dos Echos	148
O Nadador	151
No Barco	153
Adeus	154
Mudo e Quedo	155
Na Fonte	157
Nos Campos	160
No Monte	162
Sangue Africano	163
Amante	163
Anjo	164
Desespero	165
Historia de um Crime	168
Ultimo Abraço	169
Mãe Penitente	171
O Segredo	172
Crepusculo Sertanejo	175
O Bandolim da Desgraça	177
A Canôa Phantastica.....	178
O São Francisco	179
A Cachoeira	181
Um Raio de Luar	183
Despertar para morrer	184
Loucura Divina	185
A' beira do Abysmo e do Infinito	186

GONZAGA, OU a REVOLUÇÃO DE MINAS

Acto I: Os Escravos	195
Acto II: Anjo e Demônio	223
Acto III: Os Martyres	251
Acto IV: Agonia e Gloria	284

VARIOS INÉDITOS

<i>D. Juan ou a Prole dos Saturnos</i>	321
<i>A Poesia</i>	342
<i>Impressões de leitura</i>	347
<i>Chronica jornalística</i>	370
<i>Impressões de theatro</i>	377
<i>Adriana</i>	387
<i>O Echo</i>	389
<i>Introducção ao jornal "A Luz"</i>	395
<i>Polemica</i>	400
<i>Critica humorística</i>	418

CORRESPONDENCIA

Cartas Intimas	429
<i>A Marcolino de Moura</i>	429
<i>A seus irmãos Guilherme, Elisa, Sinhá e Amelia</i> ..	431
<i>A Regueira Costa (I)</i>	432
" " (II)	434
" " (III)	436
<i>A Augusto Alvares Guimarães (I)</i>	437
" " (II)	439
<i>A Guilherme de Castro Alves</i>	440
<i>A Luiz Cornelio dos Santos (I)</i>	441
" " (II).....	442
" " (III).....	444
<i>A Augusto Alvares Guimarães (III)</i>	445
<i>A Luiz Cornelio dos Santos (IV)</i>	448
" " " (V).....	448
<i>Ao Actor Joaquim Augusto</i>	450
<i>A Luiz Cornelio dos Santos (VI)</i>	452
" " (VII).....	453
<i>Aos Amigos de S. Paulo</i>	453
<i>A Luiz Cornelio dos Santos (VIII)</i>	455



Extracto do Catalogo da Livraria Francisco Alves

Historias e Paizagens, por Affonso Arinos, 1. vol. in-16	4\$000
Parabolas, por Afranio Peixoto, 1 vol. in-16	4\$000
Rythmos e Ideias, por Luiz Murat (poesiãs) 1 vol. in-4. ^o	3\$000
Em Pleno Sonho, por Maria Eugenia Celso, 1 vol. in-16	3\$000
Cantos de Luz, poesias por Luiz Guimarães Filho; musica de Carlos de Campos; desenhos de Corrêa Dias. Edição de grande luxo, impressa a duas côres, propria para presente, 1 v. in-4. ^o ricamente encadernado	20\$000
Fruta do Mato, por Afranio Peixoto, 1 vol. in-16	4\$000
Jornadas no Meu País, por D. Julia Lopes de Almeida, 1 vol. in-16	4\$000
Portugal Maior, por João de Barros, 1 vol. in-8	1\$500
Trovas Brasileiras, colleccionadas por Afranio Peixoto, 1 vol. in-16	3\$000
Marta, por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. in-16	4\$000
Unidade da Patria, por Affonso Arinos (conferencia) br.	1\$000
Poeira da Estrada, por Afranio Peixoto, 1 vol. in-16	4\$000
Sesamo, por João do Rio (Paulo Barreto), 1 vol. in-16	2\$500
Conspirações, pelo General Dantas Barreto, 1 vol. in-16	4\$000
Praias e Varzeas, por Gustavo Barroso, 1 vol. in-16	2\$000
Maria Bonita, por Afranio Peixoto, 1 vol. in-16	4\$000
Visão da Estrada, por Miguel Mello, 1 vol. in-16	3\$000
Apotheoses (poesiãs), por Hermes Fontes, 1 vol. in-16	3\$000
Elias Barrão, por Fabio Luz, 1 vol. in-16	3\$000
Heroes e Bandidos, por Gustavo Barroso, 1 vol. in-16	3\$000
Paginas Literarias, por Souza Bandeira, 1 vol. in-16	3\$000
Palavras Academicas, por A. Austregesilo, 1 vol. in-16	4\$000
Paris, por Nestor Victor, 1 vol. in-16	3\$000
Assumpção, por Goulart de Andrade, 1 vol. in-16	3\$000
Chave de Salomão, por Gilberto Amado, 1 vol. in-16	3\$000
Gloria de D. Ramiro, por Larreta, 1 vol. in-16	3\$000
Juizos Ephemeros, por Hermes Fontes, 1 vol. in-16	4\$000
Pesquisas e depoimentos, por Tobias Monteiro, 1 vol. in-16	3\$000
Funcionarios e Doutores, por Tobias Monteiro, 1 vol. in-32	2\$000
A Mulher e a Sociogenia, por Tito Livio de Castro, 1 vol. in-8	6\$000
Samurais e Mandarins, por Luiz Guimarães Filho, 1 vol. in-16	4\$000
Esfinge, por Afranio Peixoto, 1 vol. in-16	4\$000







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).